Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro

Cristine Nogueira Nunes

o desdesign da mamadeira
por uma avaliação periódica da produção industrial

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Design.

Orientador: Luiz Antônio Luzio Coelho
Co-Orientadora: Myrian Sepúlveda dos Santos

Rio de Janeiro, março de 2010

Cristine Nogueira Nunes

Graduou-se em Design na ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em 1981. Recebeu o título de Mestre em Design no Programa de Pós-Graduação em Design da PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 1998. É professora do Curso de Design desta instituição desde 1993.

Resumo

Nogueira, Cristine; Coelho, Luiz Antônio Luzio; Santos, Myrian Sepúlveda dos. **O desdesign da mamadeira: por uma avaliação periódica da produção industrial.** Rio de Janeiro, 2010. 232 p. Tese de Doutorado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O cenário atual de consumo revela o quanto os objetos fazem parte da vida social. Avanços tecnológicos permitem o constante aprimoramento dos produtos industriais, liberando as pessoas da execução de ações e procedimentos atrelados a limitações naturais. Em acréscimo a isto, atualizações estilísticas motivam o público ao consumo. Entretanto, em sua trajetória industrial, alguns desses produtos seguem à revelia de eventuais alterações no paradigma que propiciou a recomendação de seu uso. A mamadeira, meio alternativo para a alimentação de bebês, é um exemplo disso. Embora desde o final dos anos de 1970 o consenso científico reconheça a superioridade do aleitamento materno e a inadequação da alimentação artificial como premissa médica e nutricional (salvo em raros casos, como os de mulheres portadoras do vírus HIV), a indústria continua concebendo novos modelos e incentivando sua adoção como prática segura. Esta tese reúne argumentos que demonstram a necessidade da *avaliação periódica dos produtos industriais* como diretriz contemporânea e como princípio e valor na formação universitária do profissional do design. Para tanto, há um esforço de contextualização da atividade perante áreas que propiciaram o surgimento da produção industrial e que movem a trajetória histórica do design até a atualidade. Abalizando a discussão e concedendo-lhe claras feições, a questão *amamentação x mamadeira* referencia o estudo.

Palavras-chave

Mamadeira; paradoxo científico-industrial; ética produtiva; ensino de design.

Abstract

Nogueira, Cristine; Coelho, Luiz Antônio Luzio; Santos, Myrian Sepúlveda dos. **The Baby Bottle Un-design: for a periodic evaluation of industrial production**.Rio de Janeiro, 2010. 232 p. Tese de Doutorado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The current consumption scenery reveals how objects are an important part of social life. Technology breakthroughs make way for the constant improvement of industrial products, liberating people from actions and procedures associated with natural limitations. In addition, stylistic updates motivate consumers. However, some of these products linger in the market, despite alterations on the paradigms that encouraged their use. The baby bottle, an alternative way to feed babies, is an example. Despite the late 1970's scientific agreement on the superiority of mother's milk and on the inadequacy of artificial feeding as a nutricional premiss (except in rare cases, such as women with HIV/AIDS), the industry continues to receive new models, and carries on encouraging its use as a safe practice. This thesis gathers arguments that show the need for a periodic evaluation of industrial products as a contemporary policy, and also as a principle in the education of design professionals. Therefor, there is an effort towards the contextualization of the activity in areas that contributed to the rise of industrial production and that move design's history till this day. By giving direction to the discussion, and by granting it a clear image, the issue of breastfeeding versus babybottle is the reference to the study.

Key words

Baby bottle; industrial-scientific paradox; production ethics; design teaching.

Sumário

Introdução 07

1. Metodologia de pesquisa 13

2. Sobre a produção industrial e suas origens (tendo por âncora a questão amamentação/mamadeira) 16

2.1 Notas sobre as origens da alimentação de lactentes no mundo

2.2 Notas sobre as origens da alimentação de lactentes no Brasil

2.3 O papel dos bens de consumo na organização da sociedade capitalista

2.3.1 Os bens de consumo e as doutrinas político-econômicas

2.3.2 Produção industrial como progresso

2.3.3 Progresso como desenvolvimento

2.3.4 Progresso, desenvolvimento e liberdade

3. Reflexão profissional, avanço científico e ação social questionando a escalada industrial 54

3.1 Motivos para a reversão do paradigma científico com relação à alimentação artificial de bebês

3.2 Dados sobre a luta mundial pelo resgate da amamentação

3.3 Produção industrial, design e consumo

3.3.1 Design: uma história pontuada por alertas em defesa da ética

3.3.2 O alerta em defesa do meio ambiente

3.3.3 Novas políticas empresariais

3.3.4 Tomadas de posição do design mediante o novo quadro

4. Dados sobre o atual cenário mundial da alimentação de bebês 121

4.1 Sobre a força das indústrias de leite artificial no Brasil e no mundo

4.2 Cenário brasileiro atual

4.2.1 Foco na comunicação pública

4.2.2 Outros aspectos relevantes

5. Conhecendo e refletindo sobre a complexidade dos processos e meios empregados para alimentar bebês 156

5.1 Leite humano, leite em pó

5.2 Listagem de alguns impactos provocados pela administração do leite em pó em mamadeiras a bebês

5.2.1 Impacto formal

5.2.2 Impacto químico

5.2.3 Impacto ambiental

5.2.4 Impacto fisiológico

5.2.5 Impacto referencial-cultural

5.2.6 Impacto retórico-funcional

5.3 Análise de modelos de mamadeira

5.4 Consulta coletiva a professores de design sobre a questão

5.4.1 Exclamações livres em reação ao contato com a problemática

5.4.2 A cultura do objeto

5.4.3 A malha de interesses que propicia a problemática

5.4.4 Sobre a necessidade de reavaliar a produção industrial

5.4.5 Reflexões sobre metodologia de projeto em design

5.4.6 Autoquestionamento profissional

5.4.7 Visualização das funções do design mediante a problemática

6. Por uma avaliação periódica da produção industrial 194

6.1 A avaliação periódica da produção industrial como valor para a edificação de uma cultura sensata de consumo

6.2 A avaliação periódica da produção industrial como princípio ético e estágio metodológico no ensino de design

Agradecimentos 209

Anexo 215

Referências bibliográficas 221

Introdução

Delimitação do tema

O modo de produção industrial e a consequente lógica do consumo de massa contribuíram para alterar a organização da sociedade ocidental, causando, desde as origens desses processos, intensos questionamentos. Dentre estes, o *alto custo humano* envolvido na fabricação de bens foi uma das mais expressivas justificativas para o argumento antiindustrial do movimento *Arts and Crafts,* na Inglaterra, no final do século XIX (Heskett, 1997, p. 20), como também para deflagrar os movimentos de resultados políticos contundentes protagonizados pela explorada classe operária durante o século que se seguiu (Hobsbawm, 1995). Com relação a efeitos relevantes dos processos industriais sobre o meio ambiente, em 1931, 49 anos após a descoberta do gás fréon (CFC) – que possibilitou a popularização do recurso de refrigerar alimentos e ambientes – identificou-se sua característica de gás-estufa; em 1980, ele foi incluído entre os maiores responsáveis pelo rompimento da camada de Ozônio do planeta (Costa, 2007).

Não se pode dizer que haja consenso científico sobre as conclusões do relatório do IPCC – Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (ONU), divulgado em 2007, que responsabilizam as interferências humanas e os processos industriais pelo aquecimento global (Trigueiros, 2007). Mas à movimentação política e científica do Estado e da sociedade civil durante a ECO 92 (quando o tema tornou-se mais visível para o público), deflagrada e consolidada a partir de então por acordos internacionais, somam-se mudanças ambientais cada vez mais evidentes, um claro sinal da presença de motivos para preocupação e ação.

O contínuo avanço da tecnologia nutre a indústria, e esta, por sua vez, movimenta a economia capitalista. Obsolescências estéticas (*styling*) e funcionais garantem aos produtos periodicidade de substituição desde o momento em que a indústria norte-americana identificou nessa estratégia mercadológica um modo eficaz de aquecer a economia, de manter empregos, de aumentar lucros[1]. A continuidade de tais práticas ao longo do tempo e o marketing enaltecendo as vantagens das trocas sucessivas enraizaram na mente do consumidor a idéia de inúmeros produtos como *símbolos de modernidade*. Muitos deles realmente facilitam a resolução das questões mais básicas e cotidianas com eficiência inovadora, como é o caso dos absorventes higiênicos e das fraldas infantis descartáveis, produtos geradores de aumento substancial na qualidade de vida de seus

1 O *styling* como conceito consiste em "agregar valor estético ao produto e ajudar assim a estimular o consumidor a comprar novos artigos para substituir outros similares ainda servíveis mas já fora de moda", tendo sido propagado nos EUA como recurso de enfrentamento à Grande Depressão (1929-1935). A *obsolescência programada* resulta do desenvolvimento do conceito anterior e trata de "fabricar produtos projetados para durar um tempo limitado, estimulando o consumo de reposição" – prática iniciada nos EUA nos anos 50 e 60 (DENIS, 2000, p. 136 e 151).

consumidores; por outro lado, esses mesmos produtos geram lixo em proporções devastadoras ao meio ambiente.

No momento em que os processos industriais são responsabilizados por parcela expressiva do cenário de degradação do planeta, tanto pelo seu modo de funcionamento (devido aos combustíveis poluentes que os movem, aos resíduos nocivos que geram etc.) quanto pelo estilo de vida que proporcionam às sociedades (descartabilidade, obsolescências etc.), o design passa por uma fase de autoquestionamento. Por um lado, reavalia seu papel diante do cenário contemporâneo; por outro, prossegue investindo nas práticas consagradas de sua inserção no mercado de trabalho, tantas vezes comprometidas com modelos de expansão industrial e econômica. O debate entre as diferentes tendências (ainda contido e insipiente) influencia as novas gerações de designers, especialmente aqueles em processo de formação, estabelecendo uma tensão entre sua *atuação profissional* e seu *comportamento de cidadãos e consumidores*.

Problematização

Embora matéria controversa, tal a complexidade das redes econômica, política e social envolvidas, a idéia de reavaliar os produtos industriais torna-se uma prática necessária, em razão do impacto causado por alguns produtos sobre as pessoas e o ecossistema.

Medidas severas de reavaliação de produtos são raras e muitas vezes ocorrem localmente, como é o caso da proibição do uso de sacolas plásticas em Mumbai (antiga Bombaim, Índia) desde a grande enchente de julho de 2005, quando os sacos obstruíram redes de esgoto e drenagem da cidade durante as chuvas de monções, comuns na região[2]. Algumas outras cidades do mundo também são adeptas da proibição e verifica-se um movimento planetário de contenção do uso indiscriminado desse produto que, além de obstruir bueiros, é ingerido por animais terrestres e aquáticos, acumula-se nas encostas e causa inúmeros outros agravos ao meio ambiente.

Fruto do processo reavaliador, pesquisas científicas e tratados internacionais vêm promovendo o banimento de certos materiais, como o amianto, e de determinados artefatos bélicos, como as minas anti-pessoais. O amianto, a partir do qual são produzidos diversos produtos para isolamento térmico, é uma fibra cancerígena[3], assim reconhecida pela Agência Internacional de Pesquisas sobre o Câncer (OMS) desde os anos de 1950 como nociva tanto à saúde dos trabalhadores que lidam com ela diretamente quanto à das pessoas que adquirem e utilizam produtos nos quais o amianto é matéria-prima. No Brasil, um dos cinco maiores produtores de amianto do mundo, legislações locais ba-

2 BADAN, R. T. Estado indiano proíbe venda e uso de sacos plásticos. Em 25 de agosto de 2005. Disponível em www.waswc.soil.gd.cn (site da Associação Internacional de Conservação do Solo e da Água). Acesso em abril de 2009.

3 O amianto causa asbestose, doença pulmonar incurável e progressiva. Entre outros, o amianto é matéria-prima para telhas residenciais; filtros industriais; luvas de cozinha; pastilhas de freio; e em uniformes para bombeiros, corredores de automóvel, soldadores e astronautas.

niram o produto nos estados do Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo até 2001 e desde 2007 há esforços legislativos para o banimento nacional do amianto. Na França, desde 1997 está proibida a importação, fabricação e comercialização de produtos derivados da fibra[4]. Quanto às minas, o Tratado de Otawa[5] determinou o fim de sua fabricação em 144 países (dentre eles o Brasil, desde 1999). Os EUA, maior produtor de minas dentre outros países que não assinaram o tratado, "remediam" sua insistência destinando verbas expressivas à desativação de minas em territórios já pacificados. As estatísticas apontam que uma pessoa é vitimada a cada 20 minutos pelo artefato[6]. "Acredita-se que existam mais de 100 milhões de minas enterradas em 64 países, prontas para fazer em pedaços quem lhes passar por cima"[7].

A reavaliação de produtos industriais vem também sendo operada por meio de códigos de controle, selos de certificação, restrição de publicidade nos veículos de comunicação etc. Tais medidas, no entanto, não impedem interpretações distorcidas das leis por parte dos fabricantes, falsificações, equívocos de projeto e de produção que acarretam *recalls* de produtos, desrespeito às normas vigentes e (talvez principalmente) a *compra* por parte do consumidor. Este, afinal, tradicionalmente *confia* na marca e muitas vezes desconhece as leis disciplinadoras que passam a vigorar sobre determinado produto a partir de um dado momento: mais intenso do que a provável disseminação dessas informações ao público é o enraizamento do hábito de consumir aquele produto, muitas vezes herdado de gerações anteriores.

A mamadeira é um forte exemplo do nível de estabilidade de consumo alcançado por um produto industrial. Seu uso há muito está enraizado na cultura de várias sociedades, a despeito da alteração no consenso científico internacional que, há mais de 30 anos, a reconhece – e aos leites industriais – como responsável por grande parte dos índices internacionais de morbidade e mortalidade infantil. Um código mundial de controle de leites artificiais, mamadeiras, bicos e chupetas foi capitaneado pela Organização Mundial da Saúde e mobiliza governos nacionais e grupos transnacionais na concepção, implementação e fiscalização de condutas de saúde e de controle da produção industrial de tais produtos.

Entretanto, a idéia de questionar a eficácia e aplicabilidade da mamadeira nos soa muito, muito estranha.

---

4 WÜNSCH FILHO, V.; NEVES, H.; MONCAM, J. E. Amianto no Brasil: conflitos científicos e econômicos. **Revista da Associação Médica Brasileira**. São Paulo, vol. 47, n. 3, jul-set 2001. Disponível em www.scielo.br. Acesso em abril de 2009.

5 Tratado firmado em 1977 e promovido pela ICBL – Campanha Internacional contra Minas Antipessoais. Informações disponíveis em www.porumbrasilhumanitario.org. Acesso em abril de 2009.

6 Aumenta pressão para que Bush assine tratado anti-minas. **Folha Online**, São Paulo, março de 2001. Disponível em www.folha.com.br. Acesso em abril de 2009

7 BYDLOWSKI, L. Prêmio para a causa da Princesa. **Veja.com**, São Paulo, 15 de outubro de 1997. Disponível em http://veja.abril.com.br. Acesso em abril de 2009.

Justificativa da relevância do tema

Ao contrário do produto artesanal, no qual eventuais traços reveladores do modo de produção são inerentes ao objeto, a *natureza industrial* tende a não deixar transparecer essas informações, visando a conferir *frescor* e *ineditismo de vida* a seus produtos[8]. A origem das matérias-primas empregadas em sua constituição, o ambiente da fábrica, a individualidade dos trabalhadores envolvidos com a concepção, produção e distribuição e toda a alta complexidade de ações necessárias ao surgimento do produto ficam ausentes de sua configuração, possibilitando que, para o consumidor, sua existência se inicie no momento em que é escolhido, dentre outros, para ser então ressignificado sob os domínios daquele que o adquire como uma coisa "virgem".

Essa "pureza" característica dos produtos faz parte da cultura industrial desde o século XVIII[9] e tende a persistir mesmo quando o acesso a tais informações encontra-se liberado ao consumidor em notícias, publicidade, literatura, Internet. Em parte, o desconhecimento se deve ao fato de não ser indispensável ou mesmo necessário termos o entendimento das coisas que utilizamos, como argumenta Hobsbawm discorrendo sobre o século XX, ao afirmar que, diante dos

> [...] produtos diários da ciência e tecnologia somos leigos ignorantes sem compreender nada. E mesmo que não fôssemos, nossa compreensão do que é que faz a coisa que usamos funcionar, e dos princípios por trás dela, é em grande parte conhecimento irrelevante. (Hobsbawm, p. 510)

Além de suas funções mais evidentes, os produtos industriais proporcionam aos cidadãos recursos de legitimação social e participação ativa na racionalidade econômica, sociopolítica e psicológica da sociedade (Canclini, 2001).

Em 1960, o manifesto *First Things First* sinalizou, porém, que por força das correntezas econômicas e culturais capitalistas, a atividade do design estava se hibridizando com a do marketing, mentor do consumo, ao ponto de, aos olhos da sociedade, parecer ser este (o marketing) o trabalho "que os designers fazem". Em 2000, o manifesto foi reeditado por outro grupo de profissionais que atestou a potencialização desse fenômeno em anos recentes, renovando aquele manifesto, na expectativa de que nenhuma década a mais passaria sem que nos lembrássemos daquele antigo alerta. E enquanto publicações dirigidas a grandes empresas transnacionais definem que no momento atual os designers "poderão ganhar muito dinheiro, canalizando seu potencial como consultores criativos para o mundo dos negócios"[10], a missão da atividade se compromete com a geração de produtos éticos em termos globais, sociais e culturais (ICSID)[11].

---

8 Exemplo disso é que vestígios da união de peças em um produto de plástico injetado são considerados falhas de acabamento.

9 Início da Revolução Industrial, quando cortes de tecido se tornavam acessíveis a maiores parcelas da população, isentando de sua aparência o sistema escravocrata empregado para a obtenção do algodão e as condições desumanas a que eram submetidos os trabalhadores das fábricas têxteis (DENIS, 2000).

10 NUSSBAUM, B., editor da revista **Business Week**, in Innovation Fall, 2005 – Yearbook of Industrial Design Excellence.

11 International Council of Industrial Design.

Para o designer em formação, a oposição entre os modelos de expansão – corrente industrial expansionista – e de equilíbrio econômico – corrente consciente da finitude dos recursos naturais –, quando visualizável, traduz uma animosidade destoante de seu desejo de futura realização profissional (Margolin, 1998). A opção do designer por uma das vertentes nem sempre suprirá os benefícios que a outra poderia lhe proporcionar. Ou seja, o designer do século XXI tende a oscilar entre uma atuação promissora de colaboração com as demandas já consagradas da indústria, colocando num plano secundário o impulso e o desejo de modificar estruturas estabelecidas, e o engajamento em vertentes transformadoras do cenário, que podem não lhe trazer os resultados financeiros esperados. O momento, portanto, a exemplo do que ocorre em diversas áreas do conhecimento, é de reflexão e procura de um ponto equidistante entre os extremos, um ponto que não contrarie os princípios e compromissos da atividade do design nem aparte o profissional da economia industrial.

Por tais motivos, dedicarmos atenção a produtos cujo consumo indiscriminado[12] tem provocado problemas de grande amplitude é uma decisão que pode contribuir para uma qualificação mais sensata de nossos hábitos de consumo e para a quantificação do distanciamento tomado pela indústria em relação a um eixo racional na geração de produtos. Na prática, é preciso desenvolver e dirigir um novo olhar às coisas industriais. Um olhar de estranhamento em relação aos inumeráveis objetos que substituem os atos humanos. A mamadeira, por exemplo, tomou o lugar do seio materno nas mais diferentes culturas, embora o aleitamento concentre o que de mais sofisticado, eficaz e sustentável podemos oferecer aos nossos filhos para o seu bom desenvolvimento.

Identificar e tentar desvendar equívocos da cultura industrial se apresenta hoje como tarefa para os profissionais mais diretamente envolvidos com os meandros dessa engrenagem, dentre eles os designers. Inclui-se, pois, na tarefa da Universidade, fornecer aos estudantes instrumentos para fazê-lo, encorajando-os a questionar, e mesmo a desmontar cânones da profissão diante da perspectiva de que novas frentes representem uma contribuição relevante da atividade para o mundo contemporâneo e para as sociedades presentes e futuras.

Hipóteses e variáveis

Hipótese. A reavaliação do nível de adequação de produtos industriais ao cenário contemporâneo é tarefa do design e tem importância estrutural para o advento de uma racionalidade do consumo de massa. Ao invés de um olhar estrito, especializado para a avaliação do problema (tendência do mercado de trabalho), é indispensável considerá-lo em níveis amplos, uma vez que os produtos foram implantados na sociedade, que os acolheu, muitas vezes os absorvendo como dado cultural.

12 Embora esse consumo tenha sido absorvido pela cultura do mundo ocidental.

Com relação à questão *mamadeira x amamentação*, à área médica falta a adesão dos designers nesse empreendimento, como canal de diálogo entre a indústria e o consumidor. Os designers devem estar aptos a conduzir a questão de maneira ética e responsável, contribuindo com os esforços de várias áreas da medicina.

O desconhecimento, por parte dos designers, dos efeitos nocivos do uso de alguns produtos (como as mamadeiras) contribui para a prevalência da cultura de seu uso automatizado, pois, como presumível especialista da forma/função dos objetos industriais (da mesma forma que a classe médica e profissionais de saúde são especialistas responsáveis pela saúde de mães e bebês), o designer adere – sem a devida crítica – ao comportamento da massa dos consumidores e das instâncias produtoras, fazendo o inverso do que deveria fazer (vale dizer que entre os profissionais de saúde vigoram diretrizes e códigos de conduta pró-aleitamento, passíveis de fiscalização).

Variáveis

Produto – Mamadeira (variável independente).

Atuação dos profissionais e consumidores envolvidos com a questão (objeto de avaliação).

Alternativa existente ou passível de projeto – Inclusão da reavaliação da produção industrial como metodologia de projeto nos cursos universitários de design (variável dependente).

Objetivos

Gerais

– Levantar informações relevantes do debate contemporâneo sobre o papel do design na vigente economia industrial, colocando-as em diálogo com questões sociais, ambientais e políticas, a fim de contemplar de maneira ampla, embora objetiva e focalizada, o cenário que circunda o problema;

– demonstrar a necessidade de criação de métodos de avaliação para produtos industriais vinculados ao ensino universitário de design, visando à equalização da função profissional com a necessidade de racionalização do consumo;

– realizar um estudo que ilustre o grau de implantação de produtos industriais na cultura contemporânea, sob o ângulo da pesquisa em design, elegendo a mamadeira como objeto referencial.

Específicos

– Reunir argumentos que justifiquem a inclusão da questão como política estrutural do ensino universitário de design;

– auxiliar a divulgar a luta mundial pelo resgate da prática da amamentação e do trabalho e pesquisa realizados sobre a questão;

– unir esforços de pesquisa aos de profissionais da área da saúde na busca por caminhos que promovam e apoiem a prática da amamentação.

1
Metodologia de pesquisa

O método empregado para o desenvolvimento da pesquisa decorre da intenção de defrontar o design com a complexidade do cenário contemporâneo para o vislumbre de potenciais participações mais comprometidas da atividade com os acenos da atualidade. O contexto de origem da atividade e toda a sua trajetória histórica precisaram assim ser abordados para a visualização das causas e efeitos do trabalho do designer sobre esse cenário.

O ponto de partida foi assumir o produto de design como co-gerador de uma cultura social resultante das relações políticas e econômicas que a viabilizaram[13]. Para tanto, foi necessário recorrer a fontes de referências de diversas áreas do saber.

Esta pesquisa se dedicou a desvendar algumas relações entre o advento e evolução da produção industrial e as doutrinas político-econômicas dos séculos XIX e XX, numa tentativa de traçar um paralelo histórico. Complementarmente se fez relevante o estudo dos conceitos de *progresso*, *desenvolvimento* e *liberdade*, noções que norteiam os caminhos da civilização, permeando e mesmo justificando em larga medida a geração de produtos industriais.

Em um segundo estágio, o empenho da pesquisa foi direcionado a constituir um histórico que pontuasse os momentos em que o design deparou com o referido cenário, enfrentando ora crises éticas, ora laços de estreita parceria com correntezas políticas e econômicas. A intenção foi a de sublinhar os pontos de interseção entre a área específica do design e o complexo panorama em que ele atua. Fez-se imperioso, também, o levantamento de dados sobre os recentes alertas em defesa do meio ambiente e as novas políticas empresariais daí decorrentes, assim como a contemplação da visão dos consumidores e das tomadas de posição do design perante o novo quadro.

As fontes foram muitas. Além dos estudos preparatórios para tentativas de ingresso em outros programas (História, Filosofia, Ciências Sociais e Relações Internacionais), disciplinas foram cursadas na pós-graduação e assistidas como ouvinte na graduação, em diferentes departamentos. Livros, sites, conferências, conversas e artigos jornalísticos recentes também foram acessados.

Para demonstrar que a avaliação periódica da produção industrial é necessária, a mamadeira foi eleita como foco e objeto paradigmático, passando a referenciar toda a pesquisa. Produto de grande aceitação, insuspeito para grande parte das pessoas (independentemente de idade, grau de instrução, credo ou nacionalidade), a mamadeira é exemplo de como tendemos a permanecer absortos nas correntezas da cultura, levados pela prática do consumo, alheios a notícias e raciocínios críticos simples, que poderiam facilmente deslegitimar

13 A abordagem proposta difere, assim, da investigação acerca das conseqüências comportamentais e psicológicas verificáveis nos consumidores, alvo de grande parte dos estudos que vêm sendo realizados na área.

produtos consagrados, tudo isso à revelia do grande incremento no nível de acesso à informação dos dias atuais.

Problema global de expressão local em nível nacional, estadual, municipal, de bairro, de quarteirão, de prédio, de cada família, a alimentação de bebês envolve um paradoxo científico-industrial responsável por imensos índices de morbidade e mortalidade infantil em todo o mundo. Por um lado, um esforço internacional dos Estados e das organizações da sociedade civil edifica sistemas globais de controle à comercialização de substitutos do leite materno e tece uma rede social muito atuante. Por outro, as indústrias de leite em pó diversificam sua produção, conquistam a simpatia, confiança e fidelidade dos consumidores e a conivência de setores médicos; projetos de mamadeiras ganham prêmios internacionais e a prática de administração de leite em pó mediada pela mamadeira protagoniza escândalos como o que ocorreu na China em 2008, quando mais de seis mil bebês foram contaminados por ingestão de leite em pó adulterado.

Procurando ordenar a pesquisa, o primeiro passo foi levantar dados, quer em conversas com profissionais de saúde, professores, colegas, amigos, quer em bibliografia específica (livros, sites, artigos jornalísticos) ou na frequência a eventos e a disciplina específica no Instituto Fernandes Figueira – IFF; na observação pessoal de pontos de venda de produtos relacionados à mamadeira; na atenção às conversas em rodas familiares, a programas de televisão, filmes, notícias gerais em todo o mundo e produções das organizações internacionais dedicadas à questão.

Foi indispensável montar uma linha histórica para os acontecimentos e também buscar os motivos que justificam a tese da inadequação de mamadeiras como meio para a alimentação de bebês (alimentares, fisiológicos, ambientais, comportamentais etc.) em bibliografia, em visitas a hospitais e conversas com profissionais de saúde.

Paralelamente foram localizados modelos de mamadeiras na Internet, já que a negociação de produtos importados é uma característica das relações comerciais atuais. Percebeu-se então que a seleção de alguns modelos forneceria elementos importantes para a sequência da pesquisa. Acerca dos critérios, foram escolhidos modelos que ao mesmo tempo apresentassem apelo formal de design e discurso promocional direcionado aos atributos de segurança e modernidade do produto. Assim o grupo ilustraria o paradoxo científico-industrial: a violação às normas do Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite simultânea à atratividade da configuração formal e tecnológica dos produtos.

A próxima etapa constou da aquisição dos modelos, em parte encontrados no comércio local. Fichas com uma síntese dos textos e imagens de todos os produtos selecionados foram preparadas e impressas, o que permitiu uma comunicação mais precisa com os interlocutores a partir de então.

A análise do assunto rendeu artigos para conferências de Relações Internacionais e de Design[14]. A presença física das mamadeiras durante os painéis e a

14 ISA – ABRI Joint International Meeting: Diversity and Inequality in World Politics, de 22 a 24 de julho de 2009, na PUC-Rio e MX Design Conference 2009: Impacto Social del Diseño, de 26 a 30 de outubro, na Cidade do México.

contraposição do discurso promocional de seus produtores à crítica respaldada no conhecimento científico alcançado geraram grande impacto nas assistências, confirmando a importância da propagação dessas informações à sociedade como passo metodológico de pesquisa.

Como o estudo se propõe a deflagrar a necessidade de conscientização crítica do design perante a produção industrial, foi decidido promover uma reunião com professores do curso de design da PUC-Rio em torno dos achados de pesquisa e dos modelos selecionados, objetivando a geração de debate sobre o tema. A decisão se justifica pelo fato de os profissionais de design pertencerem a uma classe social consumidora de *produtos que devem ser reavaliados*, e, simultaneamente, serem formadores de opinião de consumo. Além disso, eles são também responsáveis pela tarefa de transmitir conhecimento sobre a área a futuros profissionais. Buscou-se convidar profissionais de várias especialidades (ergonomia, materiais, design de produto, semiótica, metodologia, plástica etc.), a fim de obter participações diferenciadas que, somadas, promovessem a visão global do produto.

Nos encontros, um histórico da situação lhes foi exposto em apresentação de slides, juntamente com a crítica aos modelos de mamadeiras. No centro da mesa foram colocados os produtos e as fichas correspondentes, com dados do fabricante e textos promocionais. Os professores então debateram o tema por uma hora. Toda a dinâmica foi filmada. Duas reuniões foram necessárias para contemplar as diferentes disponibilidades de horário dos convidados.

A conclusão desta tese resultou do cruzamento dos passos metodológicos percorridos, partindo de uma reflexão acerca do âmbito geral das práticas de consumo para o âmbito específico do ensino de design. Confirmou-se assim a necessidade de inserir a reavaliação de produtos industriais no curso universitário como política estrutural (uma forma de atacar importante raiz do problema, intrinsecamente ligada ao compromisso ético profissional e de ensino). Esse fato demonstrou a necessidade de serem criados *métodos que avaliem os produtos industriais* (desconstrução de produtos consagrados pelo uso, por meio da consideração ampla das ações humanas que propiciaram seu invento), métodos esses a resultarem de pesquisa em design, visando equalizar a função profissional com a necessidade de racionalização do consumo.

Cabe o reconhecimento de que, para efeito de leitura, migrar entre os conteúdos estudados pode provocar alguma dispersão. Diversos formatos de sumário foram cogitados para traduzir o percurso de pesquisa e foi aventada também a possibilidade de suprimir trechos que possam soar como fichamentos (como os relativos às noções de progresso, desenvolvimento e liberdade). Entretanto, eles foram mantidos, pois representam com fidelidade *como* o trabalho foi encaminhado, por mais elementares que possam parecer.

Para conectar as partes, o texto propõe deslocamentos "verticais" de leitura: ora se estará bem próximo do foco da pesquisa, ora em uma posição bem mais distanciada.

2
Sobre a produção industrial e suas origens
(tendo por âncora a questão amamentação/mamadeira)

Depois de passar muitos meses gerando seus filhos, ao dar à luz, as mães e famílias deparam com a tarefa de zelar por eles. O tipo de alimentação que irão oferecer às crianças é fator crucial para a sobrevivência e o desenvolvimento saudável do bebê. A espécie humana é biologicamente "equipada" para alimentá-lo através do seio, mas culturalmente "equipada" também para criar, produzir e acessar formas alternativas para realizar a mesma tarefa.

O nascimento de uma criança é um momento extremamente delicado para todos os envolvidos, independentemente de qualquer variável econômica ou cultural. Muitos bebês nascem saudáveis e suas mães têm facilidade em amamentá-los. Algumas delas não desejam fazê-lo. Outras não podem alimentá-los porque estão doentes, porque morreram, porque deles foram separadas. Há também aquelas que enfrentam problemas no meio do processo, como o surgimento de ferimentos na auréola do seio e inflamações da mama. E aquelas que enfrentam um nível tal de *stress* para conseguir condições médicas adequadas ao parto que simplesmente não dispõem da paz que possibilita ao leite verter. Há crianças que nascem bem antes do tempo, são muito pequenas e suas feições e estado geral contrariam a expectativa de suas mães, que aguardavam por um bebê *lindo*. Elas não conseguem, ao menos de imediato, estabelecer com aquela criança um vínculo que possa desencadear sua produção de leite. Há também os bebês com lábio leporino, que não dispõem de condições para sugar o leite materno. Existem as mães subnutridas, que mal se sustentam em pé. Existem as que foram abusadas por parentes ou por estranhos e não tiveram como evitar as crianças com as quais a mentalidade geral supõe que devam estabelecer vínculo de afeto. Algumas mulheres retiram seios e glândulas mamárias para prevenir o câncer hereditário. Volta e meia, todos os bebês choram ou podem chorar a toda hora. Podem não deixar seus pais dormirem direito durante meses. Parentes próximos e amigos se preocupam com aquele choro insistente ou com a magreza da criança ou com o cansaço exagerado de seus pais, imaginando que algum problema esteja ocorrendo, como talvez a "fraqueza" ou "insuficiência" de leite na amamentação. Muitas mães também precisam se ausentar por um período, curto ou longo, como acontece com o retorno ao trabalho depois de alguns meses de licença-maternidade. O que fazer, então? O que fazer durante uma viagem, um compromisso social, um congestionamento de trânsito que adia a chegada da mãe por muitas horas?

Para estas e outras incontáveis situações existem os leites artificiais e o meio de administrá-los às crianças, a mamadeira. A prática de alimentar bebês artificialmente é largamente empregada em muitos lugares do mundo, há muito tempo. Seria mesmo estranho que a diversidade e o nível de complexidade

das situações descritas não desencadeassem o desenvolvimento de alternativas para a amamentação por uma sociedade inteligente, inventiva e produtiva. O problema reside no quão adequada e eficaz vem demonstrando ser a alternativa criada e no grau de adesão que ela vem sendo capaz de suscitar na sociedade, apesar dos graves problemas e impactos que pode provocar.

2.1
Notas sobre as origens da alimentação de lactentes no mundo

Registros arqueológicos indicam que a mamadeira assumiu, no decorrer de sua longa história, variadas configurações e níveis de complexidade formal, coerentes com as possibilidades materiais e técnicas de cada época e lugar. A presença de recipientes de barro ao lado de corpos de lactentes encontrados em sítios arqueológicos dos séculos V e VIII sugerem que os bebês gregos eram alimentados também por alternativos à amamentação[15]. Os chifres de animais, comumente utilizados durante a Idade Média como recipientes para armazenar líquidos, também eram empregados para a amamentação[16]. A longa presença do artefato na história da humanidade nos faz indagar sobre como e por que a capacidade da mulher em amamentar seus filhos ao seio passou a ser encarada como um problema, para o qual foi necessário buscar soluções artificiais alternativas.

Figura 1 . "Mamadeiras" antigas.

As altas taxas de mortalidade de crianças de primeira infância costumam ser citadas pelos estudiosos da História Antiga, Medieval e Moderna. Dentre os diversos motivos para o fenômeno, são apontadas doenças como a varíola, parcos procedimentos de higiene, medicina insipiente, guerras etc. (Ariès, 1981)

A inexistência de valorização social e moral do amor materno e familiar nas sociedades européias, até os séculos XVII e XVIII, constituía um argumento substancial para desobrigar as mulheres pertencentes às classes dominantes da amamentação de seus filhos. A tarefa era considerada "indigna para uma dama" (Ariès, 1981; Almeida, 1999), e essa conduta tendia a ser reproduzida pelas demais classes, desejosas de distinção social.

Segundo Bosi e Machado, há registros de que, do século XVI ao XVII, as mulheres inglesas saudáveis não amamentavam seus filhos:

> Embora o aleitamento fosse reconhecido como um regulador da nova gravidez, essas mulheres preferiam dar à luz de 12 a 20 bebês, do que amamentá-los. Elas acreditavam que a amamentação espoliava seus corpos e as tornava velhas antes do tempo, crença que parece sobreviver até os dias atuais [...]. Existiam, ainda, as normas médicas e religiosas que iam de encontro a esse propósito, pois proibia-se a relação sexual durante o período da amamentação, que deveria ser de 18 a 24 meses, por entenderem que isso tornaria o leite mais fraco e

[15] BOSI, M. L. M.; MACHADO, M. T. Amamentação: um resgate histórico. *Cadernos ESP*. Escola de Saúde Pública do Ceará, v. 1, n. 1, julho-dezembro de 2005, p. 3.

[16] "The history of baby feeding". Disponível em www.babybottle-museum.co.uk. Acesso em abril de 2009.

com risco de envenenamento em caso de nova gravidez. (Bosi e Machado, 2005, p. 3-4)

As autoras prosseguem reportando que àquela época o colostro (leite materno produzido nos dois ou três primeiros dias após o parto) era considerado um leite ruim, a ser substituído por leite de animais, farinha e água.

O século XVI foi crucial para a disseminação dessa mentalidade européia para outros continentes e culturas, e é um importante dado para se entender os motivos que justificam a globalização do uso de "substitutos da mãe" em forma de *artefatos*[17]. Afinal, em um mundo que expandia seus horizontes com as Grandes Navegações, onde a noção de civilidade fazia contraste com o "primitivismo" das terras recém descobertas, e a moral religiosa — somada a interesses nacionalistas — capitaneava um processo de vulgarização da cultura popular, portar-se como um mamífero soava incoerente (Barbero, 2006, p. 135).

Foi com essa visão que os colonizadores chegaram às Américas. No caso do Brasil, eles delegaram às índias e depois às escravas a amamentação de seus filhos (Almeida, 1999, p. 30).

Na virada do século XVI para o XVII, o envio dos filhos para a casa de amas-de-leite tornou-se moda definitiva entre as famílias burguesas européias, ditando o comportamento no Brasil. No século seguinte essa tendência se espalharia por todas as camadas da sociedade urbana. Mas um expressivo número de óbitos infantis seria constatado naquele período, e as mortes das crianças associadas a doenças adquiridas pelas amas. Estas, a fim de não contaminarem os bebês, vieram a adotar o leite de vaca, oferecendo-o às crianças em chifres furados (citados anteriormente). Mas o recipiente não era estéril, não se sabia o quanto de água deveria ser misturado ao leite e nem havia segurança quanto ao nível de pureza dessa água.

Figura 2. A mamadeira vitoriana e a primeira mamadeira norte-americana, patenteada por Charles M. Windship em 1841.

Logo o advento da industrialização proporia uma evolução para o modo de administrar leite às crianças, o que, entretanto, não alterou o preocupante quadro. Produzida em larga escala nos anos de 1880, a mamadeira — popularmente apelidada *Mummies Darling* e orgulhosamente chamada *The National* — contribuiu para a conformação dos altos índices de mortalidade infantil da Inglaterra vitoriana, quando apenas duas em dez crianças conseguiam ultrapassar os dois anos de idade. Consta que tais produtos permitiam que bebês se alimentassem com certa autonomia, liberando suas mães para a realização de outros afazeres. Mas na imagem a seguir percebe-se que a tampa da garrafa de vidro era atravessada por uma espécie de canudo estreito "impossível de lavar", fazendo com que sua "higiene fosse frequentemente relegada ao ponto da não existência"[18].

O processo de urbanização, decorrente da economia industrial, viria revolucionar a economia e as relações sociais, trazendo expressiva contribuição ao tema *alimentação infantil*. Em 1867 iniciou-se a produção da *farinha láctea*,

[17] Termo empregado por Almeida, 1999.

[18] De acordo com o artigo "The not so friendly bottle". Disponível em www.babybottle-museum.co.uk/murder.htm. Acesso em abril de 2009.

primeiro alimento artificial do mundo, segundo seu criador Henri Nestlé (Suíça). Em 1873 foram vendidas 50.000 caixas de alimentos de leite da Nestlé na Europa, Estados Unidos, Argentina, México e Índias Neerlandesas e, a partir da abertura de mercado, outras companhias foram criadas[1]. Novos modelos de mamadeiras resultaram da invenção da borracha vulcanizada (1840), que possibilitaria o surgimento de bicos elasticamente ajustáveis aos recipientes de vidro.

Figura 3. Embalagem original da farinha láctea e publicidade francesa dos "Biberons Robert Sans Tube", com bicos de borracha vulcanizada.

Ao longo do século XIX, a mamadeira se tornou um dos símbolos sociais de modernidade e urbanismo, embora o paradigma higienista recomendasse a amamentação pelas próprias mães, como forma de garantir saúde àqueles que futuramente defenderiam a soberania dos Estados. A saber, o paradigma higienista na ciência derivou do movimento sanitarista que se fez imperioso por ocasião do fenômeno de crescimento das cidades a partir de meados do século XIX. Grandes contingentes populacionais se concentravam em espaços desprovidos de infra-estrutura, invocando a criação de "métodos sociais e ambientais objetivando a remodelação e o saneamento das cidades, e a transmissão de normas higiênicas" às suas populações[19]. O modelo higienista era produto direto de uma aliança entre a medicina (em sua busca por projeção nas ciências) e os Estados, encarregados pela instituição de sistemas de controle das populações: medicalização das ações políticas e reconhecimento do valor político das ações médicas (Almeida, 1999, p. 32). O modelo assumia, porém, caráter vertical e paternalista devido à ausência ou fragilidade de ambientes democráticos nos locais onde foi implementado, como pode ilustrar o trecho a seguir sobre o caso brasileiro, dirigido a D. Pedro de Alcântara e D. Carolina Josefa Leopoldina pelo cirurgião Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, em 1820:

> As crianças [amamentadas por amas mercenárias ou escravas] são vítimas de moléstias venéreas, bobáticas e de certas disposições patológicas que lhes transmitem as amas infectadas, as quais sempre que podem ocultam semelhantes males para não perderem tal ou qual interesse; não sendo, aliás, capazes de se sacrificarem a um tratamento conveniente, seja para se curarem, seja para remediar qualquer incômodo que aconteça aos meninos quando mereçam a atenção médica. O que se deve esperar do aleitamento mercenário, feito mormente por pretas, sendo escravas o maior número delas? É impossível que essa casta de gente, quase sem religião e sem moral, oprimida e excitada a cada momento pela ideia de cativeiro, e capaz de todas as sortes de artifício, empregue todo o desvelo e carinho na criação dos meninos de que se encarregam, acudindo-lhes pontualmente nas suas precisões; que mostrem íntima satisfação em os amamentarem e que não dêem provas de quererem ver-se livres do aleitamento para se entregarem cegamente às suas paixões. (Silva e Peixoto, 2008, p. 112-113)

Assim, a medicina higienista condenava o aluguel de amas de leite escravas ou mercenárias e delegava às mães a responsabilidade integral pela saúde

[19] De acordo com SANTOS, Jair Lício Ferreira e WESTPHAL, Marcia Faria, *Práticas emergentes de um novo paradigma de saúde: o papel da universidade*, São Paulo, 1999. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103...script... Acesso em maio de 2009.

de seus filhos por intermédio da amamentação como conduta obrigatória. Ocorre que tal medida enfatizava o aleitamento como atributo meramente biológico, desprezando, como fala Almeida, condicionantes culturais específicos à espécie humana que, diferentemente de outros grupos mamíferos, incluem a ambigüidade entre *querer* e *poder amamentar*.

As escolas higienistas francesa e alemã, tomadas como modelo em várias partes do mundo, regulamentavam horários para o aleitamento, recomendavam o esvaziamento dos dois seios, condenavam a administração de água com açúcar aos bebês (a ser substituída pela chupeta para acalmar as crianças) e impunham dietas alimentares para as mulheres. A restrição à prática do sexo persistia, sob o atenuante de que a mulher poderia "gozar" sexualmente ao amamentar. Segue o entendimento da época sobre o que hoje se sabe ser um estímulo neurológico:

> A mãe que cria sente correr com delícia o leite através dos canais que o devem levar à boca de seu filho; ela tem muitas vezes erotismo, voluptuosidade: basta somente que lhe estenda os tenros bracinhos para que seus seios se ingurgitem e que o leite seja ejaculado com força. (Costa, 1983, p. 263-264 apud Almeida, 1999, p. 34)

Figura 4. Anúncios europeus antigos de leites artificiais e mamadeiras.

Mas como muitas mães, apesar dos esforços e orientações, não conseguiam levar a termo a amamentação, acabando por desmamar seus filhos, os higienistas, segundo Almeida, fundaram uma figura biológica: o "leite fraco", como uma exceção reconhecida oficialmente. Deste modo o paradigma manter-se-ia imaculado, apesar das evidências de sua falibilidade.

Com o advento da produção industrial de alimentos infantis, a prescrição de leite em pó (sempre que as mães relatavam alguma insegurança com relação ao aleitamento) ampliou o conjunto de exceções reconhecidas pela classe médica. As imagens a seguir ilustram o quanto a alimentação artificial de bebês por mamadeira se tornou uma conduta corrente em muitos países, criando mesmo uma cultura que passou a associar a infância ao consumo e posse desses produtos.

Em 1968, entretanto, o impacto causado pelo marketing das indústrias sobre a saúde das crianças viria a ser definido como "desnutrição comerciogênica" pelo Dr. Derrick Jeliffe, como veremos adiante (Almeida, 1999).

2.2
Notas sobre as origens da alimentação de lactentes no Brasil

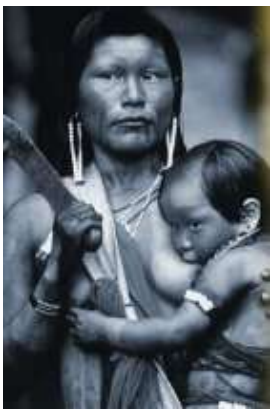


Figura 5. Imagem ilustrativa da maneira indígena de carregar/alimentar bebês.

Quando Pero Vaz de Caminha descreveu ao rei de Portugal o hábito das índias do "novo mundo", que andam "com um menino ou menina ao colo, atado com um pano (não sei de quê) aos peitos" (Almeida, 1999, p, 28), foi demonstrado o estranhamento da cultura "civilizada" em relação à prática do aleitamento materno, àquela época já proscrita na Europa. Relatos dos séculos XVI e XVII contam que os filhos das índias tupinambás eram amamentados por cerca de um ano e meio, mantidos sempre junto às mães, mesmo durante o trabalho nas roças, por intermédio das *typoias*. Caso o bebê fosse amamentado por outra índia, a mãe não sossegava "enquanto a criança não colocasse para fora todo o leite estranho" (Bosi e Machado, 2005, p. 4).

Em Lisboa, o aleitamento mercenário era corriqueiro. No Brasil, como já foi dito, as famílias mais abastadas consideravam a amamentação *tarefa indigna para uma dama* (Almeida, 1999, p. 30) e a princípio entregavam suas crianças aos seios de índias, que foram depois substituídas pelos de escravas. Os senhores apartavam essas mulheres dos filhos delas em favor do aleitamento dos bebês brancos. A aquisição de negras para aluguel como amas-de-leite mostrou-se para muitos senhores de escravos uma prática comercial tão ou mais rentável do que o plantio do café, balizando um comportamento social de elite copiado pelas camadas menos privilegiadas da população, como ocorria também na Europa.

Figura 6. Textos de anúncios publicados no *Jornal do Commercio*, RJ, em 1850: "Aluga-se uma preta para ama-de-leite, parida há 7 dias, com muito bom leite." "Vende-se uma preta, moça, com bom leite, com filho ou sem elle, que tem dous meses." (Almeida, 1999, p. 30-31)

No século XVIII, houve um expressivo aumento demográfico nos centros portuários, dobrando ou quadruplicando sua população. Os bebês eram alimentados pelo leite das amas e por leite de vaca com carboidratos. Mamadeiras de vidro com bicos de borracha também eram empregadas — e as doenças e mortes infantis eram interpretadas por muitos médicos da época como decorrentes de "miasmas atmosféricos".

Naquele período a morte de bebês era aceita como fato comum pela sociedade brasileira. Acreditava-se que as crianças se convertiam em anjos, o que representava uma "bênção do céu". Assim, segundo Bosi e Machado, as mortes eram anunciadas festivamente em rituais com influência africana, escandalizando as autoridades religiosas. Justificadas desta forma estavam a gravidez indesejada burguesa e o abandono de crianças pelas escravas "por falta de condições para criá-las". Muitos desses bebês eram encaminhados à "Roda dos Expostos", dispositivo importado de Portugal por Salvador, Recife e Rio de Janeiro, que consistia de um cilindro entre a rua e o interior da Santa Casa de Misericórdia. Ali, a qualquer hora, "qualquer um, furtivamente ou não, podia deixar um pequerrucho no cilindro sem ser notado ou muito menos incomodado" (Bosi e Machado, 2005, p. 4). A roda era largamente utilizada pelos donos de amas-de-leite para liberar essas mulheres de seus próprios rebentos, como ilustra o trecho de 1873:

> Há entre os senhores das escravas um método horrível e que influi extraordinariamente sobre o moral das escravas, tornando assim o seu leite nocivo às crianças, isto é, mandar pôr na roda os filhos desta, para assim recuperarem melhor seu aluguel. (...) Este fato, que à primeira vista parece pouco importante, influi de tal modo sobre o moral da escrava, que a torna inapta a aleitar outra criança (Neves, 1873 apud Costa, 1983, p. 38, in Almeida, 1999: 34).

Figura 7. A Roda dos Expostos.

A chegada da família real ao Brasil, em 1808, e a movimentação política que a acompanhou já começavam a promover a reversão deste quadro. O Estado e a medicina firmaram uma aliança em prol da edificação do sentido premente de *Nação*, na qual a vida das crianças da elite assumiria importância prioritária — com isso, o já citado paradigma higienista transformou o escravo "de animal útil ao patrimônio, em animal nocivo à saúde" (Costa, J. F. apud Almeida, 1999, p. 33), condenando as amas-de-leite e entregando às mulheres brancas a total responsabilidade pela saúde de seus filhos.

> Em 1838, foi apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a primeira tese sobre aleitamento materno desenvolvida no Brasil, com o título *A Utilidade do Aleitamento Maternal e os Inconvenientes que Resultão do Desprezo deste Dever*. Seu autor, Agostinho José Ferreira Bretas, dissertava, à luz dos paradigmas da medicina higienista, sobre a superioridade do aleitamento materno e os riscos a que são submetidas as crianças privadas do seio da mãe. Utilidade, inconvenientes, desprezo e dever: núcleos de sentido que revelam, quase emblematicamente, o cerne da filosofia em que se pautava a catequese higienista. A transferência de responsabilidades, aliada à culpabilidade materna, constituíam os dois principais instrumentos da medicina social recém-fundada no Brasil (Almeida, 1999, p. 34-35).

Bretas (apud Almeida, 1999, p. 35) louvava aos povos de costumes puros (indígenas); sublinhava a amamentação como obrigação natural da mulher e dever sagrado de mãe; valorizava as ações de promoção da saúde propagadas pelo movimento higienista europeu; invocava o valor mágico do leite, "capaz de transmitir a pureza dos costumes e a força da constituição, o perigo moral da criação de crianças por amas; e a condenação da ama negra".

A figura do "leite fraco", sem fragilizar a filosofia médica pregada, veio a justificar "biologicamente" o fenômeno de mães que alegavam motivos para não amamentar seus filhos. Mas, como aponta Almeida, a simples promoção do aleitamento não era suficiente. Seria necessário apoiar as mulheres na consecução desse objetivo:

> Os higienistas atuavam francamente como promotores do aleitamento materno, construindo socialmente o fator biológico em favor do progresso da amamentação. Porém, para transformar a mãe em nutriz, não bastava promover, havia que apoiar. A mulher certamente precisava ser ouvida, muito mais do que ouvir, pois, por mais que o determinismo biológico fosse inerente à espécie, faltava-lhe o condicionamento cultural favorável. (p. 37)

Com a proclamação da República, em 1889, a educação foi eleita como pedra fundamental para a efetivação do ideal "ordem e progresso". A mulher

era o esteio dessa ideologia, devendo tornar-se prendada e letrada para dar conta de sua função educativa no lar. O fim da escravidão formal atribuiu importância política e econômica ao aleitamento e conduziu o Estado a voltar a atenção, pela primeira vez, para a criança pobre, futura mão-de-obra produtiva exportadora do país. Mas uma crescente inserção da mulher pobre no mercado de trabalho atrapalharia esses planos. Então uma nova ama-de-leite, não mais escrava, mas pobre e mercenária, de saúde muitas vezes precária, constituiria um recurso relevante para a sociedade, sem, no entanto, merecer os cuidados da medicina. Sua saúde começou a ser regulada apenas a partir de 1901, na cidade do Rio de Janeiro, por ocasião de iniciativa de Moncorvo Filho, que fundou o Instituto de Proteção e Assistência à Infância (p. 38).

A mudança operada na economia brasileira em inícios do século XX, propiciadora da passagem do sistema de produção agro-exportador para o urbano-industrial, provocou a ascensão da burguesia, marcando o desenvolvimento da sociedade de consumo, para a qual a mamadeira tornou-se um dos símbolos de modernidade e urbanismo. Em 1912 chegavam ao Brasil as primeiras remessas de leite condensado e farinha láctea da Suíça (Nestlé), promovendo a mamadeira de leite industrializado como alternativa para o "leite fraco", denominado cientificamente *hipogalactia*, agora uma "patologia" institucionalizada (p. 39).

> Um petiz sadio... um pae feliz... À Cia. Nestlé tenho o prazer de offerecer a photographia de meu filho Georges Ohnet, criado desde o nascimento com o excellente leite em pó 'Nestogeno', a quem deve ele saúde e robustez. Ohnet Ponty
>
> O conhecidíssimo leite em pó Nestogeno já não é mais um produto de importação e sujeito, portanto, a flutuações de preços e a faltas no mercado. A mesma fórmula que tem feito o prestígio do Nestogeno entre os médicos pediatras do mundo inteiro e os mesmos apurados processos de fabrico seguidos nas usinas Nestlé da Suíça são adoptados em Araras, Estado de São Paulo, onde a Companhia Nestlé produz o Nestogeno nacional.
>
> O NESTOGENO é um leite meio gordo (contém 12 % de gordura) e por isso sobejamente recommendado como o mais benéfico, na falta do leite materno. Tão puro como o similar importado, o Nestogeno nacional tem as vantagens de ser sempre mais novo e mais barato: cada lata custa apenas 5$000.[20]

Figura 8. Anúncio Nestlé

O ano de 1921 demarcou o início das atividades da Nestlé em território nacional. A seguir, vieram as campanhas promocionais, a difusão de informações científicas e a monopolização do saber médico. A indústria envolveu-se em todas as esferas relacionadas com o desempenho profissional dos trabalhadores da saúde[21]. Essa estratégia de marketing foi se intensificando a partir dos anos

[20] Peça publicitária em *A Cigarra*. Rio de Janeiro, Editora O Cruzeiro S.A., 1933.

[21] A empresa ligou seu nome a serviços assistenciais dos hospitais-escola, reuniões científicas, patrocínio a cursos de atualização e congressos, contribuição para o sustento econômico das revistas científicas com permanente publicação de anúncios, contato individual de seus representantes com a classe médica para fornecimento de amostras grátis, folhetos de alta qualidade gráfica e variados brindes (Goldenberg, 1989, p. 122).

de 1940, tal a reciprocidade de interesses entre a indústria e a classe médica: enquanto a primeira expandia seus lucros, a segunda realizava a aquisição e manutenção de sua autoridade perante seus pacientes, vencendo a influência de leigos e parteiras.

Figura 9. Anúncio Nestlé

> Confiança. Nos encontros que se verificam num consultório médico, entre Mãe e Pediatra há um sentimento mais profundo e mais natural do que a simples necessidade de controlar o desenvolvimento do bebê.
>
> Entre ambos já se concretizou, antes da consulta, aquele elo indissolúvel e indispensável à nobre missão de medicar as criancinhas.
>
> É a confiança. Da mãe que sente no médico, ao consultá-lo, a decisiva segurança na vida de seu filho. Do pediatra que ao prescrever esta ou aquela medicação, este ou aquele alimento, sabe que será fielmente cumprido o que por ele for prescrito, No mundo inteiro, este fenômeno se repete, diàriamente, milhares de vezes, e é bem alta e significativa a percentagem das mães que beneficiaram os seus filhos com a confiança que o pediatra depositou nos produtos.[22]

Complementarmente ao cenário descrito, iniciara-se a implantação da assistência materno-infantil pelo Estado, resultante da fundação, por Getúlio Vargas (1944-45), do Departamento Nacional da Criança, inaugurando um programa nacional de distribuição gratuita de leite às populações de baixa renda[23]. O programa abriu caminho para "o lançamento da proposta publicitária de extensão da utilização dos leites em pó para crianças sadias e também como preventivo de distúrbios gastrointestinais" nos bebês. Segundo Goldberg, aos poucos a indústria começou a sugerir que os leites em pó "poderiam ser ministrados desde o momento da secção do cordão umbilical", exaltando o elevado teor de proteínas do produto, vitaminas e nutrientes adicionados, "numa alusão de que o leite em pó não só poderia substituir o leite materno como até apresentaria vantagens" (Goldberg, 1989, p. 116-121).

Figura 10. Cartaz Nestlé "O tesouro das mães".

Figura 11. É interessante notar que o crescimento das atividades assistenciais da Nestlé se fizeram representar graficamente por frascos de mamadeiras. Além disso, no aniversário do IV Centenário da cidade de São Paulo, se exaltou o aumento da distribuição de latas de leite em pó, que teria passado de 198.654 unidades para 733.141, no período de 1950 a 1973 (Boletim do DEC, São Paulo, 1954, in Goldberg, p. 132).

Ainda segundo a autora, a alimentação infantil nos primeiros meses de vida deixou de ser competência das mães para tornar-se tarefa de controle mé-

[22] Peça publicitária da Nestlé da década de 1940 publicada na *Revista Brasileira de Medicina*. São Paulo, Moreira J. R. Editora, 1948.

[23] A iniciativa teve o apoio da Legião Brasileira de Assistência – LBA.

dico, mesmo em situações de normalidade. Programas materno-infantis promoviam, em colaboração com a indústria, o funcionamento de lactários em instituições de saúde para treinamento de mães no preparo de mamadeiras com leite em pó ali distribuído. Era omitida a orientação sobre aleitamento durante a permanência da mulher na maternidade. Ao invés disso, um álbum do fabricante de leite era distribuído, "para registro do desenvolvimento da criança, com informações de alerta quanto à quantidade de leite materno, existência de um substituto e necessidade de recorrer ao médico para controle da dieta da criança" (p. 133-134).

O texto a seguir, publicado no *Boletim do Departamento Estadual da Criança*, SP, 1954, demonstra o quanto a cultura dos leites artificiais e das mamadeiras foi abraçada pelo Estado e pelas políticas médico-sociais:

> Torna-se mais verdadeira, ainda, entre nós de São Paulo, esta verdade que os norte-americanos defendem: o dinheiro aplicado na defesa da criança dá ao Estado lucros simplesmente fabulosos... [...] Não nos arrependeremos jamais de ter antes procurado – sim, procurado! Nas choças, nos barracos, nas malocas, a criança que deveria ser recuperada como valor social e valor econômico neste verdadeiro redescobrimento do Brasil... Com a primeira mamadeira se informa um cidadão. (Goldberg, 1989, p. 144-145)

Figura 12. Capa de álbum distribuído às mães em maternidades: www.nestle.com.br.

A referência aos norte-americanos prenunciava uma estratégia. Nos anos de 1960, temendo influências comunistas emanadas de Cuba sobre a América Latina, o governo norte-americano (à época com John Kennedy na Presidência) lançou o programa "Aliança para o Progresso" junto a organizações internacionais, países europeus e empresas privadas, com o discurso de promoção do desenvolvimento econômico por intermédio de doação de alimentos (queijo, manteiga, leite em pó) a populações carentes, num investimento de U$ 20 milhões. O depoimento postado na Internet pelo Sr. Joaquim Alves, em testemunho no **site Yahoo Brasil Grupos** sobre o que à época tratou-se de um evento inusitado, ilustra como a "ajuda" foi recebida no interior de Pernambuco:

> Em Iguaí, a distribuição deve ter sido farta, pois meu pai conseguia trazer para casa várias latas daquelas, embora não estivesse cadastrado como família necessitada. Talvez fosse pela amizade com o prefeito, talvez fosse pela fartura da quantidade a ser distribuída. O fato é que eu ouvia de toda parte, que todos haviam recebido generosas porções. E nós, crianças, comíamos [o leite em pó] puro. De punhado pego com as mãos e jogado para dentro da boca, como faz o povo simples da roça para comer farinha. Descobri recentemente [...] que aqueles alimentos foram usados como arma de propaganda contra uma eventual formação de grupos de guerrilhas no Nordeste brasileiro, pois o serviço de inteligência americano, a CIA, detectava indícios dessa possibilidade, principalmente nas zonas rurais, notadamente em Pernambuco, sob a liderança de Francisco Julião. O governo Arraes seria outra ameaça. E eles enxergavam no Nordeste um potencial econômico que a elite industrializada do sul do país, não conseguia visualizar. E a imprensa sulista pouca importância deu à investida americana na região, achando, segundo a reportagem [consultada], que a-

Figura 13. Criança brasileira diante de lata de manteiga do programa "Aliança para o Progresso".

quilo se devia de fato ao subdesenvolvimento da região que pouco teria a contribuir para a riqueza nacional.[24]

A estrutura de disseminação do leite em pó estava solidamente montada: maternidades, médicos, anúncios em revistas científicas e leigas, apoio estatal. A partir dos anos de 1970, a televisão e o rádio seriam veículos de grande alcance para a promoção dos produtos. De 1970 a 1977, a Nestlé obteve um aumento em sua produção de leite integral de 42 para cerca de 50 toneladas e de seis para 26 toneladas de leites modificados. A Revista Exame condecora a indústria como a de melhor desempenho econômico em 1979, ano em que 50% da produção de leite *in natura* do estado de São Paulo foram comprados pela Nestlé, acarretando uma crise de abastecimento (Goldberg, 1989).

O leite em pó e a mamadeira haviam alcançado lugar cativo na vida das pessoas, assumido papel de destaque na economia e se tornado instrumento em estratégias de cunho político/ideológico.

Cabe, neste momento, por importante ao entendimento do contexto, uma aproximação em relação às estruturas que viabilizaram esse cenário.

2.3 O papel dos bens de consumo na organização da sociedade capitalista

O cenário atual dos bens de consumo, matéria do design, resulta da história política, econômica e social, gerando consequências em todos esses planos, num *moto continuum*. Essas áreas estruturais serão abordadas agora para ampliar e aprofundar a reflexão acerca do quadro produtivo que inclui os leites artificiais e as mamadeiras — assim como muitos outros produtos merecedores de reavaliação devido aos graves problemas que podem gerar —, de cuja concepção participam os designers.

Para tanto, o leitor é convidado a rumar temporariamente para um *posto de observação* mais alto e abrangente, de onde é possível visualizar os quadros políticos que propiciaram a lógica de consumo, fundada, em grande medida, pelas noções de progresso, desenvolvimento e liberdade disseminadas para a sociedade.

2.3.1 Os bens de consumo e as doutrinas político-econômicas

A revolução que o modo de produção industrial instaurou na relação das sociedades com os bens materiais derivou do fato de que a grande quantidade produzida pelas fábricas reduzia o custo unitário dos objetos. Fossem eles peças prioritárias ao dia-a-dia ou ornamentos, concentravam anteriormente em seu custo os altos valores dos processos artesanais, dentre os quais o tempo dedicado à sua elaboração, desde a criação até o resultado final. Com a industrialização, o uso de maquinário e a divisão de tarefas permitiram que os produtos

[24] Conferir em br.groups.yahoo.com/group/iguai/message/7183. Acessado em junho de 2009.

se colocassem ao alcance financeiro das pessoas, independentemente de sua necessidade. Essa mudança de postura de consumo denotava a capacidade da indústria em gerar seu próprio mercado (Hobsbawm apud Denis, 2000, p. 20).

As ideias liberais lançadas por John Locke e Imanuel Kant se disseminaram pela Europa e respaldaram enormes mudanças em nível político (estado desvinculado do poder religioso), econômico (mercado independente das amarras do poder político) e social (emancipação do indivíduo e sua elevação ao posto de elemento fundamental da sociedade, do Estado e da economia) (Silva, 2003, p. 2).

Na medida em que o indivíduo produz bens para vendê-los a outros indivíduos, e deles consome também sua produção, dá-se o processo de dependência como célula geradora de um ambiente econômico fundado na propriedade, capaz de proporcionar a rede necessária à manutenção do Estado (Adam Smith apud Silva, 2003, p. 3). E seria a igualdade de direito à propriedade a base para a liberdade.

Porém, se a noção de liberdade envolve alargamento de fronteiras, pressupõe necessariamente a demarcação de outras áreas, no sentido de não inviabilizar o movimento de expansão daqueles vetores. Ao Estado cabia então o papel de preservar o livre mercado, fornecendo à sociedade defesa contra a violência ou invasão estrangeira, proteção contra a injustiça e a opressão (leis) e a responsabilidade por gerir tudo aquilo que não interessasse ao âmbito privado pelo fato de não produzir lucro (Rosavalon apud Silva, 2003, p. 3). A suposição do liberalismo político era de que o bem-estar de todos resultaria naturalmente do respeito e incentivo a tal engendramento sócio-econômico. Mas, como sinalizou Michael Walzer, um fenômeno de separação afastava a sociedade civil da comunidade política, propiciando o aparecimento "das esferas da competência econômica e a livre empresa, a do mercado de bens, a do trabalho e a do capital":

> [...] os compradores e vendedores de bens são completamente livres para entenderem-se como melhor lhes pareça para comprar ou vender qualquer coisa e ao preço que fixem em comum acordo, sem interferência de nenhum funcionário público. Não se estabelece um preço justo, ou pelo menos não existe nenhum regulamento que fixe esse preço justo, do mesmo modo que tampouco existem leis ou restrições relacionadas com a usura nem normas de qualidade ou segurança, nem salários mínimos, etc. (Walzer, 2001, p. 95)

Como observa Isahiah Berlin, liberdade "é um termo poroso, como felicidade, bondade ou realidade" (Berlin, 2002, p. 228), impossível de ser traduzido em um só significado, principalmente quando lançado no cenário empírico da produção e do consumo industrial, cujas matérias-primas contavam uma história de exploração e opressão.

Denis aponta que a indústria têxtil foi a primeira a demonstrar seu potencial, aumentando em cerca de 5.000% a produção de tecidos de algodão entre o final do séc. XVIII e meados do séc. XIX. Durante esse período, a Grã-Bretanha dominava o comércio exterior tanto por sua preponderância naval

quanto pelo bloqueio que impusera aos países do continente europeu por ocasião das guerras napoleônicas.

> Gerou-se assim um ciclo, em que tecidos, chás e louças compradas na China e na Índia eram trocados por escravos na África, usados para plantar algodão barato nos Estados Unidos e no Brasil, o qual era utilizado pela indústria britânica para fabricar tecidos que, por sua vez, eram exportados para todos esses lugares, gerando a cada etapa novos lucros para os intermediários. (Denis, 2000, p. 21)

O autor sinaliza ainda que a cidade de Manchester, que concentrava a maior parte das indústrias de tecidos, era bem próxima a Liverpool, porto central de comércio de escravos.

Diante de tais elementos, cabe uma primeira reflexão acerca do custo social e humano embutido naqueles (desde então) acessíveis cortes de tecido. Seu aspecto e qualidade para compor vestimentas não transpareciam a opressão a que os escravos eram submetidos nem aquela imposta aos operários das fábricas, como tampouco a complexidade das políticas naval e colonial. Os bens materiais sempre pareceram providos de inocência, talvez porque apenas comecem a existir para nós depois de adquiridos e recontextualizados em nosso universo individual, transformando-se em uniformes escolares ou em belos vestidos para congraçamentos familiares. Além disso, muitas coisas aconteciam distante do olhar e do saber dos membros da sociedade consumidora, para quem a escravatura não representava uma novidade ou necessariamente um absurdo.

Figura 14. Máquina de costura projetada por Isaac Singer, em 1850.

Foi nesse cenário que surgiu a indústria das máquinas de costura nos Estados Unidos (Wheller and Wilson – 1856), baseada nos métodos de produção de armas de fogo (com peças padronizadas que poderiam ser trocadas na eventualidade de um defeito, e tecnologia de perfuração e torneamento de peças metálicas). Os processos empregados não eram inteiramente industriais, pois além de quase todas as peças necessitarem de acabamento manual, partes do processo de fabricação eram realizadas à mão (processo europeu).

A Singer despontou em 1867 como sua maior concorrente, alcançando, em 1880, a produção de 500 mil máquinas por ano. Ela representa até hoje a marca que fixou na memória de muitas gerações um fazer artesanal de roupas, viabilizando a produção manufatureira doméstica a partir de elementos industrializados: a máquina de costura e o tecido. Assim, a exploração de negros e operários produzia paradoxalmente a liberdade de confeccionarem-se vestimentas num processo mais racionalizado, para vestir a família ou abrir confecções que geravam renda, emprego, inclusão e paz social. O custo do processo ficou invisível — cultural e objetivamente, "pespontado" pelo padrão florido do tecido, do qual ninguém mais cogitaria em abrir mão.

Figura 15. Modelo com pedal. 1859.

Paralelamente ao crescimento do sistema industrial surgiam, no entanto, firmes argumentações sobre as injustiças cometidas contra os trabalhadores fabris e a assimetria social resultante de todo o sistema:

> […] em 1848 saiu publicado o livro de F. Engels sobre a 'Situação da classe operária na Inglaterra' e, no mesmo ano, o Manifesto Comunista de K. Marx e F. Engels conclamou os proletários de todos os países a unir seus esforços para romper as cadeias de exploração capitalista na luta pela conquista dos direitos humanos. (Rattner, 2002, p. 2)

Sindicatos, partidos socialistas e social-democratas começaram a fazer frente ao sistema de exploração capitalista a partir de meados do séc. XIX, sendo, no entanto, desmobilizados em grande medida pela eclosão da Primeira Guerra Mundial, quando o sentimento nacionalista monopolizou as atenções, excetuando-se, dentre outros, o movimento bolchevique, vitorioso, em 1917, com a Revolução Russa.

As críticas de Marx ao sistema capitalista desvelaram, em meio ao ambiente progressista industrial, a realidade de violência social e de exploração imposta aos trabalhadores, apontando a urgência de uma mudança radical de paradigma, contra a correnteza capitalista e em favor da sociedade.

A repercussão do ideário comunista provocou reações violentas em vários países da Europa (Hungria, Alemanha, Espanha). A crise de 1929 corroeu a economia mundial, gerando desemprego generalizado, o que, no caso alemão, traduziu-se na adesão maciça de trabalhadores ao Partido Nacional Socialista, o partido nazista, que desencadeou a Segunda Guerra Mundial.

> A reconstrução da Europa pelo Plano Marshall e a eclosão da Guerra Fria iniciaram um processo de perda de prestígio e de votos para os PCs e criaram condições para o ressurgimento dos partidos social democratas e socialistas como representantes dos trabalhadores, nos países da Europa Ocidental, na luta por uma distribuição mais eqüitativa do produto dos "milagres econômicos". (Rattner, 2002, p. 4)

Mesmo quando não tomadas integralmente como modelo, tais ideias sinalizavam a necessidade de retorno do Estado ao controle das rédeas do mercado e de guardião de uma ética social, a fim de impedir que as recentes conquistas econômicas caíssem por terra, ou seja, assumindo a função intervencionista sobre o mercado, em prol do bem-estar social.

Um dos frutos da indústria que trouxeram melhora definitiva para a qualidade de vida da sociedade foi a geladeira. Antes dela, procurava-se estender as boas condições dos alimentos salgando-se ou defumando-se carnes e peixes e conservando frutas em açúcar. Os ricos mandavam trazer de longe blocos de gelo e neve e os guardavam em imensas caixas recheadas com palha (quarto de refrigerar), enquanto os menos abastados mergulhavam sacos cheios de alimentos em rios e lagos durante a noite. Graças à descoberta do gás freón, o CFC (anos 30), considerado uma obra-prima da engenharia industrial, foi possível reunir as condições necessárias para a concepção de um compartimento refrigerado para uso doméstico que, diferentemente dos tecidos de algodão, escondiam um fato que apenas foi constatado publicamente pela ciência 60 anos depois: o CFC era um dos maiores responsáveis pela destruição da camada de Ozônio.

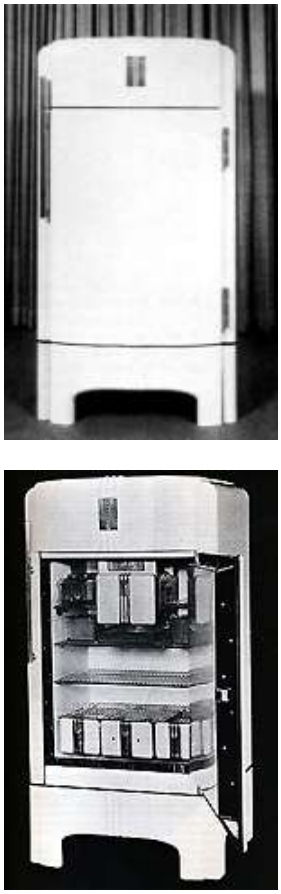


Figura 16. Geladeira Coldsport, projetada para a Sears, por Raymond Loewy, 1935.

Também destruidora, a médio e longo prazo, foi a política inaugurada pelos Estados Unidos como forma de manter o ritmo da produção industrial no período entre guerras, em plena crise econômica, sem agravar ainda mais os índices de desemprego: a "obsolescência programada". Alguns designers da época, como Raymond Loewy, tentavam trabalhar no sentido de agregar o aspecto primoroso dos produtos a um aumento de sua eficiência operacional, considerando inútil a especulação da forma. Também a reflexão acerca de uma adaptação dos operários às máquinas industriais e dos consumidores aos produtos no momento do uso marcaram a chegada da ergonomia como ferramenta do design, pelas ideias de Henry Dreifus.

Um pouco antes da revelação do poder de destruição do CFC, a grande crise mundial de 1973 levou os países expoentes do modelo capitalista a caírem em grave depressão (altas taxas de inflação e diminuição das taxas de crescimento). Abriu-se assim um terreno fértil para a ascensão do modelo neoliberal, que já rondava o cenário econômico, "inconformado" com o poder excessivo concedido democraticamente aos sindicatos e ao movimento operário e também com o fenômeno de corrosão das bases de acumulação de capital que deles resultava[25] (Perry Anderson apud Dias, 1997, p. 7).

Friedrich Hayek foi o mentor da doutrina neoliberal, que desde 1944 havia sido defendida em seu texto "O caminho da servidão", onde atacava frontalmente a ideia de qualquer função intervencionista do Estado, defendendo a independência integral das regras de mercado que, caso contrariadas, configurariam uma perda irremediável de liberdade. A conduta do jogo econômico seria justa, independente dos resultados que provocasse; a liberdade consistiria no perseguimento individual de objetivos, à revelia de um saber acerca dos objetivos de outrem, já que a coesão social derivaria dos frutos das relações econômicas; a justiça residiria em normas de conduta que prestigiassem o êxito, e não meros resultados. Em síntese, a espontaneidade das relações econômicas estaria isenta do jugo da moralidade, apartando-se de qualquer vinculação com a noção de justiça, constituindo-se a solidariedade em um "instinto primitivo" e refreador dos fluxos libertários da economia[26].

Para sair da crise, o Estado deveria concentrar-se em dissolver o poder dos sindicatos e cessar os gastos com bem-estar social. Assim os "índices naturais" de desemprego voltariam a existir, criando uma reserva de trabalhadores ávidos por qualquer oportunidade. Esses trabalhadores aceitavam remunerações que resultariam mais lucrativas para os empresários (Perry Anderson apud Dias, 1999, p. 7).

> Na década de noventa, quarenta países estavam sendo dirigidos por governos social-democratas ou por alianças dominadas pela "esquerda". Entretanto, revelaram-se impotentes para induzir mudanças sociais e econômicas face à pressão avassaladora da globalização econômica e militar e devido aos compromis-

[25] Tratava-se de reivindicações tanto salariais quanto de aumento de gastos sociais.

[26] Anotações de aula. Seminário "A vertente neoliberal ou a utopia conservadora da sociedade de mercado", apresentado por Daniel de Aragão e Pedro Tarrisse, disciplina "Teoria Política Contemporânea", PUC-Rio, 2006.

> sos assumidos com os representantes do capital nacional e internacional. (Rattner, 2002, p. 5)

Com o advento das tecnologias da informação, o fenômeno de interligação mundial se expandiu vertiginosamente, globalizando a economia e intensificando, assim, a competição por mercados, mudando as feições do emprego. Segundo Peter Shweitzer, citado por Naomi Klein, "um produto é algo feito na fábrica; uma marca é algo comprado por um consumidor" (Klein, 2002, p. 219). Ou seja, visando a um valor final mais competitivo, as empresas passaram a concentrar seus gastos em uma política de marca diretamente voltada a angariar o desejo do consumidor[27] e eliminar ao máximo as preocupações com a "parte suja" do processo industrial, qual seja a fábrica, com máquinas que se desgastam, e com empregados que adoecem e acabam morrendo (Hector Liang, ex-diretor do Conselho United Biscuit, apud Klein, 2002, p. 220). Segundo Naomi Klein, em 1990,

> Empresas que tradicionalmente ficavam satisfeitas com uma margem de 100 por cento entre o custo de fabricação e o preço no varejo têm atravessado o globo em busca de fábricas que possam fazer seus produtos a preços tão baixos que a margem fique mais próxima de 400 por cento. (...) Quando o processo de fabricação real é tão desvalorizado, logicamente é mais provável que as pessoas que fazem o trabalho de produção sejam tratadas como lixo – coisas das quais você pode se livrar. (Klein, 2002, p. 220-221)

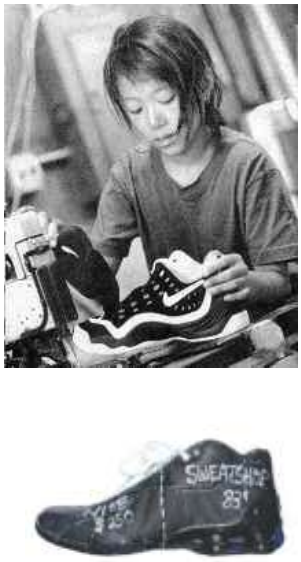


Figura 17. Menina trabalhando na *sweatshop* da Nike e imagem da campanha da Adbusters contra a Nike. A Adbusters Media Foundation é uma organização não-governamental, com sede no Canadá, que se dedica a atacar as grandes corporações acessando as mesmas armas por elas utilizadas, visando a atingir as sociedades e culturas do mundo inteiro.

A Nike foi a empresa que primeiramente apostou na gestão de marca, terceirizando sua produção e se desresponsabilizando pela força de trabalho empregada na confecção de seus produtos. A fim de reunir fundos suficientes para criar demandas de consumo através da política de *branding*, fechou uma fábrica na Califórnia e contratou fabricantes na Coréia do Sul. Seu exemplo foi seguido pela Adidas, que fechou fábricas na Alemanha e transferiu a produção para empresas asiáticas, economizando seu dinheiro para "cativar o coração de adolescentes globais": "Fechamos tudo. Mantivemos apenas uma pequena fábrica que é nosso centro de tecnologia global e é responsável por cerca de 1% da produção total", disse o porta-voz da Adidas, Peter Osanadi, sobre o que então passou-se a considerar uma mera "reorganização estratégica" (Klein, 2002, p. 222).

Quando anteriormente falamos aqui sobre o liberalismo e a indústria têxtil inglesa, citamos o trabalho escravo e a exploração do operariado. Marx partiu em defesa do operariado e a escravatura teve "fim" na passagem do séc. XIX para o séc. XX. Mas assim como o neoliberalismo resgatou a preponderância do mercado sobre o Estado, potencializando-a, parece ter ampliado também o conceito da escravatura (com sua leitura atravessada da ideia de liberdade), estendendo-o para quem quer que necessite de algum alimento para manter-se em pé. E existem com fartura casos assim no cenário contemporâneo neolibe-

[27] *Branding* é uma política de marketing voltada para a fixação emocional de marcas, calcada na exaltação de atitudes previamente cooptadas das tendências sociais.

ral. Desta maneira, enquanto crianças dedicam-se a costurar pares de tênis em troca de frações de centavos, um jovem empresário, pertencente ao grupo daqueles "adolescentes globais", conquistado pela mensagem de encorajamento e "atitude" da empresa, tatua o logotipo da Nike em seu umbigo: "Acordo toda manhã, pulo para o chuveiro, olho para o símbolo e ele me sacode para o dia. É para me lembrar (...) de como tenho que agir, isto é, *Just do it*"[28]. Perturbador é o fato de que, diferentemente do cenário de informação pública do liberalismo, no qual os produtos guardavam sua inocência, a cena neoliberal edificou-se com o auxílio da democratização da informação proporcionada pelas tecnologias da comunicação, que disponibilizam fartamente dados que desnudam a correnteza das políticas de mercado — dados esses acessíveis exata e principalmente àqueles que dispõem de condições financeiras para consumir tais produtos.

À revelia de tudo isso, o tênis da Nike insiste em sua "inocência". Seus consumidores cativos argumentarão que ele é o mais confortável; que é caro, mas que seu preço "vale a pena"; que um par de tênis não pode portar em si toda a carga de responsabilidade pelas injustiças do mundo; que se formos pensar assim teremos que abrir mão de mais da metade dos produtos e sistemas que compõem nosso estilo de vida.

Parece mesmo que não se pode voltar atrás…

De volta ao universo feminino e a suas questões, de fato: com a praticidade das fraldas descartáveis, as mães libertaram-se de um tanque repleto de fraldas de tecido, difíceis de lavar, e, com a invenção do absorvente higiênico descartável, as mulheres libertaram-se dos transtornos e desconforto causados pelas regras mensais[29].

Diante de tudo o que vem acontecendo no mundo nos últimos anos, certeza maior do que "a de que não dá para voltar atrás" é a de que não dá para seguir em frente nos mesmos moldes, mesmo que estejamos cada vez mais atrelados às conquistas industriais e ocupados na luta pela sobrevivência, não podendo fugir de muitas regras opressivas de um sistema econômico e político que nos concede soberania para a tomada de decisão de consumo em lugar de cidadania (Stuart Hall apud Giddens, 2001, p. 21).

Embora o que até aqui foi brevemente exposto seja uma história de busca pela liberdade, no presente momento não se percebem posturas otimistas em relação à necessidade de mudança de mentalidade de consumo; elas no máximo

---

[28] Empresário da internet de 24 anos, Carmine Colletion, sobre sua decisão de tatuar o logo da Nike em seu umbigo, dezembro de 1977 (Klein, 2002, p. 76).

[29] A vida fértil de uma mulher corresponde ao tempo em que ela menstrua, cerca de 38 anos (dos 12 aos 50); se ela utilizar 10 absorventes higiênicos por mês, durante 456 meses (12 X 38), terão sido usados 4.560 absorventes — a seguir jogados no lixo. Em razão da poluição ambiental gerada apenas por esse produto, em todo o mundo vêm sendo concebidos absorventes reutilizáveis, como o *Abiosorvente*, desenvolvido por alunos e professores dos Departamentos de Geografia e Design da PUC-Rio. Mas cabe perguntar: de quantas mulheres é formado o grupo que optou por adotá-lo?

são apenas sinalizadoras dos problemas que a liberdade proporcionada pela cultura industrial vem causando em muitos casos. Porém, a inocência pretensamente guardada (ainda) na superfície das coisas materiais não é suficiente para nos isentar do contato direto com quadros sociais e ambientais extremamente preocupantes, para não dizer deprimentes e imobilizadores.

Nessa atmosfera surgem ideias e atitudes que visam a contemporizar a inevitabilidade dos intensos fluxos econômicos, tentando resgatar nosso interesse pela sociedade e o meio ambiente, ambos em ritmo acelerado de depredação. Nesse sentido, a Terceira Via, a ser abordada a seguir, surgiu como proposta, provocando ora grande controvérsia, ora descrédito (por apresentar-se como uma alternativa a partir da realidade neoliberal instalada).

Segundo Norberto Bobbio, a Terceira Via se constituiria como uma síntese, e não como uma média entre a direita e a esquerda[30], ao que Stuart Hall rebate:

> Na prática a política da terceira via foge do radicalismo, optando por uma posição de centro em qualquer questão. Defende uma "política sem adversários" e portanto termina por aceitar o mundo como ele é em vez de verdadeiramente procurar transformá-lo. (apud Giddens, 2001, p. 21)

Sugerindo ser possível a associação entre a solidariedade social e o dinamismo da economia, a Terceira Via deseja reviver os ideais do socialismo, propondo-se a reduzir as desigualdades e a valorizar a sociedade civil, reconhecendo a globalização. Ela busca condições sociais igualitárias e defende a igualdade de oportunidades, no que se aparenta ao neoliberalismo, priorizando, porém, o respeito ao pluralismo social e à diversidade de estilos de vida, numa crítica à social democracia (Giddens, 2001, p. 90).

Fatos graves relativos a tragédias ambientais, guerras e violações dos direitos humanos vêm, há longo tempo, provocando o engajamento de membros da sociedade civil em organizações independentes, como a Cruz Vermelha e a Anistia Internacional, cuja constituição foi motivada pelas conseqüências das guerras mundiais. O advento da rede mundial de computadores propiciou imenso incremento a essas relações, consolidando uma via para alcance de representatividade pela sociedade civil. Em 1999, durante o conflito do Kosovo, um debate sobre a política da Terceira Via reuniu líderes de países europeus com Bill Clinton em Washington. Durante o encontro, Winn Kok, então primeiro-ministro holandês, afirmou: "atualmente (...) não é suficiente que as pessoas sejam protegidas pelo governo: elas 'também devem sentir a urgência da responsabilidade' para que 'tenham direitos, mas também obrigações'". Narrando o acontecido, Anthony Giddens (p. 15) afirma que as mudanças sociais e tecnológicas devem acarretar nos governos a atitude de outorgar poderes.

Entretanto, a interligação da sociedade civil global, em sua diversidade cultural, desvelou uma identidade comum capaz de gerar movimentos políticos

---

[30] Anotações de aula. Seminário Norberto Bobbio: "Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política". Disciplina "Teoria política contemporânea". PUC-Rio. 2006.

expressivos, denominados movimentos altermundialistas: a oposição à globalização neoliberal.

Seu marco inicial foi a Batalha de Seattle, em 1999, quando 40 mil manifestantes arregimentaram-se pela Internet e minaram a Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio. Seguiram-se daí a prática de marcar presença em reuniões de países ou instituições representantes da política neoliberal e a inauguração de um fórum global para a sociedade civil, o Fórum Social Mundial, com encontros anuais sediados em países sistematicamente excluídos das grandes decisões econômicas, como Brasil, Índia, Venezuela, Mali e Paquistão.

Objetivando traduzir o ideário de uma agência da transformação social, o lema "Um outro mundo é possível" agrega a diversidade de posições e de opiniões e, portanto, não detém uma proposta única. Inova, entretanto, em considerar e absorver a reconfiguração do espaço social e as identidades desterritorializadas daí resultantes, dando voz a um manancial de modelos ousados e protegendo sua autonomia de manifestação.

A contar também pelo poder de arregimentação que tais movimentos puderam alcançar por ocasião da tentativa de interdição da guerra do Iraque, quando manifestações populares praticamente simultâneas lotaram as ruas de diversos países, há que se considerar ao menos dois méritos em seu favor: expressiva parcela da sociedade civil saiu da passividade a que estava condenada e encontra hoje veias por onde canalizar sua indignação; inicia-se um processo de deslegitimação de idéias até então vencedoras, como as que tantas vezes justificaram medidas políticas e econômicas de efeitos questionáveis em nome da liberdade[31].

Para tratar a questão da liberdade no âmbito da produção industrial, percebe-se, entretanto, a necessidade de estudar dois outros conceitos a ele histórica e conceitualmente conectados: o progresso e o desenvolvimento.

2.3.2 Produção industrial como progresso

Para o consumidor é corrente admitir as novidades promovidas pela indústria como expressão do progresso. Os produtos traduzem o progresso científico, tecnológico, comportamental das sociedades e sua posse tende a simbolizar também progresso pessoal para quem os adquire. O "novo" tende a concentrar atributos incontestáveis de "melhor", até que outra novidade o supere, numa escalada sem fim. Mas será um liquidificador atual melhor do que outro de 50 anos atrás? Houve progresso efetivo em seu design, em sua estrutura de funcionamento, nos materiais empregados, nos procedimentos necessários para o seu uso? Caso isso tenha ocorrido, daqui a 50 anos teremos um liquidificador tão melhor que o de hoje? E quando atingiremos a perfeição? Até lá, quantos liquidificadores teremos possuído?

---

[31] Todo o trecho sobre os movimentos tem como fonte anotações de aula. Seminário "Movimentos altermundialistas e o Fórum Social Mundial", apresentado por Ana Cristina Frias, Diana Aguiar e Rayne Ferretti e debatido pela turma e pelo professor José Maria Gomez. Disciplina "Teoria política contemporânea". PUC-Rio. 2006.

Já foi visto que projetar a obsolescência, estilística e/ou funcionalmente, representa estratégia estrutural para a manutenção da economia capitalista. Assim, pode-se dizer que o liquidificador atual é análogo ou "pior" do que outro de 50 anos atrás e que se parecerá muito com o de daqui a 50 anos. Fazendo uso da razão, muitos consumidores têm plena consciência disso e constatam maiores níveis de qualidade em produtos antigos. No caso dos eletrônicos, por exemplo, se a versão traz vantagens em relação à mecânica, ela também exige diferente destreza para o seu manuseio e acarreta necessidades de manutenção cada vez mais distantes do domínio de conhecimentos de seu usuário.

O fato é que *novo* não equivale a *melhor*, e incontáveis vezes é flagrantemente *pior*. Tal constatação conduz à necessidade de entender as origens do conceito de *progresso* e os motivos que o levaram a tornar-se o adjetivo preferencial para qualificar a produção industrial.

Gilberto Dupas desenvolve a ideia de que o progresso é um mito construído pela civilização e de que esse mito ganhou corpo de ideologia:

> No alvorecer do século XXI, o paradoxo está em toda parte. O saber científico conjuga-se à técnica e, combinados — a serviço de um sistema capitalista hegemônico —, não cessam de surpreender e revolucionar o estilo de vida humano. Mas esse modelo vencedor exibe fissuras e fraturas; percebe-se, cada vez com mais clareza e perplexidade, que suas construções são revogáveis e que seus efeitos podem ser muito perversos. A capacidade de produzir mais e melhor não cessa de crescer e assume plenamente a assunção de progresso; mas esse progresso, ato de fé secular, traz também consigo exclusão, concentração de renda e subdesenvolvimento (2006, p. 11).

Não estamos nos tornando uma sociedade melhor e mais justa. De acordo com o autor, o presidente Truman, reconhecidamente um líder humanista, determinou a destruição de Hiroshima e Nagasaki pelas armas atômicas; a Guerra Fria manteve a humanidade entre a paz e um embate nuclear iminente durante muitos anos; em atitude dita preventiva, o país líder em processos tecnológicos invadiu o Iraque, dizimando milhares de pessoas e tendo seus jovens soldados sacrificados também; a microbiologia e a genética se esgueiram por caminhos perturbadores, desencadeando dilemas éticos e morais e muitos possíveis perigos irremediáveis para a espécie; ações humanas estão minando o equilíbrio natural do planeta (p. 12).

Ideias são aceitas ou rejeitadas não por serem verdadeiras ou falsas, mas por serem consideradas adequadas ou não para descrever algo em que temporariamente se acredita. *Progresso* é dessas ideias-força que podem estar em uma ou outra das categorias mencionadas, dependendo de serem vistas como resultado de uma ação coletiva dos homens ou encaradas como um processo inexorável (Dupas, 2006, p. 30).

A fim de compreender um pouco melhor esse conceito, vale percorrer o trabalho de Dupas no livro *O mito do progresso*, em sua busca pelo entendimento da gênese da ideia de progresso.

Os gregos percebiam a história como uma ininterrupta sucessão de períodos de decadência e esplendor. Para Epicuro, a civilização humana era fruto da aplicação da inteligência, marcada por conquistas tecnológicas tais como o descobrimento do fogo, a utilização de metais, o desenvolvimento da linguagem, da navegação, das artes, da família e da ordem social.

No pensamento cristão, Santo Agostinho desenvolveu a ideia globalizadora de unidade na humanidade, como se ela tivesse infância, adolescência e maturidade. Dividiu a história em seis períodos, de Adão até Cristo, delimitando seus níveis de progresso. Como em sua tese o futuro caberia à providência divina, isso bloqueava a possibilidade de uma sequência para o progresso além de Cristo. Então Roger Bacon (séc. XIII), frade franciscano, quebrando o conservadorismo doutrinário da Igreja, argumentou em favor da utilidade da ciência, defendendo que a matemática, a astronomia, a física e a química seriam saberes essenciais ao estudo da teologia.

Embora por alguns séculos as mentalidades ocidentais tenham se mantido sob a égide de pensadores fatalistas como Maquiavel — que delegava à sorte, ao acaso e à fortuna os destinos humanos —, ao final do Renascimento a ideia de progresso iniciou seu retorno. No século XVII, Jean Bodin sublinhava o aprendizado gradual da espécie humana e, embora "reconhecesse" que tudo faz parte de um plano divino, reconhecia também a história como dependente das decisões dos homens:

> Homens estavam espalhados como animais nos campos e bosques e tinham somente aquilo que poderiam ter e manter pela força e pelo crime, até que gradualmente eles fossem levados da ferocidade e barbaridade ao refinamento dos costumes e da sociedade amparada pela lei em que nos encontramos. (Bodin apud Dupas, 2006, p. 38)

Para Francis Bacon, contemporâneo de Bodin, a Sabedoria era irmã do Tempo, pensamento justificável em uma época em que foram dados os primeiros saltos tecnológicos com a invenção da imprensa, da pólvora e da bússola, fase também compartilhada por Descartes, que veio a conceber o cartesianismo, fundado na supremacia da razão e na invariabilidade das leis da natureza: lógica, raciocínio, rigor.

> Mas foi a popularização da ciência, um dos ícones daquele século [XVII], que marcou o sucesso definitivo de uma doutrina geral de progresso. O avanço da astronomia — com a perda do privilégio cósmico da Terra — e a necessidade de admitir que podemos não estar sós no universo tiveram uma profunda influência no pensamento humano. O destino universal do homem, defendido pela Igreja, sofreu forte abalo; restava-nos, perdidos na imensidão do universo, encontrar uma teoria menos grandiosa para iluminar nosso futuro de habitantes desse pequeno planeta. (apud Dupas, 2006, p. 40)

No século XVI, os puritanos haviam revolucionado as artes e as ciências, depositando no progresso sua fé religiosa, o que, de acordo com Weber, respaldou o nascimento do espírito capitalista. O progresso seria o meio pelo qual se

daria a volta de Cristo, mesmo que um cataclismo social precisasse ser enfrentado para a glória final. Isaac Newton (séc. XVIII) acreditava que o conhecimento de Deus se daria por intermédio da ciência, o que referendava o pensamento de Leibniz (séc. XVII), de que "devemos reconhecer um certo perpétuo e livre progresso de todo universo, pois ele está indo em frente, rumo à perfeição" (p. 41).

Nos séculos XVIII e XIX, o pensamento racionalista vinculou o avanço intelectual ao progresso da humanidade. O objetivo seria o aumento do conhecimento pela superação da ignorância, rumo à felicidade. Voltaire visualizava uma relação de causalidade entre os eventos e as motivações dos homens, e Montesquieu ocupava-se da reflexão sobre métodos legais para controle dos problemas sociais. Então Rousseau levantaria a bandeira da igualdade ao criticar o contraste entre opulência e miséria, convite à degradação. Assim, paralelamente ao conceito de progresso, emergiram as ideias de igualdade, justiça social e soberania popular.

Neste ponto do texto, Dupas faz a seguinte relação: se em Agostinho entendia-se a "Providência como progresso", e entre os puritanos reformistas o "progresso era a Providência", para Marx o progresso resultava do engenho humano, ou seja, a ciência não mais estava associada a Deus: "a partir daí (séc. XIX), os termos evolução, desenvolvimento e progresso passaram a ter o mesmo sentido, sempre associados à evolução tecnológica" (p. 43).

Chega-se então ao ponto referencial para a reflexão da produção industrial enquanto progresso. A Revolução Industrial gerava provas irrefutáveis da capacidade humana de inovar e propiciar crescimento econômico. Acreditava-se que o progresso conduziria à liberdade. Para o economista francês Turgot, a humanidade caminhava "vagarosamente, rumo à perfeição" e a liberdade estimularia a criatividade e o progresso. Condorcet (filósofo e matemático francês), ao dividir a trajetória humana em 10 períodos de evolução, imaginara que ao seu final, após a Revolução Francesa, a liberdade individual triunfaria, estabelecendo desse modo uma ligação entre o progresso do conhecimento e a ideia de progresso social. E os fundadores dos Estados Unidos da América, ligados ao puritanismo, acreditavam terem sido escolhidos por Deus para libertar o mundo da ignorância, numa concepção de "progresso-como-Providência", como atestam as palavras de Benjamin Franklin:

> Tanto tenho me impressionado com... o crescimento da felicidade da humanidade, dos avanços da filosofia, moral, política e, até mesmo... com a aquisição e invenção de novos instrumentos e utensílios que, às vezes, desejei ter sido meu destino nascer dois ou três séculos mais tarde. (p. 48)

Não há como desmerecer tais palavras. Exercícios simples nos fazem imaginar, hoje, como deve ter sido árduo escrever com pena de ganso e bílis de boi ao invés das práticas canetas esferográficas; ou como ter que utilizar pele de reses não nascidas para alcançar uma espessura de página apta às escrituras na frente e no verso; ou como não contar com a luz elétrica, com o telefone, com os meios de transporte modernos. Não há como negar que esse progresso liber-

tou o homem dos métodos antes empregados para os mesmos fins: a fogueira, o pombo correio, a caminhada, barcos ou cavalos.

Então Adam Smith colocaria nas mãos de cada indivíduo a responsabilidade pela melhoria de suas condições de vida, afirmando que o mercado funcionaria tanto melhor quanto menor fosse a interferência do Estado. Para ele, "o livre-comércio entre povos e nações seria de grande vantagem para todos e um elemento essencial de sua *ideia de progresso*" (Dupas, 2006, p. 48). Contra a intervenção dos governos clamava também Willian Goldwin, acusando-os como fonte de corrupção e partindo em defesa das massas oprimidas. Goldwin e Malthus respaldaram o surgimento do ideário socialista, ao qual passou a ser associado o conceito de progresso pelo trabalho de Saint-Simon na França e Robert Owen na Inglaterra: "se as instituições haviam sido responsáveis por criar o vício e a miséria, caberia mudá-las para que abolissem os monstros que criaram" (p. 49). Assim, segundo Dupas, eram firmadas duas linhas gerais sobre os conceitos de progresso: uma baseada nas doutrinas políticas do liberalismo, nas quais a evolução e o progresso da sociedade dependeriam da liberdade individual, e a dos socialistas, que afirmava a necessidade de invenção de um novo Estado para o desenvolvimento do homem.

A consolidação da ideia contemporânea de progresso ocorreu com a repercussão da publicação de *A origem das espécies*, de Charles Darwin, em 1859. O homem deixava de ser fruto da criação de Deus para ser visto como resultado da evolução do macaco. Tudo provinha de processos evolutivos.

Um novo vínculo estabeleceria a ligação entre progresso e poder na Alemanha, com um Estado-nação que incentivava e fornecia as condições para o progresso. Segundo Johann Gottfried Von Herder (final do séc. XVII/início do XIX), os homens avançariam em postos de conhecimento quando se dedicassem à nação. Mas para ele os alemães "representavam a vanguarda do progresso humano, e o Estado-nação a potencializaria", fenômeno de nacionalização de um conceito até então universal. Por tal viés, Hegel chegou a justificar a guerra por motivações étnicas e progressistas. E, no final do século XIX, Marx, crente no progresso inexorável da humanidade, defendeu o emprego do poder pela ditadura do proletariado até que o comunismo pudesse ser instaurado.

Entretanto, o advento das guerras mundiais propiciou a valorização de ideias até então menos disseminadas, como as de Tocqueville, Schopenhauer, Nietzche e Weber:

> O entusiasmo com que a juventude e as lideranças européias se entregaram à Primeira Guerra Mundial, como se se tratasse de um exercício de purificação civilizatória, foi sintomático de um profundo desarranjo nos padrões intelectuais durante o final do século XIX. Finalmente, a escalada nazista e a "solução final" acabaram sendo liquidadas com dois brutais ataques nucleares considerados, por muitos, desnecessários e cruéis. Tudo isso deu o tom de pessimismo às ideias de progresso que até então vigoravam. O fato é que passou-se a criticar, de modo geral, a divisão do trabalho, a quebra de instituições, o militarismo, o culto à tecnologia e o esquecimento da moral. (Dupas, 2006, p. 57)

Nessa correnteza, Hayek afirmou que a confiança depositada no progresso era um sinal de "mente rasa" e que, embora a massa populacional ainda acreditasse no progresso, entre os intelectuais indagava-se sobre a existência de "tal coisa" e, em caso afirmativo, se essa "coisa" seria desejável.

Walter Benjamin (sécs. XIX e XX) faria perturbadoras reflexões sobre o conceito de progresso em suas teses "Sobre o conceito de história". Segundo Dupas, ele era um crítico revolucionário da filosofia do progresso, tendo se dedicado a desconstruir esse discurso. Ao pregar "a interrupção de uma evolução histórica que levaria à catástrofe", indicando a urgência de um freio que evitasse o desastre, desferiu uma forte crítica cultural à civilização capitalista e defendeu a necessidade de haver uma contemplação do ponto de vista dos vencidos, e não dos vencedores, para a configuração da História (p. 59). Contra o discurso hegemônico do progresso, Benjamin lançava:

> Não sou daqueles que pretendem que o progresso seja óbvio, que a humanidade não possa recuar. Não há fatalidade, caso contrário a história da humanidade, que se escreve de hora em hora, seria toda escrita antecipadamente (tese XXI).

Para Michael Löwy, Benjamin deu uma eloqüente contribuição para o sentido de história ao demonstrar que as rotas de mão única escritas pelos que triunfaram não são inevitáveis como eles nos querem fazer acreditar. Assim, seguindo a teoria de Benjamin, poder-se-ia ter o domínio do ciclo atômico sem que a bomba nuclear fosse criada ou, mesmo que o fosse, ela não obrigatoriamente precisaria ter sido lançada sobre Hiroshima e Nagasaki. "Cada presente descortina a chance de muitos futuros possíveis" (Benjamin).

Freud entendia a condição humana naquilo que a diferenciava da animal, reconhecendo, portanto, que a ambição de controlar as forças da natureza e a extração de suas riquezas para aplacar necessidades — exigidas pelo progresso — era característica fundadora da espécie. Mas não localizava evidências de que progresso semelhante tivesse ocorrido com relação aos assuntos humanos.

A partir das ideias de Freud, e envolvido com o ideário da Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse (década de 1960) sinalizou que, por longo tempo, o conceito de progresso esteve ligado ao aumento do conhecimento e das capacidades humanas de dominar a natureza sem que houvesse preocupação suficiente com os valores que para tanto eram sacrificados. Como resultado, quando aquele progresso foi associado à lógica capitalista de produção, as riquezas geradas restringiram-se ao acúmulo de bens, acarretando o aumento da desigualdade social. Naquela fase, sob a égide capitalista, vigorava o conceito qualitativo de progresso, qual seja o de que, com o aumento da produtividade, cada vez mais homens se tornariam livres e a ampliação da liberdade aos poucos acabaria com a escravidão, a opressão e o sofrimento. Ou seja, a evolução técnica era pré-condição para o desenvolvimento humano. Marcuse apontava então que nesse cenário o trabalho teria se transformado no sentido principal da vida, independentemente de ele ser bom ou ruim. Aos talentos e necessidades humanas restavam os parcos instantes do lazer. A produtividade, como valor supre-

mo, era a rota para a liberdade, uma liberdade sem satisfação, infeliz. Então "a paz, a alegria e a felicidade seriam incompatíveis com o progresso? Frustração e sofrimento seriam estímulos necessários à construção da civilização?" (Dupas, 2006, p. 75) Para Marcuse, a sociedade industrial avançada se edifica sob essa estrutura de progresso, presa à razão, sempre adiando a felicidade, alienada para permanecer produtiva: "o tempo de vida seria o curto tempo livre" (p. 78).

Durante a Guerra Fria, Jürgen Habermas refletiu sobre "a transformação da ciência e da técnica em instrumentos ideológicos de um capitalismo que se afirmava definitivamente como hegemônico" (p. 80). Em seu livro *A técnica e a ciência como 'ideologia'*, de 1968, dizia que com as invenções do século XIX, a técnica e a ciência estabeleceram uma "relação de dependência recíproca", "cientificando" todo o saber e, por consequência, transformando a instituição universitária, colocando-a a serviço da produção de bens e serviços. De acordo com o autor:

> O modo de produção capitalista exige permanentemente a renovação das técnicas para operar seu conceito motor schumpeteriano de destruição criativa: ou seja, produtos novos a serem promovidos como objeto de desejo, sucateando cada vez mais rapidamente o produto anterior e mantendo a lógica de acumulação em curso. (p. 84)

Ao invés do estigma de repressora e dominadora, a lógica capitalista teria assumido um "manto" de racionalidade, trazendo o progresso técnico e científico conjugado à escalada do domínio da natureza, o que proporcionou às pessoas "condições de existência sempre mais confortáveis" nos anos de 1960 e 1970, com aumento de produtividade no trabalho.

> Foi só depois que o modo de produção capitalista dotou o sistema econômico de um mecanismo que assegurasse à produtividade do trabalho um crescimento contínuo — com exceção das crises — que a introdução contínua de inovações, novas tecnologias e estratégias foi institucionalizada. (p. 86)

Inquietante, embora coerente, é a colocação de Dupas acerca da ética. De acordo com o autor, as visões tradicionais de mundo e dos valores a elas relacionados foram perdendo seu poder nesse processo, sendo então "transformadas em éticas, crenças subjetivas que asseguram o caráter obrigatoriamente privado das orientações modernas em relação a valores" (p. 87). Uma fragmentação do que antes se pretendia íntegro e indivisível gerou, portanto, condutas específicas para cada grupo, condutas essas não necessariamente ligadas a valores gerais ou tradicionais, grave questão contemporânea.

Finalizando as considerações sobre a noção de progresso, Habermas conferiu à lógica do progresso científico e tecnológico a dinâmica de evolução do sistema social, alertando que a política, nessa conjuntura, reduz-se a atender às necessidades de funcionamento do sistema produtivo (p. 88). A partir do final dos anos de 1980, num processo de sustentação recíproca, o incremento do processo de globalização e as ideias neoliberais devolveram ao Estado o posto de *obstáculo para o progresso*. O neoliberalismo conseguiu resgatar então a

noção de progresso vinculada à liberdade — desta vez, a liberdade dos mercados globais, via positiva e promissora para o capital. O fenômeno foi auxiliado pela queda do muro de Berlin e pelo fim do império soviético, fazendo do capitalismo o novo discurso global hegemônico.

A partir daí verifica-se a complexa rede que cerca a noção de progresso instalada na cultura do consumo de bens materiais.

E aqui cabe uma questão: para a tendência contemporânea, que exige de todo profissional um mergulho em área específica de estudo, a busca pelo conhecimento do panorama que estrutura a atividade não constituiria um aprofundamento em conteúdo de interesse estrito do design, e, portanto, entendido como específico? A indagação pode, inclusive, ser feita com outro arranjo de fatores: o profissional alheio ao panorama que dá estrutura ao design terá consistência para realizar um mergulho em alguma área específica de estudo? Esse é um debate premente para a área.

Segundo Silvia Fernandez e Gui Bonsiepe, ao contrário do que enfatizam muitos dos discursos atuais, adaptados à lógica da especialização produtiva, "o design não pode ser tratado como um fenômeno cultural isolado, encerrado em si, mas como uma variável de processos sócio-econômicos e sócio-políticos" (Bonsiepe e Fernandez, 2009, p. 13). No livro *Historia del diseño em América Latina y el Caribe*, esses autores e organizadores demonstram que os países latinos, assim como muitos outros dos continentes africano e asiático, perseguem o progresso com vistas a atingir níveis de desenvolvimento que lhes faltam ainda hoje.

2.3.3 Progresso como desenvolvimento

Países desenvolvidos, em desenvolvimento e subdesenvolvidos: Primeiro, Segundo e Terceiro Mundos — tais denominações, ordenadas pela grandeza, referem-se às muito diferentes realidades encontradas em cada um desses "mundos".

De acordo com o economista José Benedito de Zarzuela Maia, o conceito de desenvolvimento econômico não está restrito a crescimento de produção. O conceito envolve, principalmente, "os aspectos qualitativos relacionados ao crescimento", quais sejam a redução da pobreza, a elevação dos salários e rendas, o aumento de produtividade no trabalho e sua distribuição, o aperfeiçoamento das condições de trabalho, melhoria das condições habitacionais, maior acesso à saúde e à educação, aumento do tempo de lazer, melhora da dieta alimentar, de transporte, segurança, baixos níveis de poluição, dentre outros[32]. Para o autor, a ideia do desenvolvimento econômico resulta de rupturas nos quadros econômicos instalados; e, como para romper esses quadros é necessário haver um capital acumulado que financie o processo, o desenvolvimento é próprio das economias capitalistas.

[32] MAIA, José Benedito de Zarzuela. Desenvolvimento econômico (verbete) *Dicionário de Direitos Humanos*. 31 de julho de 2006. Disponível em www.esmpu.gov.br/.../tiki-index.php?... Acesso em agosto de 2009.

A partir da Revolução Industrial, novas tecnologias proporcionaram o desenvolvimento dos países que hoje integram o Primeiro Mundo. Maia destaca a definição de Celso Furtado para o conceito:

> (desenvolvimento econômico é) um processo de mudança social pelo qual um número crescente de necessidades humanas — preexistentes ou criadas pela própria mudança — são satisfeitas através de uma diferenciação no sistema produtivo decorrente da introdução de inovações tecnológicas. (Furtado apud Maia, 1964, p. X)

As inovações tecnológicas estão, portanto, no cerne do desenvolvimento econômico, daí a complementaridade entre os conceitos de progresso e de desenvolvimento.

Procurando a gênese do conceito de desenvolvimento econômico, Maia localiza em François Quesnay (séc. XVIII, França) a ideia de que o desenvolvimento dependia do aumento da produtividade agrícola, única atividade produtiva da época. Tudo deveria girar em torno de poder proporcionar a venda da produção com geração de excedentes a serem investidos nas outras atividades econômicas. No século seguinte, a obra de Adam Smith reconheceria a atividade industrial como modo capacitado a também gerar valor, enfatizando a necessidade da acumulação de capital, mas adicionando questões como a produtividade da mão-de-obra (a ideia da divisão de trabalho) e a defesa da liberdade de atuação dos mercados, livres das intervenções governamentais.

Em 1817, David Ricardo se dedicou a estudar o problema causado pelas superpopulações urbanas resultantes do processo de industrialização. O fenômeno contrariava as perspectivas de desenvolvimento, num efeito paradoxal. O incentivo ao lazer e ao aumento das comodidades deveria ser então proporcionado à população, dado ser este o objetivo último do desenvolvimento. Marx, meio século depois, somou às ideias de Smith e Ricardo a consideração de que qualquer renda não resultante do trabalho se configuraria como exploração.

Em 1854, Augusto Comte publicou *Sistema de política positiva*, obra que exerceu enorme influência no mundo ocidental. Como as explicações teológicas e metafísicas para os fenômenos vinham perdendo consistência desde o século anterior, superstições, mitos e explicações religiosas foram substituídas pelo positivismo: a ideia de que a razão e a ciência têm capacidade de domínio total sobre a natureza, a produção de riquezas e a estrutura política. Um novo "projeto humano" foi então fundado sobre bases científicas consideradas sólidas, afetando a economia, a política e a ética,

> [...] condições para a implementação do ideal de progresso e desenvolvimento da humanidade, com base na razão e na vontade humana, no trabalho livre e esclarecido e no poder da técnica. [...] O positivismo no Ocidente impregnou

nossa cultura, determinando nossa maneira de pensar e lidar com a realidade, humana e social.[33]

Em 1911, Schumpeter publicaria na Alemanha o livro *Teoria do desenvolvimento econômico*, onde distinguia a noção estática da economia (fluxo regular da atividade) de sua noção dinâmica (a chegada de inovações tecnológicas que alteram o fluxo regular), sendo este último o fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico. Sua teoria delegou ao empresário e à sua atitude inovadora o papel motor do desenvolvimento, na medida em que propõe padrões mais eficientes de produção ou insere uma nova invenção/inovação tecnológica no processo industrial. Os consumidores, então, são "educados" a desejar novos produtos e a relegar versões antigas desses objetos, num fenômeno denominado "destruição criadora". Por tal razão, Schumpeter sinalizava a importância da concessão de crédito ao empreendedor, pois isso possibilitaria as inovações, o desenvolvimento econômico e o gradual desaparecimento dos problemas sociais. As inovações tecnológicas lançadas e transformadas em produtos, ao serem replicadas por outros empresários com pequenas singularizações, geram aumento de empregos, de oportunidades e de poder aquisitivo, ativando a economia. Quando tais inovações são incorporadas pelos hábitos de consumo, porém, ocorre uma diminuição nos investimentos e a taxa de crescimento da economia cai, provocando um período de recessão. Para Schumpeter, os ciclos econômicos — alternância entre períodos de prosperidade e recessão — caracterizariam a economia capitalista.

Keynes, seu contemporâneo, reagindo aos efeitos compulsórios dessa correnteza cíclica, defendeu a necessidade de intervenção do Estado como forma de conter a instabilidade dela decorrente. Seu pensamento exerceu grande influência sobre muitos países que vieram a adotar políticas monetárias e fiscais como recursos de controle econômico.

A partir dessas informações sobre o conceito de desenvolvimento, vale analisar — mesmo que de um ponto de vista leigo — o cenário econômico atual, com vistas a um maior entendimento das relações de comprometimento que se estabeleceram entre progresso e desenvolvimento. Em primeiro lugar, hoje é cada vez mais flagrante a prevalência daquele efeito paradoxal do desenvolvimento apontado por David Ricardo: a problemática das superpopulações urbanas desprovidas de níveis aceitáveis de qualidade de vida. Também flagrante é a exploração de muitos em detrimento de poucos, conforme a tese de Marx. Identificam-se resultados vivos das ideias positivistas de Comte nos preocupantes quadros ambientais, sociais e nos hábitos de consumo contemporâneos. Periodicamente, conforme tese de Schumpeter, confirma-se a característica cíclica da economia capitalista, com fases de prosperidade seguidas por recessões, e o quanto a "destruição criadora" pode potencializar os efeitos nefastos do controle da natureza pelo homem. Por fim, frequentemente se assiste às

[33] BRAGA, Osmar Rufino. *O ideal de progresso e desenvolvimento em Comte*: o sonho que virou pesadelo – Parte 5, Shvoong, resumos e revisões curtas. Disponível em pt.shvoong.com/.../1778443-ideal-progresso-desenvolvimento-em-comte/. 4 de março de 2008. Acesso em agosto de 2009.

tentativas dos governos em exercer algum controle sobre o fluxo da economia, como apontado por Keynes.

Embora os conceitos de progresso e desenvolvimento tenham diferenças na raiz, eles tendem a se mesclar e confundir. Idealmente, o progresso conduziria a sociedade diretamente ao desenvolvimento, mas o que se verificou é que as conseqüências do progresso são, em grande parte, geradoras de empecilhos à realização do desenvolvimento. Mesmo assim, para o senso comum, o sentido de desenvolvimento acaba equivocadamente amalgamado à ideia de progresso.

Pelo ponto de vista do design, se constata que essa atividade é plenamente capaz de gerar — por meio do projeto de produtos e sistemas — substancial colaboração para o aumento da qualidade de vida das pessoas e para a redução das desigualdades sociais, levando as inovações tecnológicas à sociedade como um todo, movimentando assim a economia capitalista e resultando em desenvolvimento. Mas o que se constata é que a engrenagem econômica faz com que isso se dê de forma segmentada, ou seja: um alto nível de qualidade em produtos dirigidos aos ricos e outro, muitíssimo aquém deste, nos destinados aos pobres. Produtos de luxo, produtos para a classe média alta, a média média, para a média baixa, sendo que o investimento em projetos já pressupõe custos que tendem a impossibilitar a dedicação do design a produtos populares, salvo por meio de incentivos do governo.

Prosseguindo com o raciocínio, existem, pois, camadas da população apartadas do acesso a produtos de qualidade, a transporte de qualidade, lazer, conforto. Excluídos e inconformados, alguns desses indivíduos podem obrigar-se a sacrifícios os mais diversos e outros podem valer-se inclusive de métodos ilícitos para obter produtos que, eles imaginam, têm o poder de incluí-los socialmente, conferindo-lhes status. Os métodos ilícitos incluem a violência sob as mais variadas formas. O objetivo é a posse forçada (o roubo de produtos) ou a compra dos melhores produtos (roubo de dinheiro para adquirir produtos), e a ambição sempre por mais posses tende a provocar a *flacidez moral*[34] que viabiliza a corrupção em qualquer setor da sociedade. O design projeta vários desses produtos ambicionados. Assim, o fruto do trabalho do design, em última análise, pode gerar, além de qualidade de vida, conforto e segurança, também violência e corrupção.

Violência e corrupção são entraves gravíssimos ao desenvolvimento e a tentativa de contenção tende a ficar exclusivamente a cargo do Estado, por intermédio de instrumentos de coerção como o policial e o legislativo. A pobreza precisa ser combatida, e, não, na leitura equivocada de desenvolvimento, ser considerada um efeito colateral do progresso e do desenvolvimento.

Fernandez e Bonsiepe trazem argumentos importantes para a discussão:

> Segundo a visão dos países hegemônicos, as economias latino-americanas estariam predestinadas a se limitar à exportação de *commodities* (matéria-prima

[34] Termo cunhado por João Ubaldo Ribeiro.

sem valor agregado, o que inclui o design). Escreve o economista Aldo Ferrer: 'A crescente brecha no conteúdo tecnológico e de valor agregado entre as importações e exportações revelou que a economia argentina retornava a uma estrutura produtiva fundada essencialmente na exploração de seus recursos naturais e cada vez mais distante de uma estrutura diversificada e complexa, inerente à dinâmica do desenvolvimento e à capacidade de participar nos segmentos mais dinâmicos do comércio internacional'. Esta caracterização não se limita à Argentina, mas vale em maior ou menor grau para todas as economias latino-americanas submetidas a um processo de subordinação a interesses que inibe um desenvolvimento com uma organização social menos polarizada, menos antagônica, com menos violência estrutural. (2009, p. 13-14)

Os países do chamado Terceiro Mundo encontram imensas dificuldades para escalar postos maiores de desenvolvimento. As desigualdades sociais ocasionam fluxos migratórios muitas vezes ilegais, bolsões de miséria, violência, corrupção nos próprios países e naqueles para onde acorrem os refugiados, e engessamento do poder público para a gestão de modelos sócio-econômicos desenvolvimentistas, o que tende a se desdobrar em constrangimentos políticos para essas sociedades perante o mundo, como o estigma de "países atrasados".

Com o objetivo central de combater a disseminação da pobreza, a ONU iniciou em 1990 uma rede global envolvendo governos, iniciativa privada e sociedade civil. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD

> [...] conecta (166) países a conhecimentos, experiências e recursos, ajudando pessoas a construir uma vida digna e trabalhando conjuntamente nas soluções traçadas pelos países-membros para fortalecer capacidades locais e proporcionar acesso a seus recursos humanos, técnicos e financeiros, à cooperação externa e à sua ampla rede de parceiros.[35]

No ano 2000, os 191 Estados-Membros das Nações Unidas assumiram o compromisso de até 2015 alcançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio[36]:

1. Erradicar a pobreza e a fome
2. Atingir o ensino básico universal
3. Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres
4. Reduzir a mortalidade infantil
5. Melhorar a saúde materna
6. Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças
7. Garantir a sustentabilidade ambiental
8. Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento

[35] Site oficial do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Conferir em www.pnud.org.br. Acesso em setembro de 2009.

[36] Site oficial dos Objetivos do Milênio. Conferir em www.objetivosdomilenio.org.br. Acesso em janeiro de 2010.

O PNUD quantifica o nível de desenvolvimento de um país utilizando o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, medida comparativa entre riqueza, educação e esperança média de vida[37]. A Islândia ocupa o primeiro lugar no ranking e Serra Leoa o 177º e último lugar da lista publicada em 2008. O Brasil ocupa a 70ª posição, considerada de "alto desenvolvimento".

Pontuados os conceitos de desenvolvimento e progresso, resta relacioná-los à ideia de *liberdade*, motor do sistema.

2.3.4 Progresso, desenvolvimento e liberdade

Não parece exagero dizer que a história da civilização humana é uma história de busca pela liberdade. Essa busca motiva as ações humanas tanto em revoluções e guerras quanto na construção das estruturas econômicas, políticas, ideológicas e sociais que as provocam/edificam, nas atitudes mais elementares dos indivíduos, enfim. O homem tem sede de liberdade — mas o que é liberdade? E de que forma ela se relaciona com o progresso e o desenvolvimento?

Muitas teses foram e ainda serão escritas sobre o tema, tal sua complexidade e vastidão. Certamente elas não são e não serão teses da área do design, mas o design pode do assunto se servir grandemente porque é também função dos produtos proporcionar liberdade — liberdade de executar ações que antes deles (ou da invenção das ferramentas) eram realizadas por meio de gestos e procedimentos hoje considerados prosaicos, como o de se alimentar com as mãos ao invés fazê-lo com a mediação de talheres.

Muitos pensadores podem ser acessados para o estudo da liberdade, mas aqui os esforços dirigem-se à compreensão do artigo "Dois conceitos de liberdade", do filósofo político britânico Isahiah Berlin, e somente a este texto, dado o distanciamento que a autora desta pesquisa tem com o tema. Como está expresso no título, o autor analisa a liberdade por diferentes ângulos, análise oportuna e estreitamente ligada aos objetivos desta parte de nossa pesquisa. Berlin inicia:

> Se os homens nunca discordassem sobre os objetivos da vida, se nossos ancestrais tivessem permanecido imperturbados no Jardim do Éden, os estudos [...] de *Teoria Política e Social* não poderiam ter sido concebidos. Pois esses estudos nascem e prosperam na discórdia. (Berlin, 2002, p. 226)

Ele observa que "quando há consenso sobre os fins, as únicas questões que restam se referem aos meios, e essas não são políticas, mas técnicas", aptas a serem solucionadas por especialistas ou máquinas. Tal é o problema daqueles que crêem na perfeita harmonia social, aponta Berlin, pois essa perspectiva utópica parte do princípio de que problemas políticos e morais podem ser transformados em meras questões tecnológicas. A insistência em tal materialismo tende a fazer com que as forças sociais permaneçam cegas e sem direção, quan-

[37] O IDH foi desenvolvido em 1998 pelo economista paquistanês Mahbub ul Haq, com a colaboração do economista indiano Amartya Sen.

do deveriam estar, isto sim, fundamentadas em ideias. Daí a necessidade de os movimentos e conflitos sociais serem compreendidos por intermédio das ideias neles envolvidas, o que lhes concede o estatuto fatos da história humana.

Para o autor, a questão que domina no mundo consiste da guerra entre dois sistemas de ideias que respondem diferente e conflitantemente ao problema central da política: obediência e coerção. Por que se deve obedecer a alguém? Por que não posso viver de acordo com a minha vontade? Deve-se obedecer? Em caso de desobediência, pode-se ser coagido? Coagido por quem, em que medida, em nome de quê e por quê? Os sistemas de ideias veem tais questões de maneiras opostas, mas partem da mesma afirmação: "coagir um homem é privá-lo da liberdade".

> Liberdade de quê? Quase todo moralista na história humana tem elogiado a liberdade. Como a felicidade e a bondade, como a natureza e a realidade, a liberdade é um termo cujo significado é tão poroso que não parece capaz de resistir a muitas das interpretações. Não proponho discutir a história dessa palavra protéica ou seus mais de duzentos sentidos registrados pelos historiadores de ideias. Proponho examinar não mais que duas de suas acepções — mas elas são centrais, com muita história humana atrás de si e, ouso dizer, ainda por acontecer. (p. 228-229)

O primeiro sentido político de liberdade é o negativo, e levanta a seguinte questão: o que determina que uma pessoa atue de determinada forma e que possa fazer o que quiser sem que os outros interfiram nessas decisões?

O segundo é o sentido positivo de liberdade: quem ou o quê pode estar dotado a definir o que se pode ser ou fazer?

A noção de liberdade negativa

Se ninguém interfere na minha vida, sou livre. Se alguém interfere, dependendo do grau em que isso é feito, sou coagido ou escravizado. Mas a incapacidade de alcançar um objetivo não configura falta de liberdade, como é o caso de alguém que não enxerga pelo fato de ser cego.

A falta de liberdade política se dá quando não consigo alcançar um objetivo devido a arranjos feitos por outras pessoas. Sou livre quando não sofro a interferência de outros. Mas essa ideia poderia levar ao caos social.

Ficou entendido, então, que a lei delimitaria a área livre de ação do homem. Pensadores libertários como Locke, Mill, Constant e Tocqueville viriam a supor a existência de uma "certa área mínima de liberdade pessoal que não deva ser violada de modo algum" (Berlin, 2002, p. 230-231). Isso exige a demarcação da fronteira que divide a área da vida privada da área da autoridade pública, que mais do que discutida, precisa ser regateada (na opinião de Berlin). Mas sem condições mínimas para o uso da liberdade, para o que ela há de servir? Qual o seu valor? Berlin aponta que um camponês, antes de precisar de sua liberdade pessoal, necessita de roupas e remédios. No entanto, a liberdade que

lhe é concedida pelo sistema é a mesma permitida a professores, artistas e milionários.

> O que perturba a consciência dos liberais ocidentais não é, a meu ver, a convicção de que a liberdade buscada pelos homens difere segundo suas condições sociais ou econômicas, mas a de que a minoria que a possui conquistou-a explorando ou, pelo menos, evitando contemplar a imensa maioria que não a tem. (p. 231)

Vem daí o conceito de justiça, de moralidade liberal: a igualdade de liberdade, ou seja, a convicção de que os outros não devem ser tratados de um modo que eu próprio não gostaria de ser. Citando o crítico russo Belinky, o autor desenvolve: "se outros devem ser privados de liberdade, então não a desejo para mim". A fim de evitar isso, abro mão da minha liberdade: renuncio à minha liberdade em prol da justiça. Mas sacrifício não é aumento de liberdade, o que permite concluir que liberdade é diferente de igualdade, justiça ou consciência tranqüila.

> Se a liberdade de minha nação depende da desgraça de outros seres humanos, o sistema que promove tal coisa é injusto e imoral. Mas se abro mão de minha liberdade (ou a restrinjo para diminuir a vergonha dessa desigualdade), não aumento com isso materialmente a liberdade individual de outros, e ocorre uma perda absoluta de liberdade. (p. 232)

Este é o ponto propício para trazer a discussão ao âmbito do design.

Em alguns países, profissionais e estudantes se dedicam a projetar soluções para acomodar populações de rua, abrigos que as protejam do frio, da chuva etc., como se pode ver na figura a seguir.

Figura 18. Urban Nomad Shelter inflatable, projetado pelos designers norte-americanos Cameron McNall e Damon Seeley. 2004.

O que os move, eles explicam, é o senso de justiça. Mas cabe a pergunta: ao oferecer a *homelesses* tais abrigos, esses profissionais não estarão politicamente contribuindo para a institucionalização da situação, ou seja, demonstrando concordância com o fato de que pessoas possam morar nas ruas? Afinal, a liberdade individual dessa população não será aumentada; os abrigos diminuirão a liberdade dos pedestres, mantendo o constrangimento que sentiriam ao passar pelas calçadas e se deparar com mendigos. Provavelmente haverá o que Berlin aponta como "perda absoluta de liberdade", mesmo que os moradores de rua se sintam relativamente mais protegidos e que, em alguma medida, sentimentos de culpa dos passantes ou dos projetistas sejam expiados. O abrigo denota sinais

de progresso para os sem-teto, proporcionando-lhes proteção relativa, aquecimento e até mesmo alguma privacidade, mas parece se tratar de um "progresso" que os condena ao não-desenvolvimento. Excluídos das benesses cidadãs e econômicas, podemos pensar que sua situação é consequência negativa da escalada do progresso e um sinal flagrante de níveis inaceitáveis de desenvolvimento e de liberdade.

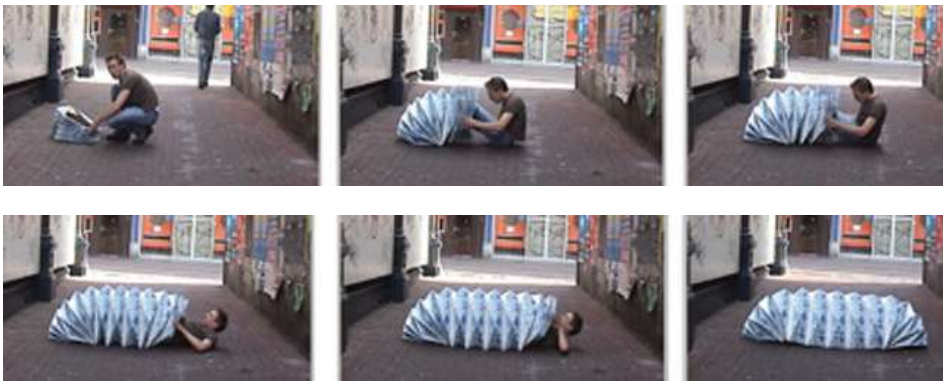


Figura 19. A partir de sobras de impressão de embalagens de leite, o designer holandês Daniel Schipper projetou um abrigo para moradores de rua empregando a técnica do origami.

Benjamin Constant, grande defensor da liberdade e da privacidade, declarou que as liberdades de religião, opinião, expressão e propriedade são o grupo mínimo de liberdades a ser garantido. Dentre os pensadores que se dedicaram ao assunto, o argumento para manter a autoridade em xeque é sempre o mesmo: um mínimo de liberdade pessoal é indispensável para não "degradar ou negar nossa natureza" (Berlin, 2002, p. 233). Mas qual deve ser esse mínimo? Mill defendia que a única liberdade que merece ser assim chamada é aquela que nos permite buscar o nosso bem à nossa maneira, mesmo que para tanto seja necessário coagir o outro. E advogava:

> A menos que o indivíduo tenha permissão de viver como deseja na 'parte (da sua conduta) que interessa unicamente a si mesmo', a civilização não pode progredir; por falta de um livre mercado de ideias, a verdade não virá à luz; não haverá oportunidades para a espontaneidade, a originalidade, o gênio, a energia mental, a coragem moral. A sociedade será esmagada pelo peso da 'mediocridade coletiva. (Mill apud Berlin, 2002, p. 234)

Do trecho acima, pode-se destacar que a liberdade pessoal, então, seria indispensável para o progresso da civilização, vinculação importante para esta discussão. Mas procurando exemplificar também esse caso com projetos de design (ou fenômenos que envolvem bens de consumo), vale a tentativa de aplicar o raciocínio de Mill à máscara cirúrgica da Hello Kitty produzida para convencer crianças a protegerem-se do vírus da gripe asiática, identificada em Beijing e catalogada na exposição "Safe: design takes on risk", Moma, NY, 2005.

Figura 20. Hello Kitty SARS Mask . 2003.

Quando a gripe asiática (SARS) foi deflagrada, em 2003, uma lei se impôs: o uso obrigatório de máscaras cirúrgicas como prevenção de contágio. Essa lei bloqueou a liberdade individual da opção por usá-la ou não. Mas terá sido a

máscara com a Hello Kitty um sinal de "mediocridade" ou um recurso pragmático e potencialmente eficaz de convencimento à proteção, ou seja, à liberdade de tentar fazer com que a criança desfrutasse da liberdade de tentar não ser infectada?

Rebatendo as colocações de Mill, James Stephen, no livro Liberty, equality, fraternity, sinaliza a existência de evidências históricas que comprovam que "a integridade, o amor à verdade e o individualismo inflamado crescem tanto em comunidades de disciplina severa ou sob a disciplina militar, quanto em sociedades tolerantes ou indiferentes", o que faz cair por terra a ideia de que o progresso do gênio humano depende da liberdade. Além disso, afirma Berlin, um déspota de mente liberal pode conceder aos seus súditos uma grande liberdade pessoal. Ele pode ser injusto, encorajar desigualdades, mas, desde que não reprima a liberdade dos súditos, ele satisfaz a especificação de Mill. Assim, "não há nenhuma ligação necessária entre a liberdade individual e a regra democrática" (Berlin, 2002, p. 236)[38].

A diferença entre a liberdade negativa e a positiva reside então nas diferentes respostas a serem dadas às seguintes perguntas: "Quem me governa" e "Até que ponto o governo interfere na minha vida". A concepção negativa é a libertação de; a positiva, a libertação para.

A noção de liberdade positiva

Prosseguindo com a leitura sobre a noção de liberdade em Berlin, o sentido positivo vem "do desejo que o indivíduo nutre de ser seu próprio senhor". Desejo de ser um agente, com poder de decisão, e não permitindo que outros decidam por mim. Sou guiado por mim mesmo, e não por um outro, que o faria como se eu fosse incapaz de conceber metas e políticas próprias e de realizá-las. Tenho a razão, tenho a vontade, sou responsável por minhas escolhas (p. 236-237).

Essa "metáfora do autodomínio" pode ter sido inofensiva de início. Se sou meu próprio senhor, não sou escravo de nenhum homem. Mas ser escravo da natureza, ou de minhas paixões desenfreadas não é ser escravo? Então essa minha natureza "mais baixa" precisa ser disciplinada — por meio da razão — para que atinja a altura de sua "natureza real". Em termos coletivos, portanto, a natureza "mais baixa" dos outros precisa também atingir o mesmo estágio.

> Os perigos de se usarem metáforas orgânicas para justificar a coerção de alguns homens por outros, a fim de alçá-los a um nível 'mais elevado' de liberdade, têm sido frequentemente apontados. Mas o que confere a esse tipo de linguagem sua plausibilidade é o fato de que reconhecemos ser possível, e às vezes justificável, coagir os homens em nome de alguma meta (vamos dizer a justiça

[38] Vale dizer que esta é uma afirmação de Berlin, aqui apresentada como um raciocínio coerente, do qual esta autora não pretende concordar ou dele discordar. Aliás, quando fui apresentada ao autor, nas aulas de Teoria Política Contemporânea, me surpreendi muito ao ouvir meus colegas de turma fazerem fortes críticas a ideias que eu, como designer, tendia a simplesmente acatar.

ou a saúde pública) que eles próprios buscariam atingir se fossem mais esclarecidos, mas que não o fazem porque são cegos, ignorantes ou corruptos. Isso torna fácil que eu me imagine coagindo outros para o bem deles, no interesse deles, e não no meu. Estou assim afirmando que sei, mais do que eles próprios, do que eles verdadeiramente precisam.

> Uma vez adotada essa visão, estou em posição de ignorar os desejos reais dos homens ou das sociedades, de amedrontá-los, oprimi-los, torturá-los em nome e no interesse de seus eus "reais" (aqueles que seriam revelados pela disciplina), com base no conhecimento seguro de que tudo o que é a verdadeira meta do homem (a felicidade, o desempenho do dever, a sabedoria, uma sociedade justa, a auto-realização) deve ser idêntico à sua liberdade — a escolha livre de seu eu "verdadeiro" (aquele revelado pela disciplina), ainda que frequentemente submerso e inarticulado. (Berlin, 2002, p. 238)

O holocausto judeu pode exemplificar as palavras de Berlin. A sociedade alemã sentia-se vítima da opressão (supressão de liberdades) econômica, com todas as consequências políticas e sociais que disso podiam advir. Em defesa (ou, mais propriamente *em nome*) da liberdade, o partido nazista lançou uma campanha de convencimento popular cujo lema era o extermínio daqueles que, do ponto de vista antissemita, tolhiam as liberdades do povo ariano. Ou seja, os nazistas suprimiram mais de seis milhões de vidas na Europa em nome do progresso, do desenvolvimento e da liberdade.

Buscando esclarecer a questão, Berlin raciocina: uma coisa é aceitar que posso ser coagido para o meu bem. Outra muito diferente é pensar que, se é para o meu bem, não estou sendo coagido, permanecendo livre, pois o que os outros procuram é impor a mim a minha vontade "real" (aquela que ainda não atingi por despreparo). Isso vem demonstrar que as concepções de liberdade provêm das visões que o eu pode assumir. E assim se torna possível "fazer com que a liberdade signifique qualquer coisa que o manipulador deseje".

Chega-se então à figura do manipulador, aquele que bondosamente nos dirá o que desejamos ouvir, abrindo-nos o caminho para o que nosso eu "real" (ainda submerso) objetivaria caso estivéssemos de posse de um nível "mais elevado" de liberdade. Chega-se ao mercado, à publicidade e ao consumo.

Figura 21. "Liberdade é uma calça velha/ azul e desbotada/ que você pode usar/ do jeito que quiser /só não usa quem não quer/ USTOooP/ desbota e perde o vinco/ e tem índigo blues/ USTOooP/ seu jeito de viver".

Há um par de perguntas que, quando feitas hoje às pessoas (mais especificamente a alunos de design) suscita grande discussão: O mercado de bens de consumo nos oferece aquilo que desejamos, adivinhando nossas necessidades? Ou ele nos faz desejar e mesmo necessitar dos produtos que nos oferece?

Os que respondem afirmativamente à primeira indagação parecem ter acatado a ideia de que o mercado (o manipulador) sabe mais sobre a nossa liberdade do que nós mesmos, proporcionando às pessoas aquilo que desejariam caso tivessem disciplinado sua "vontade real". No entanto, aqueles que acreditam que o que ocorre é o processo inverso — o mercado nos fazendo desejar o que produz — também se submetem à ideia positiva de liberdade, porque, ao consumir, continuam obedecendo ao manipulador, embora se coloquem criticamente diante da questão quando arguidos. A diferença existente entre os dois grupos é que o primeiro desfruta de um grau maior de liberdade (mesmo que isso seja uma ilusão) e o segundo percebe haver níveis de manipulação nesse processo, para além de sua capacidade de controle ou escolha.

Para conviver com a falta de liberdade, diante do consumo e dos procedimentos que o viabilizam, assumimos posturas que podem ser compreendidas com o prosseguimento da leitura do texto de Berlin, que afirma ter o "eu" assumido, historicamente, duas formas de sentir seu desejo sendo guiado por si mesmo: a *abnegação* para alcançar a independência e a *total auto-identificação* "com um princípio ou ideal específico para alcançar o mesmo fim" (Berlin, 2002, p. 240).

No caso da abnegação, o indivíduo escolhe se libertar dos desejos que não pode concretizar, evitando a derrota e a perda e decidindo, assim, não lutar por nada que não se considere seguro a obter. É possível fazer uma relação entre esta descrição e a apatia que imobiliza muitas vezes os cidadãos perante a política. Alcançar respostas rápidas e substanciais do mercado se revela mais viável do que atingi-las por intermédio de uma relação com as instituições. Então o ato de consumo pode ser lido como um exercício de liberdade — mesmo que esquizofrênico — decorrente da postura de abnegação aos empecilhos que atravancariam a realização de um ato político.

No caso da auto-realização, o indivíduo entende que "o uso da razão crítica, a compreensão do que é necessário e do que é contingente", é a única forma verdadeira de alcançar a liberdade. Desobedecer a tais princípios seria, portanto, uma atitude ignorante e irracional. Para deixar o conceito mais claro, Berlin explica que um músico precisa se submeter ao aprendizado da teoria musical para que possa ler a partitura e, então, executar a obra de maneira livre.

Analisando a questão pelo ponto de vista do design, podemos fazer uma analogia entre a partitura e diversos sistemas instaurados no ambiente urbano que vêm sendo "compreendidos" e seguidos quase que cegamente, embora tenham sido projetados justamente para tolher a liberdade, como é o caso das roletas dos ônibus ou das portas giratórias na entrada dos bancos. A designer Vera Damazio, em suas aulas, afirma que esses sistemas partem da premissa de que o usuário pretende fugir da obrigação de pagar a passagem do transporte

Figura 22. Roleta de ônibus e porta giratória para ingresso em bancos, sistemas que partem das premissas de que o usuário não pagará a passagem e assaltará o banco.

coletivo ou que transporta objetos suspeitos a serem empregados em um assalto. Ou seja, alguns produtos nos tratam como se fôssemos todos bandidos, mas acabamos por absorvê-los culturalmente da maneira como eles são, pois concluímos que, após ultrapassar tais barreiras, adquirimos a liberdade de viajar ou de transitar por esses espaços.

O progresso, o desenvolvimento e a liberdade são conceitos complexos e relativos que se encadeiam em significados muitas vezes equivocados, podendo mesmo ser entendidos como sinônimos de um estado evolutivo de claros contornos, livre de ruídos. Sua interferência na conformação política, econômica e social dos cenários que subsidiaram e ainda mantêm o design como atividade é estrutural para o entendimento do que somos e do papel que exercemos no mundo.

Daí o conteúdo do próximo capítulo: povoar o panorama teórico aqui traçado com fatos demonstrativos dos efeitos analisados. No caso, dos efeitos da mamadeira e dos frutos do trabalho do design sobre a realidade.

3
Reflexão profissional, avanço científico e ação social questionando a escalada industrial

A observação dos efeitos provocados pelos produtos e seus processos de produção sobre a sociedade é uma das funções das pessoas que os concebem e daqueles que aconselham seu uso. A pesquisa é o instrumento para esta verificação. A ação social é muitas vezes o meio de clamar pela implantação de novas condutas, alertando a sociedade — em sua defesa — sobre as mudanças identificadas por essas pesquisas.

3.1
Motivos para a reversão do paradigma científico com relação à alimentação artificial de bebês

Figura 23. Dra. Cicely Williams, autora do artigo "Leite e homicídios".

Em 1939 ocorreu o primeiro alerta sobre as consequências danosas da alimentação com mamadeira e leite condensado, no Rotary Club de Cingapura, na palestra "Leite e homicídios", da Dra. Cicely Williams. Na ocasião, Williams sugeriu que "a propaganda enganosa sobre alimentação infantil" deveria "ser castigada como o mais criminoso tipo de sedição, e as mortes reconhecidas como assassinato". A partir daí, uma sequência de trabalhos discutiu a relação entre a prática de comercialização de alimentos infantis e o declínio dos índices de amamentação ao seio.

A organização caritativa britânica War on Want trabalhava em prol do suprimento de alimentos e outros produtos a países do chamado Terceiro Mundo. Diante das notícias de que o leite em pó (que a organização arrecadava e distribuía àquelas populações) estava sendo seriamente condenado pelo saber científico, a War on Want decidiu questionar os efeitos de seu próprio trabalho.

O relatório *The baby killer*, encomendado ao jornalista Mike Muller, publicado em 1974, denunciaria as conseqüências devastadoras da comercialização de fórmulas infantis e de seu veículo — a mamadeira — em países do Terceiro Mundo, entre populações tantas vezes desprovidas de acesso a condições de higiene, à água de qualidade e de capacidades mínimas financeiras para manter seu consumo. O relatório alcançou uma repercussão extraordinária. Vale destacar passagem do texto de abertura da publicação pelo impacto de seu conteúdo:

> Bebês do Terceiro Mundo estão morrendo porque suas mães os alimentam no estilo ocidental, com leites infantis em mamadeira. Muitos dos que não morrem entram num círculo vicioso de má nutrição e doença que os deixarão física e intelectualmente retardados pelo resto de suas vidas. O fato assustador é que esse sofrimento é evitável. O remédio está à disposição de todos, exceto

para uma pequena minoria de mães que não pode amamentar. Isso porque o leite materno é aceito por todos como o melhor alimento para qualquer bebê com menos de 6 meses.

Apesar de até a própria indústria de alimentos infantis concordar que isso é correto, um número cada vez maior de mães do Terceiro Mundo se está voltando para a alimentação artificial durante os primeiros meses de vida de seus bebês. Na miséria e pobreza das novas cidades da África, Ásia e América Latina, frequentemente a decisão é fatal.

A indústria de alimentos infantis é acusada de promover seus produtos em comunidades que não podem usá-los adequadamente, de usar propaganda, vendedoras em uniformes de enfermeiras, de distribuir amostras e donativos para persuadir as mães a abandonarem a amamentação. (Muller, 1995, p. 15)

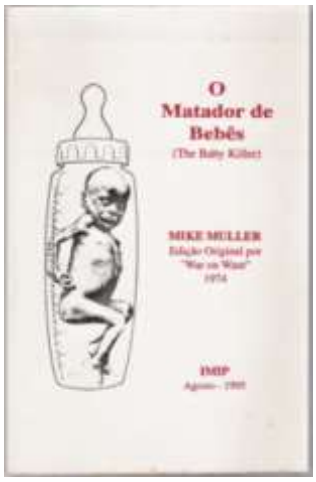


Figura 24. O relatório de Mike Muller.

Do vasto elenco de problemas desvelados pelo relatório constavam: a falta de condições sanitárias para o processo de higienização de mamadeiras; a dificuldade de acesso à água de qualidade para a hidratação do leite em pó; a falta de recursos para a aquisição de novas latas de leite, além das que haviam sido doadas; e o desmame precoce, provocado de maneira irreversível pelas estratégias das indústrias naquelas regiões. As consequências desse conjunto de problemas eram dramáticas: diarréia, desnutrição e morte.

Na introdução, o relatório esclarecia que seu objetivo não era "provar que os leites infantis matam bebês. Em condições ótimas, com preparação e higiene apropriadas, eles podem ser um alimento infantil perfeitamente adequado dos leites na maior parte do Terceiro Mundo fazia com que os leites artificiais pudessem ser de fato classificados como assassinos.

O texto também deixava claro que seu objetivo não era provar ser de exclusiva responsabilidade da indústria de alimentos infantis o quadro que denunciava. O modo de vida "civilizado" envolvia complexos fatores que conduziam as sociedades a adotar comodidades "modernas", coerentes com o fenômeno de urbanização.

Para fornecer uma perspectiva do problema, Muller demonstrava a estreita relação entre desmame precoce e doença associada à adoção de substitutos do leite humano. "Há muitas evidências de que a diarreia é mais frequente e séria nos mal nutridos do que em bebês e crianças bem nutridas, e que a diarreia favorece a má nutrição, porque reduz a ingestão e absorção do alimento" (Muller, 1995, p. 18). O *Kwashiorkor* (má nutrição aguda) é muitas vezes verificado em crianças com menos de 12 meses de idade:

> Primeiro o aumento do peso do bebê se detém, depois começa a cair e a criança cada vez mais se parece com um pequeno velhinho atrofiado, condição conhecida como marasmo. Quando a nutrição da criança atinge esse estado, ela se torna mais suscetível à infecção, estabelecendo-se um círculo vicioso no qual ela se torna mais propensa a ter doença diarreica. [...] O marasmo (é o mal) que mais afeta à criança, e esta doença resulta do desmame precoce em condições precárias. (Muller, 1995, p. 19)

A situação de pobreza fazia também com que as mães, por falta de recursos financeiros para adquirir mais latas de leite em pó além das doadas, "esticassem" o leite, diluindo-o com até três vezes mais água do que o recomendado, para fazê-lo durar mais tempo. Nesses casos, o resultado era ainda mais grave do que com a infecção, pela ingestão insuficiente de proteínas e calorias.

O relatório constatava que, embora o leite materno não necessite ser misturado, esquentado ou esterilizado, estando permanentemente disponível e oferecendo alto nível de nutrição e defesa para a criança, perdia terreno para substitutos artificiais inferiores.

> No Chile, onde a queda (da amamentação) tem sido mais violenta, há 20 anos, 95% das crianças com 1 ano eram amamentadas. Agora, apenas 20% das crianças são amamentadas aos 2 meses. Mas o padrão é semelhante em muitas outras partes do mundo. (p. 20)

O decréscimo nas taxas de aleitamento chilenas fora, paradoxalmente, provocado por uma política de bem-estar social que distribuiu leite em pó gratuito para 85% da população.

Mas mesmo sem ações filantrópicas, um inquérito constatou que na Jamaica, à época da realização do relatório, 90% das mães adotavam a mamadeira para seus bebês antes de eles alcançarem os seis meses. Perguntadas sobre os motivos para tal conduta, 14% disseram terem sido orientadas por "enfermeiras" de companhias de leite ou terem recebido amostras de leites e mamadeiras quando ainda amamentavam, e 43% alegaram não ter leite suficiente. Muller então observou que as companhias de leite usavam com ênfase a seguinte frase "quando o leite materno não é suficiente" (p. 23). O caso a seguir ilustra as técnicas empregadas pelas companhias:

> Uma nova mãe, em um país em desenvolvimento, que por acaso era casada com um especialista em nutrição infantil, teve um interesse profissional na estratégia de vendas de uma 'enfermeira de leite' que a visitou sem ser solicitada. A enfermeira começou dizendo, em termos gerais, que a amamentação era melhor. Depois passou a detalhar os alimentos suplementares que o bebê amamentado necessita: deveriam ser dadas gotas de vitaminas com 3 ou 4 semanas; cereais com 6 ou 8 semanas; logo depois sucos de frutas, preparados adequadamente. A enfermeira estava deixando implícito que era possível dar, desde o nascimento, um leite para bebês patenteado, que evitaria estes problemas desnecessários. (p. 24-25)

A Cow & Gate, outra empresa fabricante de leites, usava a seguinte justificativa: caso fossem retiradas quaisquer estratégias de promoção do produto, milhares de crianças em países do Terceiro Mundo morreriam devido à impossibilidade física de suas mães em amamentá-los. Mas um inquérito dirigido pelo Dr. David Morley constatou, numa aldeia da Nigéria, que menos de 1% das mães tinha problemas impeditivos da amamentação. Outros 3% apresentaram problemas temporários, podendo retomar a prática depois de saná-los.

O *Livro das Mães* da Nestlé introduzia as instruções sobre alimentação com mamadeira com a seguinte frase: "Lave suas mãos cuidadosamente com sabão cada vez que você for preparar uma refeição para o bebê". Já o folheto *Cuidado com o Bebê*, da Cow & Gate, alertava: "coloque a mamadeira e o bico em uma panela com água suficiente para cobri-las. Deixe ferver durante dez minutos." O relatório de Muller contrapôs essas informações aos fatos de que "na capital do Malawi 66% das moradias não têm nenhuma facilidade de higiene e. 60% não têm cozinha dentro da moradia. A Nestlé vende leite para alimentar bebês nessas comunidades" e que a grande maioria das residências da África Ocidental dispunha de um fogão de três pedras e uma panela para a preparação de refeições para toda a família, ao contrário da imagem de fogão de várias bocas presente no folheto da companhia (Muller, 1995, p. 27).

Em termos econômicos, o relatório reportava que na Nigéria o custo da alimentação artificial para um bebê recém-nascido era de aproximadamente 30% do salário mínimo urbano, a crescer para 47% a partir dos seis meses. A "Protein Advisory Group", da ONU, levantou o custo da alimentação artificial de bebês em comparação com o salário mínimo praticado em alguns países. Enquanto no Reino Unido os gastos com uma criança de três meses representavam 2,1% do salário mínimo, na Índia esse custo era de 22,7%, no Afeganistão de 37,5%, e no Egito de 40,8%.

Quanto à participação da classe médica na construção da cultura da mamadeira nessas localidades, o relatório mostrou que na Malásia os estudantes de medicina não recebiam nenhuma instrução sobre o aleitamento materno e que a Nestlé patrocinava conferências sobre nutrição para pediatras, criando na classe uma espécie de dependência da indústria com relação ao assunto. Reproduziu, também, o depoimento de um médico chileno:

> Parecia uma aula de química, ou talvez mais ainda, uma aula de cozinha. Nós passávamos todo o tempo misturando diferentes tipos de fórmulas artificiais no laboratório. Nossos professores estavam muito mais interessados nisso que na amamentação. (p. 30)

Com relação à estratégia comunicativa da indústria nos hospitais, Muller descreveu que, em geral, as mães pobres passavam manhãs inteiras nos postos de saúde aguardando a vez para pesar e examinar seus filhos. Então:

> As enfermeiras da clínica sabem que as mães têm que esperar muito. Elas tentam tornar o local de espera o mais alegre e interessante possível. Mas os países em desenvolvimento têm pouco dinheiro para hospitais, e, menos ainda, para decorar suas clínicas. Assim as enfermeiras aceitam, com alegria, os cartazes educativos dados pelo representante de alguma companhia. A Nestlé, por exemplo, lançou recentemente uma nova série de cinco cartazes. Um é sobre cuidados no pré-natal; outro sobre a maneira de limpar e vestir o bebê; um terceiro, sobre os modos de preparar os primeiros alimentos sólidos para o bebê; um quarto sobre a amamentação. [...] A única sugestão de comercialismo, nos cartazes, é a mamadeira da Nestlé que aparece ilustrada [e a marca da indústria]. A Mãe analfabeta os achará interessantes. E, embora a casa moderna e

> arrumada, as roupinhas brancas e limpas do bebê, o berço e os alimentos recomendados quase certamente estejam fora de seu alcance monetário, a mamadeira não está. Ela poderá ganhá-la, gratuitamente, de uma enfermeira. Se na clínica há cartazes sobre alimentação com mamadeira, não pode haver nada de condenável com ela. [...] É quase certo que ela não sabe ler o texto em inglês que diz "Amamente seu bebê o maior tempo que você puder. O leite materno é o melhor para o bebê e lhe dá o melhor começo de vida..." (Muller, 1995, p. 31)

Embora as companhias afirmassem promover a amamentação como conduta ideal, muitos indícios comprovaram cinismo em sua conduta. Exemplo disso foi a estratégia de vestir com uniforme de enfermeira vendedoras sem qualificação médica, a fim de sugerir que seu discurso fosse um conselho nutricional. Em visitações domésticas, sem serem requisitadas, algumas dessas mulheres estavam submetidas a regras empresariais que envolviam advertência e dispensa caso os objetivos de doação e venda de produtos não fossem atingidos. Mas, contrariando esses fatos, o discurso da Cow & Gate alegava que as enfermeiras eram orientadas a incentivar a prática da amamentação nos primeiros meses de vida do bebê, e, se chegasse à empresa algum testemunho de que a mãe visitada tivesse migrado para a mamadeira, essa "enfermeira" seria demitida (p. 35).

A competição entre os fabricantes de leites artificiais instituía, também, uma grande oferta de doações de latas em postos de saúde, hospitais e consultórios médicos. Inquéritos foram instaurados em alguns países para levantar as dimensões dessas investidas. Na Jamaica, houve registro de mães que receberam latas doadas de até três marcas diferentes. Quanto à questão, a Nestlé se pronunciou ao relatório nos seguintes termos:

> Onde os médicos locais querem amostras, nós as fornecemos. Não se deve esquecer que os hospitais têm pouco dinheiro: muitos perderam o hábito de comprar, porque o leite é fornecido gratuitamente pelas companhias. E se nós não entramos com o nosso produto ficamos de fora. Nós ficamos à margem desse hospital, porque outra companhia se adianta e o abastece. O que deveríamos fazer? Parar de fazer doações e sermos postos para fora do mercado? (p. 36)

E o representante da empresa prosseguia:

> Agora temos alguns dados [...] vindos das Filipinas [...]. Nossa pesquisa mostrou que 50% das mães não usavam o mesmo leite quando saíam do hospital. Muitas delas voltavam a amamentar, e isto foi uma das justificativas para a propaganda direta porque você atingia as mães aos 4 ou 5 meses, quando elas estavam fora da influência do médico, informando que 'quando o leite materno não é suficiente, você deve usar um leite em pó bom e seguro e pedir conselho ao seu médico'. Com a ajuda da profissão médica, as amostras têm ajudado a dar um alto 'status' social à alimentação com mamadeira. (Muller, 1995, p. 37)

Juntamente com as latas de leite, eram doadas mamadeiras. Segundo Muller, a mamadeira é a base do problema, pois ela, ao mesmo tempo, é instrumento transmissor de infecção e símbolo de uma prática "moderna".

Em Papua, Nova Guiné, uma circular do Diretor de Saúde Pública denunciava ter sido descoberto em uma loja um cartaz publicitário do Lactogeno, onde se via a imagem de uma mãe e um bebê com mamadeira. Tal circular dizia que "o departamento de saúde não tolerará qualquer propaganda de mamadeiras":

> Embora não tenhamos autoridade para remover anúncios censuráveis, os profissionais de saúde podem fazer todos os esforços para persuadir os donos de lojas a desistirem de tais cartazes. Devem-se aproveitar as ocasiões oportunas para falar com os donos das lojas e informá-los sobre os perigos das mamadeiras. (p. 37)

O Prof. M. H. Hamza, da Universidade de Dar es Salaam, Tanzânia, sinaliza, em guia voltado a paramédicos citado no relatório de Muller, que eventualmente, por motivo de doença, morte ou pouco leite da mãe, a criança deveria ser alimentada com "xícara ou colher e não com mamadeira", pois "será impossível para uma mãe camponesa manter a mamadeira limpa e o bebê correrá riscos de contrair uma gastroenterite grave" (p. 38). Iniciativa semelhante foi tomada por um fabricante nacionalizado de leites em Zâmbia, que contrasta com a desinformação presente nos rótulos de leite em pó de outras companhias quanto à posologia, custo etc. O rótulo do leite africano exibia — à época da realização do relatório, ou seja, nos anos de 1970 — o seguinte texto:

> O melhor alimento para a sua criança é o leite materno. Ele é melhor do que este ou qualquer tipo de alimento artificial. Não alimente sua criança artificialmente, a menos que você esteja segura de ter o dinheiro necessário para comprar leite suficiente. Quando sua criança tiver 4 meses, ela necessitará 2,5 Kg de leite em pó por mês. Você tem certeza de ter o dinheiro necessário para comprá-lo? Alimente sua criança usando uma xícara e uma colher e não uma mamadeira. Peça na loja em que você comprar esta lata que lhe dêem um papel explicando como alimentar sua criança. (p. 39)

A questão dos rótulos de leites das companhias envolve também o fenômeno de leitura equivocada do consumidor. Em 1911, o Dr. F. J. H. Coutts relatou que desde 1872 os esforços empreendidos na Inglaterra para a regulamentação de rótulos de leites artificiais não haviam sido suficientes para debelar a tendência de uso de leites desnatados para alimentar bebês. O fato é que as mães ficavam confusas com a existência de uma grande variedade de leites de um mesmo fabricante e optavam pelo tipo desnatado, porque ele era mais barato. Apenas quando a informação "IMPRÓPRIO PARA CRIANÇAS" foi afixada à embalagem de modo claro, o problema se resolveu. Mas, antes disso, as mães alimentaram seus bebês com um produto extremamente perigoso, desprovido dos nutrientes necessários à saúde de seus filhos. E tudo provavelmente teria permanecido assim, não fosse uma descoberta impressionante: durante a arregimentação de tropas para a guerra dos Boers, 50% dos homens jovens da Grã-Bretanha estavam inaptos para o serviço militar, grave prova de uma "deterioração física nacional" (Muller, 1995, p. 49).

Outra mostra de que não apenas os países subdesenvolvidos enfrentavam problemas causados pela prática da alimentação artificial de bebês somada a discrepâncias sociais foi o inquérito da Dra. Margaret Robinson, em Liverpool, em 1946, no qual constam dados como: a taxa de mortalidade de bebês amamentados no primeiro ano de vida era de 10,2 por mil, enquanto que a de bebês alimentados por mamadeira alcançava a cifra de 57,3 por mil.

Finalizando o relatório, Muller listava as recomendações da War on Want para as diferentes esferas envolvidas na problemática. Para a indústria, o relatório apontava sua expressiva responsabilidade pelo desmame precoce, aconselhando que fosse seguido o exemplo das companhias suecas, o de não promover substitutos do leite materno em comunidades de alto risco. Recomendava também o trabalho cooperativo entre companhias e organizações internacionais que trabalham a saúde da criança, e o abandono da estratégia de promoções de produtos à classe médica. Para os governos dos países em desenvolvimento, o texto de Muller aconselhava "dever-se considerar, seriamente, a redução de sua importação, distribuição e/ou promoção". Além disso, recomendava que os produtos deveriam ser encaminhados estritamente àqueles que deles necessitavam, ou seja, mães que não podem amamentar, gêmeos e órfãos, e não a uma elite econômica, pois isto desencadearia efeito referencial para todas as classes. Para o governo britânico, o relatório apontava que as companhias inglesas, tais como Unigate e Glaxo, deveriam "estabelecer um alto padrão de comportamento" e recomendava a formação de comitês para regulamentação da questão. Para a classe médica, o relatório sinalizava a "necessidade de uma consciência maior dos problemas causados pela alimentação artificial das crianças", e sublinhava "o papel desempenhado pela profissão médica até então no encorajamento da diminuição do uso do leite materno". Para outros canais, Muller incentivava a postura de fiscalização e denúncia (p. 50-52).

A polêmica provocada pela publicação resultou em uma mobilização internacional para a retomada da valorização da prática de amamentar, liderada pela OMS/Unicef contra aquela prática que havia se tornado corriqueira e moderna. A partir dessa mobilização, no início da década de 1980, a superioridade do aleitamento materno sobre qualquer outro procedimento para alimentar bebês tornou-se unânime no meio científico, gerando um grande movimento em favor da prática.

3.2 Dados sobre a luta mundial pelo resgate da amamentação

Em 1979, o reconhecimento por parte da OMS/Unicef quanto à superioridade do leite humano[39], aos benefícios da amamentação para a saúde da

[39] Rico em anticorpos humanos (70%), minerais e todas as vitaminas existentes. Como 87% do leite são compostos de água, não é necessário oferecê-la ao bebê nos primeiros meses de vida.

mulher[40] e da criança, e ao perigo de propagandas indutoras da alimentação artificial fez com que essas organizações promovessem reunião internacional sobre nutrição infantil. Como resultado, um alerta foi dado aos governantes dos países do mundo inteiro e um conjunto de normas foi concebido para controlar a propaganda dos substitutivos do leite humano. Aprimorado, o documento *Código Internacional de Comercialização de Alimentos para Lactentes* foi aprovado pela Assembléia Mundial de Saúde (Alencar, 2002, p. 251)[41].

O encontro propiciou ainda a fundação da IBFAN, International Baby Food Action Network (Rede Internacional em Defesa do Direito de Amamentar), hoje formada por 160 grupos de ativistas distribuídos por 90 países, cuja missão é "promover e defender o aleitamento materno e eliminar as práticas não éticas de mercadização de produtos que interferem negativamente na amamentação"[42]. Tal medida foi gerada por pressões internacionais iniciadas em 1974, quando o Grupo de Ação para o Terceiro Mundo de Bern (AgDW) traduziu o livro *The baby killer*, publicando-o na Suíça sob o título *Nestlé tötet babies* (*Nestlé mata bebês*), o que provocou um processo de difamação da empresa contra o grupo[43]. A partir de então, boicotes à Nestlé aconteceram em vários países (EUA, em 1977; Austrália, Canadá e Nova Zelândia, em 1978; Reino Unido, em 1980; Suécia e Alemanha Ocidental, em 1981; França, em 1982; Finlândia e Noruega, em 1983).

Não se pode deixar de citar, também, o fenômeno mundial promovido pela mobilização de grandes nomes da música pop. Em 1984, um grande grupo de músicos britânicos e irlandeses gravou o compacto *Do they know it's Chrismas*?, numa iniciativa pioneira para arrecadar fundos para as crianças famintas da Etiópia. Essa iniciativa fundou a organização caritativa Band Aid Trust, origem dos concertos *Live Aid* em anos seguintes. O projeto inspirou o astro Michael Jackson, que promoveu meses depois encontro semelhante nos EUA para a gravação de *We are the World*, fruto de sua parceria com Lionel Richie, *single* que se tornou um dos mais vendidos de todos os tempos, arrecadando também fundos para a campanha em prol das crianças africanas.

A Convenção dos Direitos Humanos da ONU, realizada em 1989, adotou a Convenção dos Direitos das Crianças, gerando um comitê específico para a questão. No ano seguinte, em Florença, o encontro Breastfeeding in the

---

[40] A amamentação previne o câncer de mama e facilita o retorno do útero à dimensão normal, dentre outras benesses.

[41] O código regulamenta leites, mamadeiras, chupetas e outros produtos direcionados a lactentes, a partir dos seguintes pontos-chave: as companhias não podem promover seus produtos em hospitais, lojas ou junto ao público em geral; não podem distribuir amostras nem brindes a mães, hospitais ou maternidades; não podem promover seus produtos junto a profissionais de saúde nem promover comidas ou bebidas para bebês; as vendedoras das companhias não podem estabelecer contato com as mães; os rótulos dos produtos devem vir em linguagem compreensível e alertar sobre os cuidados a serem tomados para garantir que o alimento seja usado adequadamente; imagens de bebês não podem constar dos rótulos dos produtos; os rótulos não podem empregar discursos que idealizem o uso do produto.

[42] A ampla atuação da IBFAN contribuiu para que em 1984 a Nestlé concordasse em estender a implementação do Código Internacional, a que estava submetida há cinco anos, a países em desenvolvimento, prometendo também a futura suspensão da prática de abastecimentos gratuitos e de baixo custo. O boicote, que já atingia 10 países, foi então suspenso. Entre 1987 e 1988, a IBFAN detectou a presença de empresas de substitutos do leite abastecendo gratuitamente postos de saúde e maternidades com seus produtos; então, o boicote à Nestlé foi reiniciado e estendido aos fabricantes Wyeth, Bristol Myers e Abbott-Ross.

[43] Em 1976 a AgDW recebeu uma multa e à Nestlé foi dado um alerta para mudança de suas práticas de marketing.

1990s: A Global Initiative, organizado pela OMS/Unicef com o apoio da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional e da Autoridade Suíça para Desenvolvimento Internacional gerou a *Declaração de Innocenti*, documento referencial para as mudanças que se seguiriam.

Àquela altura, tornara-se claro que efeitos coercitivos sobre as empresas não solucionariam as ambiguidades e dificuldades das pessoas em relação à prática da amamentação. Segundo Almeida, seriam necessárias estruturas assistenciais para dar conta dessa ambiguidade, que incluiriam não só a questão querer/poder amamentar, como também a necessidade de "compatibilizar determinantes biológicos com os condicionantes sócio-culturais" (Almeida, 1999). Assim, a *Declaração de Innocenti* trata da proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno, como meio de viabilizar sua realização, e não apenas do incentivo à sua prática ou ao controle dos agentes que constituam obstáculo para a sua realização.

A *Declaração de Inocentti* reconheceu o aleitamento materno como "processo único" e atividade capaz de reduzir a morbi-mortalidade infantil e a incidência de doenças infecciosas em crianças. Atestou sua capacidade em proporcionar nutrição de alta qualidade para a criança, em contribuir para a saúde da mulher sob vários aspectos e em proporcionar benefícios econômicos para a família e a nação. Sinalizou ainda que a pesquisa científica demonstra que tais benefícios aumentam com a exclusividade do aleitamento nos primeiros meses de vida e sua manutenção na época de introdução de alimentação complementar, declarando que:

> – todas as mulheres devem estar capacitadas a praticar aleitamento materno exclusivo e todas as crianças devem assim ser alimentadas desde o nascimento até os 4/6 meses de vida;
>
> – este objetivo deve ser alcançado por intermédio da criação de um processo de conscientização e de apoio para as mães;
>
> – devem ser tomadas medidas que assegurem que a mulher esteja devidamente alimentada para concretizar a prática e que a ela seja garantido o acesso a informações e serviços sobre planejamento familiar;
>
> – a cultura do aleitamento materno deve ser reforçada em muitos países, contra as incursões da cultura da mamadeira, o que requer campanhas de mobilização social;
>
> – esforços devem ser envidados para aumentar a confiança da mulher na sua habilidade de amamentar, envolvendo a remoção de constrangimentos e influências que manipulem o comportamento da mulher;
>
> – todos os países devem desenvolver políticas nacionais de aleitamento materno, com estabelecimento de metas de curto e longo prazo para os anos 90, estabelecendo sistemas nacionais para este acompanhamento;
>
> – autoridades nacionais devem integrar as políticas de aleitamento materno, procurando evitar posicionamentos a ela conflitantes.

Para favorecer a implementação dessas medidas, a Declaração estabelecia que até 1995 todos os países deveriam nomear uma autoridade nacional como coordenadora de um comitê de aleitamento materno composto por membros do governo e ONGs; implementar integralmente o *Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno* e resoluções subseqüentes da Assembléia da OMS; elaborar uma legislação criativa de proteção ao direito ao aleitamento da mulher trabalhadora e estabelecer meios para a sua implementação; e assegurar que as maternidades colocassem em prática os *Dez Passos para o Sucesso do Aleitamento Materno*, estabelecidos pela OMS/UNICEF (Iniciativa Hospital Amigo da Criança)[44], quais sejam:

> 1. ter uma norma escrita sobre aleitamento materno, que deve ser rotineiramente transmitida a toda equipe de saúde;
>
> 2. treinar toda a equipe nas ações de promoção da amamentação;
>
> 3. orientar todas as gestantes sobre as vantagens da amamentação;
>
> 4. ajudar as mães a iniciar a amamentação na primeira hora de vida após o nascimento do bebê;
>
> 5. mostrar às mães como amamentar e como manter a lactação, mesmo se vierem a ser separadas de seus filhos;
>
> 6. não dar ao recém-nascido nenhum outro alimento ou bebida além do leite materno, a não ser que tal procedimento tenha uma indicação médica;
>
> 7. praticar o alojamento conjunto. Permitir que mãe e bebê permaneçam juntos 24 horas por dia;
>
> 8. encorajar o aleitamento na hora que o bebê quiser (livre demanda);
>
> 9. não dar bicos artificiais ou chupetas a crianças amamentadas ao seio;
>
> 10. encaminhar as mães, por ocasião da alta hospitalar, para grupos de apoio ao aleitamento materno na comunidade ou em serviços de saúde.[45]

A dimensão do desafio exigiu a criação de uma aliança que interligasse as organizações já atuantes, dentre elas a Liga Internacional do Leite (LLL), a IBFAN e a Associação Internacional dos Conselheiros da Amamentação (ILCA). Assim, em 1991, foi fundada a WABA, World Alliance for Breastfeeding Action, coalizão de pessoas, organizações e redes cujo objetivo é perseguir os alvos estabelecidos pela *Declaração de Innocenti*. Com sede na Malásia, a WABA tem representações locais nos territórios dos países signatários e, a fim de estabelecer ritmo e frequência para a mobilização que lhe cabe capitanear, lançou a *Semana Mundial de Aleitamento Materno*. Anualmente, a WABA estabelece um tema que norteia as atividades de profissionais da área da saúde, de órgãos governamentais e não governamentais, empresas, governos e população (Siqueira e Toma, 2002, p. 268).

---

[44] O texto sobre a *Declaração de Innocenti* é em grande parte transcrito de sua redação original. Disponível em www.unicef.org/brazil/innocenti.htm. Acesso em julho de 2009.

[45] Os *Dez Passos* foram transcritos do artigo de Araújo e Maranhão. In Rego, 2002, p. 318.

Percorrer os temas das campanhas da SMAM é uma forma de conhecer as ações empreendidas pela luta internacional desde o início das Semanas:

1992. ***Baby-Friendly Hospital Initiative***. A campanha abordou a iniciativa lançada pela OMS/UNICEF de certificação de hospitais que apoiem o aleitamento materno. Para receber a titulação, o hospital deve colocar em prática *Os Dez Passos para o Sucesso da Amamentação* presentes na *Declaração de Innocenti*;

1993. ***Mother-Friendly Workplace Initiative***. A partir do reconhecimento de que todas as mães são trabalhadoras, e que não podem ser discriminadas pelo fato de ter filhos, ou prejudicadas em seu direito de amamentá-los, a Semana se dedicou a oferecer às mulheres informações sobre seus direitos legais, a incentivar sindicatos a lutar por eles, a promover a criação de condições para a amamentação nos locais de trabalho e a proteger práticas comunitárias de incentivo ao aleitamento materno;

1994. ***Protecting Infant Healthy: Making the Code Work***. O objetivo foi divulgar e proteger o Código Internacional, fiscalizando as campanhas e doações de amostras grátis das empresas produtoras e comercializadoras de alimentos infantis, mamadeiras e chupetas;

1995. ***Breastfeeding: Empowering Women***. A campanha visou prestigiar a importância da mulher para a amamentação, considerando suas ambiguidades, fragilidades, e a influência dos apelos culturais que a convidam a distanciar-se da prática;

1996. ***Breastfeeding: A Community Responsability***. Todo o entorno da mulher tem influência sobre sua decisão de amamentar. "Na grande maioria das vezes, a mulher não decide dar mamadeira, mas é levada a isso pela falta de apoio e orientação adequados de toda a sociedade" (*Action folder*);

1997. ***Breastfeeding - Nature's way***. A campanha teve por tema divulgar as vantagens da amamentação para o meio ambiente (o leite é um recurso natural renovável) em contraste aos danos à natureza provocados pelo sistema de alimentação artificial (gasto de energia, uso de substâncias químicas, embalagens descartáveis, vulnerabilidade à contaminação);

1998. ***Breastfeeding – The Best Investment***. Abordou a amamentação como um fator de economia para a família (economia no consumo de leites industriais e mamadeiras, de tempo para preparo do alimento, redução de gastos com a saúde e com a compra de anticoncepcionais e absorventes higiênicos, pois enquanto amamenta, a maioria das mulheres não ovula ou menstrua), o setor de saúde (prevenção de doenças), a sociedade e a nação (redução de importação e distribuição de leites artificiais), em oposição aos altos custos da amamentação por mamadeira;

1999. ***Breastfeeding – Education for Life***. Transmissão da amamentação como valor humano e abordagem do tema como conteúdo didático nas escolas (é freqüente a presença de alimentação por mamadeira nos livros adotados, reforçando a cultura da alimentação artificial);

2000. ***Breastfeeding – It's Your Right.*** O aleitamento materno visto como um direito humano, da mulher, da criança e da sociedade. A campanha dedicou-se a oferecer informações sobre mecanismos internacionais formais e legais relacionados à proteção do direito humano, de acordo com a *Convenção sobre os Direitos da Criança*: o *Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais*, a *Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres*, as *Convenções da Organização Internacional do Trabalho para a Proteção da Maternidade* e o *Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno*;

2001. ***Breastfeeding in the Information Age***. Tratou de contextualizar a amamentação na história e no momento atual, falando das mudanças no estilo de vida e da desagregação das grandes famílias sob influência da cultura disseminada pelos meios de comunicação de massa e pela explosão do consumo;

2002. ***Breastfeeding – Healthy Mothers and Healthy Babies***. Enfatizou as qualidades especiais do leite humano e a importância da nutrição da mãe para produzi-lo. Destacou o quanto a prática da amamentação exclusiva pode ser essencial em situações de emergência, epidemias e desastres ambientais, ocorrências cada vez mais frequentes na atualidade;

2003. ***Breastfeeding in a Globalised World for Peace and Justice***. Tratou da amamentação em suas diferentes expressões culturais através do mundo, sublinhando suas qualidades pacíficas e igualitárias;

2004. ***Exclusive Breastfeeding: The Gold Standart Safe, Sound, Sustainable***. Trabalhou o esclarecimento da expressão "amamentação exclusiva" (que exclui o oferecimento de água, chás e sucos) e o nível de qualidade e sustentabilidade do alimento de origem humana;

2005. ***Breastfeeding and Family Foods: Loving & Healthy***. A campanha se dedicou a tratar do momento em que a alimentação diversificada será introduzida para a criança e da importância social e cultural desse momento;

2006. ***Code Watch: 25 Years of Protecting Breastfeeding.*** Em comemoração aos 25 anos do *Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Humano*, a Semana enfocou a mobilização de todos da sociedade para defendê-lo, fornecendo instruções;

2007. ***Breastfeeding: The 1st Hour – Safe ONE Million Babies***. O passo 4 dos *Dez Passos* foi priorizado, a fim de contribuir para a salvação de um milhão de bebês que ainda são separados de suas mães no momento do nascimento, sendo privados da amamentação imediata (o movimento de sucção é o primeiro impulso neurológico da criança, e a criação de condições para seu estímulo imediato é considerada vital para o sucesso da prática);

2008. ***Mother Suport: Going for the Gold Everyone Wins!*** A ênfase se dirigiu ao necessário apoio que a mãe que amamenta precisa receber da família e da comunidade para obter sucesso na iniciativa de aleitar seu filho;

2009. ***Breastfeeding – A Vital Emergence Response: Are You Ready?*** A campanha se dirigiu à necessidade de proteger e incentivar a amamentação em

momentos de desastres ambientais, guerras, situações de emergência em geral, evitando assim perdas maiores de vidas.

O comprometimento dos governos faz com que a movimentação anual se dê em nível nacional e tenha força normativa para as instituições de saúde federais, estaduais e municipais, de maneira integrada. Entretanto, o âmbito dessas ações tende a não atingir as instituições médicas privadas, seus profissionais e pacientes. O público dessas maternidades particulares, de maior poder aquisitivo, tem mantido o arbítrio de optar por partos com hora previamente marcada e condições diversas das estabelecidas pela aliança. Assim, o fenômeno de busca de distinção social das classes menos abastadas — por meio da imitação dos comportamentos adotados pelas camadas mais ricas da sociedade — parece permanecer com seu *modus operandi* em franco funcionamento. E o Código Internacional, aplicável aos fabricantes de leites artificiais e seus veículos, tem no modelo econômico vigente um entrave grave, na medida em que os governos dispõem de poder limitado para conter as empresas, além de muitas vezes estabelecer com elas acordos de cooperação mútua. No relatório de 2006, a IBFAN comentava o aniversário de 25 anos do Código:

> (O Código) Não está ainda efetivamente implementado por todos os governos por meio de leis, regulamentos ou outras medidas apropriadas (artigo 11.1). Em agosto de 2005, 61 dos 192 países ainda não haviam aprovado uma legislação referente ao Código e muitos outros países adotaram medidas que não levam em conta tudo o que o Código prevê. Exemplificando, na maioria dos países da União Européia, a legislação nacional baseia-se numa Norma da União Européia de 1991 (quando o Código completava 10 anos!) não aplicável às mamadeiras, chupetas e muitos substitutos do leite materno (chás, sucos para bebês, leites de seguimento). Em todo o mundo, apenas 34 países dos 192 já implementaram tudo o que o Código prevê.
>
> Poucos governos organizaram sistemas regulares de monitoramento da aplicação do Código (artigo 11.2). O mesmo pode ser dito dos fabricantes e distribuidores: eles não se preocupam em monitorar suas práticas de venda e tomar medidas para corrigi-las (artigo 11.3). Quando aparentam ter feito isso, utilizam sua própria interpretação do Código, afirmando, por exemplo, que ele é aplicável apenas às fórmulas infantis, ou somente aos países em desenvolvimento, interpretações que visam à proteção dos seus lucros mais do que à proteção do aleitamento materno.
>
> Organizações não governamentais preocupadas, grupos de profissionais, instituições e pessoas que realizam monitoramentos e que chamam a atenção dos governos, fabricantes e distribuidores para as violações sistemáticas do Código têm sido, muitas vezes, ignorados.[46]

Anualmente, o IBFAN Brasil monitora a situação em relatórios que recebem o título de *Violando as normas*, nos quais podem ser encontradas provas

[46] *Atualidades em amamentação*, nº. 40-41, agosto de 2006. IBFAN. Disponível em www.ibfan.org.br/documentos/aa/aa40_41. Acesso em junho de 2009.

de que a indústria de leites artificiais e de mamadeiras, bicos e chupetas muitas vezes resiste a restringir suas propagandas, a exibir frases de advertência em suas embalagens, insistindo em recomendar o alimento para bebês com menos de seis meses e apresentando informações indutoras ao uso do produto, baseadas em falsos conceitos de vantagem e segurança. E a IBFAN internacional noticiou, em maio de 2009, que todos os países europeus, com exceção de Noruega e Luxemburgo, desceram de categoria na escala que mede o nível de esforços governamentais para proteger a amamentação, falhando em cumprir as exigências mínimas estabelecidas pelo *Código Internacional para Comercialização de Substitutos do Leite*[47].

Enfim, o poder do mercado demonstra estar conseguindo driblar tantos esforços internacionais em prol da amamentação.

A fim de refletir sobre tal poder, vale ampliar o raio desta análise para alguns outros produtos e elencar momentos da história do design em que questionamentos semelhantes ocorreram, trazendo a discussão do passado para a atualidade, e a discussão sobre a mamadeira para os produtos em geral.

3.3 Produção industrial, design e consumo

O projeto de produtos industriais para consumo de massa justifica a existência da atividade do design desde a Revolução Industrial, afirmando-a como canal de viabilização da dinâmica capitalista.

A economia industrial hoje se encontra instalada como *modus operandi* de muitas sociedades, para as quais produtos são elementos culturais, a ponto de não mais ser possível (ou aceitável) abrir mão das facilidades que eles podem proporcionar às pessoas. Porém, enquanto é possível desfrutar de tais benesses, uma série de desequilíbrios provocados pela sua produção, uso e descarte se avoluma em progressão geométrica em níveis ambientais e sociais, gerando consequências sobre a política e a economia.

Fruto inquestionável da cultura industrial, designers vêm sendo formados para alimentá-la nas diferentes nuances que ela é capaz de assumir, de acordo com as tônicas políticas que regem o mercado. Muitas vezes tais flexibilizações contrariam princípios da profissão consagrados pelos órgãos internacionais que a representam, e também simples exercícios de reflexão por parte de profissionais, professores e estudantes de design.

Ainda hoje a ideia que se tem do design é muitas vezes vaga, e, sobre quaisquer outras informações mais precisas, vigora a noção que a imprensa mais fortemente divulga: o design como uma atividade de finalidade preponderantemente estética, encarecedora de produtos, e, por esta característica, voltada para as elites e merecedora de espaço de exibição em museus de arte contempo-

[47] Disponível em www.waba.org.my. Acesso em abril de 2009

rânea. Como os aspirantes à carreira e suas famílias pertencem ao público a que as mídias se dirigem, muitas vezes são justamente essas peculiaridades que aproximam os estudantes da opção pelo design.

Caso estivesse *tudo bem* com a produção industrial, periódicas paradas para avaliações, questionamentos e ajustes seriam necessárias e saudáveis para todos os envolvidos. Mas nem tudo está bem com a produção industrial, muito menos com os setores por ela influenciados. Assim, medidas dessa natureza não se aplicam para o momento. É preciso fazer uma revisão naquilo que, tantas vezes inadvertidamente, se transmite, se espera e se exige — não só dos alunos como das universidades, das indústrias, do mercado e do consumidor.

Recentemente tivemos notícias que traduzem com clareza a gravidade do problema. Dentre elas, as sobre *recalls* de automóveis e de brinquedos, cujos fabricantes edificaram junto aos consumidores excelente reputação, como é o caso da Volkswagem e da Mattel. Diariamente, também, convivemos com produtos industriais cujo processo de funcionamento ignoramos por completo, como telefones celulares movidos a baterias (que podem explodir!), ou engrenagens aparentemente simples que podem nos trazer desde pequenos entreveros (tampa difícil de abrir) até consequências avassaladoras, como a dificuldade vivenciada pela mãe do menino João Hélio, de seis anos, para soltá-lo do cinto de segurança que o prendia ao carro, momentos antes do terrível sequestro e assassinato em fevereiro de 2007, no Rio de Janeiro.

Figura 25. Em 2007, a Mattel realizou o *recall* de 18,6 milhões de brinquedos, parte devido ao uso de tintas tóxicas (presença de chumbo) e parte pelo emprego de pequenos imãs nas peças que, quando engolidas pelas crianças, poderiam se atrair dentro de seus organismos, levando-as até mesmo à morte (www.folha.com.br, em 16.8.2007 e www.recallmattel.com.br).

Se pararmos para pensar, cintos de segurança apresentam problemas, por mais que na maior parte das vezes deles consigamos nos desembaraçar. Mas esse desembarace não aconteceu com João Hélio; não ocorre com pessoas idosas ou mesmo com alguém pleno de saúde em momentos de urgência, como em alguns acidentes automobilísticos ou em assaltos, quando o motorista precisa soltar-se do cinto a mando do assaltante e, para tanto, descreve um gesto que pode ser interpretado pelo bandido como o saque de uma arma, conforme afirmação de Edson Calil, Diretor de Relações Institucionais do Disque Denúncia, em entrevista a esta pesquisa[48].

O cinto de segurança, o *airbag*, a alça lateral superior, o para-choque etc. são itens de segurança criados para remediar os altos índices de acidentes automobilísticos. O automóvel é um produto por natureza perigoso (motor a explosão etc.) e seus perigos podem ser agravados tanto por propriedades que representam sua valorização junto ao consumidor — a potência de motor e os altos índices de velocidade, por exemplo — quanto por um conjunto extremamente complexo de condições de entorno, como vias, estradas, regras de trânsito, além de aspectos subjetivos de seu condutor (capacidade de visão, agilidade motora, percepção aguçada livre de embotamentos, comportamento adequado dos demais ocupantes etc.). À revelia desses fatos, não se costuma treinar, ignorando o exemplo das normas seguidas nos aviões, a cada vez, a observância de

[48] Convidado a fazer uma palestra sobre o Disque Denúncia para os alunos da disciplina "Estágio Supervisionado", no curso de Design da PUC-Rio, Edson Calil deu este depoimento à pesquisadora, autora do convite) ao final da apresentação, em abril de 2009.

regras e equipamentos de segurança. Entrar em um carro tende a ser um gesto trivial como calçar um sapato, tal a naturalidade com que absorvemos o produto em nosso cotidiano.

O design é parte constituinte da cultura que levou os produtos a adquirir altos níveis de relevância em nossas vidas, algumas vezes sendo absorvidos como verdadeiras próteses de nosso organismo biológico e social. Enquanto canal entre a produção industrial e o consumo, a atividade opera no sentido de absorver os avanços da tecnologia, disponibilizando-os ao público sob formas utilitárias compreensíveis, tantas vezes inovando em termos estéticos e funcionais sob a orientação de estudos estratégicos de marketing. Então a publicidade os apresenta às massas, convidando-as a adquiri-los. O consumo aquece a economia, gerando emprego, divisas e presumível estabilidade social (e, por conseguinte, política).

Muitas vezes na história da atividade, entretanto, o design se viu seriamente insatisfeito por participar dessa engrenagem, manifestando-se, de maneira organizada, ora por grupos profissionais, ora por iniciativas individuais que angariaram adeptos. Mais recentemente, a noção de que o consumo desenfreado alimenta o roldão industrial, responsável em grande medida pelo desequilíbrio ambiental do planeta, e exige a criação de novas políticas empresariais e industriais, sinaliza a urgência de tomada de posturas de consumo menos insensatas em relação à sociedade e ao meio ambiente. Então, apesar de a dinâmica capitalista industrial estar arraigada na cultura, os alertas ambientais começam a corroborar no sentido de referendar algumas daquelas manifestações que outrora deflagravam alertas em defesa de uma atuação ética para a profissão. Esses os pontos que serão desenvolvidos a seguir.

3.3.1 Design: uma história pontuada por alertas em defesa da ética

A atividade do design tem raízes nas mudanças que se operaram nos sistemas de produção durante o período medieval, quando o crescimento da demanda por transações comerciais promoveu a busca de maior diversificação dos produtos disponíveis. O trabalho independente dos artesãos foi reestruturado em grandes oficinas que produziam um mesmo produto e que o disponibilizavam em diferentes padrões ornamentais, à escolha do comprador (Heskett, 1997 e Denis, 2000).

Nos séculos XVI e XVII, o sistema mercantilista estruturava os Estados nacionais europeus, fazendo da competição comercial instrumento de soberania e defesa (bens de consumo e armas). Para tanto, o processo de produção de artigos se transformou, passando a contar de maneira sistemática com projetos pré-concebidos por profissionais que não participariam necessariamente de sua fabricação, em manufaturas vinculadas a instâncias do poder central. Justo essa separação entre projeto e produção demarcaria em nível conceitual o surgimento do design enquanto atividade profissional estabelecida e com potencial lucrativo pois, segundo Denis, a capacidade ilimitada de reprodução a partir da concepção de um único modelo alterava muito

Figura 26. A imagem demonstra o quanto esse princípio faria "escola" durante os anos que viriam. Austin N. Clark &Company Jewelry Catalog. Chicago, 1913.

positivamente as perspectivas de comercialização dos produtos (Denis, 2000, p. 19)[49].

Com o advento da Revolução Francesa (século XVIII) e o desmantelamento das manufaturas reais, aos designers restou se tornarem independentes e recorrerem à antiga lógica dos livros de padrões, a fim de atender aos anseios de uma burguesia ascendente que desejava obter, por exemplo, porcelana chinesa, sem que tivesse condições financeiras para tanto[50]. O anseio pelo acesso a produtos antes restritos a camadas mais abastadas era tal que na Inglaterra a Revolução Industrial deu a partida para a reprodução em larga escala de artigos ornamentados de acordo com a tradição estética artesanal. Buscava-se conceder ao produto industrial a impressão de que ele havia sido feito pela mão humana, o que constituía, segundo Heskett, "indicação visível de valor econômico e estético". E disso se aproveitavam os fabricantes na determinação de seu custo aos consumidores (Heskett, 1997, p. 19).

Figura 27. Cortiço inglês.

Figura 28. Representação das condições de trabalho em mina de carvão.

Figura 29. Desempregados – "Houseless and hungry", por Sir Luka Fildes.

Mas enquanto tais produtos eram projetados, produzidos, comercializados e adquiridos, horrores sociais ocorriam com os trabalhadores nas fábricas e nas minas de carvão que proviam a indústria de combustível (vapor). Situações de miséria social, trabalho infantil e insalubridade generalizada assolavam as camadas trabalhadoras: jornadas de trabalho que alcançavam 13 a 15 horas diárias; condições de trabalho aviltantes e explosões nas minas, matando e mutilando operários (adultos e crianças) — e com isso *abrindo vagas* para a horda de candidatos que aguardava uma chance de emprego; cortiços inóspitos que abrigavam várias famílias de operários, cujas condições de saúde decaíam vertiginosamente, entre outras. Os depoimentos a seguir ilustram alguns desses fatos:

> Quando eu tinha sete anos de idade fui trabalhar na fábrica do Sr. Marshall em Shrewsbury. Se uma criança se mostrasse sonolenta o responsável pelo turno a chamava e dizia, "venha aqui". Num canto da sala havia uma cisterna de ferro cheia de água. Ele pegava a criança pelas pernas e a mergulhava na cisterna para depois mandá-la de volta ao trabalho. (Jonathan Downe foi entrevistado por um representante do parlamento britânico em junho de 1832.)
>
> A tarefa que inicialmente foi dada a Robert Blincoe era a de pegar o algodão que caía no chão. Aparentemente nada poderia ser mais fácil... Mesmo assim ele ficava apavorado pelo movimento das máquinas e pelo barulho dos motores. Ele também não gostava da poeira e do cano que soltava fumaça, pois acabava se sentindo sufocado. Ele logo ficou doente e em virtude disso constantemente parava de trabalhar porque suas costas doíam. Isso motivou Blincoe a se sentar; mas essa atitude, ele logo descobriu, era proibida nos moinhos. (As experiências

[49] As ideias de Adam Smith sobre divisão de trabalho, publicadas no livro *Riqueza das Nações*, em 1776, forneciam argumentos de que a contratação de trabalhadores desqualificados tecnicamente seria extremamente produtiva, no caso de se ter um modelo pré-projetado (Em uma fábrica de alfinete, se 10 pessoas se dedicassem a tarefas especializadas, 48.000 alfinetes poderiam ser produzidos por dia).

[50] Decalques com motivos decorativos chineses, por exemplo, eram aplicados à louça para solucionar a questão.

vividas por John Brown, que entrevistou esses trabalhadores em 1822 numa fábrica de tecidos, foram publicadas num artigo do jornal The Lion,)[51]

Figura 30. Crianças mutiladas pelo trabalho nas fábricas londrinas posam no pátio de instituição infantil.

O processo, entretanto, se afirmava cada vez mais lucrativo, operacionalizando inclusive as relações de poder com as colônias: o algodão, matéria-prima para a indústria têxtil britânica, provinha de plantações coloniais externas ao país, onde a prática da escravidão de negros africanos fazia com que a agricultura européia se tornasse mais rentável e produtiva (Hobsbawm, 1977, p. 50-52). Referindo-se a Manchester, escreve Toqueville em 1835:

> Desta vala imunda a maior corrente da indústria humana flui para fertilizar o mundo todo. Deste esgoto imundo jorra ouro puro. Aqui a humanidade atinge o seu mais completo desenvolvimento e sua maior brutalidade, aqui a civilização faz milagres e o homem civilizado torna-se quase um selvagem. (Hobsbawm, 1977, p. 43)

As décadas de 1830 e 1840 foram palco de acontecimentos que abalaram o ritmo de crescimento da indústria e do sistema econômico que a respaldava na Europa. Por um lado, a insatisfação do operariado explorado, e mesmo de parte da burguesia perante a alta concentração de oportunidades nas mãos de poucos provocou greves, motins, insurreições (movimento cartista) e a destruição literal de máquinas industriais (ludismo). Por outro, uma colheita ruim em todo o continente europeu em 1846 acarretou a alta do custo de vida, reduzindo a capacidade de consumo, o que representou, segundo Hobsbawm, uma primeira crise geral do capitalismo, diante da qual os apelos socialistas encontraram vaga para se expressar.

Frente a tal quadro, ocorreu a primeira manifestação do design contra o sistema que o promoveu, em defesa de uma ética produtiva.

Arts & Crafts

Um movimento de condenação total da indústria e dos produtos que ela gerava — excessivamente ornamentados e inadequados às funções a que se destinavam — irrompeu entre teóricos e artistas ingleses, liderados pelo crítico John Ruskin e o medievalista A.W.N. Pugin, no nível teórico, e por William Morris, pintor, escultor e socialista militante, no nível prático.

Figura 31. William Morris.

Ruskin identificou a necessidade de resgatar a coerência entre os padrões estéticos (tradicionalmente expressões da arte) e a vida do povo. Pugin exaltou

[51] Depoimentos reunidos por João Luis Almeida Machado em "As condições de trabalho na Revolução Industrial", originalmente pesquisados em www.spartacus.schoolnet.co.uk. Disponíveis em www.planetaeducacao.com.br. Acesso em julho de 2009.

o passado medieval perante a mediocridade das criações da indústria. Juntos desenvolveram um "elogio aos padrões artesanais e à organização do trabalho em guildas medievais"[52].

De acordo com Denis, esses ideários demarcam iniciativas de reformismo social alavancadas pelo design, em cooperação com "denúncias da brutalidade do industrialismo por explorar o trabalhador, destruir a paisagem natural e reduzir a vida social ao mínimo múltiplo comum da troca econômica". Essas críticas foram feitas por pensadores como Willian Blake, Samuel Taylor Coleridge e Thomas Carlyle, e congregaram ainda aristocratas e religiosos, cuja expressão política somaria força ao movimento que possuía contorno moral além de social (Denis, 2000, p. 66).

Figura 32. William Morris, 1875. Acanthus, Wallpaper.

Em seus escritos, Pugin se propunha a reeducar o gosto popular, apontando a importância de resgatar os "verdadeiros princípios de pureza e honestidade" nas construções e na produção industrial de bens materiais[53].

Nos anos que se seguiram, embora partidário dos ideais estéticos de Pugin, Ruskin creditava à mecanização do trabalho a responsabilidade pelas mazelas sociais e estéticas, como nos mostra Denis:

> Durante as décadas de 1850 e 1860, Ruskin aproximou-se de correntes de pensamento cooperativistas e sindicalistas, as quais argumentavam que a grande falha do capitalismo industrial residia justamente na tão alardeada divisão de tarefas. Não era o mau gosto do público consumidor que gerava a má qualidade [...], mas antes a desqualificação sistemática e conseqüente exploração do trabalhador que produzia a mercadoria. (2000, p. 71)

Figura 33. William Morris, 1864. Sussex Chair. O ornamento não excede a função: é seu elemento estrutural.

William Morris realizou, então, uma fusão entre as teses de Ruskin e as ideias socialistas, capitaneando, por meio de medidas práticas em sua firma, *Morris & Co* (1875-1940), o movimento *Arts & Crafts*. Este trabalhava em prol do aumento da integração entre projeto e execução, de uma relação mais democrática entre as pessoas envolvidas na produção e da proteção a altos padrões de qualidade em seus produtos — diretrizes que nortearam as entidades que aderiram ao movimento, não apenas na Europa como também nos Estados Unidos (Denis, 2000, p. 74-75).

Para Morris, ao ser interposta entre o artista e a matéria-prima, a máquina corrompia a característica dignificante do trabalho e, por consequência, o produto que dele resultava, estabelecendo uma relação de causalidade entre as questões social e estética. Para ele, era preciso retornar ao processo artesanal e conferir máxima qualidade aos produtos; integrar as tarefas de concepção e realização sob a responsabilidade de um mesmo trabalhador; adequar a configu-

---

[52] Enciclopédia Itaú de Artes Visuais. Disponível em www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=4986&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=8). Acesso em julho de 2009.

[53] Sob tal inspiração, no final dos anos 1840 organizou-se outro grupo de reformistas, composto por Owen Jones, arquiteto; Richard Redgrave, pintor; Henry Cole, burocrata. De suas iniciativas frutificaram o *Journal of Design and Manufactures* e o livro *The Grammar of Ornament*, de Jones, que traziam para reflexão e debate referenciais artísticos anteriores à industrialização, sua coerência e qualidades. Este debate gerou incentivo para a criação de *Schools of Design* em Londres, que contribuíram para a consolidação do campo profissional e para a percepção pública da atividade e suas intenções (Denis, 2000, p. 70-71).

ração das peças aos propósitos de uso que deveriam cumprir (funcionalidade) e respeitar as propriedades dos materiais empregados: isso resultaria em trabalhadores, consumidores e produtos cuja integridade estaria salvaguardada. Porém, a dedicação e o prazo necessários à consecução de tal tipo de produção provocaram seu encarecimento, contrariando a intenção estrutural do movimento: a aproximação democrática entre a arte e o povo. Assim, a aquisição dos produtos restringiu-se às camadas mais abastadas daquela sociedade[54].

A oposição do *Arts & Crafts* ao industrialismo — contemporânea ao debate realizado pelo *Journal of Design* e aos frutos em prol do funcionalismo por ele desencadeados — representa, para efeito de enumeração desta pesquisa, a primeira movimentação da categoria profissional dos designers contra o sistema que a gerou. As promessas liberalistas e progressistas do capitalismo industrial adiavam desta maneira seus prognósticos de emergente redenção social, deflagrando uma situação perturbadora, com a qual os designers apenas iniciavam uma relação de pertencimento:

> É um fato marcante que a miséria das massas operárias não tenha diminuído de 1848 a 1864 e, contudo, esse período não tenha rival quanto ao desenvolvimento da indústria e o crescimento do comércio. Em 1850, um órgão moderado da pequena burguesia britânica [...] predizia que se as exportações e as importações da Inglaterra viessem a elevar-se 50%, o pauperismo inglês cairia para zero. (Discurso inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores, Karl Marx, 1864)[55]

Fatos importantes que antecederam a fundação da Bauhaus

O início do séc. XX seria palco de imensas alterações no cenário mundial, com repercussões sobre a política, a economia, a ciência e as artes.

O *Art Nouveau*, que surgira na França em 1890, disseminou sua estética ora sinuosa, ora geométrica pela Europa e Américas até 1910, impondo-se como "o primeiro estilo verdadeiramente moderno e internacional" (Denis, 2000, p. 87), liberto das amarras historicistas que caracterizaram tendências anteriores no ramo dos objetos. O *Art Nouveau* pretendia se tornar factível pela indústria, mas a organicidade de grande parte de suas formas revelou-se incompatível com a maquinaria, exigindo intensas e variadas fases de produção artesanal. No plano bidimensional, ao contrário, realizou na produção de *posters* sua vocação industrial.

Figura 34. Cadeira projetada por Henry van der Velde.

As divergências produtivas entre tendências estéticas e processos industriais tiveram como consequência uma tomada de posição empresarial em prol do aumento da produtividade. Essa mudança se deu a partir da publicação, em 1911, do livro *Principles os Scientific Management*, do engenheiro norte-americano Frederick W. Taylor, contendo uma pesquisa pautada nas ideias de racionalização do trabalho de Adam Smith que visava a "atingir a eficiência máxima da produção através do planejamento do tempo e dos movimentos

[54] Anotações de aula. Prof. Cláudio Lamas. Disciplina "História do Desenho Industrial", PUC-Rio. 2007.

[55] Disponível em http://bataillesocialiste.wordpress.com. Acesso em abril de 2009.

envolvidos na execução de tarefas específicas" (p. 37). Ainda segundo Denis, "nessas suas manifestações primitivas, a ergonomia surgia não para melhorar a vida do trabalhador, mas para espremer dele uma maior produtividade".

Tais preceitos se afirmaram no cenário industrial com o estofo da sua implantação prática na fábrica de automóveis do norte-americano Henry Ford, desde 1909. A fábrica alcançou um aumento expressivo na produtividade, gerando a doutrina industrial do fordismo: o trabalhador permanece estático enquanto a peça na qual ele irá interferir é conduzida por uma esteira rolante; tarefas complexas são segmentadas em diversas tarefas banais, fazendo com que o operário execute maquinalmente apenas uma tarefa simples[56]. Segundo Heskett, se nas oficinas medievais o operário era um ser pensante, com o *taylorismo* ele se transformou em um trabalhador robotizado, tornando-se, com o fordismo, uma extensão mesmo da máquina.

A forte herança do século anterior revolucionou os meios de transporte, inaugurou um mercado internacional para os produtos (Exposições Internacionais em Londres, 1851 e Paris, 1889), padronizou pesos e medidas, propiciando tanto o advento de uma economia global como, segundo Richard Sennet, a demarcação de identidades por intermédio do hábito de consumo de mercadorias (Denis, 2000, p. 56). Uma relação dialógica era estabelecida entre a ideia de progresso e os sentimentos nacionalistas, outorgando às máquinas um poder inovador e irrefreável, verificável nos manifestos das vanguardas artísticas européias:

Figura 35. *Les Demoiselles D'Avignon* Pablo Picasso. 1907

Figura 36. Automóvel + velocidade + luz. Giácomo Balla. 1913.

> CUBISMO. 1907. Espanha, França. A geometria está para as artes plásticas, assim como a gramática está para a arte de escrever [...]. Hoje, os cientistas não se atêm mais às três dimensões da geometria de Euclides. Os pintores foram levados naturalmente e, digamos, intuitivamente a se preocuparem com as novas medidas possíveis do espaço que, na linguagem figurativa dos modernos, são indicadas todas juntas com o termo de quarta dimensão. Assim, da forma como se oferece ao espírito, do ponto de vista plástico, a quarta dimensão seria gerada pelas três dimensões conhecidas. Ela representa a imensidão do espaço, que se eterniza em todas as dimensões num movimento determinado. É o próprio espaço, a dimensão do infinito, e dá plasticidade aos objetos.[57]

> FUTURISMO. 1909. Itália. Declaramos que o esplendor do mundo foi aumentado por uma nova beleza: a beleza da velocidade [...]. Queremos glorificar a guerra — a única higiene do mundo —, o militarismo, o patriotismo, o ato destrutivo dos anarquistas, as belas ideias pelas quais o indivíduo morre [...]. Lançamos da Itália para o mundo este nosso manifesto de violência irrefreável e incendiário [...], porque queremos libertar esta terra do fétido câncer de professores, arqueólogos, guias e antiquários.[58]

---

[56] Vale dizer que a intercambialidade das peças na indústria de armas foi referencial para os processos de estandardização, base para a linha de produção.

[57] APPOLINAIRE. A lição cubista in MICHELLI, M. *As vanguardas artísticas*. São Paulo, Martins Fontes, 1991, p. 174.

[58] MARINETTI, F. T. Manifesto Futurista. Paris. *Le Fígaro,* 1909. Disponível em http://www.code4557687196.bio.br. Acesso em abril de 2009.

O processo de industrialização transformara o mundo de forma irreversível. Cânones postos abaixo e motivações revolucionárias davam visualidade e vigor ao espírito de inovação nas expressões gráficas e artísticas da época, enquanto eclodia a I Guerra Mundial, embate entre anseios nacionalistas (movidos também por interesses comerciais) e uma organização política imperial, exploradora das matérias-primas de suas colônias. Durante a guerra — na qual morreram oito milhões de soldados e 6,5 milhões de civis —, uma intensa produção de cartazes arregimentava tropas, incutia e mantinha na população o espírito de rivalidade, marcando o suporte gráfico com a cunha de *propaganda ideológica*, o que favoreceu o vínculo dos artistas gráficos da época com interesses de Estado, parceria que traria muitos frutos futuros.

Figura 37. Cartaz Montgomery Flagg. 1917.

Nas artes, o Dadaísmo reagiu, expressando o desalento com a guerra, com o absurdo da situação, elegendo o *nada* como liderança e, assim, dando status de elemento artístico a qualquer coisa:

> DADAÍSMO. 1916. Suíça. Guerra Mundial Dadá que nunca mais acaba, revolução Dadá que nunca mais começa. Dadá, vós, amigos e também poetas, queridíssimos evangelistas [...]. Como conquistar a eterna bem-aventurança? Dizendo Dadá. Como ser célebre? Dizendo Dadá. Com nobre gesto e maneiras finas. Até a loucura, até perder a consciência.[59]

Figura 38. A fonte, Marcel Duchamp, 1917.

Na Rússia, o regime imperial era questionado pela burguesia liberal e pelos socialistas moderados, o que levou à eclosão da Revolução Bolchevique em 1917, sob o comando de Lênin, cujo governo somente se consolidaria após quatro anos de guerra civil. O movimento construtivista perpassaria toda aquela revolução com uma linguagem gráfica inovadora e utópica, dirigida às *massas*, símbolo de uma nova mentalidade que depositava na indústria a chave para uma cultura universal.

> CONSTRUTIVISMO. 1914. Rússia. O construtivismo permitirá que a humanidade alcance o grau máximo de cultura com o mínimo gasto de energia [...]. Todo indivíduo nascido neste planeta pode aprender o caminho mais rápido para a fábrica que está desenvolvendo o único organismo da terra. Para a fábrica onde o trampolim gigante está sendo criado rumo à cultura humana universal. O nome do caminho é Construtivismo.[60]

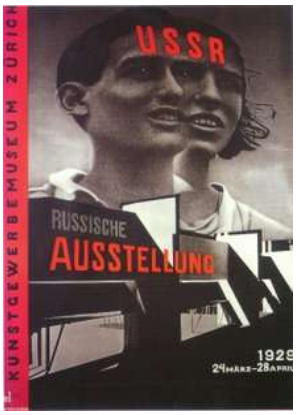


Figura 39. Cartaz de El Lissitzky. 1929.

Segundo John Heskett, uma característica comum aproximava os movimentos de vanguarda: a amplitude de seus conceitos fundamentais, apesar da presença de diferenças em seus enfoques e da variedade dos contextos nacionais onde surgiam. Havia uma rejeição geral da "arte pela arte": interessava o seu papel social. No conceito estava incorporada a

> [...] influência de tradições filosóficas idealistas e a busca de formas ideais platônicas, simbolizando uma realidade para além das mudanças passageiras do

[59] Manifesto Dadá. Hugo Ball. Disponível em http://fundacaovelocipedica.wordpress.com/.../dada-texto-de-hugo-ball/. Acesso em abril de 2009.

[60] Manifesto construtivista. Disponível em www.forumcamelot.com. Acesso em abril de 2009.

mundo exterior, manifestas na tendência à abstração e, em particular, as formas geométricas. (Heskett, 1977, p. 94-95)

Nesse sentido, a capacidade das máquinas industriais de gerar formas geométricas atendia à formulação teórica da vanguarda, gerando frutos ao mesmo tempo modernos e eternos. Ou seja, por intermédio da máquina fazia-se possível gerar formas abstratas de entendimento universal.

Sob essa atmosfera, simultaneamente à Revolução na Rússia, surgia na Holanda o movimento *De Stijl*, liderado por Theo van Doesburg e Piet Mondrian, que elegia linhas horizontais e verticais, três cores primárias e três cores não primárias como elementos de um novo vocabulário visual e arquitetônico, porta-voz do desejo de integração social universal.

Figura 40. Cadeira de Gerrit Rietvield, 1918; quadro de Piet Mondrian.

> DE STIJL, 1917. Holanda. Existe uma antiga e uma nova consciência em nossa era. A antiga se dirige ao individual. A nova se dirige ao universal. A luta do individual contra o universal pode ser verificada tanto na guerra mundial quanto na arte moderna. A guerra está destruindo o velho mundo pelo seu conteúdo: predominância individual em todos os campos. A nova arte tem trazido para a luz a nova consciência da era: uma relação equalizada entre o universal e o individual. [...] Eles (os artistas de todo o mundo) portanto simpatizam com todos aqueles que lutam, espiritual ou materialmente, pela formação internacional da vida, da arte e da cultura.[61]

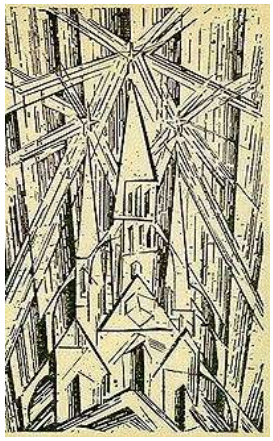


Figura 41. Xilogravura de Lyonel Feininger que ilustrava o manifesto de 1919: três raios de luz – pintura, escultura e arquitetura – se encontram no alto da catedral, simbolizando uma nova filosofia de estrutura.

Bauhaus, 1919 – arte e artesanato

Era anseio de expressiva parte da intelectualidade européia que a arte influenciasse a cultura, sendo absorvida pela sociedade como um "elemento da vida coletiva". Mas, para tanto, segundo os princípios econômicos de Kasimir Malevitch, seria preciso utilizar eficientemente os materiais e o tempo necessário para lidar com eles, o que se traduzia como a necessidade de uma base técnica e científica para a arte (Heskett, 1997, p. 101).

Desde meados do século XVIII, ocorriam na Europa iniciativas no sentido de promover o design como recurso para uma produção industrial nacionalmente singularizada e competitiva, como a Society for the Encouragement of Arts, Manufacture and Commerce, as Schools of Design britânicas e, mais tarde, a Deutscher Werkbund (1907). As principais metas desta última eram "a cooperação entre arte, indústria e ofícios artesanais; a imposição de novos padrões de qualidade na indústria; a divulgação de produtos alemães no mercado mundial; e a promoção da unidade cultural alemã", o que, segundo Denis, traduzia intenções notadamente ideológicas para além de interesses comerciais (Denis, 2000, p. 111). O modelo, como fórum dedicado a zelar pela produção industrial e sua singularização nacional, foi copiado por outros países (Áustria, 1912; Suíça, 1913; Grã-Bretanha, 1915), mas gerou algumas controvérsias, co-

[61] Manifesto De Stijl. Disponível em caad.arch.ethz.ch/teaching/.../Theo_manifesto.htm). Acesso em abril de 2009.

mo a ocorrida entre Hermann Muthesius[62], da *Werkbund* alemã, e Henry van de Velde, diretor da Escola de Artes e Ofícios de Weimar, em 1914:

Figura 42. Walter Gropius.

> Inconformado com as posições de Muthesius a favor da padronização estilística e da subordinação da arte aos interesses industriais, van de Velde advogava a importância da liberdade criativa e da autonomia da arte como guardiã de valores humanos, independentemente de questões comerciais. (2000, p. 112)

Tais princípios frutificariam na criação da Bauhaus, em Weimar, em 1919, onde, por indicação de van de Velde, Walter Gropius assumiu a direção. Ainda hoje referência pedagógica principal para o Design, a instituição de ensino tinha como objetivo unir arte e técnica e viabilizar o aprendizado pela prática, quebrando a distância entre criadores e produtores e resgatando conceitualmente as formas de organização do trabalho defendidas por William Morris:

> Arquitetos, escultores, pintores, todos devemos retornar ao artesanato, pois não existe 'arte por profissão'. Não há nenhuma diferença essencial entre artista e artesão, o artista é uma elevação do artesão, a graça divina, em raros momentos de luz que estão além de sua vontade, faz florescer inconscientemente obras de arte, entretanto, a base do 'saber fazer' é indispensável para todo artista. [...] Formemos, portanto, uma nova corporação de artesãos, sem a arrogância exclusivista que criava um muro de orgulho entre artesãos e artistas. Desejemos, inventemos, criemos juntos a nova construção do futuro, que enfeixará tudo numa única forma: arquitetura, escultura e pintura que, feita por milhões de mãos de artesãos, se alçará um dia aos céus, como símbolo cristalino de uma nova fé vindoura.[63]

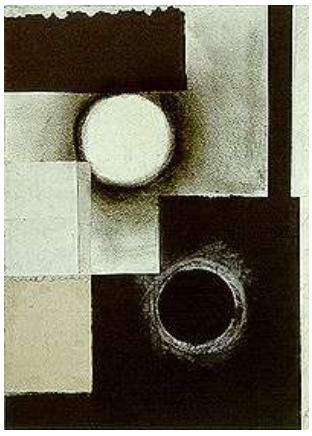


Figura 43. Friedl Dicker, Estudo de luz e sombra, 1920, classe de Johannes Itten.

Àquela altura já derrotada na guerra, a Alemanha convivia com greves de trabalhadores da indústria e fortes ameaças de influências da política soviética, ocasionando a criação de uma nova república federal, o que provocou o deslocamento da capital de Berlim para Weimar. A Bauhaus era uma instituição estatal (pública), resultante da fusão da Academia de Belas Artes e da Escola de Artes e Ofícios, ambas de Weimar, porém grande parte do seu corpo docente era socialista. Ali se pretendia reunir propostas artísticas e arquitetônicas das mais diversas origens, o que acabou por deflagrar um confronto entre o perfil cosmopolita de seus integrantes e as fortes tendências nacionalistas xenófobas daquela fase histórica (Denis, 2000, p. 119-120).

Para efeito desta pesquisa, vale ressaltar que a iniciativa de reunir expoentes das artes e da arquitetura e alunos de várias nacionalidades na constituição de um programa educacional voltado para "planejar, projetar e construir para o 'novo homem'" (Droste, 2006, p. 22), salvaguardando processos de produção humanamente dignos, configura um segundo marco histórico da atividade em defesa da ética. Trata-se da reafirmação da validade dos argumentos do *Arts and Crafts*, desta vez convertida em uma estrutura nada ortodoxa de ensino, que

---

[62] Em 1896, Muthesius fora enviado à Inglaterra pelo governo prussiano na qualidade de "espião de gostos", com a tarefa de se inteirar dos motivos do sucesso industrial inglês. Retornando à Alemanha após seis anos, foi o mentor da introdução de oficinas em todas as escolas de artes e ofícios (DROSTE, 2006, p.10).

[63] GROPIUS, W. Manifesto da Bauhaus, 1919. Disponível em www.bravus.net/manifesto-bauhaus. abril de 2009.

pudesse de algum modo sistematizar os frutos do frenesi cultural, político e econômico daquela época, gerando resultados francamente inovadores, ponto de partida para uma continuidade dinâmica da ideia.

Como descreve Magdalena Droste, na primeira fase da Bauhaus, quando a preocupação com o indivíduo e sua integração cósmica era a tônica, a abordagem era considerada "expressionista". Mas as consequências da derrota alemã na guerra obrigavam à busca de um sentido para a vida e ao enfrentamento objetivo da dimensão social alcançada pelas produções intelectuais. O expressionismo, assim, não fazia mais sentido e uma nova orientação fazia-se inevitável para a escola (Droste, 2006, p. 51).

Bauhaus, 1923 – arte e técnica

Desde 1922, Gropius tencionava comercializar os produtos da Bauhaus como forma de torná-la independente do Estado. Embora a ideia tenha gerado controvérsias[64], a exposição de 1923 demarcou o início da comercialização dos produtos concebidos e fabricados na escola. Naquele ano, essas tendências seriam consolidadas pelo programa de László Moholy-Nagy e Joseph Albers (em substituição ao de Johannes Itten), que "a nível interno, fomentava a confrontação deliberada com o mundo da tecnologia" (Droste, 2006, p. 60). Assim, a nova orientação da escola era definida como "Arte e técnica – uma nova unidade", com ênfase na "objetividade técnica e economia, o máximo efeito com o mínimo esforço, resultando novamente em formas geométricas abstratas apoiadas por uma teoria idealista platônica" (Heskett, 1997, p. 103).

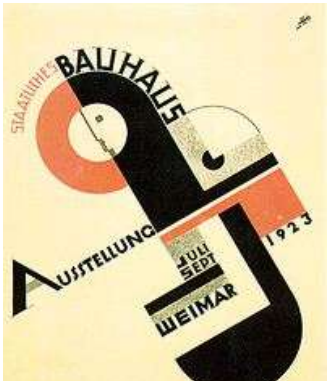


Figura 44. Poster da exposição da Bauhaus em Weimar, 1923. Litografia de Joost Schmitt.

> As oficinas da Bauhaus são essencialmente laboratórios onde protótipos de produtos adequados para a produção em massa e típicos de nosso tempo são cuidadosamente desenvolvidos e constantemente aprimorados. Nesses laboratórios, a Bauhaus deseja treinar um novo tipo de colaborador para a indústria e o artesanato, que tenha um domínio igual de tecnologia e forma. (Princípios da produção na Bauhaus, 1926)

Figura 45. Oficina de metal da Bauhaus.

Os esforços de trabalho na escola dedicaram-se a conceber produtos e espaços que atendessem às necessidades humanas e explorassem as potencialidades das inovações técnicas sem desvalorizar o ofício artesanal. Gropius não renegava o progresso, mas argumentava que "o mau uso da máquina produziu um espírito de massa, mortal para a alma, nivelador da diversidade da expressão individual e da independência de pensamento e ação". Ele tinha como alvo desenvolver objetos e construções projetadas expressamente para a produção industrial, de modo a "eliminar as desvantagens da máquina, sem sacrificar nenhuma de suas vantagens reais". Voltada, pois, à configuração de produtos técnicos e a um desenvolvimento orgânico de sua manufatura, a Bauhaus foi criticada por promover o racionalismo, mesmo que sua intenção fosse "explorar e fixar o território que é comum às esferas técnicas e formais, em estipular onde ficam seus limites" (Gropius, 1972, p. 21-32).

[64] A medida pragmática contrariava o conceito original da escola.

De acordo com Heskett, a produção da escola, entretanto, resultava de oficinas fundadas em técnicas artesanais, o que acarretava no fato de que o aprendizado e a experiência ali adquiridos não tivessem grande relação com a prática industrial. O atelier de mobiliário foi um dos primeiros a se render à estandardização, mas apenas em 1928, sob a direção de Hannes Meyer, já em Dessau, é que a realidade de mercado para os produtos ali concebidos conduziria a Bauhaus a tomar consciência de que era necessário transformar o ensino para dar cabo das problemáticas de design que surgiam. O objetivo deixava de ser o estilo para tornar-se a busca de formas adequadas à função que os produtos exerceriam (Droste, 2006, p. 79). Na análise de Denis, a escola contribuiu para a cristalização, porém, de um estilo no design: "o 'alto' Modernismo, que teve como preceito máximo o Funcionalismo, ou seja, a ideia de que a forma ideal de qualquer objeto deve ser determinada por sua função, atendo-se sempre a um vocabulário formal rigorosamente delimitado por uma série de convenções estéticas bastante rígidas" (Denis, 2000, p. 121-122).

Figura 46. Candeeiro de mesa em vidro, Karl J. Jucker e Wilhelm Wagenfeld – 1923-1924. Ícone da funcionalidade bauhausiana

Em 1933, a chegada dos nazistas ao poder determinou o fechamento da escola, a queima de seus livros e a destruição de grande parte das obras lá realizadas. Instituição polêmica desde a sua fundação, depois da guerra a Bauhaus prosseguiu sendo malvista pelos países comunistas europeus, acusada de difundir um estilo burguês e imperialista[65].

Considerando todo o empreendimento e o alto nível de industrialização da Alemanha àquela época, Heskett avalia que a lista de produtos gerada na escola representava uma "minúscula contribuição de um grupo vanguardista marginal" (Heskett, 1997, p. 105). Denis, entretanto, sinaliza que:

> Para a maioria dos que participaram, o significado maior da escola esteve na possibilidade de fazer uso da arquitetura e do design para construir uma sociedade melhor, mais livre, mais justa e plenamente internacional, sem os conflitos de nacionalidade e raça que então dominavam o cenário político. (Denis, 2000, p. 121)

Pensando na Bauhaus como um todo, a busca de um modo de entrosamento entre a arte, o artesanato e a indústria por intermédio da criação de um projeto pedagógico revolucionário — que, em outras palavras, visava à formação de alunos que multiplicariam e disseminariam o conhecimento ali germinado — pode ser entendida como uma tomada de posição importante quanto à defesa da ética. Como não havia clareza sobre os contornos estritos dessa ética, dada a enorme força das novas correntezas daquela fase econômica e política, era preciso se expor à realidade, investigando caminhos que contemplassem todos os elementos de sua complexidade, sem, no entanto, deixar de ter como referência principal valores humanos essenciais.

A experiência rendeu frutos por todo o mundo, dentre os quais a Nova Bauhaus, fundada por Lazlo Moholy-Nagy nos EUA, em 1937, cujos alunos

[65] Graça Magalhães-Ruether, correspondente de *O Globo* em Berlim. Moderna aos 90. Segundo caderno, 14 de abril de 2009.

não conseguiram se empregar na indústria, exercendo funções como artistas, artesãos e professores, e a Escola de Ulm, em 1955 (Heskett, 1997, p. 106).

Fatos importantes que antecederam a fundação da Escola de Ulm

> A Primeira Guerra Mundial estimulou uma enorme expansão da capacidade produtiva na América, que se converteu depois de 1918 numa explosão do consumo. Com o crescimento da produção em massa, assentada em vastos investimentos de capital, havia uma busca constante de métodos para redução de custos e aumento de vendas. Padronização e racionalização, métodos de produção aprimorados e novos materiais poderiam fazer muito para reduzir os custos por unidade, ao passo que uma ênfase na forma visual se tornou importante instrumento de aumento de vendas. Um dos principais motivos disso foi que, com o crescimento da publicidade, a imagem visual era frequentemente mais difundida que o produto propriamente dito. (Heskett, 1997, p. 107)

Figura 47. Projetos de Raymond Loewy: apontador aerodinâmico para lápis, 1933, e *dispenser* para Coca-Cola, 1947.

Tal conduta de mercado alimentava uma lógica de consumo sustentada pela expansão do crédito bancário, rota que abriu flancos para especulações financeiras nos EUA. Uma grave crise econômica adveio, culminando na quebra da Bolsa de Nova Iorque. Treze milhões de desempregados, diminuição do crédito a outros países e elevação das tarifas alfandegárias dos produtos norte-americanos retraíram o comércio exterior, concedendo dimensão global à crise (*Almanaque Abril Mundo*, 2002, p. 501).

As empresas sobreviventes encontraram nos "designers profissionais" uma saída. Encarregados de conceder periodicamente novas roupagens aos produtos, os designers ajudavam a criar no consumidor a vontade de substituí-los, mesmo os que ainda funcionavam plenamente. Num país que ocupava o posto de maior produtor mundial, porém desprovido de tradição em design, o *streamlining*, ao conceder feições aerodinâmicas aos mais inusitados produtos, contribuía para sacudir a mentalidade estética da época. A obsolescência estilística (*styling*) foi uma estratégia político-industrial para resgatar a economia, com todas as saudáveis consequências que disso poderiam advir: a geração de empregos, o aumento do poder aquisitivo, a gradual estabilização social etc.

Os aspectos positivos da estratégia devem ser destacados, entre eles a busca de coesão formal, o acondicionamento cuidadoso de engrenagens que antes permaneciam expostas e a elevação dos designers ao posto de consultores das indústrias (Heskett, 1997). Porém, aquele período pode ser considerado o berço de um design de finalidades cosméticas, mais comprometido com interesses comerciais do que funcionais, fonte de muitos problemas futuros. Vale a ressalva, no entanto, de que alguns designers profissionais oriundos da publicidade, arte e cenografia propuseram otimizações projetuais aos produtos. Henry Dreyfuss, contratado pela *Bell Telephone Company*, convenceu a empresa a desenvolver para seus produtos um design "de dentro para fora", envolvendo testes de funcionalidade e de uso (Heskett, 1997, p. 110).

Um ano antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, foi inaugurada uma exposição sobre a Bauhaus no MOMA, obtendo grande repercussão entre a elite cultural dos EUA. Como narra Pedro Luiz Pereira de Souza, os norte-americanos:

> (Procuravam) algo mais consistente que o *Art Déco* para contrapor ao *styling* e, influenciados pela exposição, criaram um ambíguo conceito de *Good Design*, em resumo, uma categoria de objetos e produtos que por sua qualidade formal, deveriam ser considerados exemplares. [...] *Good Design* era um sonho americano. Não de uma classe média [...], mas de uma elite ansiosa por equiparar-se culturalmente à Europa. (Souza, 1996, p. 58-61)

Segundo o autor, os frutos dessa investida nada mais representavam do que um formalismo acadêmico que reformulou as bases para o desenvolvimento de um novo *styling*. Uma nova moda e um estilo novo, somado ao consumismo, encontravam eco na ideologia geral da sociedade americana (Souza, 1996, p. 63).

Entre os anos de 1920 e 1940, o surgimento de novas tecnologias e materiais (como o plástico e o alumínio) contribuiu em muito para o desenvolvimento da indústria, abrindo às camadas populares o acesso ao consumo de muitos produtos (Denis, 2000, p. 124). A eclosão da Segunda Guerra Mundial se deu entre potências industriais (Inglaterra, França e Alemanha), numa fase, portanto, em que o mundo já havia absorvido a máquina como um motor da economia.

Figura 48. Gabinete de rádio, Walter Maria Kersting, 1928.

Naquele cenário, dois casos podem ilustrar o quanto os frutos da atividade variavam e mesmo poderiam oscilar em termos de direcionamento ético. Por um lado, estímulos econômicos e correntezas políticas. Por outro, situações sociais e espírito de pesquisa.

No primeiro caso, em 1928 o designer alemão Walter Maria Kersting, que defendia a produção de mecanismos "simples e à prova de uso incorreto", desenvolveu um inovador gabinete de rádio em plástico moldado. Alguns anos depois, embora Kersting se opusesse ao regime, seu projeto foi utilizado como base para o "Volksempfanger", "rádio do povo", produzido pelos nazistas como instrumento de propaganda (Herkett, 1997, p. 115). No segundo caso, em um período em que as pesquisas tecnológicas se voltavam para a guerra, o designer norte-americano Charles Eames dedicou-se a explorar as possibilidades técnicas e estéticas da madeira, desenvolvendo e fabricando talas para a imobilização de feridos e macas para transportá-los, o que contribuiu tanto para a chegada do pensamento de design a equipamentos médicos e de emergência quanto para o prosseguimento das investigações dos potenciais da madeira laminada para outras finalidades[66].

Figura 49. Tala para imobilização de feridos, Charles Eames, 1942.

Em 1945, o fim da guerra levou a uma euforia cuja força motriz foi o consumo. Os salários recebidos durante o conflito (inclusive por mulheres que trabalhavam nas fábricas de arsenais bélicos, por exemplo), estavam acumulados e a economia precisava voltar a girar. Segundo Denis ou Heskett, nos EUA "a abundância e o desperdício se tornaram condições essenciais para a manutenção

[66] Anotações de aula. Prof. Cláudio Lamas. Disciplina "História do Desenho Industrial", PUC-Rio. 2007.

da prosperidade", e a prática do descarte de produtos passou a nortear a indústria norte-americana. Fundava-se assim o conceito de obsolescência programada (anos de 1950 e 1960), em voga até os dias atuais, que consiste em produzir propositalmente produtos com tempo de vida útil limitado, embora os avanços da tecnologia já permitissem o contrário.

Hochschule für Gestaltung - Ulm

Figura 50. Hanz e Sophie Scholl, do movimento antinazista Rosa Branca.

Passada a guerra, a Alemanha — em fase de reconstrução e busca pela democratização — precisava se reerguer economicamente. Os EUA, temendo o avanço da influência soviética na Europa, se predispunha a colaborar para isso. A fundação da Hochschule für Gestaltung, em Ulm, resultou da união de forças entre ex-alunos da Bauhaus e de Inge Aicher-Sholl, com o apoio financeiro norte-americano. A escola foi fundada como uma homenagem póstuma aos irmãos de Inge Sholl, estudantes membros da resistência alemã, mortos pelos nazistas.

Concebida inicialmente para "promover os princípios da Bauhaus", e sob a direção de Max Bill, a Hochschule tinha a pretensão de privilegiar a forma. Mas devido à influência da Fundação Scholl, introduzia no currículo o ensino da Sociologia, Ciências Políticas e Psicologia, uma radical inovação nas escolas de arte (Souza, 1996, p. 55). Em documento de 1947 constam, dentre muitas outras, as seguintes intenções educativas da fundação:

Figura 51. Max Bill e Tomas Maldonado, 1956.

> Politicamente (a escola deve) dar a seus alunos um pensamento político independente [...]; participar na formação de uma elite democrática e, enquanto escola para a juventude, deve ensiná-la a agir politicamente e ajudá-la a descobrir caminhos para a ação política;
>
> Culturalmente a escola objetiva um universalismo de acordo com nossa época e deve influir sobre a criação de produtos sociais e ajudar a indústria a conciliar forma e qualidade;
>
> Profissionalmente deve conduzir seus alunos a suas próprias pesquisas, antes de dirigi-los a um estilo;
>
> Pedagogicamente deve adotar um caminho que evite o ensino massificado da teorização e da especialização. (p. 56)

Figura 52. Otl Aicher e alunos, 1958-59.

Apesar disso, segundo Souza, a pedagogia de Max Bill insistia nos moldes mestre-aprendiz e no entendimento de que "engenheiros e fabricantes deveriam ser agentes executivos do designer" (p. 56).

O *Good Design* norte-americano tivera na Suíça dos anos de 1940 sua contrapartida européia, a *Gute Form*, da qual Max Bill fora o principal expoente. Mas, na argumentação de Bill, podiam-se perceber qualificações que diferenciavam as duas tendências: "quando falamos de formas naturais, pensamos naquelas particularmente bem sucedidas. Quando falamos de formas técnicas, não nos referimos a quaisquer formas, mas àquelas que consideramos especialmente válidas".

Tomas Maldonado considerou que, apesar de o formalismo persistir na *Gute Form*, ela representou a "única atitude de dissenso frente ao *styling* logo depois da Segunda Guerra Mundial" (p. 61).

Debates internos acabaram por acarretar a saída de Bill. Como descreve Alexandre Wollner:

> Aicher, Maldonado, Gugelot e Zeischegg, os professores da nova geração, propunham estabelecer um comportamento educacional mais de acordo com a realidade industrial do pós-guerra. Previam um design também apoiado na ciência e na tecnologia. Neste sentido, tomaram a iniciativa de reformular todo o conceito da hfg, buscando situar o designer como um elemento associado ao processo de decisões na produção industrial e não na condição de autoridade suprema. A proposta foi, então, agregar à arte-função o princípio de integração com a ciência e a tecnologia. (Wollner, 2003, p. 85)

Segundo Wollner, o elemento estético, por si só, não era ponto de partida para os projetos. O valor estético resultaria de um conceito que partisse da necessidade, harmonizando significado, uso, produção e custo (p. 95).

Contrariando a tendência industrial norte-americana do *Good Design*, aliada a critérios de obsolescência programada,

> Ulm desmistificou essa atitude de criar somente aparência sem uma real mudança no conceito, fato significativo para a evolução industrial. Um dos exemplos mais claros foi a postura da empresa alemã Braun, produtora de aparelhos de som e, posteriormente, de eletrodomésticos. Como era uma indústria tecnicamente capacitada na fabricação de rádios, mas pouco conhecida no mercado alemão do pós-guerra, sem possibilidade de enfrentar grandes empresas como Telefunken, entrou em contato com a hfg, onde foi planejada uma linha de aparelhos de som inteiramente estruturada, com tecnologia de ponta e integrada ao comportamento funcional do design dos equipamentos. Foram também reestruturados o logotipo, as cores, a tipografia, os meios de comunicação e a apresentação dos produtos nos pontos-de-venda. (Wollner, 2003, p. 121)

Figura 53. Barbeador, Hans Gugelot, 1962.

O projeto desenvolvido pela HfG para a Braun tornou-se um ícone do Estilo Internacional no design de produtos. Surgido na Suíça como uma vertente do Funcionalismo, o Estilo Internacional preconizava que "a forma segue a função" e que, assim, todo e qualquer ornamento era inútil. Objetivando a compreensão internacional, edificações, produtos e sistemas de informação deveriam ser simples e racionais, eliminando qualquer elemento desnecessário, a fim de viabilizar rápida leitura ou interpretação por parte do usuário/receptor.

Figura 54. Rádio T3, Dieter Rams, 1953.

Ocorreu que o alcance de bons e inovadores resultados sob tal orientação conduziu ao entendimento de que a regulação técnica, a sistematização e a matematização deveriam nortear os projetos:

> Somente o que fosse mensurável e calculável deveria ser considerado como dado objetivo de projeto. [...] Em seu estágio mais avançado o posicionamento técnico e científico em Ulm, influenciado pela cibernética, propôs uma escola sem ideologia, como uma faculdade de ciências. A pesquisa em metodologia e

BRAUN

Figura 55. Logotipo, Otl Aicher, 1953.

> na programação do design transformou-se em um determinismo heurístico e em positivismo lógico. (Souza, 1996, p. 66-67)

Maldonado chamou o fenômeno de "metodolatria". Na opinião de Günter Schmitz, "a tendência para a objetivação das atividades criativas se alimentava do perigoso anseio de produzir uma metodologia que pudesse automaticamente conduzir a resultados originais e perfeitos" (p. 67).

Otl Aicher e Zeischegg então lideraram uma oposição ao tecnocratismo, que àquela altura colocara práticos e teóricos em pé de guerra. Segundo Souza, os dois "afirmaram que a finalidade do projeto, seus objetivos e valores sociais eram os fatores importantes no design. O sentido, a utilidade e a forma não resultavam de determinismos, mas da intenção do projeto" (p. 67).

A busca incessante e cheia de controvérsias de uma definição para a atividade do design foi depois mais precisamente colocada por Maldonado em 1967:

> O desenho industrial é uma atividade cujo objetivo último é determinar as propriedades formais dos objetos produzidos pela indústria. Por propriedades formais não se entendem as características exteriores mas, acima de tudo, as relações estruturais e funcionais que convertem um objeto em uma unidade coerente, tanto do ponto de vista do produtor como do usuário. (Maldonado apud Souza, 1996, p. 68)

Os debates tiveram como canal a revista *Ulm*, onde se questionavam os resultados da escola perante a realidade político-econômica alemã, se discutiam problemas de ordem acadêmica e se analisava, já naquela época, a interferência da produção industrial sobre o meio ambiente. Toda a movimentação política do final dos anos de 1960 marcou a escola, envolvendo os estudantes em discussões sobre o futuro de Ulm.

Em 1967, Maldonado recusou a proposta de estatização da escola, proposta pelo parlamento como forma de superar problemas financeiros. No ano seguinte, a HfG toma a decisão de se auto-dissolver, responsabilizando a Fundação Scholl pela condução financeira arbitrária e desastrosa, o governo e o parlamento pela insistência em uma atitude negativa com relação à escola, e o governo de Bonn, que, de maneira suspeita, teria se restringido a fazer uma leitura literal da recomendação oficial de não interferência do governo federal em assuntos de educação nos estados alemães:

> Os membros da HfG declaram que as verdadeiras razões do fim da escola não são fatores econômicos, mas de natureza política. Os membros da HfG protestam contra o cinismo da acusação de suicídio, quando na verdade ocorre um assassinato político e cultural. (Declaração final da reunião de 23 de fevereiro de 1968 apud Souza, 1996, p. 71)

A Escola de Ulm, desta forma, exerceu um papel decisivo no sentido de contrapor preocupações morais à correnteza mundial do *styling* norte-americano. A "moralidade dos objetos", expressão cunhada por Herbert Lidinger para definir a importância do papel da escola, era a busca por resultados palpáveis do potencial da atividade em direção ao conhecimento de si mesma,

suas possibilidades, limites, processos e compromissos com todo o sortimento de vetores impulsionados pela realidade e a cultura industrial.

O movimento dos consumidores

Neste ponto da pesquisa, é necessário documentar a cena também por outros ângulos: o do público consumidor e o dos órgãos legislativos.

> Consumerismo, do inglês *consumerism*, é terminologia criada para definir o movimento de consumidores americanos contra a produção e a comunicação de massa, as técnicas de marketing, a periculosidade dos produtos postos no mercado, a qualidade, a confiabilidade dos produtos e das informações fornecidas pelos fabricantes e distribuidores etc. Não se confunde com consumismo, que é a compulsão por consumir. (Maria Lúcia Zülzke apud Correa, 1994)

Nos EUA, a adesão ao consumo e a aceitação do *styling* fenômenos citados anteriormente, ocorreram simultaneamente a movimentos de reação da sociedade civil em defesa de seus direitos como consumidora.

> Na década de 1930, a própria ideia de uma sociedade de consumo satisfeita e estável retratada na publicidade provocou uma onda de ressentimento por parte de milhões de americanos que se viam excluídos do sonho de prosperidade [...]. No final dos anos 20, e durante toda a década de 1930, as promessas frívolas do mundo da publicidade feitas por justaposições estonteantes com os desastres do colapso econômico montaram o palco para uma onda sem paralelo de ativismo de consumidores. (Klein, 2002, p. 332-333)

Segundo João Campos Corrêa, citando Philip Kotler, o consumerismo norte-americano se expandiu para todo o mundo no decorrer do século XX. Corrêa descreve momentos marcantes desse processo.

O primeiro é demarcado pelas denúncias de Upton Sinclair, publicadas no livro *The Jungle*, quanto às más condições de higiene nas indústrias de carne e produtos medicinais nos EUA, que resultaram na edição de duas normas: a "Regulamentação para Inspeção de Carne", em 1906 e o "Pure Food and Drug Act" (1914); e a criação da Comissão Federal de Comércio dos EUA.

O segundo marco, em 1938, foi a aprovação da "Legislação sobre Alimentos e Medicamentos" (FDA), que passou a abranger cosméticos e permitiu à FDA regular sobre práticas e atos lesivos ou desleais.

> Devido a um conjunto de fatores de insatisfação na sociedade americana que incluiu o surgimento de produtos mais complexos e perigosos, o escândalo da talidomida, a mensagem do Presidente Kennedy reconhecendo os direitos do consumidor, os livros de Vance Packard e Galbraith e, por último, a atuação firme de Ralph Nader, lutando por mais segurança nos automóveis. (Corrêa, 1994, p. 2)

Corrêa aponta, entretanto, que a análise de Kotler foi realizada nos anos de 1970 e necessita de atualização. Para isso fornece, com o auxílio do texto de Maria Lucia Zülzke, detalhes importantes para uma revisão das fases históricas vistas até aqui.

Desde o início da industrialização, as desigualdades sociais[67] se impunham. Já em 1891, Josephine Lowell liderara uma associação de advogados voltada para a melhoria das condições dos trabalhadores, a Liga dos Consumidores de Nova Iorque, enfatizando as condições de mulheres e crianças nas fábricas de algodão[68], e fornecendo etiquetas com os nomes de lojas de sua "lista branca" aos consumidores.

Em 1893, o taylorismo apresentava como resultado o aumento da produtividade, a redução de mão de obra e demissões. Por outro lado, a redução da jornada de trabalho em duas horas e o grande aumento de salários contribuíram para dotar o sistema como primordial para a normatização e padronização dos produtos.

A inclusão de cosméticos, inseticidas e demais produtos químicos empregados na agricultura no "Pure Food and Drug Act" acarretou a fundação da poderosa FDA, culminando na criação do Ministério da Saúde, Educação e Bem-Estar dos Estados Unidos, em 1953.

Numerosos "institutos de qualidade", surgidos nos EUA e na Europa dos anos de 1920, realizavam testes comparativos dos bens de consumo, publicando os resultados alcançados e alertando os consumidores "contra a sedução da propaganda com suas informações confusas e lacônicas" (Corrêa). O primeiro número da revista *Consumer's Reports* publicou estudos comparativos de leites e mediu teores de chumbo em brinquedos.

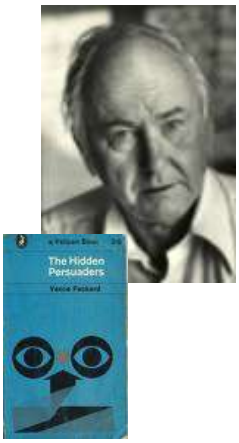


Figura 56. Vance Packard e o livro *The hidden persuarders*.

Em 1957, quando as relações entre indústria, comércio e consumidores pareciam viver uma fase tranquila, Vance Packard publicou uma estridente denúncia acerca dos recursos de manipulação adotados por agências de publicidade e escritórios de marketing, intitulado *The hidden persuarders*:

> Estão sendo feitos, com êxito impressionante, esforços em ampla escala para canalizar nossos hábitos irrefletidos, nossas decisões de compra e nossos processos de pensamento, com o emprego de conhecimentos buscados na psiquiatria e nas ciências sociais. [...] Parte da manipulação que está sendo tentada é simplesmente divertida. Outra parte é inquietadora, principalmente quando encarada como um prenúncio do que talvez esteja reservado a todos nós, no futuro, em escala mais intensa e efetiva. (Packard, 1959, p. 1)

O autor alertava que tais pesquisas se dedicavam a convencer o público tanto acerca da aquisição de mercadorias quanto da adesão a ideologias e atitudes. Preocupado com a questão moral, sinalizava que o princípio da manipulação abre espaço a questionamentos perturbadores, como o que indaga que tipo de sociedade ela é capaz de moldar, haja vista seu poder de penetração pelos meios de comunicação de massa:

> Talvez os adeptos da geração de otimismo tanto nos negócios como no governo possam apresentar argumentos impressionantes sobre a necessidade de pre-

[67] Consideradas pelo sistema capitalista como "um mal necessário".

[68] Corrêa esclarece que o foco dos esforços era para a seleção de produtos fabricados e comercializados de maneira respeitosa pelos trabalhadores, mais do que uma preocupação com a qualidade dos produtos.

> servar a confiança pública para que tenhamos paz e prosperidade. Mas para onde isso nos está conduzindo? (p. 239)

Tentando considerar a possibilidade de haver espírito de pesquisa sobre o comportamento humano na atitude dos cientistas sociais e psiquiatras que cooperam com os métodos de persuasão comercial, Packard reivindicou a elaboração de códigos de ética profissional; e embora não tenha incluído os designers dentre os responsáveis pelo fenômeno (o que Ralph Nader e Victor Papanek fariam em breve), profetizou:

> Além da questão das práticas específicas dos persuasores e dos cientistas a eles associados, há a questão maior de saber para onde nossa economia nos está levando sob as pressões do consumismo. Essa também é uma questão moral. De fato, suspeito que está destinada a ser uma das grandes questões morais de nosso tempo. (Packard, 1959, p. 243)

Retornando aos fatos importantes do consumerismo, Correa e Zülzke facultam à internacionalização da economia e às grandes fusões empresariais o crescimento de organizações de consumidores em países da Europa, Austrália e Japão. As "provas comparativas" realizadas pela Associação de Consumidores da Inglaterra sobre a indústria de automóveis, em ação considerada corajosa pelo público e antipatriótica pela indústria britânica, elegeram a alemã Volkswagen "em prejuízo dos carros ingleses".

> Apesar dessa reação, a Associação seguiu comparando desempenho versus preços, carros novos versus usados, propaganda versus realidade. Seu trabalho influenciou grandemente as discussões sobre o desenvolvimento dos itens de segurança dos automóveis, em um movimento paralelo à pressão exercida por Ralph Nader nas indústrias automobilísticas americanas. (Corrêa, 1994)

Figura 57. Ralph Nader, seu livro e a capa da revista *Time*, de 1969, que ilustra a grande repercussão alcançada por sua atuação.

Em 1960, vários países se reuniram para fundar a IOCU (International Organization of Consumers Union), hoje coordenando 170 grupos em 60 países (incluindo Ásia e América Latina), que abarca assuntos como ética empresarial e meio ambiente. Trabalhando em articulações por rede com organizações como a FAO (Food and Agriculture Organization), ONU e ILO (International Labor Organization), a IOCU interliga inúmeras pessoas sob várias áreas, entre elas a de alimentação para crianças (IBFAN), como veremos adiante.

A mensagem especial sobre proteção aos interesses dos consumidores, enviada pelo presidente Kennedy ao Congresso, em1962, originou o conceito de Direitos do Consumidor. A mensagem tratava sobre o direito à segurança, à informação, à opção e a ser ouvido. Lyndon Johnson criou o Escritório de Assistência Especial do Presidente da República para Assuntos dos Consumidores, que, entre 1964 e 1967 e também sob a presidência de Jimmy Carter, colocou o tema nas primeiras páginas dos jornais.

O impacto global provocado por essas medidas se refletiu na criação do Dia Mundial do Consumidor (15 de março). Reflexo, também, de toda essa trajetória, foi a convocação das empresas — durante os anos de 1960 — à incorporação das questões sociais (programas de qualidade de vida) como valor

empresarial. Escândalos, como o dos efeitos da talidomida[69], mesmo assim espocaram naquela fase, mobilizando a sociedade a assumir uma posição cada vez mais combativa.

O advogado norte-americano Ralph Nader liderou o movimento dos consumidores desvelando mazelas e processos obscuros encobertos pela imagem e pelo discurso de empresas. Candidato à presidência dos EUA em 2008, a biografia exibida no site de sua campanha informa que seus esforços de mais de 40 anos "ajudaram a criar um marco legal, agências reguladoras e normas federais que melhoraram a qualidade de vida de duas gerações de estadunidenses". Graças a ele, afirma o texto, hoje os norte-americanos consomem comida mais saudável, respiram um ar mais limpo, bebem água mais pura, trabalham em melhores ambientes e dirigem carros mais seguros. Em 1965 publicou o artigo "O carro seguro que você não pode comprar", seguido do livro *Perigoso a qualquer velocidade*, onde relatava os defeitos de segurança dos automóveis americanos e criticava a ineficácia das medidas relativas a esse item tomadas pelas indústrias, que o perseguiram, contribuindo para a divulgação da causa (Corrêa, 1994).

Ministro do Trabalho do governo de Lyndon Johnson, Nader incluiu em seu relatório sobre segurança nas rodovias a informação de que "os acidentes não eram provocados por culpa dos motoristas, mas por problemas nos veículos" (Correa, 1994). Suas investigações auxiliaram a pressionar o Congresso na aprovação do "Ato de Tráfego Nacional e Segurança de Veículos Motorizados", em 1966, chegando também a influenciar outras searas de consumo.

Nader disseminou combatividade entre profissionais e estudantes que ficaram conhecidos por "Invasores de Nader", e atuaram em diversas áreas de interesse do consumidor. Afirmando não haver democracia sem cidadania, ele encorajou a sociedade a reagir crítica e ativamente às imposições da indústria e do comércio de produtos.

O design nos anos de 1960

É importante sinalizar que, enquanto isso, no campo do design, ocorriam estudos científicos e movimentos estético-ideológicos expressivos, com destaque para a evolução da ergonomia como disciplina e do Pop Design.

Profissionais se organizaram em associações de âmbito internacional, como o International Council of Societies of Industrial Design – ICSID, fundado em 1957, congregando associações nacionais, instituições educacionais, representantes de governos e de corporações, e o International Council of Graphic Design Association – ICOGRADA em 1963.

A origem da ergonomia surpreende por contrariar expectativas. A disciplina científica, dedicada ao estudo das interações humanas com os elementos de outros sistemas, tem relação com aquelas condutas de gerenciamento científico propostas por Taylor: a intensificação da carga de trabalho nas indústrias acarre-

[69] Substância prescrita como sedativo, anti-inflamatório e hipnótico, no final dos anos de 1960 a talidomida provocou casos de "malformações" congênitas em bebês, devido ao fato de o remédio ter sido também receitado a mulheres para aliviar enjôos dos primeiros meses de gravidez.

tava a diminuição do tempo de decisão de seu operador, e erros humanos eram cometidos, provocados por stress. Conforme Denis, portanto, a ergonomia surgiu "não para melhorar a vida do trabalhador mas para espremer dele uma maior produtividade" (Denis, 2000, p. 37). Mas, como afirma Adrian Forty:

> A crença de que o design, em vez de, digamos, a prece, o costume ou a moral, poderia contribuir para a saúde tem origem no século XVIII, com as tentativas de encontrar maneiras de reduzir a mortalidade nas prisões e nos hospitais. [...] Por exemplo, em 1788, o cirurgião francês J. R. Tenon declarou em seu grande tratado sobre hospitais que camas projetadas de modo apropriado poderiam ser um meio de cura. (Forty, 2007, p. 231)

Em 1945, "uma pesquisa para apurar se alguns acidentes aéreos rotulados de 'erro do piloto' não resultariam, na realidade, de projetos imperfeitos ou inadequados"[70] foi empreendida por Fitts e Jones. Eles entrevistaram 500 pilotos, verificando elementos comuns aos acidentes ocorridos. Assim, como define Anamaria de Moraes, o nascimento efetivo da ergonomia se deu num momento em que o conflito entre o homem e a máquina não mais conseguia ser solucionado pela seleção e treinamento dos trabalhadores. Engenheiros, psicólogos e fisiólogos uniram esforços de pesquisa ao perceberem que as inovações tecnológicas precisavam se adequar às características físicas, psíquicas e cognitivas humanas.

Durante os anos de 1950, finda a guerra, ergonomistas constataram que "os mesmos erros de projeto que atormentavam marinheiros, soldados e aviadores, existiam — e ainda existem — nas fábricas, nas estradas, na sinalização urbana, nos tratores, caminhões, automóveis e mesmo num fogão doméstico" (Moraes). Dando continuidade aos esforços do psicólogo inglês K. F. Hywell Murrel, membro fundador da Ergonomic Research Society (1949), foi criado o Committee for the International Association of Ergonomics Scientists no continente europeu (1961), pedra fundamental para a atual International Ergonomics Association – IEA.

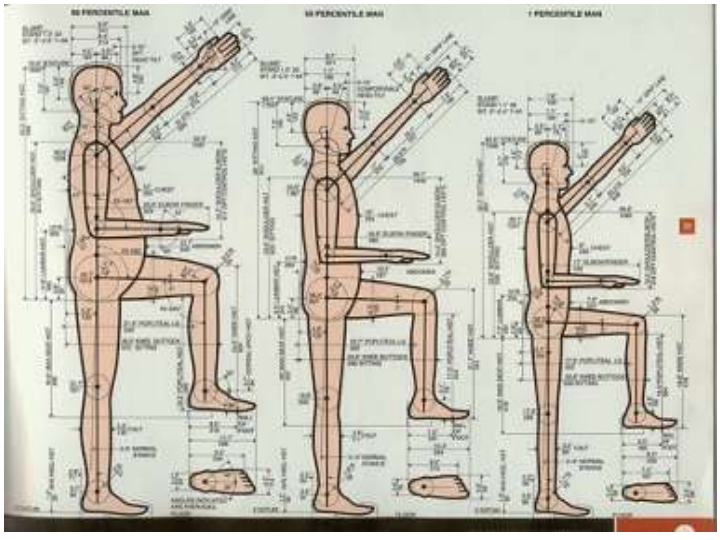


Figura 58. "The measure of man". Henry Dreyfuss, 1961.

[70] Conforme MORAES. Disponível no, site do LEUI: wwwusers.rdc.puc-rio.br/leui.

Nos EUA, em 1955, Henry Dreyfuss publicava as consultorias realizadas sobre equipamentos e veículos militares norte-americanos no livro *Designing for people*, no qual os personagens Joe e Josephine serviam de modelos em estudos antropométricos a fim de provar que as máquinas adaptadas aos fatores humanos poderiam ser mais eficientes. Com o livro *The measure of man*, de 1961, Dreyfuss popularizou a ideia de adequar os produtos à escala humana, contribuindo "para estabelecer a ergonomia como ferramenta essencial dos designers" (Heskett, 1997, p. 111).

Surgido em Londres durante os anos de 1950, o Pop Design se referenciava pela Pop Art, sendo um movimento de reação à estética e ao conceito do Modernismo, uma ruptura com o Good Design. Discordava da necessidade de universalidade das formas, defendendo o direito ao individual, à indisciplina, e à efemeridade — no que prenunciava o pós-modernismo. Segundo Denis, sua visão era anti-geométrica, anti-funcionalista e antirracionalista, buscando "injetar o humor, o acaso e o mau gosto assumido no seio da estética moderna" (Denis, 2000, p. 181). O Pop Design refletiu a lógica industrial dos anos de 1960 (a lógica do aumento da produtividade e da obsolescência programada), gerando produtos baratos e descartáveis, desvinculados das tradicionais categorias de alta e baixa cultura. A experimentação com plásticos, suas cores vibrantes e possibilidades de moldagem seguiu até o início dos anos de 1970, quando a crise do petróleo levou a economia internacional a uma nova recessão[71].

Figura 59. "Marshmallow sofa". George Nelson, 1956.

Assim, se por um lado firmes esforços foram dedicados a criar ferramentas de pesquisa que concedessem coerência e eficiência aos projetos de design, adequando-os ao usuário, por outro foram também dedicadas energias a romper com os cânones estético-funcionais instalados, libertando a forma da função, na geração de resultados irreverentes e aprazíveis, mesmo que nesse processo o frenesi da descartabilidade estivesse sendo aproveitado sem reservas.

Figura 60. "Tam tam stool". Henry Massonet, 1968.

A essa altura, há que se reconhecer que os caminhos trilhados pelo design seguiram motivações legítimas, mesmo que tantas vezes dissonantes, pois aproveitar uma nova tecnologia para trazer cor e alegria às residências parece tão louvável quanto conter a mesma tecnologia em favor de um usufruto mais racional e adaptado dos objetos.

O delineamento de contornos éticos para a atividade viria a ter como importante marcador um manifesto publicado no jornal britânico *The Guardian* em meados dos anos de 1960.

Figura 61. O manifesto nas páginas do jornal The Guardian, 1963.

First Things First, 1964

É curioso observar que no design, como na arte, o manifesto é o instrumento de expressão para protestos e lançamento de novas propostas.

Em dezembro de 1963, o designer britânico Ken Garland proclamou o manifesto *First Things First* no Institute of Contemporary Arts, em Londres. No ano seguinte, após publicá-lo em tiragem de 400 cópias co-assinadas por

[71] Disponível em www.gdesign.co.nz/designhist_60pop.html. Acesso em abril de 2009.

mais 22 profissionais, o manifesto foi publicado no jornal The Guardian, alcançando forte repercussão:

> Nós, abaixo assinados, somos designers gráficos, fotógrafos e estudantes criados num mundo no qual as técnicas e o aparato da publicidade nos foram persistentemente apresentados como os meios mais desejáveis, efetivos e lucrativos para o uso dos nossos talentos. Fomos bombardeados por publicações dedicadas a esta crença, louvando o trabalho daqueles que gastaram a sua habilidade e imaginação para vender coisas como ração para gato, pós-estomacais, detergente, restaurador capilar; pasta de dente listrada, loção pós-barba, loção pré-barba, dietas para emagrecer, dietas para engordar, desodorantes, água com gás, cigarros, *roll-ons*, *pull-ons* e *slip-ons*.
>
> De longe, os maiores esforços daqueles que trabalham na indústria da publicidade são desperdiçados nesses propósitos triviais, que pouco ou nada contribuem para a nossa prosperidade nacional.
>
> Junto a um número crescente de pessoas, alcançamos um ponto de saturação no qual o anúncio mais gritante não passa de mero ruído. Acreditamos que outras coisas são mais merecedoras da nossa habilidade e experiência: sinalização de ruas e edifícios, livros e periódicos, catálogos, manuais didáticos, fotografia industrial, suporte educativo, filmes, programas de destaque na televisão, publicações científicas e industriais, e todos os outros meios de comunicação nos quais promovemos uma maior consciência do mundo, a cultura, a educação e o comércio.
>
> Não defendemos a abolição da publicidade de alta pressão sobre o consumo: isto não é realizável. Tampouco queremos reduzir a alegria da vida. Mas propomos uma inversão de prioridades em benefício de formas de comunicação mais úteis e duradouras. Esperamos que a nossa sociedade se canse dos comerciantes cheios de truques; dos vendedores de status, e daqueles que praticam a persuasão camuflada; e que as nossas habilidades sejam solicitadas prioritariamente para propósitos mais relevantes. Tendo isso em mente, propomos partilhar nossa experiência e opiniões, e colocá-las à disposição de colegas, estudantes e outras pessoas que possam se interessar.[72]

De acordo com Denis, o já citado movimento em defesa dos direitos do consumidor havia desencadeado a exigência jurídica no sentido de responsabilizar civilmente as indústrias por eventuais danos causados por seus produtos. A partir das repercussões da obra de Nader, políticas de design meramente cosméticas para a renovação de produtos tiveram que ser abandonadas. Uma das soluções encontradas pelos empresários foi a de investir em estratégias para aquecer as vendas, potencializando aquilo que Packard prenunciava. Investimentos maciços em publicidade demarcaram a "relação trinidária entre design, publicidade e marketing", sob os auspícios da televisão, que vem a ser simultaneamente um eletrodoméstico, um veículo para vendas e para o lazer.

[72] Disponível em www.agitprop.vitruvius.com.br. Acesso em abril de 2009.

> É em torno da televisão que se cristalizam dos conceitos fundamentais do design e do marketing no mundo pós-moderno: o que foi batizado em inglês de *lifestyle,* ou estilo de vida. Mais do que o sentido aparente do termo, trata-se da ideia de que uma mercadoria não deve ser projetada apenas como um produto isolado, julgado por padrões imanentes como função ou forma, mas como uma peça inserida em toda uma rede de associações e atividades que juntas geram uma imagem e uma auto-imagem do consumidor/usuário. (Denis, 2000, p. 183)

Ao analisar o documento, João de Souza Leite observa que, de acordo com o texto, o design "não deveria se imiscuir em questões relacionadas à propaganda e à publicidade", por não cumprir "papel algum relacionado às técnicas de persuasão", devendo concentrar-se estritamente no campo da informação, e resguardando-se, assim, do que pudesse "ser considerado 'sujo' em sua relação com o dinheiro" (Leite, 2000).

Figura 62. Ken Garland.

Em artigo para o recente livro *Citizen Designer*, organizado por Steven Heller e Véronique Vienne, o próprio Ken Garland disserta sobre a noção de "responsabilidade profissional", citando a repercussão causada por seu manifesto junto aos diretores de vendas das empresas para quem projetava àquela época. Um deles argumentou: "O que precisamos ter em mente, Garland, mediante o grande volume de despesas com o projeto de identidade corporativa, é que nossa maior responsabilidade, nossa responsabilidade última, é com os acionistas". Outro falou: "Você está fazendo pouco de si, rapaz, aparecendo na televisão e proclamando tal manifesto. Corre o risco de perder alguns clientes". Ao fim do texto, Garland chega às seguintes definições:

> 'Responsabilidade' é se unir com os capitães de indústria, de modo a tomar ações apropriadas e fazer com que os acionistas permitam que isso aconteça; 'Irresponsabilidade' significa silenciar perante o público qualquer coisa que você não aprove acerca do 'modo que as coisas são'. (Garland in Heller e Vienne, 2007, p. 188-190)

Denunciar a situação era a função do manifesto. Chamar os profissionais do mundo todo à realidade e à sua responsabilidade foi o objetivo. Em que pese o fato de que, muitos anos depois, a reedição do manifesto tenha sido necessária, constata-se que os efeitos pretendidos não foram alcançados. Aquelas palavras rascantes, no entanto, resultariam em futuras tomadas de posição por alguns influentes designers e grupos profissionais.

Victor Papanek, 1971

No final da década de 1960 e início da década de 1970, as preocupações prementes com a contracultura, o meio ambiente e a autonomia política de países do chamado Terceiro Mundo — muitos recém saídos de séculos de colonialismo — contribuíram para a formação de uma nova consciência em nível mundial do papel do design e da tecnologia. Ideias até então pouco discutidas, como ecologia humana, estratégias tecnológicas alternativas e responsabilidade social do designer, ganharam ampla divulgação através de best-sellers como

Design For the Real World (1971), de Victor Papanek, e *Small is Beautifull* (1973), de E. F. Schumacher. (Denis, 2000, p. 196)

Desde meados dos anos de 1950, os EUA empreendiam esforços junto a agências de design para fornecer assistência técnica e consultoria a pequenas indústrias do Oriente e da América Latina. Mas, como conta Heskett, apesar do cuidado em não ferir a cultura local, os critérios de eficiência e lucratividade próprios à realidade norte-americana o fizeram, alavancando um processo de dependência econômica. A esse respeito, Gui Bonsiepe[73] apontou que o erro estava em projetar *para* os países dependentes, onde não havia base econômica. Sensato seria projetar *nos* e *para* esses países, dando valor preponderante à suas necessidades sociais (Heskett, 1997, p. 210-211).

De acordo com Denis, o livro de Papanek procurava demonstrar o quanto o design se encontrava desarticulado dos desafios humanos e ambientais da época e, através de expressivos exemplos colhidos em diversos países, demonstrava as grandes possibilidades de reverter tal quadro. A publicação fez escola em todo o mundo, fundando as bases para a corrente do design alternativo, demonstrando a premência de os profissionais voltarem suas atenções para os problemas sociais e sugerindo que eles abrissem mão dos direitos intelectuais sobre os projetos. O de Schumacher alcançou escala ainda maior pelo fato de referir-se à organização econômica e tecnológica como um todo. Ele defendia que o frenesi tecnológico deveria ser estancado, de modo a que o conhecimento acumulado até ali pudesse ser distribuído igualitariamente. Sua ênfase estava na necessidade das pessoas, e não nos produtos (Denis, 2000, p. 196-198; Heskett, 1997, p. 212).

Pode-se considerar que Papanek, àquela época, optou pelo modelo "irresponsável" definido por Garland; ou seja, Papanek denunciou sem meias palavras o quão inaceitáveis eram os caminhos assumidos pela sociedade como um todo e pelos designers em particular, por terem "escolhido servir de cafetões aos interesses das grandes empresas" (Heskett, 1997, p. 212):

> Há profissões que são mais daninhas do que o Desenho Industrial, mas muito poucas. E possivelmente só há uma profissão menos sincera. A publicidade, dedicada a convencer as pessoas a comprarem coisas de que não necessitam, com dinheiro que não têm, para impressionar a pessoas a quem não lhes importa, é quiçá a especialidade mais falsa que existe hoje em dia. O Desenho Industrial, ao confeccionar as peças estúpidas divulgadas pelos publicitários, merece um segundo lugar. [...] Antes, se uma pessoa desejava matar gente, teria que chegar a ser general, comprar uma mina de carvão ou estudar física nuclear. Hoje o Desenho Industrial permite a produção em cadeia do assassinato. Ao projetar automóveis criminalmente inseguros que todos os anos matam ou mutilam cerca de 1 milhão de pessoas em todo o mundo [...] ou ao selecionarem materiais e procedimentos de fabricação que contaminam o ar que respiramos, os designers se converteram a uma espécie perigosa. E aos jovens se ensina cuidadosamente a competência requerida nestas atividades. (Papanek, 1973, p. 12)

Figura 63. Victor Papanek e capa da primeira edição de seu livro.

[73] Bonsiepe foi professor de Ulm, com atividade posterior no Chile e no Brasil.

Buckminster Fuller, arquiteto e designer norte-americano, autor do prefácio do livro, influenciou Papanek. Eles compartilhavam o conceito de que os designers eram "cientistas de uma antecipação abrangente", ou seja, estariam aptos a determinar rumos por antecipação, uma vez que geravam produtos e sistemas a serem implantados na cultura. Heskett desdobra criticamente essa ideia, acrescentando aos designers o adjetivo de presumíveis "profetas morais e sociais universais da sobrevivência e regeneração humana que transformam não só o ambiente mas a própria natureza do homem", sinalizando que, em perspectiva, o *status quo* político e ideológico de tal visão pareceria mais assustador do que aquele que pretendia substituir (Heskett, 1997, p. 212).

O fato é que ambos são assustadores, e aquele *status quo* que se pretendeu reformar se instalou, à revelia de todos os alertas. Porém, a partir de Papanek não mais foi possível abafar a força de argumentos dessa natureza, fazendo com que fosse aberta a temporada de debates e embates, no campo profissional, que influenciaram fortemente a formação das novas gerações de designers, em busca de um norte sobre a questão de sua responsabilidade.

> O design, para ser responsável perante a ecologia e responsável perante a sociedade, terá que ser revolucionário e radical [terá que retornar aos fundamentos] no sentido mais exato da palavra. Deve dedicar-se ao 'princípio do esforço mínimo' da natureza, em outras palavras, a um inventário mínimo orientado a uma diversidade máxima [para utilizar a excelente expressão de Peter Pearce], ou seja, fazer um máximo servindo-se de um mínimo. O que significa consumir menos, utilizar as coisas durante mais tempo, reciclar os materiais, e, possivelmente, não desperdiçar papel editando livros como este. [...] Existem muitos campos nos quais os designers têm que aprender a 'desdiseñar'. Para que desta maneira estejamos ainda a tempo de 'sobreviver ao diseño'. (Papanek, 1973, p. 307)

O discurso de Papanek, embora por muitos considerado radical e mesmo panfletário, revelou a necessidade de se des-fazer grande parte do que fora feito com a colaboração dos designers, tal a gravidade dos efeitos colaterais provocados.

Design de informação – 1979

Nas décadas de 1920 e 1930, Otto Neurath dedicou-se a desenvolver um método de convenção para o uso de sinais. O Isotype, *International System of Typographic Pictorial Education* foi introduzido em Viena e teve por objetivo representar "visualmente as estruturas sociais e econômicas fundamentais da sociedade austríaca, para servir de base aos benefícios sociais, especialmente nas áreas de habitação e saúde pública".

Figura 64. Pictogramas desenvolvidos pelo grupo Isotype.

Exemplo notável desses estudos de sistematização da informação visual foi o processo de desenvolvimento do mapa do metrô de Londres, iniciado em 1933 por Henry C. Beck, peça que demonstra a necessidade de esforços de projeto de design na busca por eficácia na comunicação pública (Hollis, 2001, p. 13).

Figura 65. Mapa do metrô de Londres, iniciado em 1933 por Henry C. Beck.

A experiência da Segunda Guerra traria importante estímulo para o surgimento da área, como descreve Jorge Frascara:

> Os materiais didáticos projetados para as forças armadas [...], mediante os quais o militar devia aprender bem e rapidamente o manejo de aparatos bélicos caros, complexos e perigosos, tiveram um forte impacto na importância dada à compreensibilidade do design da apresentação visual de informação. A educação especial e a educação a distância também contribuíram para esse desenvolvimento. Estes eventos, que tiveram lugar fora da prática habitual do designer gráfico, exerceram uma importante e positiva influência sobre a evolução da eficiência comunicacional. (Frascara, 2000, p. 43-44)

Em Ulm, o tema fez parte das pesquisas de cunho científico produzidas na escola, o que levou tais preocupações a alçarem o posto de fundamentos para projetos de design gráfico e tratamentos visuais de produtos.

Muitas realizações se seguiram — dentre as quais o projeto de pictogramas para os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, por Otl Aicher — até que o termo "Design de Informação" ou "Infodesign" se consolidasse, em 1979, com a publicação do *Information Design Journal*. Segundo Rob Waller, o IDJ possibilitou a confluência de interesses de uma comunidade formada por designers, professores e pesquisadores cujos trabalhos permaneciam esparsos.

Dedicada a perseguir maiores níveis de eficiência para os sistemas de comunicação pública, contando para isso com firmes contribuições da ergonomia, a área depara com uma grande complexidade de fatores, tais como a diversidade de contextos sociais e culturais, que podem vir a invalidar soluções tidas como adequadas para outras realidades. Frascara, designer argentino com muitas pesquisas no campo, afirma já ter sido extensivamente provado que a informação pura é insuficiente quando práticas culturais, atitudes, sistemas de valores e crenças se contrapõem ao seu conteúdo (*Infodesign 1*, 2004, p. 65-67). Daí o fato de o público, com suas necessidades, ser o ponto nevrálgico e focal

para as produções na área, como define a Sociedade Brasileira de Design de Informação:

> Design de informação é uma área do design gráfico que objetiva equacionar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que envolvem os sistemas de informação através da contextualização, planejamento, produção e interface gráfica da informação junto ao seu público alvo.[74]

O Design de Informação representa um marco em defesa da ética no design. Ele resulta de um processo de amadurecimento da atividade do design, da percepção de que seu potencial criativo e produtivo, somado ao entendimento das possibilidades de cruzamento de conhecimentos já acumulados, poderia atender a novas demandas, ampliando seu papel[75].

Mas em breve um novo manifesto externaria, nos moldes já conhecidos, novas inquietações dos designers com os cânones estéticos vigentes.

Memphis – 1981

> Considere o objeto de acordo com sua imagem, não sua função; Confira uma leitura ambígua à função; Objetive um resultado informal na forma geral dos objetos; Não rejeite o redesenho; Busque uma imagem contraditória: tão pesada quanto leve; Elabore o projeto de acordo com situações não-convencionais; Coloque junto partes diferentes (método de Design da NASA); Introduza um elemento inesperado (conceda um sentimento de suspense); Faça objetos calmos, poéticos, introvertidos e levemente auto-zombeteiros; Lembre-se das palavras antiguidade e natureza; Pense nos objetos que são diferentes uns dos outros (séries diferenciadas); Dê aos produtos tanto um aspecto de ofício quanto de ciência computacional; Introduza um total ou parcial (bi ou tridimensional) elemento ornamental; Combine partes envernizadas com opacas; Evite cantos vivos. (Manifesto Memphis – Regras)

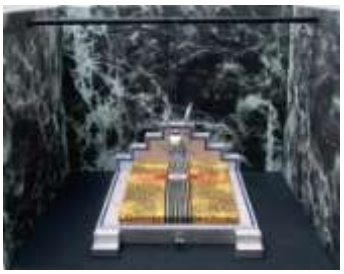


Figura 66. Maquete de *dream bed*. Presagio di rose, 1967.

Figura 67. Ettore Sottsass e sua *Carlton bookcase*, 1981.

Segundo o professor Cláudio Lamas, durante os anos de 1960 o funcionalismo dominava a produção em design. O "estilo Braun" parecia responder a todas as perguntas, gerando, além da sensação de que a história do design havia terminado, um grupo de profissionais inconformados com aquele quadro. Para eles, o que estava em questão não era propriamente a estética, mas a ideologia do design.

Inspirados pelos *dream cars* norte-americanos, o grupo italiano Archizoom Associati desenvolveu um conjunto de *dream beds*, lançando o Anti-Design. Os produtos, embora evocassem o *styling*, dele se diferenciavam porque não estavam destinados ao consumo, e sim a provocar a reflexão.

Tal postura ideológica teve seguimento naquele mesmo país com o Studio Alchimia, em 1978. O escritor Andrea Branzi e o designer austríaco Ettore

---

[74] Disponível em www.sbdi.org.br. Acesso em junho de 2009.

[75] Vale registrar que pesquisas desenvolvidas em Design da Informação fazem parte das bases das normas, testes e certificações ISO, *International Organization for Standardization*, que desde 1947 estabelece padrões de segurança e qualidade para a indústria e comércio de bens e serviços.

Sottsass capitanearam uma ruptura com o funcionalismo, o bom gosto e a ergonomia, num movimento assumidamente iconoclasta.

O elogio ao valor simbólico dos produtos veio a ocorrer no movimento Memphis (Sottsass, Michele De Lucchi, Marco Zanini, dentre outros), no início dos anos de 1980, libertando o design "da rigidez normativa que dominou o campo por mais de meio século" (Denis, 2000, p. 208). O ornamento deixou de representar um "crime", os produtos tornaram-se essencialmente gráficos, bem humorados, e a relação entre forma e função foi subvertida.

Os produtos gerados por esses grupos surpreenderam, insuflando a discussão no meio profissional e lançando os fundamentos teóricos para o movimento pós-moderno — mas também atraíram a atenção do mercado, que passou a gerar pastiches desprovidos do discurso ideológico, que caíram nas graças do consumo.

A importância do movimento Memphis, no entanto, deve-se ao fato de ele recuperar valores essenciais para a atividade, como a vitalidade, a busca por novas linguagens e o questionamento sobre a situação instalada.

Design Universal – 1985

Ao retornarem para casa, muitos dos veteranos da Segunda Guerra Mundial apresentavam incapacitações físicas. Na Europa, no Japão e nos EUA tornou-se necessário dar atenção à sua readaptação à sociedade. Assim, nos anos de 1950 foram iniciadas mudanças nas políticas públicas e nas práticas de design de modo a abrir oportunidades de educação e a institucionalizar os cuidados com as saúde dessa população.

Em 1961, a Veterans' Administration, junto a outras entidades norte-americanas, convenceu a American Standarts Association a lançar a primeira publicação sobre padrões de acessibilidade, sob o título *Tornando edifícios acessíveis e usáveis para indivíduos fisicamente incapacitados*, e os movimentos pelos direitos civis daquela década incluiriam a questão do acesso sem fronteiras às suas bandeiras de luta, sensibilizando designers e arquitetos a voltarem seus projetos para a não discriminação de produtos e ambientes.

O termo "Universal Design" foi empregado pela primeira vez pelo arquiteto Ronald Mace. Para ele, o universalismo residia no fato de que "produtos e ambientes podem (ser projetados de modo a) ser utilizados plenamente por todas as pessoas, sem a necessidade de adaptações ou especializações no projeto"[76]. Ou seja, se antes os produtos voltados para pessoas com deficiência eram exclusivos e "feios", a partir dessa mudança conceitual eles passariam a ser "belos" como os demais produtos, e voltados a incluir quaisquer usuários como consumidores.

Levando-se em conta o aspecto mercadológico, conforme o texto do Centro de Design Universal (*The Center for Universal Design*), o fato é que ao final do século XX o mundo tornou-se muito diverso daquele de há 100 anos, pois as pessoas vivem mais e sobrevivem melhor, acumulando progressivamente

[76] Disponível em www.profuse.it/cd/cd_datas_other/Introduction_to_universal_design_portuguese.pdf. Acesso em junho de 2009.

"deficiências", como perda de acuidade visual, dificuldades motoras etc. Então, o que antes constituía uma minoria demograficamente insignificante, hoje compõe um crescente mercado de consumo em potencial.

Figura 68. A Slander Drum Washer Driyer, desenvolvida em 2003 por um consórcio firmado entre a Índia e o Japão, ilustra a premissa inclusiva do Design Universal.

Uma identidade de natureza liga o Design Universal ao Design de Informação: mais do que a interesses comerciais ou motivações estéticas, ambos respondem a demandas pontuais da sociedade. Entretanto, a tradição da atividade e o envolvimento ontológico com os setores empresarial e artístico fazem com que as produções correspondam plenamente também a esses parâmetros. Realiza-se, então, ao final do século XX, não uma "virada" nos rumos da profissão, mas o vislumbre de novas e promissoras perspectivas. Os padrões de atuação mais voltados ao atendimento pragmático do mercado persistiriam, uma vez que a economia é por eles movimentada, mas tornou-se possível encaixar em tal correnteza uma geração de conhecimento claramente voltada a um posicionamento ético da profissão.

First Things First – 2000

Em 1997, por proposição do designer Alexander Manu, o tema do encontro do ICSID em Toronto teve como tema A Aldeia Humana. A discussão sobre a ética foi colocada oficialmente na agenda da profissão:

Figura 69. Tibor Kalman.

> Questões morais não são artigos de luxo opcionais para a indulgência particular. Problemas morais reais surgem diariamente, na pressão urgente da vida real, exigindo respostas imediatas para os dilemas que propõem. Todo designer trabalhando hoje em dia se depara com tais questões. Nossa falta de respostas nos coloca numa encruzilhada moral. Para um lado podemos ver a ruína e o desastre que irão inevitavelmente se seguir ao consumo e à cupidez consumista incontrolados e contínuos. Mas o outro caminho mal pode ser vislumbrado. Ainda não estamos certos, sequer, sobre como podemos encontrá-lo, mas encontrá-lo é o que devemos fazer. Não temos escolha, pois nossa prática corrente já não é mais aceitável. (Manu, 1995, p. 15)

Considerada excessivamente utópica por alguns, a iniciativa levou os designers participantes do encontro a se debruçarem sobre estudos econômicos, políticos, sociais e ambientais, a fim de traçar paralelos com o design, buscando uma saída.

Em 1999, por sugestão do designer Tibor Kalman, o manifesto *First Things First* foi reeditado e em 2000 publicado simultaneamente nas revistas *Adbusters* (Canadá), *Emogre, AIGA Journal of Graphic Design* (EUA), *Eye Magazine, Blueprint* (Inglaterra) e *Items* (Holanda). Desta vez, 33 profissionais da

comunidade internacional o assinaram, inclusive Ken Garland, tendo sido acrescentados alguns pontos ao texto anterior, como os que se seguem:

> Muitos professores e mentores do design promovem essa crença (de que a atividade tem na publicidade o rumo mais desejável, efetivo e lucrativo); o mercado a recompensa; uma maré de livros e publicações a reforça.
>
> A energia e o tempo da profissão são consumidos na elaboração da demanda por coisas que, na melhor das hipóteses, não são essenciais.
>
> Muitos de nós estamos cada vez mais desconfortáveis com essa visão do design. Os designers que dedicam seus esforços principalmente à publicidade, ao marketing e ao *branding* apóiam e implicitamente endossam um ambiente mental tão saturado de mensagens comerciais que está mudando a própria maneira como os cidadãos-consumidores falam, pensam, sentem, respondem e interagem. Em certa medida estamos ajudando a esboçar um código imensamente prejudicial e redutor do discurso público.
>
> A abrangência do debate está encolhendo e precisa ser ampliada. O consumismo está vigorando sem contestação, precisando ser desafiado por outros pontos de vista expressos parcialmente por intermédio das linguagens visuais e recursos do design.
>
> Em 1964, 22 comunicadores visuais assinaram o apelo original para que nossos conhecimentos e habilidades fossem utilizados de modo relevante. Com o crescimento explosivo da cultura comercial global, sua mensagem se tornou ainda mais urgente. Renovamos hoje o manifesto na expectativa de que não se passem outras décadas sem que seja levado a sério. (Pain, Agitprop www.agitprop.vitruvius.com.br)

Ainda hoje, quando propostos como leitura a turmas de estudantes de design em universidades, esses manifestos causam verdadeira espécie. As questões levantadas muitas vezes contrariam a visão que os alunos têm da profissão e os motivos que os levaram a escolhê-la. Note-se que a palavra "apelo" foi incluída no último parágrafo, concedendo ao texto um teor de urgência.

Entretanto, ao criticar o manifesto, Leite advoga que "a ação do design não pode ser tratada como operação somente disciplinada em si mesma, mas incorporada a um sistema de trocas complexo, no qual coexistem inúmeros vetores em questão", indagando:

> Serão relevantes, e politicamente corretos, como querem alguns, somente os projetos desenvolvidos para a área da cultura ou da ciência que, em parte, se valem de artifícios como recursos originados na renúncia fiscal, para o proveito de poucos? Que espécie de gueto seria esse reservado ao design? (Leite, 2000, p. 69)

Ocorre que apesar de todo o percurso trilhado, o design não determinou a chegada a um ponto conclusivo. Ao contrário de outras profissões, plenamente cientes de seu papel e dos objetivos que se propõem a alcançar, pode-se dizer que o design demonstra carregar sobre os ombros o desafio de delinear a natureza da ação que desenvolve sobre o mundo — a forma, a função e o sentido daquilo que faz.

Não é incomum detectar posições conflitantes entre os profissionais em relação aos contornos éticos da atividade, e talvez em parte isso se explique (embora não se justifique) pelo fato de o cenário em que o design atua ser determinado e constituído por forças também conflitantes, como veremos a seguir.

3.3.2 O alerta em defesa do meio ambiente

A preocupação com os efeitos da industrialização e da lógica capitalista sobre o meio ambiente e as sociedades veio à tona de maneira estridente com a experiência das duas Grandes Guerras. Segundo Nicola Abbagnano, autor de *Dicionário de Filosofia*, publicado em 1960, a crença no *progresso* como fundamento filosófico da humanidade foi gravemente enfraquecida. Gilberto Dupas aponta que tanto Marx quanto Kant "supunham que a evolução do conhecimento e do saber — bem como o aproveitamento pragmático das ciências por meio das técnicas — ocorreria inexoravelmente em direção a um *progresso*, no sentido da ilustração e da emancipação". O conhecimento científico veio a ser radicalmente atravessado pelo questionamento ético com a produção da bomba atômica e a catástrofe de Hiroshima: o *progresso*, entendido como avanço tecnológico, demonstrava seu poder de fazer da Terra um planeta inabitável (Dupas, 2006).

Figura 70. Imagens de Hiroshima antes e depois da eclosão da bomba.

Diante da complexidade da problemática mundial e da necessidade de compreendê-la visando a mudanças de conduta, o Clube de Roma[77] empreendeu um projeto para identificar os problemas contemporâneos que afetam o planeta de forma global: a desigualdade social, a degradação do meio ambiente, a desconfiança popular em relação às instituições, o descontrole no crescimento urbano, a insegurança no emprego, a alienação da juventude, a perda progressiva de valores tradicionais e problemas econômicos crônicos como a inflação.

> O projeto pressupunha que era possível entender o mundo como um sistema e analisá-lo como um todo. O resultado foi um relatório publicado pela primeira vez em 1972, *The Limits of Growth*, que defendia vigorosamente a necessidade de se conquistar um equilíbrio global baseado em limites ao crescimento da população, no desenvolvimento econômico dos países menos desenvolvidos e em uma atenção redobrada aos problemas ambientais. (Margolin, 1998, p. 40)

O relatório deu a partida numa série de outros importantes trabalhos de diversas comissões internacionais, dentre os quais o relatório *Our common future* (ONU e Comissão de Meio Ambiente e Desenvolvimento). Victor Margolin

[77] A organização foi fundada em 1968, por iniciativa do industrial italiano Aurélio Peccei.

aponta que toda esta produção resultou na promulgação do que ele denomina "um modelo de equilíbrio para o mundo", cuja premissa é a finitude dos recursos naturais e, consequentemente, um ecossistema de equilíbrio delicado, tendência de pensamento que gerou os partidos verdes europeus e norte-americanos e a mobilização das Nações Unidas para o tema.

Em oposição a tal modelo, entretanto, está uma economia global emergente, que depende da continuidade do crescimento, determinando uma tendência contrária a reflexões e contenções, recebendo apoio das sociedades industriais[78]. O autor a denomina "modelo de expansão mundial" no qual, acima das culturas, sociedades ou nações, vigoram as leis de mercado. Margolin alerta que as duas propostas "não estão apenas em conflito; estão numa rota de colisão", pois, enquanto o modelo de equilíbrio exige uma limitação do consumo, é exatamente desse consumo cada vez mais crescente que depende o modelo de expansão (p. 42)[79].

E é para nutrir esse consumo que o design, em grande parte, sempre trabalhou:

> A relação entre produtos e experiência se pauta na convicção de que os bens materiais são capazes de prover uma satisfação ilimitada. O materialismo tem se tornado parte tão integrante das noções de felicidade que o desenvolvimento de produtos encontra-se emaranhado de forma quase inextricável à busca do melhoramento da vida humana. Isto implica conseqüências importantes. Primeiramente, inexistem restrições à busca de aperfeiçoamento dos produtos e inexiste, igualmente, qualquer consenso a respeito do que seria uma qualidade de produto suficiente. [...] Frequentemente, a qualidade do produto está além daquilo que o usuário pode aproveitar. (Margolin, 1998, p. 43)

Em 1973 e nos anos seguintes, as graves dificuldades econômicas mundiais decorrentes da crise do petróleo desviaram temporariamente a atenção mundial da questão ambiental; mas o tema retornou à pauta com todo o vigor nos anos de 1980. Um novo tipo de consumidor surgiu na Europa e nos EUA, interessado em produtos menos poluentes ou produzidos sob os novos padrões ambientais, mesmo que por eles precisasse pagar mais caro (Denis, 2000, p. 216-219).

A ideia do "crescimento zero", embora teoricamente indicada, não foi proposta como solução nem pela esquerda nem pela direita. Segundo Eric Hobsbawm,

> A taxa de desenvolvimento devia ser reduzida ao 'sustentável' a médio prazo e, a longo prazo, se chegaria a um equilíbrio entre a humanidade, os recursos (renováveis) que ela consumia e o efeito de suas atividades sobre o ambiente. Ninguém sabia e poucos ousavam especular como se devia fazer isso [...]. Uma coisa, porém, era inegável. Tal equilíbrio seria incompatível com uma economia mundial baseada na busca ilimitada do lucro por empresas econô-

[78] As indústrias, se não são contrárias ao equilíbrio, estão enredadas pela corrente expansionista.

[79] O modelo prevalece, embora a crise econômica de 2008 tenha estremecido em parte a dinâmica desta equação (por ocasião da reunião do G8, em Áquila, o presidente Barack Obama sinalizou que os EUA não conseguirão "recuperar os níveis de consumo do passado", pois trilhões de dólares foram perdidos apesar do dinheiro injetado pelo governo na economia). Disponível em www.estadao.com.br/economia/not_eco400240,0.htm. Em 9 de julho de 2009. Acesso em agosto de 2009.

micas dedicadas, por definição, a esse objetivo, e competindo umas com as outras num mercado livre global. (Hobsbawm, 1995, p. 548)

O fato é que o modelo econômico neoliberal abriria flancos para as políticas de marca, determinando uma correnteza na qual o design tornou-se peça fundamental.

Dominando o universo do consumo, deliberando rumos econômicos, políticos e sociais, o cenário neoliberal constituiu terreno fértil e atraente para os designers. No afã de tentar corresponder minimamente à busca por perspectivas profissionais promissoras e estimulantes, em meio a um quadro trabalhista mundial tenso e repleto de incertezas, muitos jovens optaram e ainda hoje optam pela profissão tão intimamente vinculada à cultura do consumo, na qual nasceram imersos, dinamizando assim o ciclo. Mas pode-se dizer também que grande parte dos profissionais sofre uma crise de identidade ao ver seu nome sendo citado para definir aspectos insustentáveis e excludentes da produção material.

A trajetória da crise ambiental prosseguiria. Em 1988, cientistas e governantes realizaram a primeira reunião sobre mudanças climáticas em Toronto, Canadá. Desde então, o aumento das temperaturas no planeta está sendo progressiva e inequivocamente constatado, e a década de 1990 foi reconhecida como a mais quente de que se teria registro até aquele momento.

O ano de 1989 seria marcado pela Queda do Muro de Berlim que, a princípio, poderia simbolizar a queda do socialismo e, segundo Bruno Latour, o "triunfo do liberalismo, do capitalismo, das democracias ocidentais sobre as vãs esperanças do marxismo" (Latour, 1994, p. 13). Mas foi justamente naquele momento que as pesquisas sobre o meio ambiente colocaram em xeque o *modus operandi* capitalista e suas "vãs esperanças de conquista ilimitada e de dominação total sobre a natureza" (p. 14).

Figura 71. Símbolo da ECO 92.

Em 1990, relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática – IPCC advertiria que, para estabilizar os níveis de CO2 (principal gás estufa) na atmosfera, 60% das emissões mundiais precisariam ser eliminadas.

A Convenção Marco sobre Mudança Climática foi assinada por 160 países durante a Rio ECO 92, com o objetivo de conter, com urgência, interferências humanas nocivas ao sistema climático, e com isso "proteger as fontes alimentares, os ecossistemas e o desenvolvimento social". Durante a ECO 92, os participantes definiram que, em relação aos gases estufa, os países industrializados deveriam, no ano 2000, manter os mesmos níveis de emissão que eram realizados nos anos de 1990, e que os países do hemisfério norte deveriam ser os primeiros a fazê-lo. Em 1995, o IPCC confirmou seus prognósticos anteriores, afirmando que os primeiros sinais de mudança climática são claros, "um evidente desafio para os poderosos grupos de pressão em favor dos combustíveis fósseis, que constantemente legitimavam grupos de cientistas céticos quanto a essa questão, para sustentar que não haviam motivos reais de preocupação" (www.greenpeace – o protocolo de Kyoto).

Figura 72. Al Gore, no documentário *Uma verdade Inconveniente*, de 2006.

Em 1997, foi assinado no Japão o Protocolo de Kyoto, um acordo comprometendo os países do Norte a reduzir suas emissões, que estabelecia "meca-

nismos de flexibilidade", ou seja, o cumprimento do objetivo poderia dar-se fora de seus territórios, através da negociação de "créditos de carbono"[80]. Apenas em 2004 a Rússia assinou o acordo. Em 2009, os EUA romperam com a política ambiental que vinham praticando — a de afirmar que as metas prejudicariam o desenvolvimento do país —, encaminhando ao Congresso o primeiro projeto de lei nacional voltado para a tarefa de estabelecer limites para emissões de gases de efeito estufa e criar um mercado de créditos de carbono[81].

> Ao longo de 2007, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas [IPCC] se tornou uma das referências mais citadas nas discussões sobre mudança climática. O órgão da Organização das Nações Unidas [ONU] divulgou quatro capítulos que, juntos, formam um relatório completo sobre o aquecimento global hoje. O documento gerou tanta repercussão que, no fim do ano, o comitê de premiação do Nobel decidiu dedicar o honroso Prêmio Nobel da Paz ao IPCC — junto com o ex-vice-presidente americano Al Gore —, por seu trabalho de conscientização da comunidade e dos líderes internacionais para o problema e as consequências da mudança climática.[82]

Em 2008, representantes de 190 países se reuniram em Bangcoc, na Tailândia, para estabelecer as diretrizes que nortearão o acordo internacional a ser firmado em 2013 em substituição ao Protocolo, sobre o qual pairam muitas críticas de ineficiência e pouca abrangência, uma vez que o acordo restringe suas regras aos países tradicionalmente chamados "desenvolvidos" (China e Índia, gigantes emergentes, por exemplo, não estariam incluídos). Encontros em Aquila, em julho de 2009, e em Copenhage, em dezembro do mesmo ano, não conseguiram chegar a bom termo, adiando ainda mais um acordo internacional efetivo e abrangente, como será citado no capítulo 6.

O economista Amartya Sen enumera a sequência de acontecimentos em 2008 que motivaram a crise global que desde então se conflagra:

> O ano de 2008 foi de crises. No início tivemos a crise dos alimentos, particularmente ameaçadora para os consumidores pobres, em especial a África. Junto com ela veio o aumento recorde do preço do petróleo, pressionando todos os países importadores. Por último, houve a desaceleração econômica global, que está se intensificando numa velocidade assustadora.[83]

Segundo o autor, 2009 "parece estar fadado a um forte agravamento da retração econômica", o que faz com que economistas prevejam uma depressão global em grande escala, possivelmente mais grave do que a da década de 1930,

---

[80] "Os créditos de carbono são uma espécie de moeda que se pode obter em negociações internacionais por países que ainda desconsideram o efeito estufa e o aquecimento global. Esses são adquiridos por países que têm um índice de emissão de CO2 reduzido e através de contratos fecham negociações com países poluidores. A quantidade de créditos de carbono recebida varia de acordo com a quantidade de emissão de carbono reduzida. Para cada tonelada reduzida de carbono o país recebe um crédito, o que também vale para a redução do metano, só que neste caso o país recebe cerca de vinte e um créditos." Disponível em www.brasilescola. Acesso em junho de 2009.

[81] EUA sob ameaça de água e fogo. *O Globo*, 17 de junho de 2009, p. 25.

[82] Disponível em noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI2072927-EI8278,00.html. Acesso em junho de 2009.

[83] Em defesa do sistema. *Revista Exame CEO*, abril 2009, p. 16-25.

concluindo que não há como escapar do fato de que a questão que enfrentamos diz respeito à natureza do capitalismo, sua lógica, seus processos.

A chamada "bolha imobiliária" norte-americana — detonadora da séria desestabilização do sistema — ajuda a esclarecer tal afirmação. Incentivadas ao consumo, motor do crescimento financeiro dos EUA, as famílias encontraram facilidades em conseguir empréstimos dos bancos dando como garantia seus imóveis, na forma de hipoteca. A facilidade as levou a adquirir novas casas, a equipá-las, a empreender novos negócios ou simplesmente a consumir largamente sem maiores preocupações, uma vez que o crédito estava liberado. Enquanto isso a economia cresceu. Quando, porém, o prazo para pagamento das hipotecas começou a vencer, essas pessoas não dispunham de dinheiro, e tiveram que desocupar suas casas para quitar o empréstimo. E como bancos lidam com dinheiro, e não com imóveis, se viram na bancarrota, desencadeando um processo galopante: sem dinheiro, a população deixou de consumir; os itens mais caros de consumo foram os primeiros a serem cortados; a indústria automobilística a princípio fechou suas montadoras e, depois, estas vêm falindo ou sendo adquiridas por outros grupos, e mesmo financiadas pelos governos. Este é o caso da General Motors, onde 60% das ações foram adquiridas pelo Tesouro Americano e 20% pelo governo canadense. Todo esse quadro trouxe desemprego em massa e tendência a estratégias protecionistas, sejam elas volumosos empréstimos por parte dos governos nacionais ou políticas protecionistas, prejudicando as trocas comerciais entre países.

Assim, a questão é o consumo, cerne do sistema. Por extensão, o design, gerador dos objetos de consumo. O que se coloca, entretanto, é a indagação: será possível a uma sociedade que naturalizou o capitalismo e seus processos como cultura abrir mão ou ao menos reconsiderar seus hábitos de consumo? Esta é a encruzilhada, e a recente campanha da Diesel sobre o meio ambiente responde: não.

Figura 73. Campanha da Diesel "Preparados para o aquecimento global", 2007.

Talvez contrariando esta ocorrência, o documentário *Home – nosso planeta, nossa casa*, de Yann Arthus-Bertrand (2009) foi produzido por famosas marcas do mercado internacional. Ele reproduz alguns dados dos últimos relatórios do IPCC e de pesquisas realizadas pelo Greenpeace e WWF [84]:

> 20% da população mundial consomem 80% dos recursos naturais; o mundo gasta 12 vezes mais em despesas militares do que na ajuda a países em desenvolvimento; 5.000 pessoas por dia morrem por ingestão de água suja, e 1 bilhão de pessoas não têm acesso a água de qualidade; aproximadamente 1 bilhão de pessoas passam fome; todos os dias 13 milhões de hectares de floresta desaparecem; espécies estão desaparecendo num ritmo mil vezes mais rápido que o natural; a temperatura dos últimos 15 anos tem sido a mais alta já registrada; deveremos ter perto de 200 milhões de refugiados ambientais em 2050.

3.3.3 Novas políticas empresariais

Para falar sobre tais políticas, é importante retomarmos o tema movimento dos consumidores, a fim de encadear os fatos.

João de Campos Corrêa, em seu artigo América Latina e a proteção dos direitos do consumidor[85], aponta a década de 1970 como importante demarcador da luta em defesa dos direitos do consumidor. O avanço das tecnologias de comunicação agilizou a troca de informações, a conscientização e a abrangência da mobilização da sociedade civil para países menos desenvolvidos, como Argentina, Brasil, Bangladesh e Portugal. Além disso, o movimento passou a incluir dentre suas preocupações a questão ambiental, a conduta das empresas multinacionais e o comércio exterior de produtos considerados nocivos à saúde humana e à natureza.

A noção de que o uso de recursos naturais não-renováveis comprometeria todo o sistema de geração de energia ganhou destaque na mídia internacional como decorrência da crise do petróleo (1973), quando "um dos reflexos visíveis foi a perda de prestígio dos carros grandes com seu elevado consumo de combustível".

Outras bandeiras foram acrescidas em outros momentos, como o direito à educação para o consumo, a luta contra as usinas nucleares e produtos químicos letais. Nos anos de 1980, a comunidade européia regulamentou a publicidade, estabelecendo punição para a propaganda enganosa e a responsabilidade civil do produtor.

Em 1985, a Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou consensualmente as Diretrizes Internacionais de Proteção do Consumidor, dentre as quais constavam o Código Internacional de Regulamentação da Comercialização e Propaganda dos Sucedâneos do Leite Materno, a retirada de vários medicamen-

---

[84] O encontro de Áquila, em 2009, deliberou pelo emprego de capital dos países participantes da reunião para garantir um mínimo para a agricultura e produção de alimentos em países africanos, bem como para desenvolver a base tecnológica para a implantação de esgoto e saneamento básico na região.

[85] Disponível em http://jus2.uol.com.br. Acesso em abril de 2009.

tos do mercado internacional, medidas de controle do uso de hormônio no gado e a mobilização internacional contra o cigarro[86].

No ano seguinte, numa prova mais do que cabal da alta exposição do mundo a altíssimos riscos, uma falha de projeto no reator da usina atômica de Chernobyl, na Ucrânia, espalharia poeira radioativa por vasta área, contaminando os seres vivos de uma extensa região e provocando a morte de 300 mil pessoas ao longo dos últimos 10 anos[87].

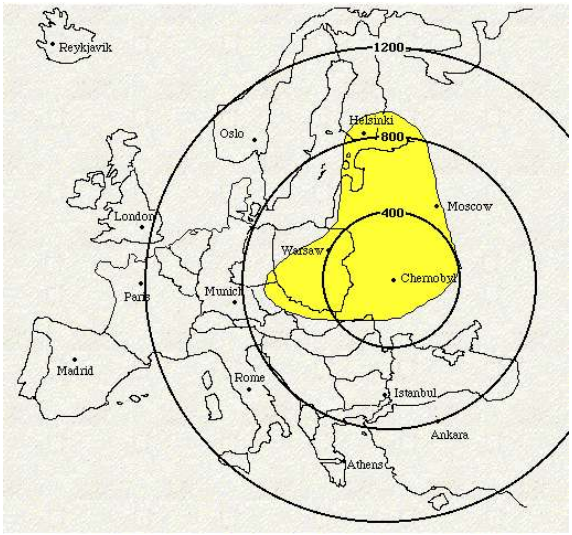


Figura 74. Mapeamento das áreas vulneráveis à contaminação radioativa pelo acidente de Chernobyl.

Responsabilidade sócioambiental

A partir da década de 1990, tornou-se imperativo para as empresas o desenvolvimento de programas de gestão para a implantação da cultura de responsabilidade. Caso não o fizessem, perderiam sua competitividade.

Segundo Emerson Kapaz, do Instituto Ethos, responsabilidade social

> [...] significa uma visão empreendedora mais preocupada com o entorno social em que a empresa está inserida, ou seja, sem deixar de se preocupar com a necessidade de geração de lucro, mas colocando-o não como um fim em si mesmo, mas sim como um meio para se atingir um desenvolvimento sustentável e com mais qualidade de vida[88].

Perguntado sobre os motivos por que os princípios da responsabilidade social chegaram ao empresariado tão tardiamente, Kapaz justifica a mudança do entendimento por parte de alguns líderes empresarias afirmando que "de nada adianta ter uma empresa sadia em uma sociedade miserável e sem perspectivas de recuperação".

Lançado em 2000, o Pacto Global das Nações Unidas vem mobilizando a comunidade empresarial internacional a aderir a uma política respeitosa de negócios frente a valores internacionalmente reconhecidos, em várias searas (no

---

[86] Naquela mesma década, também os países comunistas passariam a se organizar, visando a proteger o consumidor da iminência das políticas de mercado que começavam a ser reinplantadas.

[87] Disponível em www.world-nuclear.org. Acesso em abril de 2009.

[88] Emerson Kapaz em entrevista a Fernando Mendonça. *Revista FAE Business*, nº. 9, setembro de 2004.

capítulo 6 serão feitas considerações sobre a aplicabilidade do Pacto e a aceitação da Nestlé dentre as empresas signatárias). O pacto reúne agências da ONU, empresas, sindicatos e ONGs, congregando mais de 5.000 organizações. Mas não tem cunho regulatório, apenas fornecendo diretrizes para a promoção de um crescimento sustentável. Fundamenta-se em 10 princípios que derivam da Declaração Universal dos Direitos Humanos, da Declaração da Organização Internacional do Trabalho sobre Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho, da Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento e da Convenção das Nações Unidas Contra a Corrupção, quais sejam:

Figura 75. Os dez princípios do Global Compact.

Notícias recentes demonstram que tais princípios têm sido deliberadamente desrespeitados. Em outubro de 2008, matéria do jornal *O Globo* noticiava a libertação de 34 crianças escravas em Nova Délhi. Resgatadas em fábricas de bordado, onde trabalhavam das 8h a 1h da manhã seguinte (17 horas consecutivas), crianças de 7 e 8 anos, vendidas pelos pais aos traficantes infantis por cerca de US$ 30, são vítimas de prática comum na região, onde afirma-se haver mais de 50 mil casos semelhantes[89].

Hazel Henderson, economista evolucionista norte-americana, afirma que muitas companhias admitem que, caso não estivessem sendo desafiadas pelas ONGs, as empresas não realizariam algumas das mudanças em relação ao comportamento ambiental porque os mercados financeiros delas esperam a maximização de lucros. Aponta, entretanto, que essas mesmas companhias têm

[89] Libertadas 34 crianças escravas em Nova Délhi. *O Globo*, 25 de outubro de 2008, p. 42.

responsabilidades não apenas com investidores, mas também com consumidores, empregados, meio ambiente e gerações futuras, pois o "novo super-poder mundial" é a opinião pública (Bruce Mau, 2005, p. 136-137).

Não parece ser bem assim. A presidente do grupo de aconselhamento e pesquisas The Natural Step, Catherine Gray, ao lembrar que as empresas foram criadas sem a consciência da sustentabilidade, descreve o serviço prestado pelo grupo à Nike, que constou de um exame de todo o seu sistema de negócios sob as lentes da sustentabilidade. Sob a influência desses estudos, a empresa reduziu o peso das caixas para calçados Nike em 10%, salvando assim 4.000 toneladas de matéria prima e fazendo com que a empresa viesse a economizar mais de 1.6 milhões de dólares anualmente[90]. Para o marketing, parece surtir efeito a ideia de que a empresa está "salvando" várias toneladas de recursos naturais ao reduzir a dimensão das caixas, dado que a marca mantém seu prestígio no mercado internacional inalterado, apesar de já ter sido "alvo do escrutínio público" quando sua política trabalhista veio à tona (Bruce Mau, 2005, p. 131-133). Assim, o poder da opinião pública parece ainda muito vulnerável à retórica dos discursos empresariais proferidos.

Estandardização

Esforços de padronização da produção industrial visando à criação de unidades internacionais para a troca comercial entre países vêm absorvendo as preocupações com a responsabilidade trabalhista e ambiental para seus programas de qualidade. A International Organization for Standardization, fundada em 1947, é uma organização não governamental que faz uma ponte entre os setores público e privado, criando uma rede de institutos de normas de 161 países, com secretaria em Genebra, Suíça. As normas ISO, que já padronizaram códigos de moeda, formatos e dimensões de papel, mais recentemente geraram normas de Gerenciamento Ambiental (ISO 14000) e de Gerenciamento de Qualidade (ISO 9000) que vêm sendo voluntariamente implementadas por muitas empresas, como forma de agregar valor a seus processos e produtos[91].

Os interesses do mercado, entretanto, influenciam a redação das normas, obrigando-as a certas flexibilizações, de modo a alcançar âmbito global de implementação. Em fase de acabamento, a ISO 26000 se propõe a estabelecer princípios para a responsabilidade social corporativa, ou seja, estabelecer parâmetros de responsabilidade das empresas junto a seus fornecedores. Jorge Cajazeira, *chairman* brasileiro da norma, relata que as delegações chinesa, americana e indiana tentaram reduzir requisitos e flexibilizar regras já quase fixadas. Essas delegações defendiam que "a empresa influencia fornecedores, mas não pode ser responsabi-

[90] Sobre esse caso, vale considerar que, embora a superpopulação chinesa e de outros países asiáticos explique em parte o fato de seus cidadãos necessitarem muito de oportunidade de trabalho, de acordo com o Pacto Global, as baixíssimas remunerações que recebem ou a inclusão de crianças em seus quadros produtivos deveriam excluir não apenas a Nike, como também uma grande quantidade de empresas que operam sob a mentalidade neoliberal, do perfil empresarial defendido.

[91] Disponível em www.iso.org. Acesso em junho de 2009.

lizada pelo que eles fazem". Como resultado dessas pressões, a redação determina que dependerá da estratégia empresarial influenciar fornecedores.

Sobre a inclusão do conceito de "divisão justa" na norma:

> Em muitos países, como o Brasil, a visão de *fair share* é de que a sociedade precisa ser levada em conta quando se extrai, por exemplo, matéria-prima da Amazônia. É preciso haver contrapartida justa para a população local que muitas vezes desconhece o valor daquilo. Mas isso foi muito questionado, principalmente por pressão americana. Há costume de se explorar um negócio num país pobre e não se recompensar, ainda mais de forma justa. O texto final foi flexibilizado e o *fair share* deve ser feito considerando o impacto e a magnitude do negócio e sua relevância social.[92]

Cabe, entretanto, sinalizar que, independentemente dessas questões estarem fixadas pelas normas, pressões advindas de outras origens têm conduzido empresas a modificarem sua conduta. Na mesma matéria é noticiado que, alguns dias depois de o Greenpeace ter divulgado o relatório *A farra do boi na Amazônia* (sobre criações de gado na região que provocam desmatamento), as redes de supermercado Pão de Açúcar, Carrefour e Wal-Mart suspenderam a compra de produtos bovinos de mais de dez empresas frigoríficas do sul do Pará, sinal que se coaduna com a norma de responsabilidade das empresas com seus fornecedores.

Certificação

No Brasil, o instituto de normas que representa a ISO é a Associação Brasileira de Normas Técnicas, que argumenta em favor da adoção das medidas de certificação para os produtos:

> Os mercados estão se tornando cada vez mais exigentes e, assim, um certificado de conformidade pode alavancar crescimento e evolução. Certificar um produto ou serviço significa comprovar junto ao mercado e aos clientes que a organização possui um sistema de fabricação controlado, garantindo a confecção de produtos ou a execução de serviços de acordo com normas específicas, garantindo sua diferenciação face aos concorrentes.[93]

Órgãos externos à empresa, devidamente acreditados para essa finalidade, emitem um certificado de que o produto, serviço ou processo em questão está em conformidade com as exigências que servem de referencial. Com relação à madeira, por exemplo:

> A certificação é atribuída por órgãos certificadores independentes, sendo destinada a detentores de plano de manejo que respeitam uma série de critérios sócio-ambientais mais exigentes, tais como: os relacionados com o respeito dos direitos de posse da terra, com os direitos das comunidades e povos indígenas, bem como no atendimento às condições trabalhistas e de segurança no trabalho exigen-

Figura 76. 27 indústrias certificadas pelo selo expuseram seus produtos na Móvel Brasil 2009, em São Bento do Sul. Para conquistá-lo, as empresas utilizaram madeira renovável, cola e revestimentos não tóxicos, cumprindo exigências das legislações ambiental e trabalhista como a de não ter contato algum com fornecedores que utilizam mão de obra infantil ou escrava.

[92] Cajazeira, Razão Social. *O Globo*, 16 de junho de 2009, p.17.

[93] Certificação de Produtos ou Serviços. Áreas de atuação. ABNT. Disponível em www.abnt.org.br/m3.asp?cod_pagina=1012. Acesso em junho de 2009.

tes. A madeira certificada contribui para manter a floresta em pé em benefício das comunidades ribeirinhas e dos trabalhadores. O custo é um pouco mais alto, devido às exigências adicionais e ao custeio da certificação[94].

Mesmo assim, há riscos de falsificação ou equívocos quanto a selos de certificação. Em março de 2008, o Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industriais – Inmetro iniciou uma campanha nacional contra o uso irregular de seu selo de conformidade e da marca do Inmetro em produtos e serviços: "em muitos casos a logomarca do instituto vem sendo usada de forma a induzir o consumidor a supor que o material à venda é certificado, quando apenas a tomada do eletrodoméstico, por exemplo, passou pela análise da entidade"[95].

Poderes e fragilidades do consumidor

Na Europa e em outros países desenvolvidos, a cultura da certificação há muito está implantada e é exigida pelos consumidores, assim como a defesa de seus direitos costuma revolucionar posturas empresariais. Segundo o grupo The Natural Step, a marca MacDonald's não teve aceitação na Suíça enquanto todos os seus produtos não se tornassem orgânicos, a energia solar fosse o combustível para as lojas da rede, o transporte de produtos fosse realizado de trem ou por veículos movidos a biocombustível. Hoje a empresa é a terceira marca mais popular no país (Mau, 2005, p. 133).

De acordo com Corrêa — e com as fartas constatações do público consumidor brasileiro —, o mesmo não acontece na América Latina, que tardou a se organizar nesse sentido e apenas começa a contar com o apoio de órgãos de defesa. As diferenças entre os produtos produzidos no Japão e exportados para os EUA e o Brasil são evidentes: os que se destinam aos Estados Unidos são de alta qualidade, enquanto que os que chegam aqui têm baixa qualidade e pouquíssima durabilidade, "porque não somos consumidores exigentes, não somos organizados e nossos governos não defendem o consumidor contra as manobras do sistema industrial estrangeiro" (Corrêa, 1994).

A "exportação" de lixo da Inglaterra para o Brasil, em julho de 2009, é um exemplo de nossa leniência combinada com a visão externa daquilo que aparentamos ser, ficando patente que o comportamento das empresas de países desenvolvidos é fruto de coerção pelas leis que são obrigados a obedecer, e não propriamente de uma filosofia empresarial. Deduz-se que a pedra de toque está mesmo na consciência do consumidor. E que a "consciência" somente funciona com o monitoramento do Estado[96].

O Código de Defesa do Consumidor brasileiro foi promulgado como lei em 1990 e, em 2008, considerado por iniciativas semelhantes no exterior

---

[94] Disponível em www.florestavivaamazonas.org.br. Acesso em junho de 2009.

[95] Luciana Casemiro. Selos que não garantem qualidade. *O Globo*, 26 de março de 2008.

[96] Encontrados mais 25 contêineres com lixo no Porto de Santos e material já chega a 670 toneladas. Disponível em www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/07/17/.../view. 17 de julho de 2009. Acesso em julho de 2009.

como um dos mais modernos do mundo. O país foi o primeiro a promulgar uma lei dessa natureza no Mercosul, inspirando outros países[97].

Figura 77. Bebê vítima da talidomida.

A questão vem evoluindo, mas um caso é emblemático da diferença entre as situações brasileira e internacional: a talidomida. Substância presente em medicamentos receitados a gestantes como calmante ou solução para enjôos e antiinflamatório, durante os anos de 1950 causou deformação em fetos, que nasciam sem braços, pernas ou órgãos genitais. No início da década seguinte foi retirada do mercado, tal a gravidade do escândalo elucidado pela luta das famílias afetadas. No Brasil, a estimativa é de que cerca de 700 pessoas nasceram com tais "malformações" e hoje recebem pensão da Previdência Social por portarem a Síndrome da Talidomida.

Mas embora proibida também aqui no início dos anos de 1960, voltou a ser receitada para pacientes com hanseníase em meados da mesma década, quando se constatou a reincidência do problema: uma segunda geração de vítimas, que se estendeu até meados da década de 1990, foi considerada uma "peculiaridade brasileira". Em 1996, o Ministério da Saúde tornou mais rigorosa a prescrição do medicamento e, segundo a procuradora Eugênia Augusta Favero, "acreditava-se que essa disciplina seria suficiente para que não nascessem novas vítimas da talidomida no país". Mas em 2001 começaram a surgir novos casos — a terceira geração —, possivelmente provocados por falhas no sistema, tais como a não assinatura do termo de responsabilidade por parte de usuários ou a aceitação, nos pontos de venda, de prescrição fora do formulário próprio exigido, fazendo com que o medicamento fosse "entregue a mulheres em idade fértil, o que é proibido"[98].

O fato é que tendemos a confiar nos produtos industriais. O discurso das empresas nos incentiva e o aspecto dos produtos nos convida a pensar que eles solucionarão nossos problemas ou contemplarão nossas necessidades. Mas, ao que tudo indica, é recomendável que deles sempre duvidemos. Mas como fazê-lo, se pouco ou nada sabemos sobre sua composição ou processo de funcionamento?

Parece que apenas saberemos deles nos defender se estivermos informados quanto às suas características. E esta é uma tarefa dificílima.

A prevalência dos problemas

O incremento às trocas comerciais em nível internacional e o espalhamento da produção de peças de um mesmo produto por vários países produziu o fenômeno do *recall*, prática considerada já rotineira no mercado. A identificação de defeitos em produtos provoca a divulgação de uma ampla chamada a seus consumidores, distribuídos muitas vezes por todo o mundo, a fim de avisá-los acerca do problema e proporcionar um sistema de recolhimento para a posterior troca da mercadoria.

---

[97] Nadja Sampaio e Luciana Casemiro. Lei brasileira é exemplo de modernidade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2008, p. 30.

[98] Disponível em www.agenciabrasil.gov.br. Acesso em novembro de 2009.

Em 2007, a questão atingiu o mercado internacional de produtos destinados a crianças. A indústria norte-americana Mattel anunciou *recall* de 18,6 milhões de brinquedos. A presença de chumbo na composição das tintas utilizadas na pintura de alguns, assim como a constatação do uso de pequenos imãs para unir peças, desencadeou escândalo mundial que provocou o suicídio do diretor da fábrica chinesa suspeita de utilizar a tinta tóxica na produção de peças para a americana Fisher Price, e por pressuposto a morte e o adoecimento das crianças que ingeriram esses materiais, provocando o alarme para o *recall* (a ingestão de dois imãs leva ao risco de atração das peças dentro do organismo).

Figura 78. Boneca e casa Polly Pocket e dimensão dos imãs empregados para a união das peças do brinque-

Segundo Mauro Britto, chefe da Divisão de Repressão ao Contrabando da Receita Federal, a maior parte dos brinquedos importados não é fiscalizada, sendo que a fiscalização é função do Estado: "só 20% de toda a carga desembarcada no país passa por algum tipo de controle. E esse é um índice muito acima da média mundial"[99]. Mauro Britto afirma ainda que a fiscalização de todos os brinquedos paralisaria as trocas comerciais, "comprometendo o funcionamento das empresas que dependem da importação de componentes para montar suas mercadorias. Seria um colapso"[100]. A mesma matéria da *Folha Online* reporta que

> [...] especialistas em comércio exterior garantem que apenas 3% de todos os importados são controlados rigorosamente, o que inclui a checagem de documentos e conteúdo. Outros 6% só têm verificada sua documentação. A grande maioria entra no país sem passar pelos fiscais.

Prossegue o artigo afirmando que, a fim de melhorar o controle, a Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos – Abrinq passou a ser parceira da Receita Federal em 2006, elevando para 10% o volume de produtos fiscalizados. Porém, relata a matéria,

> Alejandro Rivas, representante da Mattel, afirma que os brinquedos da gigante americana são atestados por uma empresa certificadora estrangeira homologada pelo Inmetro e, por esse motivo, não há fiscalização do Inmetro no desembarque dos produtos.

---

[99] A informação nos leva a indagar se não teremos importado em outras ocasiões lixo semelhante ao que recebemos da Inglaterra.

[100] Disponível em www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u320141.shtml. Acesso em novembro de 2009.

Enquanto isso, à época, a Mattel falava aos consumidores em seu site:

> Temos os mais rigorosos procedimentos e testes de qualidade e segurança, mas nenhum sistema é perfeito. Se eventuais riscos são detectados, corrigimo-os (sic). Se novos padrões são estabelecidos, aplicamo-os (sic). (...) Nossa prioridade é a segurança das crianças que brincam com nossos produtos. A filosofia da Mattel prega que cada funcionário seja responsável pela qualidade e segurança de nossos produtos. Temos mais de 1.500 colaboradores em nível global exclusivamente dedicados à segurança, qualidade e total integridade de nossos brinquedos, incluindo 400 engenheiros, técnicos, auditores e gerentes, altamente treinados, cujo objetivo é garantir o cumprimento da visão da companhia referente à segurança, que é fornecer 'qualidade e valor que o mundo possa confiar' (sic).[101]

Poucos meses depois foi a vez de outra tradicional indústria estampar as páginas dos jornais, desta vez chamada à responsabilidade por órgão público após denúncias de acidentes provocados por defeito:

> A Volkswagen anunciará um *recall* para os 477 mil carros da linha Fox vendidos no país, cumprindo determinação do Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor (DPDC), do Ministério da Justiça. A convocação é para corrigir defeito no sistema de ampliação do porta-malas, que provocou mutilações em dedos de pelo menos oito consumidores [...]. Desde o início das denúncias feitas por consumidores, a montadora se recusava a admitir a necessidade do *recall* e alegava que os consumidores não tinham lido o manual com instruções de como proceder para abaixar o banco traseiro e ampliar o porta-malas.[102]

Figura 79. O industriário Joseval Silva, vítima de defeito no carro Fox, da Volkswagen (*Revista Época*).

Até aquele momento, 829 mil Fox haviam sido produzidos pela montadora, sendo 477 mil vendidos no país e o restante exportado. O problema não atingiu âmbito internacional porque, nos modelos exportados, o sistema de ampliação de porta-malas era diferente do nacional (o que comprova a tese de Corrêa de que tratamentos diferentes são dispensados a produtos enviados para diferentes países[103]).

Envenenamentos, mortes e mutilações demonstram que as políticas de responsabilidade social, os programas de qualidade total, as certificações e os órgãos de defesa dos consumidores não dão conta de garantir tranquilidade aos usuários dos produtos industriais.

Diga-se "de passagem", a tarefa de abrir caixa por caixa do conteúdo de inúmeros *containers* para fiscalizar produtos habita a esfera da impossibilidade. Mas colocar pequenos imãs em brinquedos ou projetar sistemas mecânicos sem experimentá-los devidamente é da esfera da irresponsabilidade. Ou seja, é preponderantemente no momento do projeto que os riscos têm que ser considerados, que os produtos têm que ser testados, examinados a fundo.

Os fatos demonstram que, muitas vezes, eles não o são.

---

[101] Disponível em www.recallmattel.com.br. Acesso em julho de 2009.

[102] Ministério da Justiça obriga Volkswagen a fazer recall do Fox. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 de abril de 2008.

[103] Conforme citado no artigo de Correa.

Figura 80. Cadeirinha para transporte de bebês em automóveis.

O papel das instâncias públicas na criação de normas de segurança

A constatação de inúmeras irregularidades e irresponsabilidades obriga os governos a criar leis de controle que, no entanto, nem sempre contam com fiscalização suficiente para seu cumprimento.

A cadeirinha para crianças é um dispositivo de proteção em automóveis que já comprovou seu potencial de eficácia quando bem utilizada[104]. No Brasil há casos de bebês que sobreviveram ilesos a acidentes que mataram todos os outros ocupantes dos carros, como o que ocorreu próximo a Betim, Minas Gerais, em 2006. Júlia, de apenas cinco meses, sobreviveu ao choque do carro de seus pais com um caminhão e um ônibus. Se não estivesse sentada e corretamente presa à cadeirinha, Júlia "seria arremessada para fora do carro e não teria a proteção da coluna e da cabeça", conforme matéria em *O Globo*[105]. No entanto, o texto alertava que o Inmetro havia suspendido a certificação do produto devido a questionamentos acerca da metodologia empregada nos testes de impacto. Mesmo depois que o problema fosse solucionado, a questão persistiria porque "os fabricantes e importadores de cadeirinhas nunca foram obrigados a seguir as normas do Inmetro. Isso porque a adesão não era obrigatória e sim voluntária". A fim de que a situação mudasse, Alfredo Lobo, diretor de qualidade do Inmetro, alegou a necessidade de o Conselho Nacional de Trânsito – Contran tornar obrigatório o uso de cadeirinha, o que ocorreu naquele mesmo ano.

Por outro lado, em páginas anteriores deste capítulo citamos o caso do menino João Hélio, morto na sequência de um assalto ocorrido em 2007, o que sua mãe não pôde impedir devido à dificuldade de abrir o cinto de segurança para soltá-lo da cadeirinha. Pesquisadores brasileiros, como Celso Arruda e Marcus Romaro, da Unicamp, desenvolveram estudos para provar a ineficiência dos cintos de segurança de cadeirinhas quando utilizados por crianças.

> Acolchoados, coloridos e parecidos com alças de mochila, podem, na verdade, ser inócuos e mesmo colocar em risco a vida das crianças a bordo de automóveis envolvidos em acidentes de trânsito, já que proporcionam livre mobilidade aos pequenos.[106]

No caso de João Hélio, ineficiente foi o sistema de abertura do cinto de segurança da cadeirinha, problema que se estende aos cintos de segurança em geral e que ainda não mereceu a atenção devida.

Figura 81. Teste de eficiência do *airbag* com modelos.

É claro que o automóvel, como já foi aqui comentado, é um produto que dá margem a muitas falhas, mas normas de segurança são indispensáveis para tentar minorar o problema. Um problema de tal gravidade que já foi comparado a uma guerra[107].

---

[104] Segundo o Ministério da Saúde, 2.446 crianças de até 14 anos morreram em 2003 e 10 mil sofreram lesões graves por estarem soltas no interior de veículos acidentados. De acordo com a ONG Criança Segura, numa colisão frontal a 40 km/h, uma criança de 5,5 quilos é arremessada para frente como se pesasse 110 quilos.

[105] Cadeirinha reduz o risco de morte de crianças em acidentes de automóvel. Caderno Carroetc. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 2006, p. 3.

[106] Disponível em www.memória.cnpq.br e www.cosmo.com.br. Acesso em outubro de 2009.

[107] Em outubro de 2007, o número de vítimas fatais de acidentes de trânsito foi comparado com o de mortes em entraves bélicos. O Ministério da Saúde computou, em 2005, um total de 35.753 mortos pelo trânsito no Brasil; o

Em março de 2009, foi sancionada no Brasil a lei que torna o *airbag* obrigatório em todos os carros. As montadoras dispõem de cinco anos para se adaptar à exigência, mas esse prazo só começará a contar depois que o Contran especificar tecnicamente a lei:

> A proposta, de autoria do senador Eduardo Azeredo (PSDB-MG), foi aprovada pelo plenário da Câmara em fevereiro. A pressão automobilística contra o projeto foi grande. Azeredo informou que as empresas queriam um prazo até maior para o início da vigência da obrigação. Atualmente o Código Brasileiro de Trânsito estabelece como equipamentos obrigatórios para os veículos o encosto de cabeça, cinto de segurança e o dispositivo destinado ao controle de emissão de gases poluentes e de ruídos.[108]

Segundo a matéria, há 10 anos o *airbag* frontal se tornou obrigatório nos Estados Unidos. Aqui, até que seja disciplinado pela lei, *ainda* é item de luxo.

3.3.4 Tomadas de posição do design mediante o novo quadro

Muitas mudanças podem hoje ser constatadas no campo do design com relação ao posicionamento dos profissionais perante a sociedade e o mercado. Antes de enumerar algumas dessas tomadas de posição, vale apontar que, diferentemente do que aconteceu nas décadas em que manifestos esparsos surtiam efeitos igualmente esparsos sobre a área, hoje uma profusão de produções que se propõem a discutir a função ética da atividade encontram-se disponíveis em livrarias, na Internet, em redes sociais, exposições itinerantes, congressos, em cursos acadêmicos de graduação e de pós-graduação.

Pode-se considerar que — até que os relatórios recentes do IPCC fossem divulgados e que a crise econômica global eclodisse — havia uma grande divisão entre profissionais que defendiam mudanças estruturais para a área, aproximando-a das diretrizes éticas e produtivas emergentes, e aqueles que não questionavam suas condutas tradicionais, certos de que o mercado estabeleceria sempre o norte.

Como em várias outras áreas do saber e campos de atuação, o panorama desvelado por tão impactantes demarcadores não deixou margem para dissensões. A moralização da produção industrial e a equalização das ações de consumo dessa produção se tornaram imperiosas. É claro que sempre haverá empresas que se fecharão à realidade, procurando se desviar das novas diretrizes. E nelas sempre haverá também profissionais que não questionarão essa decisão empresarial. Mas nem uns nem outros podem ainda defender a ideia de que os frutos de sua atuação estão isentos de influenciar o panorama global conflagrado.

Departamento de Estado dos EUA afirmou que, desde 2003, a média de vítimas na Guerra do Iraque era de 37 mil. Dentre o total de mortes em acidentes de trânsito em todo o mundo, 82% ocorrem em países em desenvolvimento, contra 18% nos países desenvolvidos. Em junho de 2009, a OMS divulgou relatório sobre o tema: o trânsito mata 1,27 milhão de pessoas por ano em todo o mundo (sendo quase a metade composta por pedestres, ciclistas e motociclistas), deixando, além disso, 50 milhões de feridos também a cada ano. Opinião e Notícia, 16 de junho de 2009.

[108] Lula sanciona lei que torna *airbag* obrigatório. Disponível em www.oglobo.globo.com. *O Globo Online*, 19 de março de 2009. Acesso em agosto de 2009.

Em tese, o conhecimento do designer quanto ao processo de produção o faz compulsoriamente apto a compromissar-se com a descoberta de caminhos para as mudanças necessárias. Assim, à medida que a sociedade aceitar e assumir seu poder de cobrar dos produtores posições responsáveis, os produtores recorrerão às suas equipes, entregando-lhes a tarefa de promover tais mudanças nos produtos. Os designers compõem essa equipe e podem já se adiantar, desencadeando o caminho inverso.

Muito embora o parágrafo anterior seja uma suposição, percebe-se já a abertura de uma nova perspectiva profissional para os designers, possibilitada pelo entendimento de que ele pode ser o profissional com perfil para promover mudanças sem comprometer os níveis de produção e consumo, essenciais para o giro da economia. E, além disso, voltar sua atenção para demandas antes não existentes ou cogitadas.

Se a interdisciplinaridade já era inerente ao pensamento e à prática do design, agora a percepção de que a atividade faz parte (e depende) de uma complexa conjuntura tende a encaminhar, cada vez mais, a profissão à expansão de seus horizontes de estudo e ação, como demonstram os exemplos a seguir, pinçados de uma produção muito mais numerosa.

Aldeia Humana

A proposta, já citada, de tema para reunião do Concílio Internacional de Sociedades de Desenho Industrial – ICSID, 1997, gerou uma revista (traduzida para várias línguas, dentre elas o português) cuja divulgação imagina-se ter ficado aquém do adequado. Alexander Manu e colaboradores, entretanto, realizaram uma publicação muito impressionante, que estabelece um diálogo entre economistas, políticos, administradores, designers e sociólogos; enfim, pessoas de muitas áreas do saber, sobre a situação contemporânea do design:

> Robert F. Kennedy – Por um tempo muito longo e excessivo, parece que temos trocado a excelência comunitária e os valores comunitários pela mera acumulação de coisas materiais. Nosso produto interno bruto, agora, contabiliza a poluição do ar e propaganda de cigarros e ambulâncias para limpar nossas rodovias da carnificina. [...] (O produto interno bruto) mede tudo, em suma, exceto aquilo que faz a vida valer a pena.
>
> Dieter Rams – No futuro o design terá uma tarefa clara diante de si: criar produtos que satisfaçam a necessidade da humanidade sem colocar em risco o ambiente do qual depende a nossa sobrevivência. Não existe alternativa para uma reestruturação fundamental da atual cultura de produtos. Os designers precisam reconhecer o significado e a urgência desta tarefa decisiva, e devem partir em busca da solução. Somente quando fizer uma contribuição para a sociedade que o redima é que o design será reconhecido por esta sociedade como vital para o desenvolvimento das nações (Manu, 1995).

O diálogo é indispensável para alocar os frutos da produção do design no cenário real, quebrando a insistência em debates autorreferentes que tendem

a restringir as conseqüências da produção da profissão a um âmbito meramente conceitual.

Safe: design takes on risk

A produção do design sempre foi objeto de exposições em grandes museus por todo o mundo. Em 2005, no entanto, a curadora do MOMA, Paola Antonelli, organizou uma mostra com a produção internacional de objetos de design voltados para atender a demandas contemporâneas em situações emergenciais.

Alimento, água, abrigo, calor, segurança, a exposição reunia produtos já em franco uso e projetos universitários dedicados a essas questões. Entre ideias perturbadoras, voltadas à estetização em prol da segurança da propriedade particular, abrigos para populações refugiadas ou casulos para aquecimento de populações acossadas por desastres ambientais, percebia-se na exposição que muitos designers já acordaram para a realidade, e que tal atitude, além de responder ao que se espera dos designers, abre inovadores e promissores campos de atuação profissional, como defende Antonelli:

> Os designers são treinados a equilibrar risco e proteção e a mediar mudanças dilacerantes e normalidade. Eles realizam revoluções viáveis, compreensíveis e acessíveis aos seres humanos. O bom design pode prover proteção e segurança sem sacrificar a necessidade de inovação e invenção. Bom design, combinado com bons instintos, é nossa poderosa confiança de progresso rumo a um mundo melhor.

Figura 82. Ha-Ori Shelter. Protótipo. 2004. Projetado por Jörg Student, Alemanha. Polipropileno.

Premissas Milton Glaser

Revisando a máxima "*If it looks good it is good*", o designer gráfico norte-americano Milton Glaser lançou "*Good design is good citizenship*", definindo que boa cidadania é o inalienável dever dos participantes do contrato social de assumir a responsabilidade sobre seus atos. Tomando o caminho, segundo ele mais simples, de definir o que é irresponsabilidade, lançou uma lista de proibições para os designers gráficos, dentre as quais se destacam:

Figura 83. Autor do slogan *I Love NY*, Glaser o atualizou sob o impacto do 11 de setembro.

> Projetar uma embalagem que pareça maior quando na prateleira; projetar a capa de um livro cujo conteúdo você considere repelente; projetar uma medalha souvenir do 11 de setembro; projetar campanha publicitária para uma companhia com histórico de discriminação de minorias; projetar embalagem de produto para crianças rico em açúcar e pobre em valor nutricional; projetar

> uma linha de camisetas que será fabricada por trabalho infantil; promover produtos de dieta que você sabe que não funcionam; projetar para políticos corruptos; projetar manual para um veículo cuja tendência é deflagrar mortes; projetar anúncios para produtos cujo uso frequente resulta em morte do usuário. (Heller in Cranmer e Zappaterra, 2003, p.10-17)

Uma clara relação pode ser constatada entre tais premissas e os textos dos manifestos *First Things First*, e ela se dá pelo fenômeno da institucionalização, com o passar do tempo, daquele vínculo entre design e publicidade, alvo dos alertas. Esse vínculo é, sem dúvida, inerente ao cunho comercial a que as duas áreas estão ligadas, mas tende a ser encarado como uma combinação indissolúvel, onde os atores — de alguma forma — pensam poder se isentar de responsabilidades éticas, gerando deformações como as que Glaser sinaliza.

Designers autores de livros

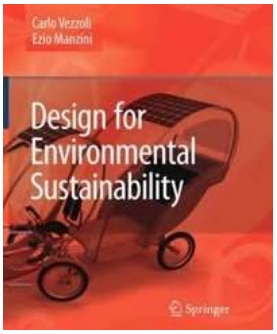


Figura 84

Muitos designers, preocupados com a questão da ética profissional, passaram a escrever para além de sua atividade projetiva. As facilidades trazidas pela Internet ampliaram as possibilidades de disseminação dessas obras e ideias.

Steven Heller, atualmente professor da School of Visual Arts (Nova Iorque), vem publicando uma série de livros empenhados em trazer à pauta a discussão sobre ética profissional. Em dupla com a escritora e consultora de marketing Véronique Vienne, organizou *Citizen Designer: perspectives on design responsibility*, no qual os muitos autores convidados discutem a questão da responsabilidade sob os ângulos social, profissional e artístico.

A leitura do livro demonstra o quanto o assunto habita as preocupações e produções de muitos profissionais e pensadores do design; é como se há muito tempo a discussão morasse silenciosamente nos subterrâneos da exuberância de produções e discursos a que estamos acostumados, mais coerentes com o interesse do sistema e da mídia. Logo no primeiro capítulo, ao falar sobre a força social e política do design, Katherine McCoy critica a inadequação de um álibi muito comumente utilizado profissionais de design: o da isenção, como se a atividade fosse acrítica e apolítica por definição. As demandas do mundo são por compaixão, compromisso e envolvimento, segundo a autora, que advoga por uma geração de designers preocupada com o ativismo político.

Heller também participa do livro de John Cranmer e Yolanda Zappaterra, *Conscientious Objectives: Designing for an Ethical Message*, cujo foco recai em projetos de design gráfico dedicados à comunicação pública de informações acerca do planejamento familiar em comunidades não letradas e também na campanha de levantamento do moral dos habitantes da cidade de Kobe, no Japão, após o histórico terremoto.

Jorge Frascara tornou-se uma referência na área, pela publicação de livros que não apenas refletem sobre a necessidade de implantação de novas diretrizes para o ensino de design, comprometidas com a realidade, como também ilustra tais teorias com resultados práticos alcançados em seus trabalhos, como o projeto de segurança viária desenvolvido para o Canadá.

Ezio Manzini e Carlo Vezzoli são autores de estudo referencial sobre possibilidades e métodos para o desenvolvimento de produtos sustentáveis. Em busca de um círculo virtuoso para a produção industrial, eles demonstram o grande potencial da tendência, gerando sistemas de análise projetual, *check-lists* e interessante mapeamento de produtos referenciais neste sentido. Essa e outras publicações compõem uma já vasta bibliografia para o ecodesign, disciplina presente no currículo acadêmico de várias escolas:

> Uma vez que, até hoje, nas sociedades industriais, a promoção do bem-estar social sempre foi ligada ao aumento da disponibilidade de produtos e de matérias-primas, e porque a disponibilidade de tais produtos implicou em emprego dos recursos ambientais, o problema que se coloca é o de romper o elo de ligação (sic) até aqui existente entre bem-estar social, produtos disponíveis e consumo dos recursos. (Manzini e Vezzoli, 2005, p. 46)

Fechando esta pequena seleção de livros, é indispensável incluir *Sem Logo*, da jornalista canadense Naomi Klein. Panorama da nova economia, o livro escancara facetas pouco comentadas da política de marcas, num contraponto ao discurso das corporações e seus efeitos sobre as pessoas. Radiografando a influência do *branding* sobre os processos sociais de trabalho, convivência e consumo, Klein apresenta o lado obscuro que, de um modo geral, envolve a atividade dos designers.

Redes Sociais

O avanço nas tecnologias de comunicação vem possibilitando o nascimento e manutenção de redes sociais de acesso facilitado. Formam-se diversos grupos de atuação e pesquisa em design que adaptam formatos já consagrados em outros setores para um movimento coordenado com a sociedade civil.

Assim como ocorre com os produtos e com as empresas que os produzem, foi lançada a certificação para profissionais, seus estúdios e escritórios. Exemplo disso é o selo *The Designers Accord*, uma coalizão global de designers, engenheiros, líderes corporativos e pesquisadores que trabalham juntos para criar impactos ambientais e sociais positivos. A coalizão agrega cerca de 100 mil membros da comunidade criativa, representando 100 países. Sua visão é integrar os princípios de design sustentável *na prática e na produção profissional*, gerando conhecimento comum sobre sustentabilidade e subvertendo o modelo tradicional de competição. A organização (sem fins lucrativos) busca que seus princípios e metodologias colaborativas sejam adotados também por instituições educacionais que, assim como todos os outros membros, tomam como princípio incluir a questão da sustentabilidade em seus currículos e encontros com estudantes e clientes, medem e reduzem emissões de carbono em suas práticas rotineiras, e tomem outras atitudes semelhantes, coerentes com esse objetivo.

Figura 86. Símbolo do selo de certificação de escritórios e empresas de design "Designer accord".

Figura 87. Cartaz da iniciativa "Design for the world".

Também a exemplo de outras organizações, a *Design Without Borders* foi iniciada em 2001, fruto da cooperação entre o escritório do designer norueguês

Figura 88. Exposição Massive Change.

Peter Opsvik e a Universidade Rafael Landívar, na Guatemala. Objetiva desenvolver soluções que promovam o desenvolvimento e o aumento da qualidade da ajuda humanitária[109]. Com finalidade semelhante, *Design for the World* é uma organização humanitária internacional, na qual designers projetam objetos para atender às necessidades de populações pobres ou em situação emergencial. Fundada em 1998 pela conjugação de esforços de associações internacionais de design (ICOGRADA, IFI e ICSID e Design Center de Barcelona), localiza áreas onde o trabalho de design possa ser útil e encaminha profissionais voluntários para lá atuar[110].

Massive Change, de Bruce Mau e do *Institute Whithout Boundaries*[111], é um mapeamento das interligações entre o design e os sistemas que ele integra. Trata-se de um projeto que envolve uma exposição itinerante, um livro, eventos formais e informais, um programa de rádio, um fórum online e um blog. "Não é sobre o mundo do design, mas sobre o design no mundo", como informa o material de divulgação, celebrando as capacidades da profissão e sinalizando suas limitações e riscos, partindo da premissa de que, se o design é uma força profissional emergente na alteração dos quadros atuais de consumo, é necessário articular urgente e precisamente o que estamos fazendo[112].

Enfim, este capítulo pretendeu traçar um paralelo entre a radical transformação ocorrida na ideia que se tinha sobre os leites artificiais/mamadeira e a trajetória do design, uma atividade inventada que se vê obrigada a reinventar-se. O cenário mundial isso exige.

[109] Informações disponíveis em www.design21sdn.com. Acesso em agosto de 2009.

[110] Informações disponíveis em www.designfortheworld.org. Acesso em agosto de 2009.

[111] Centro de ensino e pesquisa focado no design de inovação e na colaboração inter-profissional, alocado no Georg e Brown College, Toronto, Canadá.

[112] Disponível em www.massivechange.com. Acesso em agosto de 2009.

4
Dados sobre o atual cenário mundial da alimentação de bebês

Em 1997 — 15 anos após o início dos trabalhos da WABA, IBFAN e demais organizações voltadas à questão da alimentação de bebês —, o esforço mundial para mudança da conduta de adesão aos leites artificiais e às mamadeiras apresentava algumas mudanças positivas, mas também dados preocupantes. Segundo o banco de dados da OMS sobre amamentação:

> Apesar do reconhecimento geral das vantagens do leite materno sobre o artificial, mesmo em países industrializados, as taxas de amamentação, no geral, são baixas e só agora começam a melhorar, como é o caso da França, Itália, Holanda, Espanha, Suíça e Reino Unido. Na Suécia, uma exceção, 98% dos bebês, em 1990, tinham mamado em algum momento de suas vidas. Progressos nas taxas de alimentação exclusiva com leite materno até os 4 meses foram obtidos na Polônia, que passou de 1,5% em 1988 para 17% em 1995; Suécia, de 55% em 1992 para 61% em 1993 e Armênia, de 0,7% em 1993 para 20,8% em 1997.
>
> Os dados para a Região das Américas indicam que a porcentagem de crianças que chegaram a mamar em algum momento é alta em alguns países: Chile, 97% em 1993; Colômbia, 95% em 1995; Equador 96% em 1994. Por outro lado, as taxas de amamentação exclusiva até os 4 meses, ainda que altas se comparadas com outras regiões, são mais modestas e estão caindo: Bolívia, 59% em 1989 e 53% em 1994; Colômbia, 19% em 1993 e 16% em 1995; República Dominicana, 14% em 1986 e 10% em 1991.[113]

A amamentação se inscreve em num cenário mais amplo, o da mortalidade infantil, indicador do nível de desenvolvimento dos países e "uma evidência eloquente de suas prioridades e de seus valores", de acordo com o relatório *Situação Mundial da Infância – 2008*, da Unicef. Segundo o documento, o investimento dos governos na saúde das crianças e de suas mães representa a defesa de um direito humano e também "uma sólida decisão econômica".

No ano 2000, a ONU analisou os maiores problemas mundiais, estabelecendo oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, quais sejam: acabar com a fome e a miséria, prover educação básica de qualidade para todos, a igualdade entre sexos e a valorização da mulher, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde das gestantes, combater a AIDS, a malária e outras doenças, trabalhar em prol do aumento da qualidade de vida e respeito ao meio ambiente e desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento[114]. Assim, a saúde dos bebês relaciona-se direta ou indiretamente a todos esses objetivos.

---

[113] Amamentação. Disponível em www.opas.org.br (junho de 2003) e www.who.int/nut/db_bfd.htm. Acesso em agosto de 2009.

[114] Informação disponível em www.objetivosdomilenio.org.br. Acesso em agosto de 2009.

O relatório da Unicef de 2008 registrava que melhorias substanciais podiam ser verificadas nas taxas de sobrevivência e nas condições de saúde das crianças, mas muitos esforços ainda seriam necessários para alcançar o Objetivo do Milênio de, até 2015, reduzir em dois terços a taxa global de mortalidade de menores de cinco anos. Significaria reduzir os 9,7 milhões de mortes registradas em 2006 para cerca de quatro milhões em 2015.

> A cada dia, em média, mais de 26 mil crianças menores de 5 anos de idade morrem em todas as partes do mundo, e a maioria delas por causas evitáveis. Quase todas vivem no mundo em desenvolvimento ou, mais precisamente, em 60 países em desenvolvimento (dentre eles o Brasil). Mais de 30% dessas crianças morrem durante seu primeiro mês de vida, normalmente em casa, e sem acesso a serviços de saúde essenciais e recursos básicos que poderiam salvá-las da morte. Algumas crianças sucumbem a infecções respiratórias ou diarreicas[115] que atualmente já não constituem ameaças nos países industrializados, ou morrem devido a doenças da primeira infância, como o sarampo, que podem ser facilmente evitadas por meio de vacinas. Em cerca de 50% das mortes de menores de 5 anos, uma causa subjacente é a desnutrição, que priva o corpo e a mente da criança pequena dos nutrientes necessários para seu crescimento e seu desenvolvimento. Água de má qualidade, saneamento precário e higiene inadequada também contribuem para a mortalidade e a morbidade de crianças. (*Situação Mundial da Infância*, Unicef 2008, p. 1)

Em agosto de 2009, a OMS divulgou documento afirmando que a amamentação pode salvar 1,3 milhão de crianças por ano em todo o mundo. Então, se cruzarmos os dados do relatório sobre alta incidência de infecções diarreicas, desnutrição, água de má qualidade, saneamento precário e higiene inadequada, podemos perceber o quanto a cultura do leite artificial administrado por mamadeira contribuiu para a conformação desses resultados. Ou seja, embora não cite diretamente a indústria, a OMS afirma que "se o índice de aleitamento materno nos seis primeiros meses de vida chegasse a 90%, seria possível evitar cerca de 13% dos 10 milhões de mortes anuais de crianças menores de 5 anos", ou 1,3 milhão de vidas[116].

Além disso, sob influência da recente crise econômica mundial, a meta a ser alcançada em 2015 quanto ao desenvolvimento por diminuição da fome foi seriamente abalada. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), a última década demonstra uma tendência desalentadora, com maior insegurança alimentar, agravada pelo impacto da crise sobre as populações mais pobres do planeta:

> A atual desaceleração da economia mundial, que segue a crise dos alimentos e dos combustíveis e coincide em parte com ela, está no centro do forte aumento

[115] A diarreia é a responsável pelos maiores índices de mortalidade infantil.

[116] Segundo Constanza Vallenas, especialista da OMS. Disponível em www.aleitamento.com. 31 de julho de 2009. Acesso em agosto de 2009.

> da fome no mundo [...] e mostra a urgência de encarar as causas profundas da fome com rapidez e eficácia.[117]

Mas, como apontado por Almeida (1999), a prática da amamentação não está dissociada de condicionantes culturais, de quadros políticos ou de diversas outras influências que corroboram para a adesão à perigosa alimentação artificial. A seguir, elencamos alguns dados divulgados no documento *Situação Mundial da Infância*, produzido pela UNICEF, que ilustram a situação.

No Afeganistão, "as mulheres são proibidas de receber cuidados médicos em hospitais, cujas equipes são compostas apenas por homens", devido à norma cultural que restringe o trabalho feminino e impede as mulheres de receber capacitação médica. Em Bangladesh, os costumes hindus e muçulmanos impedem que as mulheres se dirijam a centros de saúde sem a companhia de um homem (*Situação Mundial da Infância*, Unicef 2008, p. 20). Na África Meridional, a AIDS é a principal responsável pelas mortes materna, neonatal e infantil. Em Botsuana, "cerca de 1 em cada 4 indivíduos entre 15 e 49 anos está infectado com HIV" e um terço das gestantes são portadoras do vírus, o que determina risco de contaminação para o recém-nascido se ele for amamentado. Na Índia,

> [...] a maioria dos indivíduos continua a defecar a céu aberto, não devido à falta de acesso a banheiros, mas primariamente porque não veem razão para modificar seu comportamento, uma vez que a conscientização sobre os riscos de saúde associados é limitada ou ignorada. (p. 75)

Na Libéria, antes do conflito que se estendeu de 1989 a 2003, havia água limpa disponível nos grandes centros, mas a guerra destruiu a maioria dos sistemas de abastecimento canalizado (p. 24).

O relatório da UNICEF registra a ocorrência de condicionantes que se interpõem à pratica da amamentação também nos países desenvolvidos, embora por razões bem diversas. Nos EUA, a amamentação em público é frequentemente coibida, possivelmente por influência da herança cultural puritana, como ilustram os casos a seguir. Nos salões da *Starbuks*, em Maryland, a uma mãe que amamentava seu filho lhe foi solicitado que o fizesse no banheiro ou cobrisse a criança com uma manta; na loja *Victoria Secret* de Winconsin, ao pedir para amamentar seu filho no provador, uma mãe foi surpreendida com a negação a seu pedido e com a sugestão de que se dirigisse ao banheiro das funcionárias; no Colorado, uma mãe recebeu multa de U$ 50 por amamentar o filho num parque e foi acusada de expor "suas partes genitais numa área pública"; em 2006, uma mulher foi obrigada a se retirar de aeronave da *Delta Airlines* (que ainda não havia decolado) porque se recusou a cobrir o seio com o cobertor que os tripulantes sugeriam, acusada de indiscrição[118]. Em Vancouver, Canadá, uma mãe foi também proibida de amamentar seu filho em 2008, na loja

Figura 89. Manifestações de repúdio às censuras feitas a mulheres que amamentavam seus filhos em avião da Delta Airlines e em lojas da Victoria Secret e Starbuks. EUA, 2005-2006.

[117] Crise econômica fará mundo ter mais de 1 bilhão de desnutridos em 2009, diz ONU. G1/mundo/fome. *Globo.com*. Disponível em http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/. 19 de junho de 2009. Acesso em julho de 2009.

[118] Informações disponíveis em www.aleitamento.org.br e www.usatoday.com. Acesso em agosto de 2009.

Figura 90. Global Breastfeeding Challenge 2008, imagens de Manila, São Paulo e Paris.

Figura 91. Cartazes premiados no concurso *Get Britain Breastfeeding*, em 2008.

de roupas *H&M*, sob o pretexto de que o ato constituía uma obscenidade, uma ofensa aos clientes[119].

As ocorrências de censura à amamentação costumam ser seguidas de manifestações públicas. Ações no sentido de transformar os quadros citados, capitaneadas por ONGs e com o apoio da ONU, OMS e Unicef também vêm sendo empreendidas com sucesso. Maratonas anuais são simultaneamente promovidas em vários países, todos os anos, lotando estádios, praças públicas e parques, com o objetivo de esclarecer sobre a importância do leite materno e também desmitificar o ato da amamentação em público, alcançando números de participantes registrados pelo Guinness Book[120].

Devido à disseminação indiscriminada do uso de leites artificiais e mamadeiras, em 2008, na Inglaterra, um concurso de cartazes foi proposto à Universidade Britânica de Artes e Design, sob o tema *Get Britain Breastfeeding*. O objetivo do concurso foi o de "difundir a ideia de que a amamentação deve se tornar uma regra e não uma exceção", conscientizando os "pais do amanhã". É importante salientar que no país berço da Revolução Industrial menos de 2% das mães amamentam seus filhos exclusivamente até os seis meses, apesar das políticas de saúde governamentais e da orientação da OMS[121].

O fato é que em muitas sociedades prevalece a orientação estética global que prega padrões de beleza incentivadores de implantes de silicone, atribuindo aos seios função meramente sexual. Persiste também o mito de que os seios "caem" com a amamentação, afastando muitas mulheres da decisão pelo aleitamento de seus filhos.

Com o advento da rede mundial de computadores, o acesso público a informações sobre o cenário descrito foi muitíssimo ampliado. O impressionante documentário *Fórmula Fix*, reportagem de TV australiana realizada em 1989 acerca da calamidade asiática em nutrição infantil provocada pela administração de leite em pó a crianças de baixa renda, por exemplo, está disponível no *Youtube*, assim como um vasto número de filmes sobre a mesma questão[122]. As organizações em prol da causa disponibilizam informações em seus *sites* e estabelecem contatos em rede com quem se interesse pelo assunto. No *Google*, ao se digitar a palavra *babybottle*, o segundo item de pesquisa da primeira página já oferece ao internauta condições de fazer um mergulho orientado e seguro nas informações que desvelam a realidade dos leites artificiais e das mamadeiras.

E, como se não bastasse, o escândalo ocorrido na China em 2008 constituiu uma prova cabal de que os substitutos do leite materno podem esconder graves perigos. A adulteração de leite em pó por melamina provocou no país a morte de três bebês e a infecção de outros 6.244. Notícias posteriores reporta-

---

[119] Amamentação e Puritanismo nos EUA. 19 de maio de 2007. Disponível em www.cbc.ca. Acesso em agosto de 2009.

[120] Mães participam de 'maratona' de amamentação pelo mundo. 11 de novembro de 2008. Disponível em http://g1.globo.com/Notícias/Mundo. Acesso em agosto de 2009.

[121] Mostra londrina exibe cartazes pró-amamentação. 5 de maio de 2008. Disponível em www.bbc.co.uk. Acesso em setembro de 2009.

[122] Fórmula Fix.1989. Disponível em www.youtube.com/watch?v=YQU43TdLYrE. Acesso em setembro de 2009.

ram que o número de crianças doentes aumentou para 53 mil, em sua maioria menores de dois anos de idade. A substância, utilizada para simular o aumento de proteínas, provoca o aparecimento de cálculos responsáveis por falhas agudas no sistema renal[123]. Investigações apontaram que 22 marcas de leite em pó estavam adulteradas pela substância, dentre elas Sanlu, Yili, Mengniu, Nestlé, Dutch Lady e Mr. Brown. Institutos de controle de alimentos na União Europeia pediram testes rigorosos em produtos importados em cuja constituição mais de 15% de leite em pó estivessem presentes (como biscoitos, balas de caramelo e chocolates), temendo risco para as crianças[124].

Figura 92. Protesto de parentes de crianças doentes por ingestão de leite em pó contaminado por melamina. China, 2009.

Sob o impacto do acontecimento, a IBFAN lançou a campanha *One Million Campaign*, a partir do seguinte texto:

> Milhões de bebês se adoentaram seriamente na China por terem consumido leite contaminado por melamina e alguns morreram. Estes bebês não foram amamentados porque: as companhias de alimentos convenceram suas famílias de que seus produtos eram melhores do que o leite materno; as mulheres não tiveram apoio necessário para amamentar em seus locais de trabalho; as mulheres não tiveram informação correta sobre alimentação infantil. [...] Fazemos nosso chamado às autoridades mundiais e à Assembleia Mundial da Saúde para que implementem o Código Internacional para Comercialização de Substitutos do Leite Materno e para que garantam apoio real às mulheres em suas diversas formas, particularmente criando espaços de trabalho e comunitários amigáveis com a lactância materna e respeitando os direitos de proteção à maternidade. LEVANTE SUA VOZ para APOIAR as MULHERES para a AMAMENTAÇÃO. Assine a petição agora.[125]

Procurando transformar a cultura que concede prioridade à alimentação artificial de bebês, fundos da União Europeia (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional e outros) financiaram o desenvolvimento do Bebê Glutão, "o boneco lactante", primeira boneca do mundo que mama no peito. Lançado em outubro de 2009, o objetivo do brinquedo é fomentar o aleitamento materno. Elaborado com a ajuda do Instituto Tecnológico del Juguete e avalizado pela Federação Espanhola de Associações Pró Lactância Materna, o Bebê Glutão gerou controvérsias antes mesmo de chegar ao mercado.

Produzido pela empresa Berjuan, o Bebê pode ser do sexo feminino ou masculino, mede 50 centímetros e vem acompanhado de uma espécie de camiseta frente-única a ser vestida pela menina. Na área onde estariam os bicos dos seios, foram colocadas flores, simbolicamente. Em contato com elas, a boca do bebê realiza movimentos de sucção acompanhados por sons. Caso a brincadeira

123 Más de 6.200 bebés intoxicados. Disponível em http://newsvote.bbc.co.uk. 18 de setembro de 2008. Acesso em agosto de 2009.

124 Infelizmente o escândalo chinês não foi fato raro, pois existe farta documentação de problemas semelhantes em várias épocas e partes do mundo, inclusive no Brasil. Informações disponíveis em Enterobacter Sakazakii, a bactéria dos leites em pó. 11 de abril de 2002. Disponível em www.aleitamento.com. Acesso em agosto de 2009.

125 Disponível em www.onemillioncampaign.org. 26 de fevereiro de 2009. Acesso em julho de 2009.

seja interrompida antes de um determinado tempo, o bebê chora. Quando estiver satisfeito, ao ser colocado em posição vertical, arrotará[126].

Figura 93. Bebé Glutón, o primeiro boneco lactante. Espanha, 2009.

Percebe-se que a estratégia empreendida para a mudança de cultura enfoca a criança, até então cercada exclusivamente por bonecas que já vinham de fábrica munidas com mamadeiras de brinquedo, como se oferecê-la ao bebê fosse uma prática amorosa e segura. A repercussão da boneca, entretanto, demonstra o impacto do produto sobre os consumidores e o quanto estão consolidados valores culturais resistentes ao nível de conhecimento científico alcançado. Enquanto alguns comemoram o brinquedo, outros o atacam frontalmente:

> Que bom que a indústria de brinquedos levou em conta a amamentação. Oxalá outras empresas copiem este produto e logo esses bonecos deixem de ser notícia. Obrigada pelo esforço realizado para promover o leite materno (Mônica, Espanha)/Que pena que uma ideia tão brilhante para promover o tão desprezado aleitamento materno venha acompanhada por uma chupeta maior do que a própria cara do boneco, pois como todos sabemos as chupetas podem interferir na instauração correta da amamentação. Mas por algum ponto se começa... (Margarita, Espanha – *site* Pequelia)/Nossa, que absurdo! Essa 'brincadeira' aí só faz a criança perder, digamos, a inocência. Não gostei e não aprovo! (Isa, Brasil)/Eu tenho uma filha de 4 anos. Imagino que seja ridículo eu ou alguém presentear ela com essa boneca... Não gostei desse negócio aí não. Comprem bonequinhas da Polly para ela, mas não essa $%¨(*& de boneca que ficou muito vulgar para uma criança!!!!! (Le, Brasil – www.poracaso.com)/Como eu poderia achar 'bonitinho' minha filha de 3 anos dar de mamar no peito ao invés de estar com uma mamadeira dando comidinha na boca do bebê de brinquedo? [...] Essa boneca deve ser banida do mercado.[127]

Com relação ao tema *Amamentação: uma resposta vital à emergência*, campanha da WABA, a imprensa noticia a ocorrência de um grande e perigoso equívoco na ajuda humanitária arregimentada pelos meios de comunicação, pelas ONGs e agências doadoras: a ideia de que a administração indiscriminada de leites artificiais por mamadeiras a populações vitimadas por emergências ou

[126] Boneca lactente chega às lojas com polêmica na Espanha. Matéria publicada no *site* do G1 em 15/10/2009. Disponível em http://g1.globo.com/Noticias/.../0,,MUL1341659-5602,00.html. Acesso em novembro de 2009.

[127] BRASIL, R. Boneca que mama no peito. *Revista Época*. São Paulo, Ed. Globo, 13/08/2009.

concentradas em campos de refugiados contribuirá para salvar vidas. A declaração do Ministro da Saúde do Sri Lanka — país com altas taxas de aleitamento exclusivo — após o *tsunami* de 2004 fornece eloquente argumento contra o senso comum:

> Um grande problema foi a distribuição de fórmulas infantis às mães que amamentavam sem o controle adequado por parte dos doadores e ONGs que atuaram emocionalmente, sem base científica, não contemplando os perigos da alimentação artificial em situações de desastre. Ademais, os meios de comunicação pediram ao público ajuda com doações de leites artificiais e mamadeiras. O Ministério da Saúde teve que superar muitos obstáculos para assegurar que as mães continuassem amamentando e não aplicou a insustentável e potencialmente perigosa prática de usar fórmulas infantis.[128]

Em maio de 2009, em "documento temático sobre aspectos específicos relacionados ao Código Internacional de Marketing de Substitutos do Leite Materno e às subsequentes Resoluções relevantes da Assembleia Mundial de Saúde", o IBFAN Brasil divulgou que, nas crises, as corriqueiras doações de fórmulas infantis, mamadeiras e bicos podem provocar "mais malefício que benefício, já que não há infraestrutura básica ou condições adequadas para reduzir os riscos associados ao preparo da fórmula e de outros alimentos". A amamentação é a salvaguarda nesses momentos. Invocando a necessidade de controlar as doações, o documento aponta ser preciso evitar que as empresas utilizem tais situações para "aumentar sua fatia no mercado ou para fazer relações públicas". As recomendações são de que os itens doados sejam oferecidos apenas sob as seguintes condições: no caso de os bebês precisarem receber alimentos que substituam o leite materno; o fornecimento precisa ser mantido enquanto esses bebês necessitarem do produto; os alimentos fornecidos não podem ser usados para induzir vendas.

Ainda relativamente ao *tsunami* de 2004, no Oceano Índico, foi constatado um exemplo de violação ao Código:

> Um anúncio comovente no jornal *Nova Tabloid* (agosto de 2005) em prol da campanha de Sari Husada 'de combate à desnutrição', na Indonésia, prometia uma doação de 50 rúpias indonésias (0,006 dólares) para cada produto Sari Husada comprado, inclusive as fórmulas SGM e Vitalac. Com um claro propósito de fortalecer seu mercado na Indonésia, a chamada da campanha convidava os pais: 'Junte os corações para alimentar as crianças do país, porque elas são também nossas crianças'. Por meio da capitalização da imagem de uma criança desnutrida, essa empresa fez um apelo filantrópico ao público para que comprasse seus produtos em nome das crianças necessitadas. (ICDC Fócus, maio de 2009)

Após o terremoto de 2006, em Java, uma "fórmula infantil (destinada a bebês de 0 a 6 meses) foi distribuída como incentivo/recompensa para as pessoas da região comparecerem às campanhas de vacinação contra o sarampo e o tétano", quando mamadeiras Pigeon foram fartamente distribuídas, deixando

[128] Boletim ICDC Focus de maio de 2009. Disponível em www.ibfan.org.br. Acesso em agosto de 2009.

as mães felizes com os presentes. Em 1996, na Armênia, o chefe do programa de promoção ao aleitamento materno disse: "nossas maternidades foram tomadas por substitutos do leite materno, trazidos por agências humanitárias de ajuda e isso quase destruiu nossos programas de aleitamento materno". Em 2008, em Sichuan, China, "empresas entregaram caminhões cheios de fórmulas e mamadeiras, duas horas após o terremoto".

Entre os "passos úteis para reduzir os riscos da alimentação artificial" recomendados consta "encorajar, de forma ativa, o uso de xícara para alimentar os bebês e desestimular o uso de mamadeiras e bicos".

4.1
Sobre a força das indústrias de leite artificial no Brasil e no mundo

É importante trazer para o corpo da pesquisa alguns dados que demonstram as intrincadas redes de negócios estabelecidas pelas indústrias, seu poder de influência político-econômica e força de penetração no mercado consumidor.

Figura 94. Cartazes da campanha "Quem vai ao pediatra volta tranqüilo". Nestlé e Sociedade Brasileira de Pediatria, 2009.

Em 2009, um convênio entre a Nestlé e a Sociedade Brasileira de Pediatria concebeu a campanha *Quem vai ao pediatra volta tranquilo*. Nos anúncios, depoimentos de uma mãe, de um pai e de uma avó ilustram a iniciativa lançada durante o Congresso Brasileiro de Pediatria, realizado em Brasília em outubro de 2009.

> A Nestlé, líder mundial em Nutrição Infantil e reconhecida por inovar constantemente neste segmento lançará [...] campanha de valorização do pediatra [...]. O intuito desta ação é reforçar o fato de que os benefícios de uma criança bem assistida desde o nascimento, sobretudo nos primeiros 12 meses, se prolongam por toda a vida. [...] A campanha [...] impactará os pais por meio de anúncios em revistas e internet, levando informação com um toque emocional[129].

Figura 95

No cartaz do pai, o depoimento de Ricardo: "Hoje, o Bruno está esse garotão saudável e bonitão. Mas ele nasceu prematuro, de sete meses. Ainda

[129] Trecho de release distribuído pela Nestlé à imprensa. Disponível em www.nestle.com.br, 2009. Acesso em novembro de 2009.

bem que ele foi bem cuidado pelos pediatras na maternidade (...). Eu sou alto e tudo indica que o Bruno vai ficar maior que eu".

Em maio de 2008, por ocasião do Dia das Mães, a empresa lançara em revistas e na TV brasileira a campanha *Quer um conselho de mãe? A Nestlé quer*. Uma jovem mulher se identificava como a produtora do melhor leite do mundo pelo fato de ser mãe, *o que lhe concedia autoridade para recomendar os leites Nestlé*, "um para cada fase da sua vida". No *site* da empresa consta: "a Nestlé é a maior empresa mundial de alimentos e bebidas, também consagrada como a maior autoridade do mundo em nutrição, saúde e bem-estar".

Por que alguém duvidaria de afirmações tão eloquentes? Como imaginar que uma empresa fabricante de produtos tão gostosos, com tradição de extrema seriedade, não seja confiável? O mergulho na problemática da alimentação de lactentes é capaz de trazer à tona sérios fatos que afloram com uma fartura impressionante, fazendo com que nós nos questionemos sobre nossa ignorância a respeito dos produtos que consumimos corriqueiramente.

É necessária uma breve retrospectiva da participação das indústrias na problemática para que os eventos sejam alocados no tempo e no espaço.

O relatório *The baby Killer* reportava as diversas ações da Nestlé e de outros fabricantes de fórmulas em países do Terceiro Mundo até 1974. Nesse ano, o relatório foi traduzido na Suíça pelo Grupo de Ação para o Terceiro Mundo de Bern (AgDW) com o título *Nestlé tötet Babies* (*Nestlé mata Bebês*), gerando um processo da empresa contra o grupo por difamação. Segundo o artigo "Nestlé (A): The Case of the Dying Babies", publicado na revista *International Marketing*, a empresa desfrutava de muitas facilidades de marketing e produção de seus produtos no Terceiro Mundo, o que incluía à época 19 fábricas em dez países africanos. Em meio ao processo, um ativista defendeu a ideia de que aquelas fórmulas não poderiam ser entregues diretamente às mães, devendo ser vendidas em farmácias a partir de prescrição médica. A resposta do diretor comercial da Nestlé foi: "Ninguém sugeriu que o vinho seja vendido em farmácias com prescrição de médicos pelo fato de milhões de pessoas o beberem e algumas vezes isso causar acidentes fatais".

Em junho de 1976, a justiça deu ganho de causa à empresa na ação de difamação que impetrou contra o Grupo de Bern (relativa ao título do livro), sob o argumento de que a responsabilidade pelas mortes não era da Nestlé, mas, sim, da falta de higiene empregada na utilização de seus produtos. A AgDW foi multada e a Nestlé recebeu aviso quanto à necessidade de modificar suas práticas de marketing.

Segundo o documento *Cronologia da Campanha*, da IBFAN, o início das averiguações do processo provocou a fundação, no ano anterior à decisão, do Conselho Internacional da Indústria de Alimentos Infantis – ICIFI, unindo à Nestle a Cow & Gate, Dumex, Meiji, Morinaga, Snow Brand, Wakado e Wyelth.

Em 1977, o anúncio de mamadeiras foi proibido em Papua Nova Guiné, e sua compra foi restringida. A Coalizão de Ação sobre Fórmula Infantil –

INFACT protestou contra o marketing não ético da Nestlé, lançando nos EUA o primeiro boicote aos seus produtos, que no ano seguinte se espalhou pela Austrália, Canadá e Nova Zelândia. Pressionada pelas averiguações conduzidas pelo senador Edward Kennedy, a Nestlé tentou melhorar sua imagem pública divulgando declarações de cunho político que não respondiam às críticas que lhe foram feitas.

Em 1979, OMS e Unicef organizaram encontro internacional entre representantes de governos, organizações de saúde, companhias e seus grupos, dando partida ao desenvolvimento de um código para controle internacional do marketing das companhias e ações de melhoria das práticas de alimentação infantil, gerando a IBFAN e seus relatórios anuais *Violando as Regras*.

Em 1980, a Inglaterra boicotou a Nestlé; no ano seguinte, a Suécia e a Alemanha Ocidental aderiram ao boicote. O Vice Presidente da Nestlé manifestou discordância radical do texto preliminar do Código Internacional de Controle de Comercialização dos Substitutos do Leite Humano, adjetivando-o como "inaceitável, restritivo, irrelevante e inexequível".

A 34ª Assembleia Mundial da Saúde adotou o *Código Internacional de Mercadização de Substitutos do Leite Materno* como "requerimento mínimo" a ser adotado inteiramente. As nações presentes votaram favoravelmente a ele; apenas os EUA votaram contra e o Parlamento Europeu aprovou a preparação de um Diretivo sobre as bases do Código. Em 1982, uma comissão de Auditoria foi criada para fiscalizar as práticas de marketing da Nestlé, mas a comissão seguiu as orientações da empresa ao invés de seguir as do Código. A partir daí a França boicotou a Nestlé, e no ano seguinte a Finlândia e a Noruega aderiram ao movimento, perfazendo um total de 10 adesões ao boicote.

Diante da concordância da empresa em implementar o Código Internacional, grupos de boicote concordaram em suspendê-lo por seis meses para que a Nestlé colocasse em prática os compromissos assumidos. Em 1986, os abastecimentos gratuitos de leite foram proibidos em obediência à resolução da Assembleia Mundial da Saúde.

Entre 1987 e 1988, porém, a fiscalização realizada pela IBFAN detectou abastecimentos gratuitos e de baixo custo realizados por indústrias de leite em postos de saúde, o que violava o Código. A IBFAN solicitou à Nestlé e à Wyeth/AHP a interrupção do fornecimento, caso contrário o boicote seria reiniciado. Como as empresas ignoraram a solicitação, em outubro o boicote foi retomado, obtendo inclusive a adesão do Canadá. Enquanto isso, durante a 41ª AMS foi detectada uma "diminuição continuada dos índices de amamentação em muitos países".

Em 1989 o boicote atingiu Irlanda, Finlândia, Ilhas da Maurícia, México, Noruega, Suécia, Inglaterra, Filipinas e França. A *Convenção sobre os Direitos da Criança* foi adotada pela ONU e a *Declaração de Innocenti* assinada por 32 países. Em 1991, "embora a IBFAN tenha conseguido alguns melhoramentos, a versão final do Diretivo da Comunidade Europeia sobre o marketing de fórmula infantil e leites de seguimento no mercado interno resultou fraca". No mesmo ano, a

Unicef declarou que a inversão na redução nos índices de amamentação poderia salvar 1,5 milhão de vidas por ano em todo o mundo. A WABA foi fundada e nove países implementaram o Código Internacional em sua totalidade, além de 28 outras nações terem seus esforços de implementação das regras reconhecido. Na União Europeia entrou em vigor a obrigatoriedade de as imagens dos bebês serem retiradas dos rótulos de leite em pó. Índia e Nepal introduziram o Código em suas legislações. Com a adesão da Itália, Luxemburgo, Espanha e Turquia, em 1993 o número de países que aderiram ao boicote chegou a 18.

Em 1994, a AMS alertou sobre os cuidados necessários para com as doações de leite em situações de emergência, e a IBFAN organizou encontros nacionais e internacionais para discutir o assunto. A Johnson & Johnson entrou em acordo com organização da sociedade civil sobre processo levantado contra ela na Índia, e a Nestlé tentou questionar a adesão de outras empresas ao Código. A AMS adotou resolução pedindo a conscientização dos profissionais de saúde quanto à situação. Em 1998 a IBFAN recebeu o prêmio "Right Livelihood Award", elogiando "seu compromisso e a eficácia de suas campanhas durante quase 20 anos", quando a organização já incluía mais de noventa países (Cronologia da campanha – IBFAN).

Constata-se, assim, que as indústrias de leites artificiais —principalmente a Nestlé — são responsáveis pelo grave quadro de desnutrição e morte de crianças em todo o mundo, contrariando a imagem que procuram sustentar. Entretanto, há um dado que demonstra a persistência de nítidas diferenças quanto ao poder de informação, mobilização e luta das sociedades de diferentes países contra as indústrias: enquanto os países do hemisfério norte, em sua maioria industrializados, boicotaram a Nestlé, as Américas do Sul e Central (excetuando-se o México) e os continentes africano e asiático não o fizeram.

Com o advento da Internet, as ações de monitoramento ganharam força de denúncia e novos boicotes foram organizados. Em 2007, após a identificação de novas violações, a Baby Milk Action disponibilizou, em seu *site*, todo o material necessário à adesão a um novo boicote à Nestlé. Paródias gráficas com o símbolo da empresa alteraram seu nome para "sórdido" (*nasty*). O produto NESCAFÉ — o café solúvel mais vendido em todo o mundo[130] — foi igualmente foco das campanhas de boicote.

Em março de 2008, em razão do grande número de casos de vômitos e diarreia em bebês na África do Sul, a Nestlé fez chamada de *recall* para a fórmula infantil produzida nas fábricas da região, após identificar taxas excessivas de cobre, ferro e zinco na constituição do leite[131]. Em junho de 2002, o Greenpeace executou uma ação em frente à sede da Nestlé na Suíça, após sucessivas constatações quanto à presença de ingredientes geneticamente modificados em produtos produzidos na Ásia.

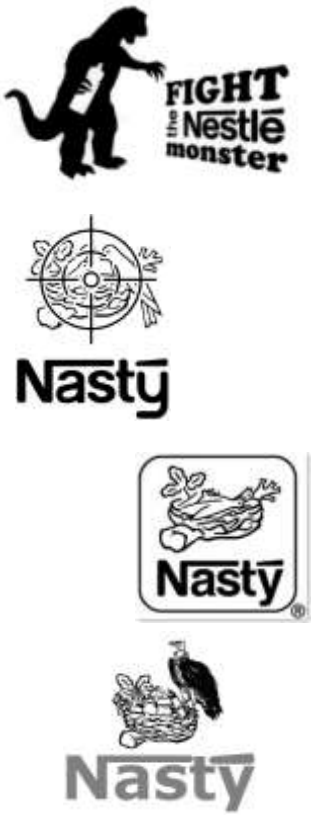


Figura 96. Paródias gráficas ao símbolo da Nestlé.

Figura 97. Sacolas de divulgação do boicote à Nestlé.

Figura 98. Ação do Greenpeace contra adulterações detectadas em produtos distribuídos na Ásia. Sede da Nestlé, Suíça, 2002.

130 Por ironia, no Brasil, depois que as maioneses adotaram embalagem inteiramente plástica, justamente o pote do NESCAFÉ é o mais adequado para o recolhimento e armazenamento das doações de leite materno, com seu corpo de vidro e a tampa de rosca plástica.

131 Nestle recalls South Africa infant formula. Disponível em www.reuters.com. 12 de março de 2008. Acesso em agosto de 2009.

Mas apesar de tantas ocorrências, a indústria prossegue agregando novas empresas[132], tendo se tornado a maior empresa do mundo em alimentos infantis, detentora de 82% do mercado americano[133]. Além de apoiar congressos de pediatria por meio da atuação da Fundação Nestlé, outros projetos seus têm grande repercussão na mídia:

> Durante a 15ª edição do Rally dos Sertões, a Fundação Nestlé Brasil levou o Programa Nutrir às comunidades de pequenos municípios do interior do país. Nutricionistas, culinaristas e educadores do Programa ministraram oficinas culinárias nas regiões onde aconteceu a prova. A ação proporcionou que professores e merendeiras de escolas públicas de Goiânia (GO), Palmas (TO), Corrente (PI), Seabra (BA), Brumado (BA), Cândido Sales (BA) e Salvador (BA) pudessem ampliar seus conhecimentos em alimentação saudável e equilibrada, além de orientar também familiares de alunos.[134]

Em agosto de 2009, a Nestlé assinou um documento junto a 24 empresas líderes na área de alimentos e bebidas no Brasil, no qual espontaneamente comprometia-se a suspender os anúncios de seus produtos dirigidos ao público com menos de 12 anos. Considerado um avanço pelas entidades de defesa do consumidor, o documento veio acompanhado do compromisso de não realização de promoções de caráter comercial em escolas. "A ação é um desdobramento do compromisso assumido por essas empresas junto à Organização Mundial de Saúde" e o representante da Associação Brasileira de Alimentos acrescentou ser esse um exemplo do exercício do marketing responsável[135].

A busca por um compromisso responsável das corporações em todo o mundo provoca intensa discussão e controvérsia, na medida em que a ONU capitaneia a iniciativa de promover a adesão de empresas a uma conduta comercial respeitosa aos direitos humanos por intermédio do *Global Compact*. Já citado em capítulo anterior, o acordo pode parecer interessante e bastante propício para leigos sem familiaridade com processos políticos e de negócios, entretanto, esse ambiente muitas vezes apresenta graves incoerências a um olhar mais atento.

Em 2003, Judith Richter — Dra. em Ciências Sociais e pesquisadora independente envolvida em vários movimentos sociais — publicou o relatório *Building on Quicksand: The Global Compact, democratic governance and Nestlé*, sob o apoio do CETIM (Europe-Third World Centre), do IBFAN – GIFA (International Baby Food Action Network e Geneva Infant Feeding Association) e do Berne Declaration. No relatório, a autora reúne informações e trechos de negociações e debates estabelecidos entre o escritório do acordo, líderes corporativos e organizações da sociedade civil.

---

[132] Em 2007, a Nestlé comprou da Novartis a Gerber Foods, fabricante de mamadeiras.

[133] Biblioteca Virtual em Saúde. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/.

[134] Caderno Razão Social. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, Infoglobo SA, 3 de setembro de 2007.

[135] Propaganda para criança tem hora. *O Globo*. Infoglobo SA, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 2009.

O *Global Compact* se origina de uma proposição do Secretário Geral da ONU, Kofi Annam em 1999 de "iniciar um acordo global pelo compartilhamento de valores e princípios que possam dar uma face humana ao comércio global". A intenção era conter a enorme pressão exercida por grupos de interesse que instauravam "regimes de comércio e investimento fora dos padrões adequados nas áreas de direitos humanos, trabalho e meio ambiente". O Secretário vislumbrou dois caminhos rumo ao alcance desse objetivo: encorajar os Estados a concederem à ONU recursos e autoridade para promover a paz no trabalho, os direitos humanos e conceitos de meio ambiente, e a promoção desses valores, por parte das empresas, por intermédio da prática de nove valores centrais[136]. No mesmo ano o acordo foi oficializado pela ONU e pela Câmara Internacional do Comércio. Em 2000 ele foi declarado operacional e considerado o mais importante tema da ONU em Nova Iorque. Dois meses antes disso, entretanto, o presidente da ICC, Adnan Kassar, havia dito: "sugiro que as regras não sejam formalmente prescritivas, pois resistiremos se tendências assim acontecerem".

Os críticos indagam: o acordo conseguirá ajudar as corporações a serem responsáveis para com as pessoas? Ou auxiliará as corporações a criarem as regras? Em resposta, os proponentes insistiram que "o acordo não é um instrumento regulatório, nem um código de conduta, mas um valor-base destinado a promover o entendimento institucional, complementando os esforços regulatórios das ONGs". A crítica realizada pela Transnational Resource & Action Center – TRAC sintetiza os pontos fundamentais:

> O acordo ajudou as corporações a assumir suas responsabilidades sociais e a limpar suas reputações e imagens, um processo que coloca o bom nome da ONU em risco; não há mecanismos ou esforços para monitorar a adesão das corporações aos 9 princípios; o escritório do acordo permitiu que violadores de alguns desses princípios se tornassem membros do acordo; é aceitável que haja interação da ONU com as corporações, mas elas não podem aspirar tornar-se "parceiras"; há um risco de transferência de imagem: o acordo proporciona às corporações a chance de 'lavar' suas imagens, mas compromete a reputação e a imagem da ONU. (Bruno and Karlinger, 2000, 2, in Richter 2003, p. 12-13)

No decorrer das negociações, uma aliança de ONGs pediu ao escritório do acordo que revisse os últimos trinta anos das atividades corporativas das empresas aspirantes, incluindo como parâmetro a regulação da indústria de alimentos para crianças e o Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite, além das interações ocorridas entre OMS/Unicef e o setor comercial. A finalidade do pedido era "formar a base de uma avaliação pública das vantagens e desvantagens de várias formas de engajamento da Organização com o setor privado". Nesse mesmo sentido, a Alta Comissariada de Direitos Humanos da ONU, Mary Robinson, apontou que o monitoramento do siste-

[136] Esses valores eram os seguintes: apoio e respeito aos direitos humanos em sua esfera de influência, não cumplicidade com abusos de direitos humanos; garantia de liberdade de associação e reconhecimento do direito de negociação coletiva, eliminação de todas as formas de trabalho forçado ou compulsório, abolição do trabalho infantil, eliminação da discriminação no trabalho; postura de atenção ao meio ambiente, postura de promoção da responsabilidade ambiental, encorajamento ao desenvolvimento de tecnologias ambientais amigáveis.

ma seria crucial, pois a sociedade civil insiste em afirmar que as corporações fazem promessas, mas não as cumprem. Porém, em 2002, durante a abertura do Johannesbur World Summit on Sustainable Development, o Global Compact foi apresentado como uma "parceria" com o setor comercial, provocando a reação de redes e grupos da sociedade civil que apontavam: não havia uma lista com todas as companhias participantes; não havia instrumentos de monitoramento para a implementação dos nove princípios em suas operações; não havia tampouco mecanismos de publicação transparente do monitoramento das companhias depois que elas assumissem o acordo nem mecanismos para excluir publicamente as corporações que violassem tais princípios.

Meses depois foi publicada a lista das companhias afiliadas. Com ela, colocou-se um ponto final no diálogo entre os oficiais do acordo e as ONGs que trabalham pela questão dos alimentos infantis e que reivindicavam a não inserção da Nestlé. Em simpósio internacional do Acordo, Georg Kell (oficial do Acordo) citou a empresa como "uma das quatro companhias suíças exemplares por sua conduta socialmente responsável". Recusada pelo Global Compact em 2001, a Nestlé foi readmitida em 2002 sem que a IBFAN fosse informada do fato, o que provocou sua reação pública:

> Como pode a Nestlé ser tão bem recebida como membro do acordo? Como pode o Acordo Global aparentemente ignorar as evidências gerais se a empresa continua a violar o Código Internacional? Como pode ignorar a ligação entre a implementação do Código e o cumprimento do artigo 24, da Convenção sobre os Direitos da Criança, de 1989? Como podem os executivos desprezar tão facilmente os métodos de comércio antiéticos dos produtores de alimentos infantis que continuam colocando em risco a saúde das crianças, que OMS e Unicef estimam em 1,5 milhões de bebês mortos por ano devido à alimentação artificial ao invés da amamentação? (Richter, 2003, p. 20-21)

A empresa foi evasiva: "A Nestlé firmemente apoia os princípios do Global Compact e se compromete a refletir tais princípios em suas práticas de negócios"[137].

Informações acerca dos bastidores de negociações comerciais e dos processos de aceitação de empresas no Acordo, embora disponíveis na Internet, não chegam facilmente aos consumidores. Mais visíveis são as belas campanhas na TV e outras mídias, tantas vezes sustentadas pela presença dessas indústrias entre seus anunciantes. As coisas são assim...

Prosseguindo com a dinâmica de aproximações e distanciamentos característica desta pesquisa, voltemos um pouco no tempo para focalizar o atual cenário brasileiro da alimentação de bebês.

---

[137] Brabeck-Letmathe, P. Our Responsability: UN Gobal Compact. In Richter, 2003, p. 26. Building on Quicksand: The Global Compact, democratic governance and Nestlé – Judith Richter – IBFAN-GIFA – October 2003. Disponível em www.ibfan.org/art/538-2.pdf.

4.2
Cenário brasileiro atual

No início dos anos de 1980, o *Ministério da Saúde* forneceu os seguintes dados: naquele momento, a mortalidade infantil era de 88/1000 em todo o território brasileiro e de 124/1000 no Nordeste; 48% das crianças sofriam de desnutrição crônica; os níveis de desmame precoce eram alarmantes (54% em São Paulo e 80% no Recife); 50% dos pediatras prescreviam a mamadeira e 90% incentivavam o oferecimento de água aos bebês nos intervalos das mamadas; 60% das brasileiras gestantes não faziam o exame pré-natal (Almeida, 1999, p. 42). O PNIAM –Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno foi lançado no Brasil em 1981, em resposta à reviravolta mundial provocada pelo livro *The Baby Killer*. No prefácio à primeira edição em português do livro, *Fernando Figueira* argumenta:

> Em 1978, por exemplo, Ivo de Oliveira, em sua tese de mestrado, consignou cifras surpreendentes de desmame: 98,6%, logo no trigésimo dia de vida, e isto já na zona rural de Gravatá, município do interior de Pernambuco, bem próximo ao Recife. Por outro lado, Gilda Bringel (tese de mestrado, 1979 – Recife) em estudo realizado num grupo de crianças (0–4 meses de idade), comprovou que naquelas amamentadas, mesmo apresentando diarreias, não foram constatados germes patogênicos nas coproculturas, enquanto naquelas alimentadas artificialmente foi detectado um percentual de 60% desses germes. (Muller, 1995, p. 9)

Sob influência do relatório, o PNIAM capitaneou ações em defesa do novo paradigma relativo à alimentação de bebês nos anos de 1980: alojamento conjunto em maternidades, bancos de leite humano; adesão ao *Código Internacional para Controle da Comercialização de Leites*; licença-maternidade de 120 dias; direito de amamentação aos filhos de presidiárias; inserção do tema nos currículos escolares; programa de capacitação de recursos humanos; centros de referência; incentivo a grupos de mães que amamentam e a pesquisas e estudos. Diante de tais medidas e da disseminação da nova ideologia pelos meios de comunicação de massa, constatou-se uma redução de 65% no acesso a leites modificados entre 1980 e 1989 (Almeida, 1999, p. 42).

O Grupo de Mães Amigas do Peito começou a atuar nesse período. Organizado pela atriz Bibi Vogel em 1980, congregava "mulheres que perceberam a importância de compartilhar dificuldades, expectativas e sucessos vividos com a amamentação"[138]. Matérias jornalísticas em vários meios de comunicação documentavam as atividades do grupo, gerando tanto críticas quanto adesões à causa. A ideia de amamentar foi acolhida em grande medida por setores considerados "alternativos" da sociedade urbana brasileira. Analisando dados estatísticos a serem apresentados à frente, pode-se dizer que, infelizmente, a adesão aos leites artificiais e às mamadeiras não foi estruturalmente afetada por tais esforços.

Figura 99. Bibi Vogel, líder do "Grupo de Mães Amigas do Peito".

138 Organização não-governamental em atividade até os dias atuais. Disponível em www.amigasdopeito.org.br. Acesso em abril de 2009.

Figura 100. Em uma cena do filme *Pixote, a lei do mais fraco*, de Hector Babenco, lançado em 1981, o personagem central mama no seio da prostituta interpretada pela atriz Marília Pêra. Esta, após alguns instantes, repele com violência o jovem, que dali sai correndo para cometer um grave delito. Note-se que o ambiente do prostíbulo envolve a cena com simbologias sexuais, resultando em perturbadora referência para a prática da amamentação sobre o público.

Figura 101.
As fábricas de ataúde
Faturam constantemente
Com a mortalidade infantil
Que existe diariamente
Vamos lutar contra isso
Assumindo um compromisso
Em favor do inocente.

(...) Louvo aos profissionais
Que lutam pela saúde
Jesus derrame em seus lares
Amor, carinho e virtude
Estes verdadeiros mastros
Representam mais que os astros
Do cinema em Roliúde.

Cordel distribuído pela Secretaria de Estado de Saúde e Higiene do Rio de Janeiro em 1983.

Sob o impacto das medidas de apoio à amamentação, as "verdades" quanto à "superioridade" dos produtos da indústria de leites artificiais, construídas até os anos de 1970, foram ameaçadas pela nova mentalidade que se edificava. A mudança do paradigma científico e as amplas ações governamentais brasileiras nas instituições médicas, na mídia e na legislação faziam com que as empresas perdessem um pouco do espaço que tradicionalmente ocupavam.

O governo brasileiro iniciava um processo de controle dessa produção industrial. Em 1981 o Brasil estava incluído no grupo de 150 países que aprovaram o *Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno* (resolução 34.22 da Assembleia Nacional da Saúde). Como relata Renata Monteiro, com base no Código e após algumas negociações com instituições envolvidas no incentivo ao aleitamento materno e com fabricantes de alimentos, bicos, chupetas e mamadeiras, foram aprovadas as *Normas para Comercialização de Alimentos para Lactentes* – NCAL, na forma de resolução do Conselho Nacional de Saúde. Impresso e distribuído, o documento somou-se a fatores de mudança que apontavam melhorias expressivas. Entre essas melhorias estava o aumento da média de tempo de amamentação de 74 para 167 dias em todas as regiões do país, tanto em áreas urbanas quanto rurais, em todos os níveis de renda e escolaridade no ano de 1989. Entretanto, em seminários promovidos pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição – INAN, no ano seguinte foram apontadas, no texto do documento, imprecisões e fragilidades que abriam flanco para várias interpretações ou para o não cumprimento das normas que estabelecia, e para o fato de que bicos e mamadeiras não estavam incluídos na regulamentação (à época, esses produtos não eram controlados pela vigilância sanitária). Revisada e aprovada em 1992, passou a se chamar *Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes* – NBCAL, continuando ambígua em parte, o que facilitava a continuidade das infrações. Exemplo disso é que ainda havia imagens de bebês em rótulos de produtos comercializados em 32 cidades brasileiras entre 1995 e 1996. Em 2000, uma nova revisão a tornou mais abrangente, transformando seu nome para *Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes e Crianças de Primeira Infância e de Bicos, Chupetas e Mamadeiras*. Em 2003 e 2004 foram formados mais de 450 profissionais de saúde em 24 cursos por todo o país como esforço de instrumentalizar o monitoramento; em 2006 a norma foi transformada em lei federal. Infrações continuam a ser cometidas "pelo setor comercial, onde funcionários e gerentes alegam desconhecer a legislação" e por discursos pseudocientíficos que recomendam os produtos em rótulos, folhetos etc. (Monteiro, 2006). Acerca do assunto, disserta Almeida:

> A violação da norma brasileira de comercialização remete a discussão à esfera legal, na qual inúmeros artifícios são instituídos sob a perspectiva das leis, no intuito de atendê-las ao mesmo tempo em que se continua praticando uma propaganda calcada em recortes do saber científico, com base nos quais são estabelecidas figuras de retórica e estratégias textuais a serviço do *marketing* das indústrias. Em verdade, essas construções cientificistas consistem, antes, em um problema ético, e como tal deveriam ser tratadas pelos atores e grupos so-

> ciais que têm, de forma direta ou indireta, a alimentação e nutrição do recém-nascido como objeto de trabalho. (Almeida, 1999, p. 46)

Essas flutuações de resultados se devem às estratégias empregadas pelas indústrias no sentido de manter sua produção e penetração. Para abrir um novo nicho de mercado, elas recorreram, dirigindo seus esforços para as situações particularmente ímpares na alimentação do recém-nascido. ou seja, para a alimentação de bebês prematuros, para quem uma dita vanguarda científica, vinculada à indústria, alegava não ser o leite humano a melhor alternativa (p. 44).

O fato é que de 11 a 14% dos bebês nasciam prematuros, sendo 90% destes partos realizados em hospitais públicos, onde o governo arcava com as despesas nas UTIs neonatais. A indústria prometia melhor evolução clínica, menor tempo de internação e ganho rápido de peso; debelar intolerâncias e alergias alimentares, "rinites, otites de repetição, diarreias, cólicas, eczemas, choro excessivo...", e com isso persuadiu a assistência do XXX Congresso Brasileiro de Pediatria a adotar o produto já em 1995, assumindo como slogan: "a diarreia aguda é uma das principais causadoras de morbidade e mortalidade infantil em países em desenvolvimento". A indústria reintroduziria sua estratégia anterior, omitindo que a maior responsável por tal quadro era justamente a fórmula láctea. Para isso, utilizou material gráfico de alta qualidade, onde estudos antigos sobre o assunto eram semi-apropriados em um marketing voltado a pediatras e nutricionistas, formadores de opinião: "Para lactentes sadios desde o nascimento" (Almeida, 1999, p. 45-48). O texto era semelhante ao de uma monografia, escrito com aparente rigor científico. Mas embora o material se valesse de apropriações parciais do conhecimento, como a informação de que "o produto foi elaborado em resposta à conclusão de estudos científicos" afirmava, contraditoriamente, que ele destinava-se "à alimentação de lactentes sadios desde o nascimento". Almeida aponta que "na lista de referências bibliográficas, verifica-se que 72% das obras citadas foram publicadas em períodos anteriores a 1985", ou seja, com "pelo menos uma década de atraso" (Almeida, 1999, p. 47).

A biologia da excepcionalidade, fenômeno pelo qual eram absorvidas para a teoria biológica as exceções a que os produtos se destinavam, instituía também que intolerâncias e alergias alimentares deveriam ser remediadas por meio da administração de leites artificiais, inclusive como forma de "prevenir a alergia a leite em filhos de pais alérgicos" (p. 45).

Há que se considerar que inequívocas mudanças vêm sendo operadas no Brasil desde a mudança de paradigma provocada pela movimentação internacional, como a implementação do *Programa Iniciativa Hospital Amigo da Criança*, desde 1992. O Ministério da Saúde computa, em 2009, que 25% dos hospitais brasileiros estão inseridos no programa, reconhecendo que o índice é ainda bastante baixo[139].

---

139 De acordo com informações dadas por Elsa Giugliani, Coordenadora da Área Técnica de Saúde em Aleitamento Materno do Ministério da Saúde, em palestra por ocasião do Seminário Internacional de Bancos de Leite Humano. FIOCRUZ-OPAS, novembro de 2009.

Figura 102. Armazenamento de leite humano congelado no Banco de Leite Humano do Instituto Fernandes Figueira, Rio de Janeiro.

Atingindo resultados extremamente positivos estão os bancos de leite materno, que hoje formam a Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, beneficiadora de cerca de 148 mil crianças anualmente. Existem 195 bancos espalhados pelo Brasil dedicados ao fornecimento de alimento a bebês prematuros e de baixo peso, contribuindo para dar conta do componente neonatal na redução da mortalidade infantil brasileira, um dos Objetivos do Milênio. A tecnologia concebida e praticada pela Rede visa à garantia da qualidade e à manutenção do valor biológico do leite materno em um sistema com apenas 2% de perda de produto, reconhecido pela OMS como o mais avançado do mundo. Bancos vêm sendo implantados pela RedeBLH em países da América Latina (Guatemala, Costa Rica, Equador) e Caribe (Haiti) e o contorno ibero-americano já foi alcançado por implantações previstas em Portugal, Espanha e Cabo Verde. A intensidade das ações da Rede é considerada edificadora de um trabalho que se destaca no âmbito político, na medida em que cooperações na seara da saúde estão presentes na agenda de política externa brasileira como instrumento de solidariedade internacional, representando

> [...] um instrumento de redução de atritos, apaziguamento de conflitos e fortalecimento dos laços de amizade entre países, numa cooperação horizontal de profundo respeito às partes, com obediência a singularidades, prazos, e condições, sem a criação de dependências.[140]

O trabalho realizado pela Rede apresenta o mais elevado resultado se comparado ao de outras áreas temáticas de investimento do Ministério, como a da DST/AIDS, muito elogiada por todo o mundo.

Além da coleta, processamento e distribuição do produto arrecadado junto às mães doadoras, os bancos de leite realizam intensas ações diretas de intervenção na proteção da amamentação, tais como a assistência permanente a mães e familiares de bebês — os que estão internados em hospital e os da comunidade em geral. Quarenta por cento do trabalho do banco de leite do IFF estão relacionados ao produto (leite materno) e 60% à assistência citada[141]. E, fato recente, o *site* da Rede inaugurou a Biblioteca Virtual da Amamentação, reunindo material de referência para consulta e pesquisa.

Também com a intenção de integrar e divulgar o conhecimento adquirido em amamentação, o *site Aleitamento.com* deu início — em março de 2009 — à *Enciclopédia Colaborativa Luso Fônica de Amamentação*, um instrumento interativo que utiliza a ferramenta Wiki para incluir conceitos e verbetes sobre a questão[142].

Figura 103

Outro dado relevante é a adoção do método mãe-canguru por vários hospitais brasileiros, em decorrência do incentivo de institutos de saúde. Ideali-

140 Segundo Mauro Teixeira Figueiredo, da Assessoria Internacional do Ministério da Saúde. Seminário Internacional de Bancos de Leite Humano. FIOCRUZ-OPAS, novembro de 2009.

141 Ao mencionar o Instituto Fernandes Figueira em conversas com pessoas as mais diversas, como motoristas de táxi, companheiros de trabalho, vizinhos e amigos, esta pesquisadora se surpreendeu com a grande quantidade de depoimentos sobre a qualidade de atendimento por muitos deles recebido no Banco de Leite Humano sempre que buscaram por informação sobre problemas com a amamentação.

142 Disponível em www.wiki.aleitamento.com. Acesso em setembro de 2009.

zado em 1979 na Colômbia, o método, que objetiva diminuir a mortalidade de bebês prematuros, consiste na colocação do recém-nascido contra o peito da mãe, promovendo maior vínculo afetivo e estabilidade térmica entre ambos. A posição substitui as incubadoras, permite a "menor taxa de infecção hospitalar e consequentemente melhor qualidade da assistência com menor custo para o sistema de saúde"[143].

Estendendo a ideia para todos os recém-nascidos — uma vez que a OMS recomenda a amamentação na primeira hora de vida —, médicas do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira – IMIP, em Pernambuco, criaram em 2009 um *top* de malha de algodão a ser vestido momentos antes do parto por todas as gestantes internadas no Instituto. Ao nascerem, os bebês passam por uma limpeza superficial e logo são encaixados entre os seios das mães, permanecendo ali por no mínimo uma hora. O *top* pode ser levado para casa e utilizado pelo tempo que a mãe e o bebê desejarem[144].

Figura 104. O "Top do IMIP", produto que adota o princípio do método "Mãe-canguru".

Figura 105. cartaz da campanha "Este lado para cima". 2009.

Campanhas dirigidas ao aconselhamento público acerca de novas condutas de saúde para recém-nascidos têm incluído recomendações sobre a amamentação, integrando as iniciativas.

Também a sociedade civil promove ações relevantes. O tema da amamentação, antes praticamente ausente na televisão brasileira, vem sendo mencionado em novelas, seriados e matérias jornalísticas — ainda que às vezes de maneira sutil, de modo a não confrontar as indústrias, anunciantes das emissoras (como na novela *Duas Caras* e no seriado *Mothern*).

Em 2008, a partir de conversas em um blog, um grupo de mães organizou uma *sessão de cinema diferente* — e tão diferente que acabou se transformando em uma empresa social, a Associação CineMaterna. Hoje com eventos em várias cidades brasileiras, a iniciativa se propõe a resgatar a amamentação por meio da cultura, promovendo sessões vespertinas de filmes em que as mães comparecem com seus filhos de colo. A luz da sala não é totalmente apagada, o som é mais baixo, o ar-condicionado em temperatura amena. Além disso, nesse ambiente, eventuais choros não são motivo de censura pelo restante da plateia[145].

Figura 106. Símbolo e imagem de sessão do CineMaterna. Rio de Janeiro, 2009.

Diversas especialidades médicas engajam-se na luta pela amamentação no país, além da pediatria e da puericultura. Nutricionistas, fonoaudiólogos,

[143] Informações a respeito disponíveis em www.metodocanguru.org.br. Acesso em agosto de 2009.

[144] Informações disponíveis em www.aleitamento.com. Acesso em novembro de 2009.

[145] Informações disponíveis em www.cinematerna.org.br.

Figura 107. Campanha "Bebê sarado mama no peito", do Conselho Regional de Fonoaudiologia do Rio de Janeiro. 2004.

Figura 108. Pulseira "Mame Aqui".

Figura 109

odontologistas, psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, a enfermagem, profissionais da educação — além de setores profissionais como o Corpo de Bombeiros, responsável pela coleta de doações de leite humano — lançam campanhas e desenvolvem pesquisas e ações que endossam a causa.

Alguns produtos vêm sendo lançados para incentivar a prática do aleitamento, como a pulseira "Mame Aqui", a ser utilizada pela mãe para sinalizar o seio que deve iniciar a próxima mamada do bebê. Desenvolvido pelo Núcleo 1 Suporte Aleitamento Materno, o produto demonstra o quanto a produção de design pode contribuir para a causa, gerando objetos úteis e coerentes com a cultura do consumo[146].

E um casal concebeu uma placa para colocar no lado externo da porta do quarto da maternidade, informando aos visitantes que eles devem aguardar um pouco mais para visitar o bebê e oferecendo um endereço para que possam ver fotos do recém-nascido pela internet.

Voltando à seara estatal, em outubro de 2008 a Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal aprovou, por unanimidade, projeto de lei que aumenta de quatro para seis meses a licença-maternidade no país, visando a conceder a mãe e filho um período de aleitamento compatível com a recomendação da OMS. De autoria da senadora Patrícia Saboya (PDT-CE), o projeto propõe — entre outros pontos que facilitem a adesão das empresas — que a empresa tenha direito a deduzir o valor integral pago no cálculo do seu imposto de renda[147]. Regulamentado em 2008, o decreto está em vigor e refere-se a empregadas de empresas públicas e privadas. O movimento gerou também um novo projeto que determina que as empresas devam possuir espaços destinados à recepção de crianças para a amamentação pelas funcionárias lactentes. Em 2009, Furnas Centrais Elétricas lançou a cartilha *Amamentação sem complicação*, iniciativa conjunta da empresa e da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano.

Mas nem tudo são flores. O poder e a força da indústria se mantêm à espreita de oportunidades no âmbito do mercado de alimentos infantis, como no caso da multimistura. Composto por farelos de arroz e trigo, folhas de mandioca, sementes de abóbora e gergelin, o alimento foi criado pela pediatra Clara Takaki Brandão. Nos últimos 30 anos "a fórmula revolucionou o trabalho da Pastoral da Criança, reduzindo as taxas de mortalidade infantil no país e ajudando o Brasil a cumprir as Metas do Milênio". Em 2007, a médica argumentou em favor da manutenção da fórmula ao Ministério da Saúde e à Presidência da República, pois os órgãos oficiais haviam adotado compostos de multinacionais, mais caros.

> Os compostos da multimistura têm até 20 vezes mais ferro e vitaminas C e B1 em relação à comida que se distribui nas merendas escolares de municípios que

[146] A ordem dos peitos altera o produto. *Pais & Filhos na Internet*, disponível em www.revistapaisefilhos.com.br. Acesso em novembro de 2009.

[147] PASTORE, J. Especialista defende ampliação da licença maternidade. Licença maternidade de 180 dias. Em 16/06/2007. Disponível em www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id=x&id_artigo=1517&id_subcategoria=12.

optaram por comprar produtos industrializados [...]. Fica até 112% mais caro dar o lanche de marca.[148]

Segundo a Dra. Clara, a multimistura foi substituída na merenda escolar pelo produto *Mucilon*, da Nestlé, e por farinha láctea (Nestlé e Procter & Gamble). Zilda Arns, coordenadora da Pastoral, reconhecia a importância da multimistura, mas acrescentava que, sozinha, ela não consegue acabar com a anemia, daí a importância do aleitamento materno. Procurada pela *Revista Época*, a assessoria de imprensa do Ministério da Saúde limitou-se a pronunciar que "O multimistura é um programa que não existe mais" (*Revista Época*, 20/10/2007).

Figura 110. Imagens de exemplo do efeito proporcionado pela multimistura em crianças subnutridas.

Os dados estatísticos são valiosos para a compreensão do cenário brasileiro da amamentação e também para posterior avaliação quanto à influência das indústrias nas taxas de desnutrição.

Dez anos separam a última estatística nacional sobre aleitamento materno — feita em 2009 — da anterior, de 1999, configurando um grande hiato informativo[149]. Na década passada, o Programa Saúde da Criança, do Ministério da Saúde, realizou a pesquisa em postos de saúde de todo o país durante a campanha de vacinação infantil, verificando progressos alcançados pelas políticas governamentais desde seu início, em 1975. Eram os seguintes os números do Programa Saúde da Criança para o aleitamento exclusivo até os quatro meses em 1999 [150]:

– Região Norte: 20,7%;

– Região Nordeste: 23,4%;

– Região Sudeste: 17,3%;

– Região Sul: 28,7%;

[148] Governo troca mistura nutricional consagrada há décadas por produtos industrializados. Por Hugo Marques. 20 de outubro de 2007. Disponível em br.dir.groups.yahoo.com/group/escolademisterios.../80. Acesso em agosto de 2009.

149 A falta de informação por dez anos soa estranha, porque conhecemos o resultado de esforços intensivos que conseguem fornecer boletins quase diários em épocas de campanhas eleitorais, com informações que influenciam os resultados sobre a disputa entre candidatos.

[150] Informações colhidas no *site* do DATASUS, disponíveis em http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb20. Acesso em abril de 2009.

– Região Centro-Oeste: 18,8%.

Em 2006, a *Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde* — realizada no intervalo entre os censos acima citados — revelou alguns dados sobre a situação da mulher, da criança e do aleitamento, envolvendo 15 mil mulheres em idade fértil e cinco mil crianças de até cinco anos. Dentre os resultados, podem ser citados a queda de 44% na mortalidade infantil entre 1996 e 2006; o aumento dos índices de amamentação na primeira hora após o parto (de 33% para 43%) e no primeiro dia após o parto (de 70,8% para 99,5%); "a duração da alimentação exclusiva com leite materno subiu de um mês para 2,2 meses"[151].

Em 2007, na cerimônia de abertura da Semana Mundial da Amamentação no Rio de Janeiro, foi citado que 80% dos bebês nasciam por parto cesariano nas maternidades privadas e que esses hospitais apresentavam os piores resultados de amamentação na primeira hora, conforme dissertação de Cristiano Boccolini.

A pesquisa nacional divulgada em 2009[152] cobriu todas as capitais e mais 239 municípios, somando informações de cerca de 118 mil crianças, mostrando que houve um aumento do índice de aleitamento materno exclusivo em crianças menores de quatro meses — de 35% em 2009, esse percentual passou para 52% em 2008 — e também na duração da conduta nas capitais — que, em 1999, era de 24 dias e em 2009 passou a ser de 54 dias. O quadro demonstrou as mais expressivas melhoras nas regiões Norte e Nordeste e o menor nível de modificação na situação anterior na região Sul. Revelou ainda que há uma tendência crescente de prevalência da amamentação exclusiva em mães com maior nível de escolaridade. Nas conclusões, a pesquisa confirmou que, a exemplo de outros países, a inserção da mulher no mercado de trabalho tem relação direta com a diminuição do tempo de amamentação e que o aumento da licença maternidade, de quatro para seis meses, certamente trará bons resultados para futuras medições[153].

Um dado perturbador e que já havia sido verificado na pesquisa anterior, é que os piores números se concentram na região Sudeste, justamente na região que agrega os estados mais industrializados, produtores da maior parte da informação disseminada para o restante do país. Aqui se verifica também a menor incidência de Hospitais Amigos da Criança de todo o país: apenas 21% de hospitais acreditados. A influência das indústrias na economia dos estados do Sudeste há de incrementar um incentivo extra ao consumo (como ocorreu historicamente nos países mais industrializados) e, nessa região, a forte presença da mulher no mercado de trabalho é também muito sugestiva. A manutenção desse quadro há de ser problemática para a alteração dos resultados nacionais,

---

[151] Os dados podem ser consultados na íntegra no *site* www.aleitamento.com. Acesso em setembro de 2009.

[152] II Pesquisa de Prevalência do Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e DF (PPAM). Disponível em bvsms.saude.gov.br/.../pesquisa_prevalencia_aleitamento_materno.pdf. Acesso em agosto de 2009.

153 Estudo realizado pelo Departamento de Pediatria da Unifesp, também em 2009, focalizou a sociedade paulistana, levantando que 67% dos pais de bebês com até três meses já ofereceram alimentos industrializados a seus filhos. Informação disponível em www.atribuna.com.br. 02 de agosto de 2009. Acesso em setembro de 2009.

pois a região Sudeste é também formadora de opinião perante outros estados do Brasil. Os esforços atuais do Ministério da Saúde para alterar o cenário da amamentação estão concentrados, a partir dos números de 2009, à Amazônia e ao Nordeste, onde índices de mortalidade infantil resultam de fatores afeitos a ações governamentais. O caso do Sudeste parece envolver searas que constrangem a livre ação do governo, conforme foi discutido no Seminário Internacional de Bancos de Leite Humano, em novembro de 2009.

A política nacional voltada para a redução da mortalidade infantil do Ministério da Saúde é estruturada na atenção básica (pré-natal), na atenção hospitalar (Programa Hospital Amigo da Criança e aumento de capacitação do Método-Canguru), em bancos de leite humano, em instrumentos de proteção legal (NBCAL, aumento da licença maternidade, lei das salas de amamentação em empresas), em seu monitoramento e em campanhas públicas[154]. O documento de 2009 credita a diminuição das taxas de mortalidade no país desde os anos de 1970 à conscientização dos profissionais e às estratégias de governo:

> Essa melhora pode ser atribuída a inúmeros fatores, dentre eles: as campanhas governamentais de incentivo ao aleitamento materno nos três níveis (federal, estadual e municipal); à promoção de cursos (aconselhamento e de manejo clínico da amamentação, entre outros); a uma melhor preparação dos profissionais de saúde; ao crescimento na implantação de bancos de leite humano; às campanhas como a Semana Mundial da Amamentação e o Dia Nacional de Doação de Leite Humano que contribuem para a mobilização social; à Norma de Atenção Humanizada ao Recém-Nascido de Baixo Peso – o Método Canguru; à Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes e Crianças de Primeira Infância, Bicos, Chupetas e Mamadeiras (NBCAL), [...] e à Iniciativa Hospital Amigo da Criança – IHAC.[155]

4.2.1 Foco na comunicação pública

A análise dos investimentos do governo em campanhas em prol da amamentação nos leva a refletir sobre os motivos da prevalência da cultura da mamadeira ainda hoje na sociedade brasileira.

Desde 1999, a Sociedade Brasileira de Pediatria está unida ao Ministério da Saúde na produção de material gráfico de suporte à Semana Mundial da Amamentação, evento de âmbito internacional promovido pela WABA. Importante ressaltar que tal esforço se dá somente na esfera pública de saúde. Atrizes da TV Globo figuram em cartazes, folhetos e *spots*, concedendo feição gráfica e simbolicamente sistematizada a campanhas anteriores iniciadas em 1992, que também exibiam figuras femininas amamentando.

A persistência do mesmo tipo de composição está presente também em mensagens institucionais de incentivo ao aleitamento no Brasil, aparentemente desvinculadas da campanha da WABA. Os *slogans* do Ministério da Saúde (que

154 Atualmente as cadernetas de saúde da criança (vacinação) vêm com seis páginas dedicadas ao incentivo ao aleitamento materno.

155 Disponível em www.portalms.com.br/...aleitamento-materno.../959556646.html. 4 de agosto de 2009. Acesso em setembro de 2009.

Figura 111. Cartazes dos anos de 1990 e de início dos anos 2000 (detalhes dos *slogans* do Governo Federal).

assinam os cartazes) são referência: no cartaz cujo texto é "O direito de mamar é sagrado", o *slogan* "Brasil em ação" demarca o final dos anos de 1990; no cartaz seguinte, o *slogan* "Trabalhando em todo o Brasil" demarca o início dos anos 2000.

Aqui vale a indagação sobre se haveria imagem mais adequada do que a da mãe amamentando seu filho ao seio para uma ampla campanha de incentivo ao aleitamento materno, pois o trabalho gráfico desenvolvido pela WABA para as SMAMs, embora não atinja níveis irretocáveis de beleza, procura expressar uma busca de paradigmas visuais que incluam a mulher na complexidade de seu contexto, como veremos adiante.

Segundo Maria Inês Couto de Oliveira, membro da IBFAN Brasil e ex-Coordenadora do Grupo Técnico Interinstitucional de Incentivo ao Aleitamento Materno no Estado do Rio de Janeiro[156], a sede brasileira da WABA, localizada no Recife, tem a incumbência de disseminar nacionalmente as diretrizes anuais da matriz (sediada na Malásia), determinadas em reuniões com representantes dos diversos países-membros. Com limitações de verba, a WABA Brasil periodicamente procura traduzir o material (cartazes, *action folders* etc.), distribuindo-o para profissionais de saúde na montagem da Semana. Quando a data se aproxima, o Ministério da Saúde fornece às instituições de saúde, em fartas tiragens, material produzido em seu setor de Comunicação Social, material este que será amplamente divulgado na esfera pública de saúde durante o evento nacional. Desde 1999, o Ministério da Saúde conta com a parceria da Sociedade Brasileira de Pediatria na campanha denominada *Madrinhas da Amamentação*.

Diante desse processo operacional, caberia uma pergunta: por que não simplesmente financiar a tradução cuidadosa feita pela WABA Brasil, que gera material em policromia e alta qualidade de impressão, porém em pequenas tiragens, ao invés de produzir novos originais, outros fotolitos, e canais paralelos de distribuição para o grande número de exemplares que produz? Será que, ao criar uma campanha própria sob as diretrizes da aliança mundial, o Ministério da Saúde está zelando pela adaptação da mensagem à cultura brasileira? O que parece ocorrer, no entanto, é a repetição constante, e maciça após 1999, do modelo visual mãe-aleitando-seu-filho, com a diferença de esta mãe ser figura pública, enquanto a campanha internacional se esmera em fornecer imagens representativas das problemáticas que pretende abordar.

Recapitulando, em campanhas anteriores, a WABA havia lançado os seguintes temas:

1992. Iniciativa Hospital amigo da Criança;

1993. Mulher, trabalho e amamentação;

1994. Faça o código funcionar;

1995. Amamentar fortalece a mulher;

[156] Entrevista à pesquisadora Maria Inês Couto de Oliveira. Novembro de 2008.

1996. Amamentação: uma responsabilidade de todos;

1997. Amamentar é um ato ecológico;

1998. Amamentar é o melhor investimento.

O tema da campanha mundial de 1997, *Amamentar é um ato ecológico*, resultou de uma dramatização brasileira realizada no Rio de Janeiro durante a ECO 92. Em 1999, o tema *Amamentar é educar para a vida* utilizou como imagem a foto da boneca Mariana, concebida por uma artesã de Recife. Confeccionada em tecido, a boneca trazia ao seio seu bebê, ali fixado por meio de colchetes de pressão. Esse recurso viabilizava o encaixe da boca da criança aos seios da mãe, cujos braços lhe davam suporte. Além disto, ela contava com espaço vago em seu ventre para o encaixe do bebê, proporcionando a representação das fases de gestação e parto normal.

Segundo Oliveira, a escolha de referências brasileiras para a campanha internacional foi motivo de contentamento para os profissionais engajados na organização dos eventos, fornecendo-lhes elementos culturais de alta carga simbólica. No caso da boneca, tratava-se não apenas de uma imagem, mas de um produto nacional, cuja produção em série foi realizada por um grupo de costureiras e exportada para países europeus.

No entanto, ao invés de absorver a figura da boneca para a campanha nacional, o cartaz brasileiro estampou a fotografia da modelo Luiza Brunet e seu filho no primeiro cartaz da campanha *Madrinhas*. A estratégia há de ter alcançado efeitos expressivos, tal a importância exercida pelos meios de comunicação de massa e seus personagens sobre a cultura, como observa Canclini sobre a América Latina:

> É preciso examinar o que a globalização, o mercado e o consumo têm de cultura. Selecionamos bens, nos apropriamos deles, definimos o que é valioso [...]. O público recorre ao rádio e à TV para conseguir o que as instituições cidadãs não proporcionam: serviços, justiça, reparações ou simples atenção. A cena da TV é rápida; a institucional é lenta. (Canclini, 2000, p. 43-50)

E havia motivos bastante recentes para justificar tal escolha. A campanha de vacinação contra a poliomielite, lançada pelo Ministério em 1997, obtivera grande sucesso. O que qualificava a mensagem era o quanto conseguia angariar a atenção do receptor e conscientizá-lo de seu compromisso, motivando-o a agir. A imagem de uma criança saudável, sósia do craque Ronaldinho, era acompanhada das frases "Vacine seu Ronaldinho contra a paralisia infantil" e "Vacine seu futuro campeão". A precisa integração entre os elementos que compunham a mensagem gerava um resultado extremamente alegre e um posicionamento positivo — porque preventivo — diante de uma doença de consequências devastadoras. A bola, ao sangrar da imagem, tridimensionalizava o cartaz, sugerindo que o menino poderia jogá-la para fora da área impressa, em direção ao observador; a paleta cromática correspondia às cores de nossa bandeira: o menino estava vestido com o que poderíamos chamar de "uniforme oficial" das crianças brasileiras.

Figura 112. Boneca Mariana, Recife.

Figura 113. cartazes da WABA estampando a boneca, 1999.

Figura 114. primeiro cartaz da campanha "Madrinhas da Amamentação", 1999.

Figura 115. Cartaz da campanha "Vacine seu Ronaldinho contra a paralisia infantil". Ministério da Saúde, 1997.

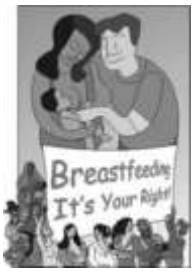


Figura 116. Cartazes da campanha da WABA e da campanha brasileira "Madrinhas da amamentação", 2000 e 2001.

O cartaz convidava o receptor a pensar em algo assim como "se os pais de Ronaldinho não o tivessem vacinado, poderíamos hoje não desfrutar de seu brilhantismo nos campos. E se nossa criança puder se transformar em um atleta, não podemos embotar seu destino". O receptor da mensagem se deslocava entre o passado, o presente e o futuro e, vale ressaltar, pelas esferas individual e coletiva, e a mensagem, ao invés de portar uma ordem ou impor uma orientação, não só permitia como necessitava que o receptor dela participasse, a fim de conceder-lhe sentido. Para a campanha nacional de vacinação, o emprego de personalidades públicas, principalmente do esporte, foi assumido por muitos anos, o que nos permite presumir que a ideia da presença das atrizes nos cartazes de amamentação constituiu uma adaptação deste conceito bem sucedido.

Mas comparemos os cartazes lançados pela WABA e pela campanha *Madrinhas da Amamentação* a partir de 2000, portanto o segundo ano da parceria entre o Ministério da Saúde e a Sociedade Brasileira de Pediatria.

Em 2000, o slogan internacional *Amamentar é um direito de todos* procurou enfatizar, na prática do aleitamento, o direito de toda a humanidade, representado na ilustração de diversas culturas por meio dos trajes de seus personagens. A WABA Brasil adaptou o título para *Amamentação e direitos humanos*; o cartaz da campanha *Madrinhas da Amamentação* exibiu a atriz Glória Pires e seu bebê, com a frase "Aleitamento materno: bom para a mãe, melhor para o bebê".

A mensagem do cartaz internacional de 2001 foi traduzida sem modificações pela WABA Brasil. Ícones ao fundo ambientam a família em novo contexto tecnológico e étnico. O cartaz da campanha *Madrinhas* conta com a foto da atriz Isabel Fillardis e seu filho. A mensagem textual "Aleitamento materno, uma forma muito especial de comunicação", é seguida por "Dê só leite de peito ao seu filho até os seis meses".

Em 2002, o cartaz da WABA representa as características multiculturais dos personagens, sob a frase "Amamentação: mãe e bebês saudáveis", traduzida sem alterações para o cartaz nacional, que acrescentou bandeirinhas de São João à imagem, procurando conceder-lhe traços brasileiros. Cláudia Rodrigues e sua filha são as personagens da campanha da SBP, que naquele ano parece não ter contado com a parceria do Ministério da Saúde. O texto "Amamentar é dar ao seu bebê saúde em forma de amor" é seguido por "Até os 6 meses dê apenas leite de peito ao seu filho. Depois comece a dar alimentos variados, mas continue amamentando até 2 anos ou mais".

A ilustração empregada pelo cartaz internacional de 2003 traduz as diversas expressões culturais do aleitamento. O *slogan* "Amamentação num mundo globalizado, por paz e justiça" foi vertido, no cartaz brasileiro, para "Amamentação e globalização". No cartaz da campanha "*Madrinhas*", os gêmeos de Luiza Thomé mamam em posição adequada, e o *slogan* foi transformado para "Amamentação, saúde e paz para um mundo melhor!", e "Dê só o leite de peito ao seu filho até os 6 meses. Depois introduza alimentos variados mas continue

amamentando até os 2 anos ou mais". Naquele ano o logotipo de Ministério da Saúde também não estava presente no cartaz.

Figura 117. Cartazes da campanha da WABA e da campanha brasileira "Madrinhas da amamentação", 2002 e 2003.

"Amamentação exclusiva: modelo de ouro, seguro, saudável e sustentável" foi o mote da campanha internacional de 2004, que apresentava a imagem de uma família condecorada por laço dourado. A atriz Maria Paula e seu bebê figuram no cartaz da campanha *Madrinhas*, sob o texto "Até os 6 meses, mudança na alimentação do seu bebê só se for do peito direito para o esquerdo" e "A criança que mama não precisa de chá, água ou suco até os seis meses. Continue amamentando até 2 anos ou mais". Verifica-se então a explicação literal e clara sobre a amplitude do termo "amamentação exclusiva", nomeando os alimentos que a descaracterizariam como tal. A partir daquele ano, além do Ministério da Saúde, figuram no cartaz os símbolos da WABA Brasil, da Sociedade Brasileira e Estaduais de Pediatria, além da assinatura do Pacto Nacional pela Redução da Mortalidade Materna e Neonatal.

Figura 118. Cartazes da campanha da WABA e da campanha brasileira "Madrinhas da amamentação", 2004 e 2005.

"Amamentação é refeição sadia e saudável em família" foi o *slogan* de 2005, em cartaz apresentando família em refeição conjunta com a criança já crescida, que ainda mama. O cartaz da campanha "*Madrinhas* da Amamentação" apresenta duas mulheres com seus bebês: Maria Paula e sua filha já crescida e a mulher do ator Rodrigo Faro, em imagem recortada sobre fundo neutro. O texto principal é similar ao de anos anteriores. À esquerda, o símbolo da Semana Mundial de Amamentação está acompanhado da seguinte frase, presente também no cartaz de 2006:

Amamentar alimenta, protege o bebê e ajuda a mãe a se recuperar mais rápido. Até os 6 meses, dê só o peito. Depois dê o peito e outros alimentos saudáveis. A lei nº 11.265 regulamenta a comercialização de alimentos para crianças até 3 anos e também bicos, chupetas e mamadeiras.

Em 2006, o cartaz internacional homenageou o aniversário de 25 anos do *Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite*, em composição tipográfica. Na campanha *Madrinhas* a atriz Cássia Kiss amamenta seu filho de cerca de dois anos, em fundo de linhas sinuosas. O símbolo da Semana ganha destaque e o cartaz disponibiliza o endereço do *site* da Sociedade Brasileira de Pediatria.

O ano de 2007 marcou a Semana com o *slogan* "Amamentação na primeira hora. Salve mais de um milhão de bebês". O apelo refere-se aos bebês que, afastados de suas mães logo após o parto, perdem a chance de obter uma alimentação imediata, tantas vezes essencial para a sua sobrevivência. O cartaz internacional é tipográfico e emprega o símbolo da organização no interior da letra "O". O cartaz brasileiro exibe pela primeira vez a presença do pai do bebê (Thiago Lacerda) apoiando a iniciativa da mulher (Vanessa Lóes). O texto suaviza a mensagem de tom emergencial do cartaz da WABA.

Figura 119. Cartazes da campanha da WABA e da campanha brasileira "Madrinhas da amamentação", 2006 e 2007.

Em 2008, o tema central foi o apoio que deve ser dado à mãe para que amamente. O cartaz da WABA internacional constou de um símbolo misto, representação estilizada de uma mãe que conta com ajuda para realizar a alimentação do filho. O cartaz da campanha *Madrinhas* exibe foto da atriz Dira Paes amamentando o filho, cercada pelo zelo e apoio de sua mãe.

A campanha de 2009 tem por título "Breastfeeding: a vital emergence response", e aborda a amamentação em situações de emergência, provocadas por tragédias ambientais, políticas etc. A WABA promoveu um concurso internacional de fotografias sobre situações de aleitamento em emergências, montando um mosaico para seu cartaz. A versão brasileira do *slogan* foi "Amamentação em todos os momentos. Mais saúde, carinho e proteção", estampando foto da cantora Cláudia Leite[157].

157 Há alguns anos, os textos das versões para o português dos *slogans* originais, propostas pela WABA, são decididos pela votação dos profissionais envolvidos com a causa.

Figura 120. Cartazes da campanha da WABA e da campanha brasileira "Madrinhas da amamentação", 2008 e 2009.

Como observado anteriormente, o modelo mãe-aleitando-seu-filho está presente de maneira maciça na campanha *Madrinhas da Amamentação*, embora a aliança internacional demonstre a busca por imagens que contextualizem o ato perante a complexidade do mundo e das problemáticas que envolvem o assunto. Variações nas posturas, nos ambientes e no tratamento gráfico dispensado aos cartazes brasileiros não deixam de constituir sinais de atualização para a mensagem.

Embora o foco desta análise se volte para as imagens, não há como omitir a colaboração do texto no efeito final das mensagens. Desde o início da campanha, as frases principais — embora adaptadas das diretrizes da WABA — são seguidas por textos secundários como "Dê só leite de peito ao seu filho até os 6 meses" (nos cartazes de 2001, 2002 e 2003). O tom imperativo parece estabelecer que essa é a tarefa de toda mãe, tal e qual pregava o discurso higienista, que culpabilizava a mulher por eventuais insucessos com a saúde de seus filhos. Apenas a partir de 2004 (quando o símbolo da WABA Brasil passa a figurar nos cartazes da campanha) percebem-se sinais de engajamento, ora esclarecedores do real sentido da amamentação exclusiva, ora comunicadores da existência de uma lei de controle ao comércio de leites modificados. Mesmo assim persistem traços do tom anterior e, revendo toda a coleção, o texto "Se você tem alguma dificuldade em amamentar converse com o pediatra do seu filho" se destaca no cartaz de 1999.

Conhecendo um pouco da história da amamentação no Brasil e, portanto, da estratégia de marketing empregada pelas indústrias de leite em pó sobre a área médica, não há como ler tal frase sem aventar que o vínculo entre a Sociedade Brasileira de Pediatria e o Ministério da Saúde possa não estar ainda suficientemente refratário às pressões econômicas da indústria, pois a insistência em um mesmo modelo visual, embora respaldado por evidências culturais, soa incoerente com os evidentes avanços verificáveis em muitas searas da comunicação pública contemporânea.

Em 1999, João Aprígio Guerra de Almeida, desde então presidente da Comissão Nacional de Bancos de Leite Humano do Ministério da Saúde, definia a amamentação como um híbrido natureza-cultura. Defendia que os condicionamentos socioculturais são muito mais do que um cenário para o ato bio-

lógico, pois a ele se sobrepõem. Muitas mães determinadas a amamentar se surpreendem ao enfrentar os mais diversos problemas, pois "esperavam um processo fácil, natural e instintivo" (Almeida, 1999, p. 51). Amamentar pode revelar-se um ato complicado, que necessita de aprendizado e acompanhamento, de paciência e persistência, justo em um momento extremamente delicado para qualquer mulher. Para esse nível de ambiguidade, Almeida apontava serem necessárias estruturas assistenciais capazes de oferecer recursos diferenciados, e não apenas orientações massivas.

Pensando por esta via, é inevitável questionar por que a produção dos cartazes se restringe a um ou a alguns poucos originais, quando deveriam ser feitas médias ou grandes tiragens para se enfrentar uma problemática tão séria e tão cheia de sinuosidades. Talvez fosse suficiente fazer um esforço coordenado de vários produtos — como livros, brinquedos, roupas e programas nos meios de comunicação — que promovessem a prática do aleitamento materno, como apontou Almeida na abertura da SMAM de 2007. É necessário haver um chamamento para toda a sociedade, devendo a campanha ultrapassar as fronteiras da saúde. Isto por certo alcançaria amplos resultados sem contrariar a lógica vigente da economia. Enquanto atrizes figuram em cartazes, amamentando seus filhos, as bonecas que essas mesmas crianças ganham de presente ainda trazem mamadeiras como acessório.

As alternâncias de conduta no Brasil sobre a questão da amamentação fazem parte da história de nosso país e, como tal, não podem deixar de ser consideradas por iniciativas que se proponham a resgatar a prática do aleitamento materno. Nesse sentido, é primordial avaliar periodicamente os resultados das campanhas, a fim de tomar medidas para ajustar e atualizar as estratégias comunicativas empregadas. Esta pesquisa não teve acesso a possíveis avaliações das campanhas analisadas, mas o Ministério da Saúde comemora a eficácia do esforço ao incluí-lo como elemento expressivo do conjunto de medidas que determinaram uma evolução positiva nos quadros de aleitamento verificados na pesquisa de 2009.

Resta, entretanto, indagar sobre se não seria ainda mais eficaz dedicar empenho diferenciado de projeto na concepção dos citados cartazes, questão que merece ser considerada por designers e pelos órgãos públicos que promovem as referidas campanhas, como forma de quantificar e qualificar de forma mais estrita os resultados alcançados.

A questão se repete com as campanhas públicas voltadas para a doação de leite materno, endossando esse questionamento: o recurso comunicativo utilizado na campanha *Madrinhas da Amamentação* foi estendido à campanha do *Dia Nacional de Doação de Leite Humano*, promovida pela Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, desde 2004.

A mensagem visual transmitida pelos cartazes estará suficientemente clara?

Figura 121. Apenas em um dos cartazes consta a instrução para a doação (embora a informação esteja presente em todos os folders da campanha), esclarecendo o sentido da presença do vidro com tampa de rosca plástica, recipiente empregado para a coleta de leite.

Os resultados das campanhas de doação são considerados muito positivos, comemorados pelos órgãos públicos e divulgados pela imprensa (publicações dirigidas às mulheres). A arrecadação de leite materno teve um aumento de 60% desde 2003. Nos bancos espalhados por todo o país vêm sendo arrecadados mais de 100 mil litros de leite por ano, encaminhados para alimentar cerca de 110 mil bebês prematuros da rede de hospitais públicos[158]. A publicação de depoimentos das atrizes sobre a amamentação em publicações dirigidas ao público feminino por certo tem também influenciado o público:

> Todo mundo sabe que sou bastante criteriosa e tento não expor minha filha. Mas há um contexto que é a propagação de um ritual de amor, que é a amamentação, e que pode influenciar mães doadoras. E é uma benção gerar e doar leite. É também a capacidade de sermos auto-sustentáveis, ecológicos e protagonistas da nossa história (Camila Pitanga);
>
> A amamentação é um prazer para a mãe e, sem dúvida, fundamental para o bebê e para a relação afetiva entre mãe e filho. Amamentei o Joaquim e o Benício até eles completarem 6 meses. Voltei a trabalhar logo após o nascimento, mas me desdobrava em mil para amamentá-los (Angélica);
>
> Amamentei Sasha por 5 meses e 12 dias. Lembro bem dos 12 dias porque foi com muito sacrifício que eu parei de dar de mamar. A Sasha teve problemas de tolerância à lactose e teve muitas cólicas e manchas na pele nesse período. Quando percebi isso, chorei muito porque queria dar de mamar por muito

[158] Disponível em www.aleitamento.com, em 22 de outubro de 2008. Acesso em abril de 2009.

tempo e percebi que teria que parar. A amamentação foi um momento único na minha vida (Xuxa).[159]

É importante sinalizar que, enquanto o material de divulgação da campanha *Madrinhas da Amamentação* transita principalmente pelos hospitais públicos (além de aparições na TV na época das SMAMs), os cartazes, *spots* e folhetos da campanha de doação de leite materno superam essa divulgação. Eles chegam à comunidade que acorre aos bancos de leite para aconselhamento, e, por intermédio das revistas femininas, àquelas mulheres que percebem ter leite excedente à necessidade de seus filhos.

4.2.2
Outros aspectos relevantes

A partir dos depoimentos citados, vale também notar que o retorno ao trabalho é sem dúvida um dos motivos que conduzem as mães ao desmame de seus filhos mais precocemente do que elas desejariam. Os esforços das mulheres em carregar seus filhos para o trabalho ou ordenhar leite suficiente para que outra pessoa o dê à criança, ou mesmo em retornar às suas residências durante o horário do almoço para amamentar exigem um nível de organização e disciplina muitas vezes maior que suas possibilidades. Além disso, a amamentação exclusiva recomendada pela OMS contrasta com as recomendações nutricionais de muitos pediatras que, desde o nascimento do bebê, aconselham as mães a complementar a amamentação com sucos, vitaminas e fórmulas lácteas[160].

Figura 122. Cuidados a serem tomados com Adélia, filha da autora desta tese. Rio de Janeiro, 1989.

Recorrendo a fontes informais de pesquisa, em matéria publicada na revista *Pais & Filhos*, a jornalista Deborah Trevisan informa que no Brasil, em 1996, o tempo médio de amamentação de bebês ao seio era de apenas um mês. Em 2006 esse tempo chegou a 2,2 meses (apesar de 96,4% das mães terem amamentado pelo menos uma vez), sinal de que "quase todo mundo tenta, mas a maioria fica pelo caminho: o bebê não pega o seio direito, o bico racha, a dor é insuportável". Uma das entrevistadas teve problemas logo nas duas primeiras semanas. O pediatra foi consultado e recomendou a complementação com mamadeira: "Quando vi que o Theo mamou toda a mamadeira e dormiu feliz, resolvi que aquele era o caminho. Amamentei-o dois meses e, depois, ele largou o peito". A mesma entrevistada amamentou a segunda filha, e, embora sentisse muita dor, recusou-se a recorrer à mamadeira e procurou outro profissional de saúde; este lhe disse: "Isadora, você não tem nada, seu seio está impecável, a pega dela é ótima, seu leite é forte. Volta pra casa, relaxa e amamenta sua cria". A partir desse conselho, tudo se resolveu.

---

[159] Camila Pitanga e outras famosas fazem relatos emocionantes sobre a amamentação. Depoimentos publicados na. *Revista Quem.* São Paulo, Editora Globo SA, outubro de 2008.

[160] Em 1989, ao reassumir o trabalho após quatro meses de licença-maternidade, esta pesquisadora documentou os procedimentos a serem realizados com sua filha pelas avós durante sua ausência diária. Nesses textos, nota-se a prescrição (da mãe às avós) de frutas e vitamina na dieta, apesar do retorno à casa no horário do almoço.

O fato é que não se nasce sabendo como agir quando a amamentação não acontece de maneira perfeita e exemplar, e a citada matéria se soma a diversos recentes artigos em jornais e revistas jornalísticas semanais, cujo intuito é atualizar os pais acerca de novas condutas[161].

Para desvendar as contradições vividas pelas mães, a pesquisadora Lylian Dalete Soares de Araújo investigou dentre as mulheres que amamentam quais são suas representações sociais sobre o aleitamento e sobre o próprio corpo. Citando Badinter, a autora demarca que a regulamentação de contratos de amas-de-leite constava do código de Hamurabi (1.800 a.C.), e que a Bíblia fazia também referência a elas; e que para os judeus, ao contrário, a amamentação era "um sagrado dever da mulher". Descreve que o costume de contratar amas mercenárias (a fim de manter "a beleza e o frescor" femininos) era corrente na Europa do século XVIII, constituindo-se a criança — e, principalmente, o lactente — um verdadeiro "fardo", a quem a recusa do seio representava o primeiro sinal de rejeição (Araújo, 1997).

Tal mentalidade foi aos poucos transformada pelo paradigma higienista em prol da sobrevivência das crianças, e as mudanças sociais provocadas pela Revolução Industrial introduziram o alimento artificial e as mamadeiras, fazendo com que a alimentação infantil passasse a ser regida pelas leis de mercado (Almeida, 1999, p. 37-38). Para o senso comum e na experiência familiar, o que ocorre é uma diminuição do número de mães que amamentam e um aumento do número de crianças que mamam na mamadeira. O saber popular foi substituído por uma "visão biologicista" que deslegitimou o aprendizado das mulheres sobre o assunto, fenômeno que se refletiu na atuação dos profissionais de saúde e no funcionamento dos hospitais:

> Desde o começo da humanidade, as crianças, logo após o nascimento eram postas ao lado de sua mãe. No começo deste século foi criado o berçário, para proteger as crianças contra as infecções hospitalares. Após a Segunda Guerra Mundial, pensava-se que a mamadeira era a melhor forma de alimentação e esta era dada ao recém-nascido antes mesmo que ele saísse do hospital, sem que se soubesse por exemplo, quase nada de imunologia nessa época. E através do berçário, conseguiu-se interferir em uma coisa fundamental: o relacionamento precoce entre mãe e filho. [...] Logo após o bebê nascer, alguém o enxuga, retirando todo o líquido amniótico e o verniz caseoso, cuja função é a de proteger e hidratar a pele sensível do recém-nascido. Em alguns hospitais, dá-se um banho de chuveiro, aspira-se o bebê com uma sonda, vira-se o bebê para todos os lados e, se ele não chora vigorosamente logo após o nascimento, ainda recebe umas palmadas, pesa-se, mede-se. (Citando Martins) Em alguns casos, num arroubo de preocupação afetiva, tem-se o cuidado de mostrar a criança rapidamente à mãe, que tenta desesperadamente, durante breves momentos, olhar seu bebê... [...] É então levado ao berçário, onde são feitos os registros de suas condições físicas e recebe uma pulseira com o número que o identifica. A úni-

[161] LOPES, A. D. Bebês, o novo manual de instruções. *Revista Veja*. São Paulo, Ed. Abril SA, 14 de outubro de 2009; e Trevisan, D. Leite derramado. *Revista Pais & Filhos*. São Paulo, Editora Globo SA, agosto de 2009.

ca coisa que não fazem é levar a criança para ser amamentada. (Araújo, 1997, p. 41-43)

Figura 123. Cartaz da campanha do Ministério da Saúde pelo parto natural.

O auge da força da sucção, que se dá na primeira meia hora após o nascimento, é desperdiçado quando o bebê é levado ao berçário, onde, muitas vezes, ele recebe fórmulas lácteas. Embora hoje a orientação se volte para a humanização do parto e para políticas públicas de incentivo ao parto normal[162], infelizmente persiste em muitos hospitais o afastamento do bebê.

A conduta de muitos obstetras e pediatras reforça a persistência dessa mentalidade. As "saídas fáceis e práticas" do parto cesáreo e da administração de leites artificiais entram no lugar do encorajamento e do apoio ao enfrentamento de realidades contraditórias e em permanente transformação (p. 45-46).

A autora, citando Paulete Goldemberg, aponta a necessidade de considerar a influência das transformações históricas sobre a sociedade para se diagnosticar as causas reais do desmame. A adesão ao leite em pó, ao nível das representações, concede à mulher "um sentimento de pertencimento social e de acesso aos benefícios gerados pela sociedade" (p. 54-55). Recorrendo a Edgard Morin e Moscovici, Lylian Dalete Soares de Araújo sublinha que a cultura de massa tem a capacidade de fabricar pseudo-necessidades que se transmitem de geração a geração de forma automática (p. 62-63). O poder simbólico agregado aos produtos que desenham um estilo de vida gera comportamentos que tendem a desmotivar a busca pelo conhecimento dos processos humanos, deflagrando correntezas difíceis de vencer. Padrões hegemônicos definem o que é um corpo saudável e bonito, impondo, segundo Jodelet, "o declínio do corpo considerado como organismo biológico" para a elevação do "corpo considerado como lócus de prazer" (Jodelet apud Araújo, 1997, p. 76). Daí o sentido de "doação" ter sido o sentimento mais frequentemente identificado pela autora nas entrevistas que realizou para definir a postura assumida por mulheres que optam por amamentar. Sentimentos como amor, vínculo, sagrado, sacrifício, espoliação e resignação — tanto oriundos da própria mulher como de seus maridos e familiares — também estão presentes nos depoimentos:

> Eu acho que [o seio] vai (ficar flácido), né? Mas eu acho que não vou ligar. Vale a pena.
>
> Antes eu gostava do meu corpo, me sentia bem, tinha um corpo bem bonito. Sempre fiz natação, pratiquei esportes. Agora me acho um lixo.
>
> E, então ele (o marido) força bastante. Por mais que eu esteja com dor, ele faz eu amamentar. Mesmo gritando ele faz a gente ficar ali. Eu posso passar dor, o neném não pode passar fome.
>
> Eu acho que quando eu estava amamentando, dava um prazer na gente, sentindo o neném em você, mas a mamadeira também eu acho que você sente o mesmo carinho, pode segurar o seu neném, a mamadeira, saber que ele está se

[162] Campanha de incentivo ao parto normal do Ministério da Saúde, 2009.

> alimentando, mas eu acho que amamentar dá um prazer muito maior em você, saber que seu filho está se sustentando em você. (Araújo, 1997, p. 116-162)

Araújo concorda com Martins quando ele diz ser necessário acreditar que "a luta pela amamentação é mais ampla e, no fundo, mais uma luta pela liberdade, contra um sistema desumano que cada vez mais quer substituir o natural e o instintivo por uma técnica" (p. 49). Amamentar é também um processo político, pois é um ato compartilhado e, assim, "regulável pela sociedade que imprime sua ideologia, é uma opção da mulher que é determinada pelas suas condições concretas de vida" (Araújo, 1997, p. 40).

Enfim, trata-se de uma complexa equação que pode ser auxiliada, no nível do senso comum, pelo aumento do conhecimento que se tem sobre as propriedades do leite humano e pela conscientização acerca dos impactos provocados pelo uso do leite em pó em mamadeiras. No nível específico do design, a contribuição pode ocorrer por uma (auto)crítica profissional sem reservas a um produto projetado por designers e dado como insuspeito, acompanhada de um debate tão amplo quanto possível sobre a questão.

5
Conhecendo e refletindo sobre a complexidade dos processos e meios empregados para alimentar bebês

Este capítulo faz um "close" no objeto da pesquisa.

Em primeiro lugar, haverá um levantamento de informações relativas ao processo da amamentação e às propriedades do leite humano. Logo depois serão reunidas notícias sobre o leite em pó divulgadas pelas indústrias junto à população para que os dois conteúdos sejam confrontados. A seguir, serão listados alguns dos impactos provocados pelo sistema de alimentação artificial sobre as crianças, a cultura e o meio ambiente. E, aproximando ainda mais o close, após a análise dos modelos de mamadeira selecionados serão apresentados os resultados obtidos na consulta coletiva feita junto a professores de design sobre a toda a questão.

5.1
Leite humano, leite em pó

É preciso compreender o processo da lactação e transitar também por dados bioquímicos para entender o que motiva a luta pelo controle da comercialização de fórmulas infantis e de apoio ao resgate da prática da amamentação[163].

Os Cadernos de Atenção Básica publicados pelo Ministério da Saúde explicam o processo de lactação[164]:

> As mulheres adultas possuem, em cada mama, entre 15 e 25 lobos mamários, constituídos, cada um, por 20 a 40 lóbulos. Estes, por sua vez, são formados por 10 a 100 alvéolos. [...] O leite produzido nos alvéolos é levado até os seios lactíferos por uma rede de ductos. [...]
>
> A mama, na gravidez, é preparada para a amamentação [...] sob a ação de diferentes hormônios. [...] Com o nascimento da criança e a expulsão da placenta, há uma queda acentuada nos níveis sanguíneos maternos de progestogênio, com consequente liberação de prolactina iniciando a secreção do leite.

163 Grande parte das informações deste capítulo foram obtidas na aula do pesquisador Franz Novak, no curso "Amamentação: a relação entre o biológico e o social". Instituto Fernandes Figueira – IFF, Dezembro de 2008.

164 Saúde da Criança: nutrição infantil. *Cadernos de Atenção Básica*. Editora Ministério da Saúde, Brasília-DF, 2009.

A imagem demonstra que depende da sucção do bebê a liberação da ocitocina, hormônio que contrai as células que envolvem os alvéolos, fazendo o leite ali presente verter (98% do leite são produzidos na hora, a partir da sucção). A ocitocina é também "disponibilizada em resposta a estímulos condicionados, tais como visão, cheiro e choro da criança e a fatores de ordem emocional, como motivação, autoconfiança e tranquilidade". Vale dizer que, ao contrário do que se imagina, a "descida do leite" pode acontecer até o terceiro ou quarto dia após o parto, ou seja, o fato de o leite não verter imediatamente não é sinal de anormalidade.

A continuidade da lactação é viabilizada pela sucção e pelo esvaziamento das mamas. Quando elas não são esvaziadas, pode haver inibição mecânica e química de novas quantidades de leite.

Assim que a criança nasce, a secreção de leite é menor que 100 ml por dia. No quarto dia essa vazão tende a aumentar para 600 ml.

> Na amamentação, o volume de leite produzido varia, dependendo do quanto a criança mama e da frequência com que mama. Quanto mais volume de leite e mais vezes a criança mamar, maior será a produção de leite. Uma nutriz que amamenta exclusivamente produz, em média, 800 ml por dia no sexto mês. Em geral, uma nutriz é capaz de produzir mais leite do que a quantidade necessária para o seu bebê.

"O leite humano é muito mais do que uma fonte de nutrientes, é uma substância viva de grande complexidade biológica" (Almeida citado por Novak em curso no IFF, conforme nota 1), constituído por 250 elementos químicos adequados à espécie: energia, proteína, caseína, lipídeos, carboidratos, vitaminas A, D, E, K, C e B 12, tiamina, riboflavina, niacina, piridoxina, folato, cálcio, fósforo, ferro, zinco, água, sódio, cloro e potássio. Para produzir um mililitro de leite, cinco litros de sangue da mãe são escalados.

Tais elementos se organizam em uma emulsão composta por 87% de água e 23% de gordura uniformemente distribuída numa suspensão verdadeira, graças a uma membrana fosfolipoproteica que envolve a gordura, permitindo que ela se misture homogeneamente aos demais elementos. Essa "gordura empacotada" já vem com a enzima necessária à sua dissolução no trato gastrointestinal do bebê. Devido à grande percentagem de água no leite materno, não é

necessário administrar quaisquer líquidos complementares à dieta da criança amamentada durante os quatro a seis meses de vida, como reza a orientação da Organização Mundial da Saúde.

Presentes nessa solução estão anticorpos, carboidratos, minerais e vitaminas. No leite humano, os anticorpos são humanos, compondo 30% de caseína (proteína provedora de aminoácidos livres, cálcio e fósforo) e 70% de proteína do soro (lactofeína e imunoglobinas). Essa proporção é diferente no leite de vaca (60% de caseína e 40% de proteína do soro), onde os anticorpos não são humanos. A maior quantidade de proteína no leite de vaca influencia positivamente o aumento de peso da criança que o ingere. Porém, os rins dos bebês não são preparados para receber tal cota extra.

Pode-se dizer que, ao ser amamentado, o bebê recebe como que uma "entrada", um "prato principal" e uma "sobremesa". Ou seja, o leite humano do início da mamada é menos gordo, trazendo os fatores de proteção; logo vem a suspensão com proteínas, e, ao final, a emulsão com a gordura — onde está o beta-caroteno (vitamina A) que hidrata o bico do seio, evitando fissuras. Após seis meses de aleitamento, o leite vai ficando mais salgado, preparando o bebê para a alimentação que virá, o chamado desmame bioquímico.

Quando congelado, o leite materno pode durar até 15 dias; se pasteurizado, o prazo se estende para seis meses. A pasteurização visa impedir o desenvolvimento de bactérias, grave problema de qualquer tipo de leite.

Quando nascemos, somos extremamente vulneráveis a infecções. Temos muitos "inimigos" querendo penetrar no nosso organismo e somente um "aliado": o leite humano. Nos seres humanos, as taxas de anticorpos presentes no sangue são muito altas, e grande parte deles pode ser transmitida pelo leite materno: ao mamar, a criança recebe a experiência imunológica acumulada durante toda a vida de sua mãe. Daí a recomendação da OMS para que o aleitamento comece na primeira hora de vida da criança, visando imunizá-la. Também destoando do saber leigo, não há alimento melhor para prematuros do que o leite materno.

Mas há contaminantes internos e externos do leite humano. Os internos são HIV, HTL V-I, HTL V-II, vírus das hepatites B, C e citamegalovirus. Os externos são pêlos, pele, saliva, cabelo. Assim, ele não é estéril, mas eventuais microorganismos externos ajudam a colonizar o intestino do bebê, criando uma flora. Quanto aos internos, a preocupação se agrava, embora hoje se saiba que a pasteurização do leite elimina o vírus da AIDS[165].

Muitas são as vantagens da amamentação, tanto para o bebê quanto para a mãe. Paulo Roberto Alves Lopes, no artigo "As Vantagens da Amamentação. Por que Amamentar?" enumera as vantagens nutricionais, as propriedades do colostro, vantagens imunológicas contra infecções e alergias, neuromotoras e

165 Alarmados com a ameaça de contaminação pelo leite materno, os governos europeus fecharam os bancos de leite durante os anos de 1990, abrindo flanco para a entrada da indústria de leites artificiais, consequência que ainda não foi revertida. No Brasil, em 2006, o Ministério da Saúde forneceu 470 mil latas de leite em pó a filhos de mulheres com HIV.

cognitivas, psicoemocionais, ortodônticas e dentais para o bebê, além das seguintes benesses para a mãe: espaçamento entre as gestações, prevenção das hemorragias pós-parto, involução do útero às dimensões normais, prevenção de anemias, proteção contra o câncer ginecológico, depressão pós-parto. O autor cita o médico uruguaio Luis Morquio com a frase "bebês que mamam no peito quase nunca adoecem. Quando adoecem, quase nunca morrem", e destaca que "o leite materno é o modelo de alimento perfeito que todos os produtos industrializados procuram imitar, sem possibilidade de êxito" (Lopes in Rego, 2002, p. 5-21).

A obesidade figura entre os problemas provocados pelo desmame e pela consequente administração de fórmulas infantis a bebês. Enfermidade ignorada até pouco tempo pelas ações nacionais e internacionais de saúde, em 1997 a obesidade foi considerada uma doença em desenvolvimento alarmante, o que foi reconhecido pela OMS — que instituiu, nesse ano, o Dia Mundial de Combate à Obesidade[166].

Pesquisadores norte-americanos e brasileiros publicaram em 2008 estudos demonstrativos de que o contato do bebê com a alimentação artificial em seus primeiros dias de vida cria condições favoráveis para que, ao crescer, ele se torne obeso[167]. Segundo o pediatra Fábio Ancona, da Unifesp, "quando a criança é amamentada, recebe a quantidade de calorias que o organismo dela precisa – não a que a mãe 'acha que ela precisa'" e isso é "essencial para a regulação do metabolismo do bebê. O corpo aprende o quanto de energia precisa absorver para dar conta dos seus gastos", enquanto que, ao consumir calorias além do necessário, estas se armazenam no organismo em forma de gordura[168]. Nicolas Stettler, autor líder da pesquisa norte-americana, identificou a existência de "um período crítico na primeira semana de vida, em que a fisiologia do organismo pode ser programada para o desenvolvimento de doenças ao longo da vida".

Vale notar que é um grande equívoco acreditar que o leite de vaca é mais forte do que o humano pelo fato de a criança amamentada sentir fome em intervalos menores.

> ...o leite materno, por ser um alimento perfeitamente adequado às necessidades do bebê, é digerido com mais facilidade e rapidez do que o leite artificial. Por esta razão, é mais comum o bebê alimentado por mamadeira fazer intervalos maiores entre as mamadeiras, pois a digestão se faz mais lentamente devido à maior quantidade de resíduos. (Maldonado apud Araújo, 1997, p. 123)

---

[166] De acordo com o relatório final do comitê, a obesidade é hoje um dos problemas contemporâneos de saúde mais negligenciados em todo o mundo. Segundo o comitê, as projeções para uma epidemia global de obesidade na próxima década são tão graves que é preciso adotar, com urgência, estratégias nacionais e internacionais de saúde pública para combatê-la. Tais ações devem ser dirigidas à sociedade como um todo e não apenas aos segmentos da população que apresentam sobrepeso. Informativo da Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS/OMS. Brasil, de 13 de novembro de 2000. Disponível em www.portalangop.co.ao/.../Hoje-Dia-Mundial-Combate-Obesidade,f69ee6f5-4b1f-4c87-a55d-d6d2c4c4e8d5.html.

[167] Children's Hospital of Philadelphia - University of Pennsylvania. Obesidade: amamentação nos primeiros dias tem efeito protetor. Em 18 de maio de 2005. Disponível em www.aleitamento.com . Acesso em nevembro de 2009.

[168] JUSTE, M. Aleitamento materno previne obesidade em crianças. Disponível em g1.globo.com/Noticias/Ciencia, em 11 de outubro de 2008. Acesso em novembro de 2009.

A obesidade é preocupante, como também a desnutrição e a má nutrição, males que podem ser prevenidos e reduzidos por uma assistência pré-natal, por práticas adequadas de alimentação na primeira e segunda infâncias (dentre elas a amamentação), pela prevenção e controle de infecções, consumo adequado e balanceado de alimentos e regularidade de exercícios físicos, segundo o documento citado da OPAS.

> Em 1995, a má nutrição foi responsável por 6,6 milhões dos 12,2 milhões de mortes entre crianças menores de cinco anos. Isso representa 54% da mortalidade infantil nos países em desenvolvimento. No mesmo ano, mais de 200 milhões de crianças tiveram seu crescimento retardado pela má nutrição. Estas crianças têm maior probabilidade de apresentar baixo desenvolvimento cognitivo, sofrer danos neurológicos, além de ter menos resistência a doenças.[169]

São muitos os motivos que podem conduzir à desnutrição infantil. Um deles é a desnutrição maternal, determinante da má nutrição fetal. Mulheres de baixa estatura, com baixo ganho de peso gestacional e baixo Índice de Massa Corporal – IMC antes da gestação tendem a gerar fetos desnutridos. Anemia, infecções gastrointestinais e respiratórias, malária e hábitos como tabagismo, alcoolismo, uso de drogas e doenças sexualmente transmissíveis também afetam a criança e são fatores comumente detectados em gestantes de países em desenvolvimento ou nas áreas pobres de centros urbanos. Portanto, dedicar esforços de cuidado e nutrição a essas mães é um caminho eficaz para garantir a melhoria da saúde de seus filhos.

Soa um tanto estranho, mas o processo de urbanização das cidades desencadeia risco de contaminação do leite humano, como foi detectado em São Paulo em 2009. Estudo desenvolvido na Unicamp[170] revelou que 58% das amostras de leite materno coletadas na cidade estavam contaminadas por policloretos de bifenilas, o PCB, usado como fluido de transformadores elétricos, isolantes térmicos, óleos lubrificantes e tintas. Banido há muito tempo em vários países, sua comercialização está proibida no Brasil desde 1981, embora a tolerância para que alguns equipamentos que o empregam sejam desativados ou substituídos vá até 2020. Presente em equipamentos antigos e no ambiente, sua ação pode durar por até 40 anos e costuma afetar o leite de mães que residem próximo a indústrias e rios poluídos. Em São Paulo, o PCB foi detectado na taxa de 13,86 microgramas por litro, nível inferior ao considerado perigoso para as crianças (20 a 60 microgramas por litro). O texto reforça que não deve haver alarme:

> Os níveis encontrados não são capazes de causar dano ao recém-nascido [calcificação anormal do crânio, baixo peso, anemia, crescimento reduzido e baixo QI, risco de problemas imunológicos, respiratórios, hepáticos e outros do sis-

[169] Informativo da Organização Pan-Americana de Saúde. OPAS/OMS. Brasil, de 13 de novembro de 2000.

[170] Acúmulo de policloretos de bifenila na população do Grande São Paulo, Brasil, Diogo Pupo Nogueira; José Maria Pacheco de Souza; Sérgio Colacioppo; Jorge da Rocha Gomes; Joselito Bomfim Brandão; Marlene Lopes Assis de Souza. Rev. Saúde Pública vol.21 no.4 São Paulo Aug. 1987. Disponível em www.scielo.br/pdf/rsp/v21n4/01.pdf. Acesso em janeiro de 2010.

tema nervoso central], mesmo ele sendo amamentado por todo o período recomendado. O leite materno é o alimento mais completo para o bom desenvolvimento físico e mental do bebê.[171]

Diante de tantas informações, esta pesquisa se dedicou a procurar por recomendações que estipulassem o uso adequado dos substitutos do leite materno, uma vez que muitas são as ocasiões em que uma alternativa à amamentação se faz necessária. O documento *Razões médicas aceitáveis para prescrição de complemento*, do Hospital Municipal Maternidade-Escola de Vila Nova Cachoeirinha[172], onde figuram as informações a seguir, recomendadas, ao que tudo indica, a todas as instituições certificadas pelo Programa Hospital Amigo da Criança.

> **Bebês que não devem receber leite materno ou qualquer outro leite, apenas fórmulas especiais:** crianças com galactosemia clássica, para as quais é necessário uma fórmula sem galactose; crianças com doença de urina de xarope do bordo precisam de fórmulas livre de leucina, isoleucina ou valina; e aquelas com fenilcetonúria (fórmula isenta de felilananina).
>
> **Bebês para os quais o leite materno é a melhor opção mas que podem precisar de complementação por período limitado**: nascidos com menos de 1.500g (muito baixo peso ao nascer); nascidos com menos de 32 semanas de idade gestacional (muito prematuros); em risco de hipoglicemia.
>
> **Condição materna que pode justificar a suspensão permanente da amamentação:** infecção por HIV.
>
> **Condições maternas que podem justificar a suspensão temporária da amamentação:** doença grave que impeça a mãe de contato com seu filho; vírus do Herpes simplex tipo (lesões do seio); medicações maternas como drogas sedativas, anti-epiléticas e várias outras.
>
> **Condições maternas durante as quais amamentar não é contra-indicado, embora elas representem problemas de saúde causadores de preocupação:** abcesso mamário, hepatite B (os bebês precisam receber vacina), hepatite C, mastite, tuberculose, uso de álcool, nicotina, ectasy, anfetaminas, cocaína, maconha.

Mas várias outras situações, médicas ou não, previstas ou não, podem vir a impedir a amamentação. Uma delas surpreendeu esta pesquisadora, quando, numa viagem de ônibus, avistou cartaz afixado em vitrine de estabelecimento comercial pedindo doações de leite em pó para bebês à população, o que soa incoerente diante de tudo o que vem sendo levantado no presente. No cartaz, a assinatura *Saúde Criança Repensar* causou desconfiança em razão da semelhança com a entidade *Saúde Criança Renascer*. Em investigação posterior, pela Internet, foi constatado que a ONG é da Associação de Apoio às Crianças do CEFIL –

---

[171] Poluente "contamina" leite materno em São Paulo. Transcrição de artigo publicado na Folha online referente a estudo realizado na Universidade Estadual de Campinas. Disponível em aleitamento.com, em 29 de abril de 2009. Acesso em outubro de 2009.

[172] O Hospital indica como fonte a OMS/2009, tradução de Dra. Marina Ferreira Rea. Disponível em http://www.gestamater.com.br/site/images/pdf/art_aleitamento/razes%20mdicas%20aceitveis%20para%20prescrio%20de%20frmula.jpg. Acesso em outubro de 2009.

Centro de Treinamento de Fissuras Labiopalatais. A campanha se destina à arrecadação de leite em pó integral para distribuição a crianças portadoras de lábio leporino, atendidas no Hospital Municipal Nossa Senhora de Loreto, o maior Centro de Referência para tratamento de defeitos congênitos da face no Rio de Janeiro.

A correção do lábio leporino exige duas cirurgias. A primeira ocorre por volta do sexto mês de vida, mas os bebês precisam estar em bom estado nutricional para serem submetidos à intervenção:

> Normalmente essas crianças têm dificuldade de realizar a amamentação ao seio e precisam do leite em pó para a alimentação em casa, o que é uma dificuldade para as famílias socialmente desfavorecidas, às quais o projeto beneficia. Após esta primeira cirurgia, o bebê continua recebendo acompanhamento médico mensal e nestas visitas recebe sua cota mensal de leite, para que seu estado nutricional se mantenha normal até a segunda cirurgia. Entre um ano e meio e dois anos de idade, acontece esta segunda cirurgia, para o fechamento do 'céu da boca'. O adiamento dessas cirurgias reparadoras, devido a um quadro nutricional desfavorável, pode trazer prejuízos à estética do rosto e ao desenvolvimento da fala.[173]

5.2 Listagem de alguns impactos provocados pela administração do leite em pó em mamadeiras a bebês

5.2.1 Impacto formal

Retornando ao relatório que denunciou a gravidade das consequências da administração de leites artificiais a crianças de países do chamado Terceiro Mundo, deparamos com o argumento da falta de condições sanitárias para o processo de higienização de mamadeiras.

> Lave suas mãos cuidadosamente com sabão cada vez que você for preparar uma refeição para o bebê, assim começam as instruções sobre a alimentação com mamadeira, no 'Livro das Mães', da Nestlé. Na capital de Malawi 66% das moradias não têm nenhuma facilidade de higiene. Sessenta por cento não têm cozinha dentro da moradia. A Nestlé vende leite para alimentar bebês nessas comunidades. (Muller, 1995, p. 27)

Figura 125. Perspectiva explodida da mamadeira Ultivent – MAM.

Nesta representação de um modelo de mamadeira bastante atual[174], percebem-se elementos comuns às mamadeiras: seu corpo é conectado à peça, que acopla o bico por intermédio de roscas; o bico tem desenho sinuoso e é constituído por material com características físicas da borracha, aderindo ao conector.

A indisponibilidade de condições ideais para esterilização dessas peças cria as condições ideais para o surgimento de colônias de bactérias — a partir de cerca de duas horas após o depósito do leite no produto — infectando o

[173] Projeto súditos do leite. Disponível em www.criancarepensar.org.br. Acesso em novembro de 2009.

174 A Mamadeira Ultivent apresenta a vantagem da abertura do corpo para lavagem na parte inferior.

próximo alimento a ser ali armazenado. Vale dizer que, no decorrer desta pesquisa, esse foi o primeiro argumento apresentado pela pesquisadora àqueles que indagavam os motivos de a mamadeira estar sendo questionada. A partir de uma rápida explicação, era como se uma imensa "ficha" caísse sobre a cabeça de quem havia perguntado.

A alta exposição a bactérias, proporcionada pela lógica construtiva das mamadeiras, pode igualmente ser verificada em outros modelos atuais (detalhados adiante), que se propõem a eliminar as bolhas de ar, presumíveis responsáveis pela promoção de cólicas nos bebês. Um tubo acoplado à tampa percorre todo o corpo da mamadeira, aparentando-se àquele modelo vitoriano cuja limpeza fazia-se impraticável. A mamadeira *Dr. Brown's* traz em seu interior uma pequenina escova, bastante fina, destinada a esse fim, e os manuais de outros modelos se esmeram em colocar especificações acerca da limpeza manual de bicos através de semelhantes acessórios.

Figura 126. A mamadeira vitoriana, mamadeira Tommee Tippee, mamadeira Dr. Brown's, escova de limpeza de bico da mamadeira Second Nature e imagem do seu guia de instruções.

5.2.2 Impacto químico

Desde 1930 o composto orgânico BPA (bisphenol A) está presente como elemento na produção de plásticos para acondicionar alimentos, como garrafas plásticas, embalagens de comida para microondas e mamadeiras. Toxicologistas esclarecem que tais produtos, quando lavados com detergentes ou colocados em contato com líquidos aquecidos, podem liberar o polímero BPA além do limite de segurança (50 ppb/dia – partes por bilhão, por dia).

Figura 127. Fórmula química do BPA e anúncio "Go BPA free".

Grande parte das mamadeiras é produzida nesses plásticos. Embora se calcule que uma criança alimentada por intermédio de mamadeira chegue a ingerir cerca de 13 ppb/dia, há opiniões médicas que consideram o limite perigoso, uma vez que os estudos de impacto não incluíram testes com humanos[175].

As pressões em favor do banimento do BPA nas mamadeiras e embalagens de alimentos evocam centenas de estudos, realizados nas últimas décadas, que correlacionam a exposição aos limites permitidos do polímero ao aumento dos índices de "câncer de próstata e de mama, diminuição da contagem de espermatozóides, puberdade feminina precoce, efeitos neurológicos semelhantes

[175] Michele Vargas. Disponível em http://g1.globo.com/noticias/ciencia/0,,MUL470149-5603,00.html. Acesso em outubro de 2009.

ao déficit de atenção e hiperatividade, diabetes e obesidade em animais de laboratório"[176].

Por tais motivos, em 2009 o Canadá proibiu o uso de policarbonato na confecção de mamadeiras[177], embora o *American Chemistry Council* — associação representante das maiores indústrias químicas dos EUA — defenda a segurança do BPA e até argumente que ele traz benefícios à saúde, já que protege os consumidores de alimentos em lata do envenenamento por Escherichia Coli e botulismo.

Este é o motivo de o poliestireno, o polipropileno ou poliamida (além do vidro) estarem sendo considerados mais seguros. A informação "BPA free" passou a constar da qualificação promocional de algumas das mamadeiras mais modernas.

Como esses fatos atingem "em cheio" a indústria de mamadeiras, artigos que defendem o BPA como inofensivo têm sido publicados pelas indústrias[178].

5.3.3 Impacto ambiental

Quanto ao meio ambiente, o leite materno é um dos poucos alimentos "produzidos e liberados para consumo sem nenhuma poluição, embalagem desnecessária ou desperdício", o único com capacidade de imunizar o consumidor e, ao mesmo tempo, beneficiar quem o produz. Com o intuito de examinar o impacto ambiental provocado pela cultura do leite artificial, Andrew Radford reconhece que o leite materno pode estar contaminado por dioxinas (presentes no meio ambiente, provenientes de processos industriais químicos, de incineradores de lixo etc.), mas que evitá-las com a migração para leites artificiais é inútil, pois além de dioxinas, estes podem conter pesticidas, alumínio e chumbo. Ambas as alternativas "são fonte de algum grau de prejuízo". A seguir, uma síntese da análise comparativa realizada pelo autor:

> A comparação entre amamentação e mamadeira é singular: a amamentação tem efeitos positivos e a mamadeira tem efeitos negativos. O leite materno é uma fonte natural e renovável produzida com a intenção de nutrir bebês; os leites artificiais são substitutos processados, não renováveis, dessa fonte natural. [...] Como o leite materno é produzido na quantidade adequada para o bebê, os bebês amamentados têm menos resíduos para excretar e frequentemente usam menos fraldas. (O leite materno é totalmente seguro ecologicamente; não usá-lo é desperdiçar um recurso valioso. [...] Se todo bebê norte-americano recebesse mamadeira, quase 86.000 toneladas de alumínio seriam usadas nas 550 milhões de latas de leite descartáveis. Se as latas tiverem rótulos de papel, somam-se outras 1230 toneladas de papel [...]. Mamadeiras, bicos e demais acessórios são feitos de plástico, vidro, borracha e silicone, geralmente reutilizá-

[176] Informação disponível em www.uff.br/.../bisfenol%20policarbonato%20mamadeira.html. Acesso em dezembro de 2009.

[177] Profª. Rosângela de A. Epifanio, IQ-UFF. Canadá proíbe o uso de policarbonato na confecção de mamadeiras a partir de 2009. Em 28 de outubro de 2008. Disponível em www.uff.br/Sbqrio/novidade/bisfenol520policarbonato520mamadeira.html. Acesso em outubro de 2009.

178 Plastic Baby Bottles are safe: convenient, tested, trusted. Disponível em www.babybottle.org. Acesso em outubro de 2009.

> veis, mas raramente reciclados ao final de sua vida útil. [...] A maioria das mulheres que amamentam não menstrua e não necessita de absorventes sanitários, tampões ou panos, o que diminui a necessidade de fibra, alvejantes, empacotamentos e descarte. (Na Grã-Bretanha, cada mulher que menstrua consome entre 286 e 358 absorventes ou tampões por ano, 98% dos quais são jogados fora pelo vaso sanitário; 52% serão lançados ao mar onde os tampões levam 6 meses para se desintegrar, enquanto os absorventes demoram mais. [...] Ao preparar o leite artificial, a mãe deve esterilizar a água e os utensílios [...]. A falta de água é comum nos países desenvolvidos, mas em 1975 a OMS estimava que 60% das pessoas em países menos desenvolvidos não tinham acesso à água suficiente. Não é raro que em algumas partes da África as mulheres gastem 5 horas por dia buscando água. (Radford, 1992)

Dentre uma série de outras observações, o autor calcula que se as crianças da Índia fossem alimentadas com leite em pó, seria necessária uma área de pastagem para as vacas equivalente a seis vezes o tamanho da Grã-Bretanha. Radford conclui que "mais bebês alimentados com mamadeira significa mais desmatamento, mais erosão, mais poluição (por dioxinas e outros tóxicos), mudanças climáticas e desperdício de recursos".

5.2.4 Impacto fisiológico

De acordo com artigo da fonoaudióloga Mírian Torres Cordeiro, a sucção é um dos primeiros reflexos neurológicos que o bebê pode expressar ao nascer, e a amamentação ao seio permite que o ato de sugar se desenvolva adequadamente, preparando a criança para "a mastigação, a erupção dos dentes, para um crescimento facial harmonioso e a boa articulação dos fonemas"[179]. Estudos demonstram que o desenvolvimento da face humana depende em apenas 40% da bagagem genética, ficando 60% a cargo da forma com que irão ocorrer no indivíduo sua sucção, deglutição, mastigação e respiração.

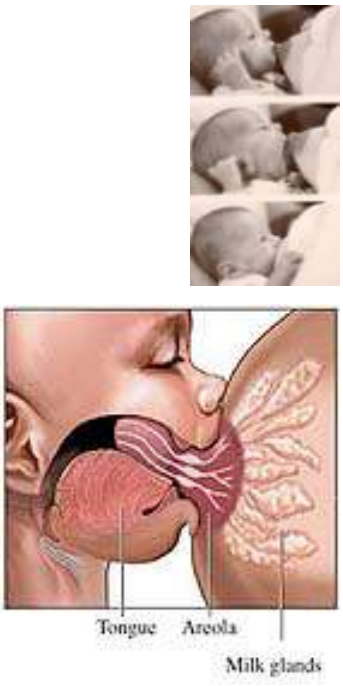


Figura 128. Movimentos do bebê em relação à mama e diagrama da sucção.

Ao ser amamentada, a criança trabalha toda a musculatura da face, e respira pelo nariz. Sua língua desenvolve movimentos que estimulam a vazão do leite da mama e a continuidade dessa produção. O bico do seio se acomoda à fisiologia da boca do bebê, e o leite irá verter de acordo sua demanda.

Todo o processo se altera quando entra em cena a mamadeira. Com ela, o esforço muscular a ser despendido é menor. A mamadeira goteja, imprimindo aceleração ao que seria a demanda natural de alimentação. Como o recém-nascido suga não apenas para suprir suas necessidades nutricionais, mas também por prazer, essa redução de duração no tempo de sucção o levará a procurar se contentar com dedos, língua, lábios e chupetas. A coordenação entre sugar e respirar é também modificada pela velocidade. Então alterações respiratórias tendem a surgir, tais como infecções, desvio de septo nasal, respiração bucal (o ar entra sem a filtragem, o aquecimento e a umidificação realizados por pelos nasais, chegando frio e sujo ao pulmão), a erupção dos dentes pode ser prejudi-

[179] CORDEIRO, Mirian Torres. Manejo da Amamentação – Posição e pega adequadas: um bom início para o sucesso. In REGO, José Dias. Aleitamento Materno, São Paulo: Editora Atheneu, 2002, p. 47-74.

Figura 129. Para sugar o leite da mamadeira, a criança precisa elevar a língua em direção ao céu da boca para pressionar o bico. Isso tende a produzir alterações na constituição da arcada dentária, que trazem sequelas respiratórias para o indivíduo jovem e adulto. Além disso, os açúcares presentes nas fórmulas lácteas podem ocasionar cáries precoces.

Figura 130. Aparelho ortodôntico para correção de defeitos da arcada.

cada (causando a mordida aberta, já que a arcada foi moldada sob a interferência do bico da mamadeira, que não se amolda idealmente à boca da criança), o cérebro é menos oxigenado do que deveria, além da ocorrência de vários outros possíveis distúrbios (Cordeiro, 2002, p. 68-69).

5.2.5 Impacto referencial-cultural

Seria curiosa, não fosse preocupante, a constatação de que certos padrões de beleza e fenômenos estéticos decorrem da assimilação cultural dos efeitos adversos causados pela mamadeira. Assim, o que seria uma deformação da conformação bucal, por exemplo, passa a ser visto como *padrão de beleza* e *normalidade*. Esse é o caso da representação de bebês nas *fake dolls*, que assimilam a conformação do respirador bucal como *bela* característica humana, como se pode ver na ilustração. Além disso, procedimentos como o uso de aparelhos dentários, cuja finalidade é corrigir as deformações causadas à arcada das crianças quando pequenas, se tornam cada vez mais rotineiros.

Figura 131. Exemplo de *fake doll* (bonecas que imitam bebês de verdade e que vêm sendo adquiridas por adultos que as tratam como tal).

Todo um conjunto de produtos corrobora também para que a prática da alimentação artificial permaneça como referência segura para a sociedade. As bonecas vêm acompanhadas por acessórios como mamadeiras e chupetas, e tais imagens tendem a evocar sentimentos delicados nas pessoas.

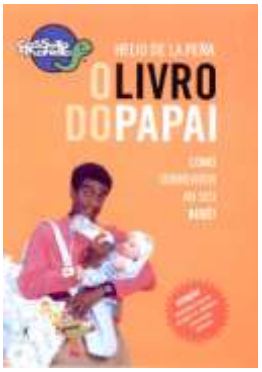


Figura 132. Menina brincando de dar de mamar a boneca com mamadeira; "O livro do papai" e anúncio de modelos de bolsas.

5.2.6 Impacto retórico-funcional

O discurso em prol do uso de mamadeiras, presente em *sites* e embalagens dos fabricantes e em algumas publicações, enfatiza que os produtos oferecem a garantia da pesquisa científica de ponta e o aval de renomados designers, e sublinha o quanto os produtos podem dar respostas seguras às inquietações dos pais diante do desafio de alimentar seus bebês. Verifica-se o emprego de retórica que realiza analogias formais entre a mamadeira e o seio materno, procurando conceder ao produto industrial as capacidades funcionais que dotam a natureza feminina, como veremos a seguir.

5.3
Análise de modelos de mamadeira

Com o objetivo de traçar um panorama da oferta de mamadeiras para consumo no mercado contemporâneo, esta pesquisadora realizou um amplo levantamento de modelos, mesclando indicações de usuários com produtos de todo o mundo[180]. O segundo passo foi estabelecer critérios de seleção dos modelos para análise.

Considerando que atributos de design concedem atualidade aos produtos, que eles movem o consumo e fornecem argumentos promocionais para a publicidade de seus fabricantes, foram selecionadas mamadeiras com elementos inovadores de design cujo apelo promocional abrisse flanco para a violação às normas estabelecidas pelo *Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite*. Então esses modelos foram adquiridos pela pesquisadora, com vistas a uma aproximação pragmática do objeto de estudo.

Dentre os modelos a princípio levantados e não detalhados na pesquisa, vale citar alguns produtos interessantes que compõem o universo de projetos atuais.

A Moo Baby Bottle é uma mamadeira produzida pela empresa italiana Vice-versa. Sua configuração bem humorada não impede a funcionalidade do produto e o úbere representado na tampa em material flexível funciona como "mordedor" para bebês.

A Custom Nipple, desenvolvida pelo escritório Design Continuum, especializado em equipamentos médicos e produtos conceituais, se baseou no *scan* 3D do seio materno, mas não foi ainda produzida.

A "mamadeira-granada", desenvolvida pelo artista plástico chinês Shi Jinsong, compõe série de objetos infantis produzidos com lâminas de aço inoxidável, descrita por ele como "um diálogo, ao mesmo tempo irônico e ameaçador, entre as formas místicas da cultura chinesa e a globalização moderna"[181].

Figura 133. Moo Baby Bottle, Custom Nipple e mamadeira-granada.

[180] Localizados pela Internet, muitas vezes esses produtos estão disponíveis no comércio brasileiro.

[181] Sandeep Tyagi Sobre Shi Jinsong: Um chinês. Artistas. Em 14 de agosto de 2009. Disponível em http://www.digartigo.com/Sobre-Shi-Jinsong-Um-chin%C3%AAs-Artistas_356013/. Acesso em outubro de 2009.

Figura 134. Mamadeiras que revelam motivações conceituais de projeto ou se encaixam em tendências atuais de mercado.

É interessante notar como essas produções, de um modo ou de outro, constituem objetos críticos, seja pela marcação assumida da proveniência do leite, seja pela literalidade gráfica do seio ou pela representação explícita do perigo.

Há também produtos resultantes de fortes tendências de mercado. As mamadeiras Green to Grow, produzidas no Canadá, absorvem o conceito de produto "verde" para a sua definição: sua embalagem é confeccionada com o mínimo possível de material, que é 100% reciclado, e a impressão da superfície é feita com tinta à base de soja. Um por cento de seus lucros é encaminhado para o Bottles to Babies Initiative, organização que objetiva conectar famílias e proporcionar doação de mamadeiras a mães que não as podem adquirir (iniciativa extremamente perturbadora diante dos fatos aqui levantados)[182].

O Moofia Baby Bottle é um boneco de *toy-art*, e não uma mamadeira, de autoria de Simone Legno, que brinca com as características formais das mamadeiras (manchas da vaca, bico, graduação).

Os modelos mais tradicionais de mamadeiras não foram selecionados para análise porque, como já foi mencionado, a pesquisa pretende trazer à pauta o contraste entre o que hoje se sabe sobre as mamadeiras e modelos que investem no design como forma de reunir argumentos para a manutenção da cultura do produto, violando, assim, o *Código Internacional*.

A seguir serão perfilados os textos de divulgação dos dez modelos de mamadeira selecionados para a análise mais detalhada, nos quais se solicita a atenção do leitor para os trechos grifados[183]. A imagem do produto é seguida da transcrição de trecho de seu texto promocional contraposto à crítica de seu conteúdo. Por fim, são feitas observações sobre o design do modelo (forma, materiais, técnicas empregadas, efeito gráfico e simbólico).

[182] TreeHugger, a Discovery Company. Informações disponíveis em www.treehugger.com. Acesso em agosto de 2009.

183 Grifos da autora.

Modelo 1: Tommee Tippee – Dinamarca

Projetada com a colaboração de especialistas em amamentação, a revolucionária nova Tommee Tippee Closer to Nature Easi Vent *imita o fluxo natural, o movimento e a suavidade do seio materno (...). Sua forma única encoraja a ação natural de seu bebê a migrar do seio à mamadeira, transformando-a em uma segunda natureza* [184].

Crítica – O fluxo do leite que o bebê ingere por intermédio da mamadeira é mais intenso que o da amamentação. O bebê alimentado ao seio consegue sugar conforme sua própria demanda, respirando nos intervalos que lhe convém. Por outro lado, a mamadeira goteja, obrigando a criança a acelerar seu ritmo de sucção e a alterar seu processo mecânico instintivo em razão da necessidade de elevar a língua ao céu da boca para contrair o bico do produto. Esse movimento artificial traz consequências para o processo respiratório e para a anatomia da arcada dentária; além disso, não há "ação natural" alguma na migração do seio à mamadeira, pois este é um produto inventado.

Design – O design inovador do produto fornece todos os atributos explorados em sua promoção. A mamadeira é *closer to nature* em termos de dimensão (maior do que as tradicionais, alcançando o diâmetro de um seio humano), de aparência (*Just like Mum's breast*) e de sensação (a ponta do bico elástico se move para os lados). O "canudo" interno — que será comentado a seguir — potencializa a tridimensionalidade do produto, contribuindo para que o efeito estético final resulte verdadeiramente impactante.

Nos cartazes a seguir, pode-se constatar o jogo discursivo do fabricante, que emprega frases de significado correto ("Ajudando seu bebê a ser amamentado por mais tempo"), mas vincula a benesse ao uso do produto que substituirá o seio materno, ou afirmando que, pelo fato de a mamadeira chegar tão perto da natureza (como a de nenhuma outra marca), os bebês a amam. Tais frases e imagens violam o *Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite*.

Figura 135. Material de publicidade da mamadeiraTommee Tippee.

[184] Disponível em www.tommeetippee.co.uk. Acesso em setembro de 2009.

Modelo 2: Dr. Brown's – Estados Unidos

A mamadeira Dr. Brown's vem recebendo numerosos prêmios de design e sendo aclamada pela comunidade médica. Na verdade, muitas de nossas mamadeiras têm sido adotadas por *hospitais, UTIs neonatais, e consultórios médicos*. Mais importantes são os testemunhos de mães e pais por todo o mundo, expressando sua *excitação por inseri-la nos hábitos de alimentação de seus bebês*[185].

Crítica – Prêmios de design e de medicina têm agraciado projetos de mamadeiras como se elas não oferecessem risco algum às crianças. Mas os hospitais públicos dos países signatários da aliança internacional em prol da amamentação proíbem a entrada do artefato em suas dependências. As indústrias de leites artificiais tradicionalmente mantêm relação muito próxima com profissionais da rede privada de saúde, fornecendo-lhes facilidades, brindes e promoções (Goldemberg, 1989). O nível de enraizamento do produto na cultura é tão alto que a adesão às novidades realmente poderá se dar "com excitação", à revelia da extensa quantidade de informação disponível sobre os problemas por ele provocados.

Figura 136. Mamadeiras Dr. Brown's com escovinha para limpeza do tubo interno.

Figura 137. Diagrama de funcionamento da mamadeira Dr. Brown's.

Figura 138. A mamadeira vitoriana.

Design – O canudo interno é apresentado como uma solução tecnológica que evita bolhas de ar. De diâmetro muito pequeno, exige higienização com uma escovinha muito fina, presente na imagem da esquerda, à frente das mamadeiras. À direita, setas indicam como o processo de dá, envolvendo razoável quantidade de peças para garantir o funcionamento do sistema. O tratamento gráfico é sugestivo da forma de funcionamento do produto e faz referência gráfica à natureza (emprego de formas orgânicas). Há que ser reconhecida a aparência de produto médico neste modelo, fato não constatado nos demais produtos selecionados. A preocupação com a higienização gera manual detalhado de instruções.

Observação importante – As mamadeiras Tommee Tippee e Dr. Brown's, guardam estreita semelhança formal com a mamadeira vitoriana já comentada (de canudo estreito), o que sugere riscos potencializados em caso de falha na higienização.

[185] Disponível em www.handi-craft.com/about-us/dr-brown-story.htm. Acesso em agosto de 2009.

Modelos 3 e 4: Lindam e First Years – Inglaterra e Estados Unidos

Como a mamadeira *Lindam* pode ajudar? *Bebês têm um sistema digestivo imaturo e um fluxo natural ininterrupto de leite é vital para uma mamada confortável.* A mamadeira Lindam é a única que permite a você controlar o ar dentro do frasco com o toque de um botão. *Esse fluxo livre de leite é uma característica física da amamentação*[186].

O First Years Breastflow Infant Feeding System simula os movimentos de sucção da amamentação, compressão e fluxo de leite. *Proporciona ao bebê gratificação imediata, diferentemente do que lhe oferece a lactante, cujo leite usualmente demora alguns segundos para verter*[187].

Crítica – Esses discursos insistem no argumento de que o fluxo ininterrupto do leite reproduz o da amamentação. O primeiro modelo é dotado de um botão de acionamento manual para garantir o fluxo do leite sem bolhas de ar. O texto promocional do segundo modelo afirma que o processo natural de produção de leite na amamentação apresenta desvantagens em relação ao da mamadeira, omitindo a informação de que 98% do leite materno são produzidos pelo organismo feminino a partir do estímulo de sucção do bebê.

Figura 139. Mamadeiras Lindam e Fisrt Years e suas imagens promocionais.

Design – A forma orgânica e inclinada da mamadeira Lindam constitui um diferencial estético para o produto, e a presença do botão que evita bolhas de ar parece sugerir atitude interativa e mais participativa daquele que administra o alimento à criança, atitude esta coerente com a lógica de apertar botões, comum a tantos outros produtos contemporâneos. A First Years utiliza o silicone como material de um bico externo complementar que envolve bico interno rígido colorido. A duplicação do elemento confere maior complexidade ao produto. As duas mamadeiras alcançam resultado estético bastante atraente.

[186] Disponível em www.lindam.com/lindam/bottle.html. Acesso em agosto de 2009.

[187] Disponível em www.core77.com.bullitts/206/08/Herbst-LaZar-Bell-First-Years.asp. Acesso em outubro de 2009.

Modelo 5: Chicco – Itália

A mamadeira [angular fisiológica *Chicco*] permite aleitar a criança na posição correta, proporcionando uma *mamada natural desde os primeiros dias de vida*. A forma larga especial e a borracha flexível do bico oferecem as *melhores condições possíveis para o aleitamento são.*[188]

Crítica – A aliança mundial em prol da amamentação aconselha que as crianças sejam alimentadas ao seio de maneira exclusiva (sem água, chás ou sucos) até os seis meses. Outros alimentos devem ser acrescentados aos poucos, em conduta a ser mantida idealmente até os dois anos ou mais. O Código Internacional de Sustitutos do Leite proíbe que as indústrias utilizem recursos promocionais que se refiram à substituição do leite materno pelo artificial. No entanto, contrariando a norma, os fabricantes recomendam a utilização da mamadeira Chicco "desde os primeiros dias de vida", defendendo a conduta como determinante de um "aleitamento são".

Figura 140. Mamadeira e imagens de anúncios de produtos Chicco que violam o Código Internacional de Substitutos do Leite Humano.

Design – Embora o resultado formal da mamadeira alcance extrema beleza, digna da tradição italiana de design, a empresa vem sendo alvo constante de denúncias pela IBFAN, seja por violar o Códico Internacional, seja pelo fato de a empresa recomendar a mamadeira e a chupeta desde os primeiros dias de vida do bebê. O material promocional representa o procedimento com imagens ou fotos de bebês nas embalagens, além de lançar linha de brinquedos infantis que incliu a mamadeira como acessório de bonecas.

Figura 141. Páginas do catálogo de produtos Chicco para *download*.

Se as primeiras imagens aparentam não ser tão recentes, a imagem acima (disponível na Internet) das páginas 8 e 9 do catálogo é atual; e a

[188] Disponível em www.chicco.pt. Acesso em agosto de 2009.

empresa persiste defendendo que a mamadeira "é a escolha ideal desde os primeiros meses de vida do bebê"[189].

Modelos 6 e 7: MAM e Adiri – Estados Unidos

> A nova mamadeira MAM [Ultivent] foi *projetada especificamente para funcionar como a amamentação. (...) O design é um elemento extremamente relevante para a empresa.* "MAM loves me"[190].
>
> Para pais iniciantes ou experientes, a escolha entre amamentação e mamadeira pode produzir uma vasta lista de prós e contras. (...) [*Adiri Natural Nurser*] *é projetada para simular a aparência e a sensação de uma mamada real*[191].

Crítica – A simulação de capacidades humanas por produtos é colocada como função da atividade da indústria e do design. Aqui cabe o esclarecimento de Andrew Radford, coordenador nacional da organização não governamental Baby Milk Action:

> A ideia de substituir leite materno por artificial pode ser comparada à de sugerir que substituam os rins por aparelhos de diálise. Ambos, aparelhos de diálise e leites artificiais cumprem um papel que pode salvar vidas, mas usá-los no lugar dos órgãos originais do corpo humano é desperdício de recursos. Felizmente ninguém sugeriu que os rins não sejam capazes de eliminar os resíduos do corpo. Por outro lado, a alimentação por mamadeira tem sido promovida como alternativa viável ao leite materno. [...] A amamentação é boa para os bebês e para as mães e o leite materno é um produto ecologicamente saudável. A mamadeira causa a morte de um milhão e meio de bebês por ano e prejudica a saúde de inúmeros outros. (Radford, 1992)

Design – Analisando os modelos separadamente, nota-se que a MAM Ultivent tem o arrojo de não utilizar a transparência do plástico, optando pelo polipropileno colorido – material opaco. Como a maioria dos modelos já apresentados, possui abertura interna para facilitar a lavagem. Um sistema de ventilação ali posicionado permite a saída do ar, evitando as bolhas.

A mamadeira Adiri efetivamente inova. Com relação à forma, minimaliza a aparência das mamadeiras, aproximando o produto da configuração da mama feminina de maneira não caricata. Com relação à estrutura, reduz sensivelmente o número de peças por empregar técnica de injeção que une materiais de diferentes densidades em uma só peça, ou seja, a área flexível do bico se estende por todo o corpo do produto, sendo envolvida pela peça colorida, do mesmo material, porém em densidade maior. Esse recurso concede rigidez à estrutura na área da pega (entre as duas partes não há espaço algum). Como o

Figura 142. Mamadeiras MAM e Adiri e detalhes da mamadeira MAM Ultivent.

189 Fabricantes de mamadeiras costumam publicar aconselhamento e instruções sobre o uso correto da mamadeira em seus sites. A Gerber (recentemente comprada pela Nestlé) introduz texto com esse fim: "Algumas vezes, a mãe fica impossibilitada de fornecer o leite materno por uma série de razões. Não se preocupe: alimentar com a mamadeira também é um momento relaxante, em que toda a família, inclusive o pai e outros membros, participa do prazer de ver seu filho se nutrir". Disponível em www.gerber.com.br. Acesso em agosto de 2009.

190 Disponível em www.mambaby.com. Acesso em maio de 2009.

191 Disponível em www.core77.com/bullits/2007/08/Whipsaw-Adiri-Natural-Nurser.asp. Acesso em maio de 2009.

modelo anterior, recorre a perfurações na tampa inferior para a saída de ar. Agraciada pelos prêmios IDEA e MDEA 2008, utiliza imagem de bebê de poucos meses em seu material promocional *online*.

Figura 143. Detalhes da mamadeira Adiri.

Modelo 8: Second Nature – Estados Unidos

[A mamadeira Second Nature] tem tecnologia Flow Control, baseada em uma *membrana que contém vários microfuros*. Quando o bico não está sendo utilizado, os microfuros permanecem fechados, evitando vazamentos e respingos. Eles estão localizados em uma membrana flexível e *vão se abrindo conforme a sucção efetuada pelo bebê* (quanto maior a sucção, maior a pressão exercida sobre a membrana e maior o fluxo de líquido, permitindo que o próprio bebê o controle)[192].

Figura 144. Mamadeira Second Nature e instrução de limpeza presente no manual de uso e detalhes do sistema de funcionamento do bico.

Crítica/Design – O projeto dedicou atenção à questão do fluxo de leite, chegando a solução possivelmente eficiente em termos mecânicos. O problema está em que o sistema de microfuros constitui, mais uma vez, atmosfera ideal para o surgimento de colônias de bactérias quando de uma limpeza falha. Para evitá-la, o produto vem acompanhado de sofisticada escova de limpeza (com esponjas na ponta) e de instruções detalhadas, auxiliadas por esquemas gráficos. O nome do produto sugere que ele é uma opção natural para as mães e para o bebê. Seu corpo é em policarbonato (BPA), tampa e rosca em polipropileno. A boca é larga para facilitar a higienização.

Observação importante – A mamadeira, lançada na Europa e nos EUA em 2004, exigiu "anos de pesquisas e investimentos nos EUA". Chegou ao Brasil no ano seguinte e está em conformidade com a NBR 13793 (Norma Brasileira para Comercialização de Mamadeiras, Bicos e Chupetas) e com as normas americana e europeia. Mas cabe salientar o quão problemático é certificar um produto que contraria o paradigma em vigor, pois as informações divulgadas somadas ao selo do Inmetro na embalagem soam como garantia de qualidade e segurança para o consumidor.

Vale observar que no Brasil nós nos acostumamos a confiar em produtos certificados pelo Inmetro, pois o selo significa para nós que o controle de qualidade foi realizado. Mas, de modo geral, foram constatados usos

[192] Disponível em www.secondnature.com.br. Acesso em agosto de 2009.

irregulares do selo em vários produtos, seja por falsificação da marca ou por imprecisão na comunicação do que está efetivamente certificado, exigindo esforço adicional de fiscalização:

> Em muitos casos, a logomarca do instituto vem sendo usada de forma a induzir o consumidor a supor que o material à venda é certificado, quando apenas a tomada do eletrodoméstico, por exemplo, passou pela análise da entidade.[193]

Especificamente sobre as mamadeiras, embora a *Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes e Crianças de Primeira Infância, Mamadeiras, Bicos e Chupetas* – NBCAL seja o instrumento de controle da produção industrial derivativo do *Código Internacional*, as mamadeiras existem, são aqui produzidas e/ou distribuídas e certificadas com o selo do Inmetro — e este, como já foi dito, confere confiabilidade aos produtos. Frases obrigatórias como "O Ministério da Saúde adverte: a criança que mama no peito não necessita de mamadeira, bico ou chupeta. O uso de mamadeira, bico ou chupeta prejudica a amamentação e seu uso prolongado, prejudica a dentição e a fala da criança", exigidas pela lei, figuram nas embalagens sem superar a força dos outros elementos gráficos e textuais.

> **Modelo 9: UMix** – Estados Unidos
>
> [A mamadeira UMix On the Go esclarece:] Apenas *2 horas após a mistura do leite em pó com a água em temperatura ambiente, as bactérias começam a multiplicar-se, e podem atingir níveis perigosos para o bebê.* Uma vez preparada a mamadeira deve ser imediatamente consumida ou refrigerada. A mamadeira U-Mix *reduz o perigo da multiplicação de bactérias por armazenar a água e o leite em pó separadamente dentro da mamadeira, eliminando as preocupações e a necessidade de refrigeração*[194].

Figura 145. Mamadeira UMix on the Go e detalhes de seu funcionamento.

Crítica – Muito interessante constatar a existência de projetos que se dedicam a encontrar saídas para as problemáticas provocadas pelas mamadeiras e leites artificiais. Sinal de que os designers responsáveis estão inteirados sobre o quanto a mamadeira é um produto controverso. Nesses casos, ao invés de o design gerar atributos promocionais, gera informação, mesmo que as soluções encontradas não resolvam os problemas.

Design – A forma alcançada aproxima o produto (do mesmo fabricante do modelo anterior) de um utensílio médico, laboratorial, atributo que (aliás) deveria estar sempre presente em mamadeiras, pois elas precisam ser entendidas como uma opção à amamentação em caso de necessidade, e não como objeto de consumo. O processo de preparo do leite é simples, mas envolve também grande número de peças. Como resultado, o leite fica em temperatura ambiente, o que não atende à recomendação de oferecê-lo à criança aquecido a 37º.

[193] Selos que não garantem qualidade. *O Globo*. Rio de Janeiro, Infoglobo S/A, 26 de março de 2008, pg 34.

[194] Disponível em www.umix.com.br. Acesso em maio de 2009.

Modelo 10: Iiamo – Dinamarca

Iiamo [Self Heating Baby Bottle] é uma mamadeira brilhantemente concebida por Karim Rashid, a primeira mamadeira com um mecanismo de auto-aquecimento. [...] inclui um *cartucho descartável de aquecimento que é capaz de aquecer o leite até 37 graus em apenas quatro minutos. Os principais ingredientes orgânicos deste cartucho são sal e água, assim você não terá que se preocupar com as questões de higiene para os seus filhos. Este gadget útil irá fornecer-lhe um acesso fácil para aquecer o leite se você está no avião, no carro, na praia, em um café ou em um parque*[195].

Crítica/Design – O projeto do aclamado designer egípcio para a indústria dinamarquesa se propõe a solucionar o problema da temperatura do leite que, no entanto, já sai de casa misturado à água ou em embalagem separada, como demonstra o vídeo promocional do produto. Se o prazo de duas horas for respeitado à risca, promete funcionar, mas a proposta da mamadeira é justamente conceder aos pais o conforto da despreocupação com relação à integridade do líquido em passeios, viagens etc., o que pode proporcionar um relaxamento muito perigoso.

Figura 146. Detalhes da mamadeira Iiamo: bico, bateria e foto com seu criador, Karin Rachid.

Em termos de aparência, pode-se dizer que o objeto é estonteante. Fechada, não se parece com uma mamadeira, e, sim, com um aparelho eletrônico ultra moderno. Tratada como "gadget útil", apela ao consumo também por calcar o discurso promocional em designer famoso, responsável pela concepção de produtos muito desejados no mercado internacional. As cores pouco usuais constituem um diferencial eloquente, mas o fato de o cartucho de aquecimento ser "descartável" representa um ruído importante no discurso de atualidade da proposta, pois esse conceito vem sendo cada vez menos bem visto diante das preocupações com o meio ambiente.

O lançamento tão recente (2009) motivou esta pesquisadora a estabelecer contato com o designer para esclarecer os motivos que o levaram a projetar tal mamadeira, mediante a gravidade da situação mundial que envolve o produto. Por correio eletrônico, a pesquisadora ressaltou a beleza do objeto e indagou sobre o designer estar ou não a par da luta mundial pela amamentação, dos perigos da mamadeira e do fato de o líquido gerar bactérias após algum tempo de exposição à temperatura ambiente. A resposta foi enviada por Nikolaj

[195] Disponível em www.tuvie.com/iiamo-self-heating-baby-bottle-by-karim-rashid/. Acesso em outubro de 2009.

Leonhard-Hjorth, um dos dois fundadores da Iiamo ApS. Ele agradeceu a mensagem e o interesse pelo projeto, ressalvando:

> ...mas pelo amor de Deus atente para o seguinte: a mamadeira Iiamo é como qualquer outra mamadeira destinada a possibilitar a administração de suplementos e fórmulas para mães que por algum motivo não podem amamentar e não deve ser interpretada como uma iniciativa contra a amamentação em geral. Além disso, o conceito de auto-aquecimento é exatamente para possibilitar o armazenamento da fórmula e facilitar a chegada à temperatura adequada para ser servida ao invés de ser transportada pré-aquecida. Finalmente, posso acrescentar que o produto é produzido sem BPA, phthalates, perfume, parabens ou outros agentes tóxicos. (Agosto de 2009)

Por certo o primeiro argumento apresentado há de ser a justificativa para todos os projetos de mamadeira selecionados. É complicado negar que o produto faz parte da vida das pessoas, de modo que a demanda de uma via alternativa para a alimentação de bebês deve ser pensada e produzida. O problema está em que, com o persistente redesenho da mamadeira, tal raciocínio materializa o paradoxo científico-industrial que coloca em campos antagônicos o conhecimento adquirido sobre a questão e a prática de mercado.

E o trabalho do designer protagoniza essa incoerência.

Vale então enumerar os seguintes pontos:

1. como já foi comentado, as informações sobre os problemas provocados pelas mamadeiras e fórmulas artificiais figuram na primeira página dos *sites* de pesquisa na Internet;
2. a atividade do design se define pela busca de soluções inovadoras que respeitem a diversidade de culturas, a integridade humana e do meio ambiente;
3. pesquisar é a primeira coisa que um designer faz ao receber um trabalho.

Algo está muito errado, então. Há uma espécie de acomodação em projetos de redesenho de produtos, quando as informações disponíveis demonstram a necessidade de uma mudança de postura rumo à concepção de um utensílio que se destine, sim, a colaborar com as situações em que é complicado amamentar, mas sem incorrer permanentemente nos mesmos erros.

Curiosamente, foi justamente em países africanos, à época do relatório *The baby killer*, que veio à tona uma alternativa mais adequada de administrar alimento a bebês: o copinho ou a xícara. A simplicidade de sua forma viabiliza uma higienização mais eficaz mesmo em condições pouco propícias e, com o uso do copinho, o movimento de sucção se realiza de forma correta pelo bebê, que buscará o líquido com a língua, assim como o faz um gato que bebe leite no prato. O produto exige a presença de um adulto, além de paciência e técnica para a administração do alimento, mas extingue os problemas fisiológicos, químicos e muitos outros provocados pelas mamadeiras.

Figura 147. Copinhos para administração de alimento a bebês.

> O ato de amamentar pode representar alguns incômodos superáveis. As mães precisam às vezes recorrer aos acessórios necessários para resolver esses desconfortos. Nunca interrompa a amamentação [...]. Quase todos os problemas du-

Figura 148. Modelos de copinhos; bebê sendo alimentado por copinho descartável e uma tentativa de unir a característica do copinho — a de permitir uma melhor sucção — à forma da mamadeira, envolvendo, entretanto, a presença de muitas peças e roscas de conexão.

Como não há ainda produção eficiente e disponível de modelos de copinhos, costuma-se aproveitar copos plásticos descartáveis de cafezinho e já foi documentado o uso de frascos para exames clínicos, pois eles têm a vantagem de possuir tampa e poderem ser esterilizados algumas vezes. O pesquisador Franz Novak noticiou esforço de projeto na área de fonoaudiologia que resultou em modelo de copinho produzido em pequena tiragem, ainda distante de uma configuração ideal. Além da necessidade da tampa, Novak sinalizou ser imprescindível a presença de graduação em relevo na superfície do produto, pois ela viabiliza a dosagem do alimento ingerido.

Portanto, questões concernentes a material (afeito a repetidas esterilizações e de agradável contato para a boca do bebê) e à forma (os modelos acima buscam evitar o derrame do leite e é preciso que não haja cantos vivos em seu interior para facilitar a lavagem) constituem um desafio ao design para a concepção de um copinho que funcione e ao mesmo tempo consiga atrair o interesse dos consumidores para si, alterando a correnteza da cultura implantada.

Não se pode deixar de citar como métodos alternativos à mamadeira a *gavagem*, técnica desenvolvida para auxiliar a lactação de bebês prematuros e a *relactação* daqueles bebês que por algum motivo tiveram que ser afastados temporariamente do seio de suas mães. Seu funcionamento pode sugerir caminhos interessantes para o esforço de projeto de design mencionado.

[196] Disponível em www.promillus.com.br. Acesso em outubro de 2009.

A sucção é um processo que faz o bebê [prematuro] gastar muita energia e por isso só deve ser indicado quando o bebê tiver mais de 34 semanas e estabilidade clínica favorável. A gavagem é o método mais comum e barato de alimentar um bebê que ainda não consegue sugar. Através de um tubo plástico (a que chamamos sonda orogástrica) colocado em sua boca e cuja extremidade vai até o estômago, o volume de leite é aplicado em dose calculada. [...] Vemos na foto um processo conhecido como translactação. A mãe, por algum motivo, apresenta redução na liberação de seu leite. Outro leite, artificialmente colhido ou preparado, é então oferecido ao bebê através de uma sonda colada junto ao seio da mãe, à altura do mamilo. O bebê suga o seio. O leite desce da seringa para a sonda. A criança se alimenta. A mãe se tranquiliza. O leite desce. Em poucos dias já não há mais necessidade da sonda para a descida do leite.[197]

Figura 149. Processo de gavagem.

Esclarecimentos acerca do leite a ser empregado na administração da técnica são claros, úteis e capazes de retirar quaisquer dúvidas porventura persistentes sobre a questão do leite para prematuros:

– o melhor leite para um prematuro é o de sua mãe;

– o segundo melhor leite para um prematuro é o leite de uma mãe de outro prematuro com sua mesma idade gestacional;

– o terceiro melhor leite para um prematuro é o leite de uma mãe de um bebê a termo (não prematuro);

– o quarto melhor leite para um prematuro é um leite industrial específico para prematuros;

– o quinto melhor leite para um prematuro é um leite industrializado para bebês a termo (não prematuros) [que um dia já foi chamado abusivamente de "maternizado"][198].

5.4
Consulta coletiva a professores de design sobre a questão

De posse dos dados levantados, foi projetado um modo de levá-los ao conhecimento de membros do corpo docente de um curso universitário de design. A princípio foi imaginada uma reunião com os professores de todas as disciplinas do curso, a fim de informá-los sobre a questão e promover o debate de maneira ampla. O curso de Design da PUC-Rio foi escolhido, então, por ser a escola onde trabalha esta pesquisadora, fator propiciador de muitas facilidades.

A ideia de reunião ampla, no entanto, se mostrou inviável, considerados o intuito experimental do encontro e as limitações de horário dos professores. Então o objetivo passou a ser o de reunir docentes cujo interesse de pesquisa e de atuação cobrisse searas variadas do ensino de design.

---

[197] Dr. Luis A. Mussa Tavares. A nutrição do recém-nascido prematuro. Em 28 de junho de 2004. Disponível em http://www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id=x&id_artigo=537&id_subcategoria=5. Acesso em outubro de 2009.

[198] Conferir em www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id=x&id...id....Acesso em outubro de 2009.

O convite foi realizado por via eletrônica a partir de uma breve exposição do teor da pesquisa, e requeridos horários de disponibilidade para a marcação da reunião. Alguns professores informaram não poder comparecer e o aceite dos demais demonstrou que seria necessário marcar duas reuniões para que os convidados pudessem estar presentes na que mais se ajustasse às suas possibilidades.

Foi preparado um *slide show* com o resumo do estudo sobre a mamadeira e reunidos os modelos físicos do produto, além dos copinhos até então adquiridos, acompanhados por fichas impressas onde constavam informações sobre detalhes de funcionamento, trechos promocionais dos objetos e identificação dos fabricantes.

A exposição do caso durou 30 minutos. Uma câmera de filmagem registrou e gravou o debate, de 60 minutos de duração. A dinâmica foi de conversa livre, com eventuais interferências da anfitriã, que ao final dirigiu aos participantes uma única pergunta, a ser especificada adiante. A conduta foi idêntica nas duas reuniões.

Cabe registrar a presença de 15 professores das seguintes áreas: Design de Produto, Design e Sustentabilidade, Ergonomia, História do Design, Design de narrativa, Design de informação, Semiótica, Materiais, Design emocional. Em uma das reuniões, estiveram também presentes uma ex-aluna do curso e sua mãe, pediatra da Fiocruz.

Antes de analisar os resultados, é importante dizer que a iniciativa demonstrou que há um campo profícuo de debate para questões do gênero no ambiente acadêmico. Os professores se sentiram prestigiados com o convite e motivados pela atmosfera de reflexão e debate instalada nas reuniões. A riqueza dos comentários deu a perceber que outras facetas da questão poderiam ser levantadas caso diferentes grupos fossem reunidos, pois as conversas tendiam a tomar determinados rumos a partir da fala dos primeiros debatedores. Mas a leitura da transcrição integral das reuniões apontou também algumas temáticas recorrentes nos debates.

Procurando trazer para este texto um pouco do andamento original das manifestações dos participantes, as temáticas serão apresentadas e analisadas segundo a lógica das discussões. Assim, este relato tem início com o impacto dos presentes frente às novas informações; a seguir, os professores refletem acerca do nível de implantação do objeto na cultura e buscam identificar seus motivos; admitem a necessidade de reavaliação dos produtos como princípio de projeto e fazem uma revisão do percurso metodológico projetual; realizam autoquestionamentos e, por fim, vislumbram oportunidades de ação em prol da causa. Na sequência, a análise das reuniões é apresentada.

5.4.1 Exclamações livres em reação ao contato com a problemática

Em todas as ocasiões em que a pesquisa foi apresentada (congressos, conferências, aulas) a reação das plateias foi de grande surpresa e estupefação.

As informações fornecidas contrariam radicalmente o que as pessoas pensam sobre o produto e sua aura, levando-as a lembraram-se dos momentos em que a mamadeira foi por elas usada. Ato contínuo, as pessoas revisam esses momentos e a partir de então sua atenção se fixa no que é dito a respeito. Com os professores não foi diferente, e abaixo estão destacadas algumas de suas exclamações:

> — Eu aceitaria o projeto de uma mamadeira há uns tempos atrás, feliz... Meu Deus! [...] A gente muitas vezes está totalmente cego [...]. Pouco sobra da mamadeira depois de uma apresentação dessas. [...] Depois desses dados, começa mesmo a virar um objeto nefasto, perigoso.
>
> — Todas (as mamadeiras) parecem extremamente assustadoras [...], são 36 partes diferentes, ótimas para juntar sujeiras, bactérias [...]. Nada melhor do que peito.
>
> — Esse é um objeto que não serve pra nada. Se pode jogar tudo fora.
>
> — A mamadeira inclusive deve ser eliminada.

Relatos pessoais, algumas vezes, documentam posturas assumidas pelos participantes no papel de consumidores ou potenciais consumidores à época em que tiveram seus filhos:

> — Já dei muita mamadeira para meus filhos, brinquei de boneca (lhe dando mamadeira) achando que estava treinando para ser a mãe mais devota do mundo.
>
> — Quando tive minha primeira filha, na Clínica São José, quando eu recebi alta, eu recebi de uma irmã de caridade, de chapelão ainda, uma cesta. Essa cesta, muito bonitinha, com laçarote inclusive, com duas latas de leite em pó e duas mamadeiras de vidro. Eu tinha leite a mais não poder. Até o sutiã que levei para a maternidade não foi suficiente e tiveram que fazer um sutiã de fralda. Eu doei leite também para os prematuros. Quer dizer, foi colocada no meu colo essa cesta, que não deixava de ter seu aspecto sedutor, pois vou poder tomar um banho em paz, vou pedir pra alguém dar aquela mamadeira... E não era uma questão social, de necessidade minha, era um mecanismo — como você apontou, de formação de comportamento na hora do nascimento, com a legitimação da casa de saúde, das irmãs de caridade etc... tá tudo bem!, dar mamadeira é legal! Ainda está abençoada, ou seja, uma coisa vista com bons olhos.
>
> — A gente saía da maternidade com brindes da Nestlé e uma lata de Nanon. Quando vejo as informações da apresentação, são coisas muito diretamente ligadas à minha própria vida, porque eu optei por ser um pouco bicho-grilo porque eu queria ter parto normal e amamentar.
>
> — Eu tive dois filhos. A primeira eu amamentei sem problemas, ela tinha uma facilidade de pegar o bico. Porque é um talento! Não só a mãe, mas o bebê tem que ter um talento pra sugar. O meu segundo filho não tinha esse talento. Era uma guerra. [...] tinha alergia ao leite de vaca industrializado, Nanon. O da teta da vaca parou a alergia dele. O médico achou que eu era maluca, é aquela história de não seguir as instruções. Eu não segui porque o menino não dormia de noite, não comia... Não era um problema de mamadeira, era com o alimento.

— Não lembro exatamente o que ocorreu, mas houve um problema com minha esposa que a minha filha não conseguia ser amamentada corretamente. [...] Senti que quando ela (a criança) descobriu a mamadeira, correu pra mamadeira: vamos na mamadeirinha que é mais fácil.

Esses trechos ilustram o quanto a mamadeira é um produto comum, corriqueiro, parte da vida de todos mesmo quando se opta por não utilizá-lo. E os motivos que conduzem a tal postura não têm relação com a problemática apresentada, mas com decisões intuitivas das pessoas em momentos de necessidade.

A surpresa com as informações confirma a desinformação de grande parte da sociedade sobre os problemas vinculados ao produto, ou seja, sobre os problemas que conduziram a ciência a assumir o paradigma atual, fruto de movimentações em âmbito internacional que não conseguem alcançar as pessoas a contento.

5.4.2 A cultura do objeto

A incoerência entre as informações apresentadas e a prática corrente de uso da mamadeira conduziu à reflexão sobre o nível de penetração, de enraizamento social, da prática de se empregar produtos industriais, criados pelo homem, acrescidos de valor simbólico, para permear e mediar ações humanas. Os professores demonstraram especial preocupação com o fato de os designers participarem da engrenagem desse sistema, mas, como usuários, reconheceram que a função do produto vai além do seu mero emprego como mediador da ação de alimentar bebês.

— Essa ideia de que nós somos vítimas de uma cultura do objeto, que nos faz receber (enquanto designers) sem nenhum questionamento alguma demanda de projeto, é que me deixa muito aturdida e sem chão.

— Estou com um filho de dois anos, completados na semana passada, que toma muita mamadeira até hoje como complemento. Ele foi amamentado até um ano e pouco, mas até hoje toma mamadeira na hora de dormir. Pra mim, há dois aspectos importantes. A função que a mamadeira exerce na hora que a criança está saudável e na hora de dormir, vai e toma sua mamadeira. Tem um lado positivo nessa história que eu acho que não devemos descartar de cara a mamadeira porque ela tem a sua valia, a sua função. Por outro lado, há uma coisa muito complicada que é a gente criar produtos que transmitem uma confiança, pois além da forma específica, desenhamos também a mensagem que o produto transmitirá. Qualquer dessas mamadeiras promove uma sensação de extrema confiança e a gente tem como premissa contemplar essas questões porque isso faz parte da nossa profissão. E uma das coisas que assustam um pouco é você ver que os produtos podem não ser adequados, mas eles são extremamente sedutores. Eles passam a mensagem de que podemos confiar neles. É muito comum você entrar apressado numa farmácia, precisando trocar a mamadeira do seu filho, que já está velha, e então você bate o olho na marca famosa, passa a mão e leva. Você não olha o que está levando. [...] a mamadeira é objeto presente na vida dele até hoje. Eu me confesso ainda um pouco re-

sistente – apesar de ver tudo o que foi mostrado, (mas me pergunto se) não existe uma função positiva pra ela em momentos da vida da criança.

— É aquela história, ah não, meu filho vai ter o melhor o tempo todo! Vou dar a (mamadeira de) Karin Rachid porque é muito melhor do que esse copinho aqui! É uma coisa cultural que vem imposta pra gente desde os anos 60, eu acho.

— A massificação da informação faz com que ela seja digerida em dois segundos. Essa do Karin Rachid virou objeto de desejo muito mais do que um objeto utilitário. Mas para a mãe: eu sou chiquérrima, vou comprar uma bateria de mamadeiras diferentes para o meu filho e assim ficar na última moda!

— Fico pensando que não tem nada que supere o nosso hipoglós. As mães brasileiras, quando eu viajava, pediam para eu trazer Dizitin só porque é americano. Então tem essa coisa do "sistema de objetos do meu bebê", que não é para o bebê, é para a mãe. Mas me lembro que quando eu queria botar minha filha pra dormir, quando ela já tinha perto de um ano e meio, a técnica era botar no carro, amarrar na cadeirinha e dar a mamadeira. Era o ritual, e não adiantava dar qualquer outra coisa, era a mamadeira [...] a mamadeira tem o grande objetivo de dar autonomia para a criança e para a mãe também. [...] a função não pode morrer de uma hora pra outra: as crianças precisam ser alimentadas artificialmente, elas vão continuar pedindo alguma coisa quando acordam para suas mães, as mães vão ter que continuar dando alguma coisa para seus filhos pra completar aquele ciclo de ir para a cama, não dá para os objetos sumirem de uma hora para a outra.

— Vejo parte dessas mamadeiras muito mais como objeto de desejo da mãe do que uma coisa funcional. Então eu pegava esse objeto na loja, percebia esse cantinho e pensava: mas como vou conseguir lavar isso depois? Mas em geral, as mães só olhavam assim: Ai, tem azul? Ah, então não posso levar esse modelo. Tem rosa daquele? Então quero aquele. Considerando que todas custassem mais ou menos a mesma coisa, virou objeto de consumo. Acho que a do Karin Rachid tem muito a ver com isso, é um produto que você vai exibir.

— Você tem informações críticas, atuais, mas (a exemplo do que ocorre com o cigarro) briga o tempo todo com o seu teórico, pois aquela imagem bacana foi gravada em você [...]. Agora uma mamadeira vai ter que vir sem cor pra não ter conotação simbólica.

— Chegamos a esse problema da mamadeira elitizando o produto.

— Essa elitização acaba tendo relação com o consumo. Ele é modelo, então as pessoas que não podem, acabam querendo também porque é aquilo que estamos consumindo. [...] A cesariana era uma opção, mas virou o melhor porque era uma opção de elite.

— Se você cria esses modelos elitizados, que toda a comunidade do entorno reproduz, é porque não está sendo valorizado aquilo que é repertório realmente possível para essa comunidade.

— A pessoa deseja uma mamadeira até para não se sentir excluída do sistema.

Vale dizer que a continuidade dos assuntos não corresponde necessariamente a apenas uma reunião. A recorrência dos temas permitiu que as falas fossem aqui encadeadas, demonstrando em parte a ótica de análise dos participantes, todos eles designers.

5.4.3 A malha de interesses que propicia a problemática

Percebe-se então a existência de um contexto intrincado que viabiliza e referenda a inserção dos leites artificiais e das mamadeiras na cultura:

> — A questão, muito bem abordada na apresentação, é que há uma malha de interesses, quer dizer, é uma indústria farmacêutica pesada acenando com perspectivas de ganho muito grandes para os próprios médicos; essa medicalização dos cuidados com a parturiente, a criança e tudo mais, e até mesmo acenando nas campanhas como algo bom para a criança: eu vou ser uma boa mãe na medida em que fizer isso. Quer dizer, não há bandido nessa história, só tem mocinho, né?
>
> — Só tem mocinho e vítima, né? Gozado, tá faltando um bandido.
>
> — Na verdade as crianças são aquinhoadas.

Esse trecho do debate foi seguido de comentário, feito pela anfitriã, que agregava àquilo que havia sido dito informações sobre o recurso promocional empregado pela Nestlé em recente comercial de TV (a mãe, como *expert* em leites, recomendando os leites da empresa); o fato de recentemente indústrias alimentícias brasileiras terem fechado acordo de não realizar propaganda dirigida ao público infantil; o fato de o relatório do IBFAN ter demonstrado retrocesso nos níveis de controle da conduta pró-amamentação na União Europeia (sinal de que as indústrias estão investindo em suas estratégias) e o consequente lançamento da boneca que amamenta.

O raciocínio, simples e coloquial, que levou a identificar "mocinhos", "vítimas" e ausência de "bandidos" é muito expressivo. Pode mesmo ser aplicado à questão como um todo, ou seja, referente a toda a problemática da necessidade de reavaliar a produção industrial. Pois o discurso das empresas é de recomendação enfática dos produtos; eloquentes são os danos de alguns produtos sobre seus usuários, silenciados tantas vezes pelo poder de penetração da voz dos produtores. Não há "bandidos".

Prosseguindo,

> — Você também não acha, como disse, que isso resulta também da forma com que funciona essa parceria com a comunidade médica? Eu vejo duas coisas. A primeira que a Nestlé pautou seu discurso na questão da confiança. Então quem é a sua primeira fonte de consulta, se você dá ou não peito, dá ou não leite de mamadeira? O médico, o pediatra que eles chamam de neonatal, que está na sala de parto. Esse pediatra, que talvez seja o que acompanhe o bebê depois, ele vai (teria que) dizer: olha, é assim mesmo, tem que tentar e se ficar machucado tenta o outro peito, que não está abaixo do peso, é assim mesmo. Não, mas ele tá magrinho! Mas é normal. Ele vai (deveria ir) te convencendo e te dando essa confiança.

— (O leite e a mamadeira) são economicamente mais rentáveis para os médicos e para os hospitais.

— O que o médico receita é porque que a indústria indica, e o médico é uma classe que goza de muita fé das pessoas, porque ele lida com a cabeça da gente, com a nossa vida, então acreditamos nele e precisamos acreditar nele. A gente coloca a vida da gente na mão do médico. Ele tomou o lugar do padre, da religião.

— Eu (sou designer, mas) quando fiz medicina, a aula inaugural da gente era com um professor bem velhinho, que dava as dicas de como se entrar na casa de um paciente: um pigarro antes da soleira para demonstrar sua autoridade, esconder as mãos pra aparentar segurança, demonstrar que você tinha uma sapiência.

Não é difícil identificar o comprometimento inicial entre a indústria e a área médica a partir do início do raciocínio sobre o alto nível de implantação da cultura da mamadeira e dos leites artificiais em nossa sociedade. Como já visto, a invenção dos leites industriais necessitou de uma "ponta de lança", uma veia de penetração que garantisse a aceitação do novo produto no mercado. Mesmo que a área médica tenha sido a fonte dos estudos científicos que deflagraram o perigo do produto, a mesma área foi responsável por promover a expressiva penetração da mamadeira nos hábitos da população, uma penetração referendada por profissionais encarregados de zelar pela saúde das pessoas. E isso em grande parte se deve ao fato de que as empresas detêm capital para investimento em pesquisa. Empresas privadas, institutos de pesquisa estatais e universidades constituem pólos de pesquisa, mas a capacidade financeira e os objetivos estratégicos das empresas fomentam ali muito substancialmente a geração de resultados. A realização de pesquisas tende a gerar credibilidade sobre produtos. Sem a pesquisa, o que existe é acomodação sem evolução, como tratado no trecho a seguir:

— Às vezes recebemos uma crítica de algumas áreas: (a de) que um investimento tecnológico (que envolve pesquisa) pra gerar um produto, às vezes associava um consumo. [...] (Com) uma baixa grande de consumo, a indústria vai dizer: então não vou investir em pesquisa e vocês não vão saber qual é o melhor plástico. É uma argumentação que vai surgir. E a indústria vai ficar sempre isenta de qualquer coisa.

Em outras palavras, o professor referia-se à pratica de as empresas contratarem pesquisadores de várias áreas (inclusive em universidades) visando à geração de produtos para o consumo. Vista por muitos como "conivência" entre pesquisador e indústria, a ausência dessa parceria acarretaria, hipoteticamente, uma estagnação tecnológica da produção, o que não é aceitável para o modelo econômico nem desejável pela sociedade. Mas o problema reside em que algumas descobertas científicas, como no caso das mamadeiras e do leite em pó, ficaram encobertas, a fim de não desestruturar sistemas econômicos e de consumo já instalados.

Assim, na reunião de professores, a produção industrial foi à berlinda.

5.4.4 Sobre a necessidade de reavaliar a produção industrial

A proposta de reavaliar a produção industrial confere sentido a esta pesquisa e foi colocada claramente aos professores no início da apresentação de *slides*. Mas o rumo tomado pelas conversas chegou ao tema de forma natural, como consequência do raciocínio desenvolvido pelos participantes.

> — Sabendo que teríamos essa reunião, hoje fiquei chocada ao saber da notícia de que um outro objeto consagrado pela cultura, que a gente não questiona, o carrinho de supermercado, que todas as crianças andam naquele carrinho, é muito perigoso. Morreu hoje de manhã uma criança que caiu do carrinho: a mãe foi pegar alguma coisa e a criança caiu do carrinho e morreu. O Boechat (jornalista) estava chocado, uma criança de três anos. Tem ação mais cotidiana? Carrinho não é um objeto só pra gente botar compras, é um lugar que a gente bota filho porque a gente não tem o que fazer com filho na hora que a gente vai pro mercado! E hoje ela caiu, foi pra casa, criou-se um edema ou algo assim e morreu.
>
> — Pois é, o próprio cinto de segurança. O cinto, às vezes, se mostra dificílimo de abrir. O João Hélio e outro dia uma grávida... por dificuldade de abrir o cinto, coisa que a gente sabe que é difícil mesmo em algumas ocasiões, como nessas, por pânico e pressão de violência.
>
> — Objetos que a princípio são projetados para facilitar o cotidiano, pra salvar vidas, acabam podendo ser mediadores de tragédias.

A reflexão sobre os efeitos causados pelos produtos que nos acostumamos a utilizar pode conduzir ao estranhamento, ou melhor, à atenção a aspectos que tendem a passar despercebidos, suplantados pela dependência que desenvolvemos em relação a esses produtos, pela confiança que depositamos neles. O caso do carrinho de supermercado, citado por um dos professores, é raro (talvez mesmo único), mas a percepção de que o ele também tem a função de carregar crianças conduz à necessidade de considerar esse dado no momento do projeto, pois se trata de um dado concreto, objetivo. O cinto de segurança já deu incontáveis provas de eficiência ao proteger passageiros de todas as idades em diferentes meios de transporte. Não se está questionando sua necessidade, mas sim sua configuração e dispositivos de funcionamento, uma vez que casos não raros demonstram dificuldades em manejá-los.

Trazendo a discussão para outros utensílios empregados na alimentação de bebês, um trecho reafirma o quanto o consumidor encontra-se muitas vezes perdido em relação aos produtos que fazem parte do sistema de objetos que se acostumou a considerar como "natural":

> — Conheci mães que tinham tido bebês no mesmo hospital e diziam: ah, você ainda está amamentando? Mas já não está trabalhando? E eu respondia: sim, eu voltei a trabalhar, mas já vinha tirando leite, armazenando [tinha entrado em contato com as Amigas do Peito]. Alguém me deu uma bomba (bomba tira-leite) e falei com as Amigas do Peito que disseram: não, não deve usar bomba, deve ser manual (ordenha manual) etc. Então comprei uns vidros e armazenei. E conheci uma moça numa pracinha. Nossos bebês eram mais ou me-

> nos da mesma idade e ela dizia: é, mas agora estou com um problema muito sério, acho que vou parar de amamentar porque não estou mais produzindo leite. E perguntei: mas você tem se alimentado bem, aquelas questões, tem dado de mamar? Ela respondeu: não, dar de mamar não, porque aluguei aquela bomba e descobri que a própria maternidade aluga bombas automáticas que fazem a sucção. E essa sucção acaba parando a produção do leite.

As bombas automáticas de sucção de leite materno para armazenamento de leite estão presentes dentre os aparatos industriais que envolvem a alimentação de bebês. Elas se destinam às mães que amamentam, e esse dado parece muito positivo em meio a uma tendência maior de migração para o leite artificial, embora muitas vezes envolva a mamadeira para a administração do alimento. As bombas mais sofisticadas vêm sendo disponibilizadas por maternidades e outras empresas para aluguel por mães lactantes, uma vez que seu alto custo não justificaria comprá-las para usá-las por num período tão restrito. No entanto, elas realizam movimentos artificiais no seio que acabam por suspender a produção de leite em muitos casos[199]. Essas bombas, junto às mamadeiras, bicos, chupetas e protetores de seios, estão incluídas na lista de produtos desaconselhados pela NBCAL, submetidos a controle de comercialização de acordo com o Código Internacional. Neste fato se pode constatar mais uma "armadilha": sob o intuito de prosseguir amamentando, o uso da bomba conduz ao resultado contrário, o progressivo desmame.

Interessante ver também que a professora salienta que o fato de ter recorrido à organização da sociedade civil (o grupo de apoio Amigas do Peito) lhe garantiu acesso à informação correta. Maternidades, lugares que deveriam disseminar a informação, alugam bombas automáticas.

Foi considerada também a simplicidade formal do copinho, em comparação com a complexidade da mamadeira: "acho que eles vendem uma tecnologia, uma complicação completamente desnecessária. Se o copinho funciona, para que a gente precisa dessa tralha toda?"

Cabe comentar neste ponto que a proposta de substituir a mamadeira pelo copinho — referendada pelas iniciativas que protegem a amamentação — provocou surpresa e relativa desconfiança nos professores participantes das reuniões. Em primeiro lugar, porque a forma subentende a necessidade inequívoca da presença de alguém na administração do alimento à criança. Em segundo lugar, porque o sucesso da administração de leite em copinho requer muito treino, como foi apontado pela pediatra presente em uma das reuniões. Finalmente, porque os modelos de copinho apresentados estarem muito distantes de uma situação formal que resulte em eficácia de administração de líquidos, pois de imediato foi previsto o risco de vazamentos pelos lados, a fragilidade do material etc. No entanto, os designers entenderam que a proposta constitui um desafio muito promissor e alguns participantes comentaram que a alimentação de bebês deve ser sempre acompanhada por um adulto, como premissa.

---

199 Em conversa posterior com enfermeiras do IFF, foi revelado que há, sim, situações em que a bomba automática é indicada. Porém, seu uso não deve ser indiscriminado.

A simplicidade formal do copinho forneceu indícios de que estamos sendo ludibriados por ilusões tecnológicas que necessitam realmente de revisão, conduzindo os professores de design a reflexões importantes sobre a metodologia ensinada e aplicada no desenvolvimento de projetos de design.

5.4.5 Reflexões sobre metodologia de projeto em design

O método de trabalho aplicado em projetos de design particulariza a profissão. O entorno técnico, considerado de modo o mais abrangente possível — sob os ângulos econômicos, sociais, simbólicos, políticos e produtivos da demanda de um projeto — permite o mapeamento da questão em busca de uma solução eficiente.

No ensino e na prática de design, pode-se dizer que as seguintes etapas metodológicas são percorridas: levantamento de dados (incluindo levantamento e análise de produtos análogos), diagnóstico do entorno da demanda de projeto, geração de alternativas, adoção de partido, desenvolvimento do partido adotado, experimentação e conclusão.

A fala dos professores acerca da metodologia, entretanto, sinaliza uma falha estrutural, intimamente ligada à inclusão dos profissionais na cultura do objeto e na lógica do consumo:

> — É assim como se estivesse faltando um pedaço na metodologia que a gente sempre aplicou no ensino, de se aprofundar, mas com todo o cuidado e atenção e coragem pra entender pra que estou projetando, que ação estou projetando, abstrata: não é dar mamadeira ao meu filho, é alimentar uma criança... e investigar a alimentação da criança e não começar como a gente faz, vendo todas as outras mamadeiras. Porque a ideia que se tem é de que a mamadeira é um produto insuspeito. [...] penso nessa ideia que temos que projetar para ações, e não mandar aluno fazer um produto, né? Vamos fazer uma luminária! Vamos fazer uma mamadeira! É projetar para a ação de iluminar, de alimentar bebês, com todo um processo de investigação...
>
> — Complementando isso, não é uma questão de se resolver o produto em si. [...] é pra se ver o problema numa visão sistêmica ampla: não é projetar uma mamadeira, e sim como alimentar uma criança.
>
> — A mamadeira tem o grande objetivo de dar autonomia para a criança e para a mãe também. Então eu acho que só amplia esse processo de projetar uma ação: "o que é, o que é" que as mães vão dar com alguma coisa para a criança se distrair e ter autonomia?
>
> — O principal é se colocar diante da questão refletindo sobre o produto, inclusive sobre a necessidade daquele produto, a existência daquele produto. Quer dizer, já está estabelecido no mercado que existe a mamadeira. A nossa função como designers hoje é refletir sobre o produto que está colocado no mercado, não só em termos do redesenho, mas... puf! (o produto) sumiu: vamos pensar no processo (na ação de alimentar) e não mais no produto. Principalmente hoje o designer tem que se voltar para o design de processos, podendo até chegar à conclusão no final de que é preciso um produto para dar su-

porte ao processo, mas primeiro fazer o que você está fazendo, que é pontuar todas as variáveis, desde a mortalidade infantil até a negação da mãe por uma questão estética. Essa roda toda é uma roda ética. Então nós temos que passar para esses alunos que você não faz um projeto sem ter uma reflexão sobre o processo. [...] se o aluno tiver uma fundamentação do processo forte, que ele tem que receber dentro da universidade, aí ele vai questionar e colocar o empresário em questionamento, porque aí entra a questão da sustentabilidade que, daqui pra frente, as indústrias que estiverem rumando somente para o lucro vão dar com os burros n'água.

Os trechos acima, colhidos nas duas reuniões, chegam ao mesmo ponto, identificando a necessidade de se refletir sobre a ação de alimentar bebês, sobre o processo humano que propicia a existência do produto. A visão sistêmica permite questionar a própria existência da mamadeira, criando condições, apenas a partir daí, para a consideração de seus fatores formais e funcionais.

Os termos "projetar ações" e "projetar processos", todavia, necessitam de maiores explicações. Evidentemente a ideia não é planejar as etapas que os consumidores realizarão para usar o produto, mas considerar como estágio metodológico a escuta e observação dos passos e etapas que propiciam a demanda do objeto, como que "passando a limpo" os motivos que levaram à sua concepção. Aplicações outras, além das planejadas originalmente, são comuns na relação do usuário com os objetos (como, por exemplo, a aplicação da mamadeira para tranquilizar a criança e fazê-la dormir), o que constitui um dado importante a ser considerado como item de *briefing*.

A reflexão sobre a metodologia do design toca diretamente na questão ética. "Essa roda toda é uma roda ética", ou seja, a demanda pelo produto envolve complexidades diversas que, se desrespeitadas ou ignoradas, terminam por contrariar a razão de ser do objeto, qual seja a de suprir uma necessidade do usuário. Desse modo, a mortalidade infantil e os atuais padrões estéticos que tantas vezes apartam as mulheres da opção pela amamentação são dados fundamentais para o projeto de um meio alternativo para a alimentação de bebês.

Os professores reconheceram a função da universidade na construção e aprimoramento da conduta ética profissional:

— A ética tem que estar em todas as disciplinas (do curso), e não localizada (em apenas uma disciplina)...

— O aluno chega e diz para o professor: "Professor, vou fazer um projeto de mamadeira". Então o professor diz: "Você já pesquisou sobre mamadeira?", porque na hora que pesquisar talvez não vá mais querer fazer! Vá pesquisar na Internet. O menino vai lá e vai ficar com aquilo que ouviu do professor na cabeça. Mas se o professor disser: "Mamadeira? Esse é um mercado de consumo fantástico!", esse aluno vai com outra cabeça! Então eu acho que é um pouco da nossa responsabilidade como professores.

A grade curricular do curso de design da PUC contempla a disciplina "Ética Profissional", como provavelmente ocorre em outros cursos universitários de design. O primeiro comentário questiona se a presença de tal disciplina

na grade não estará de alguma forma localizando a informação de maneira estanque e, em algum grau, isentando as demais disciplinas do curso da ênfase permanente ao assunto. Essa hipótese impressiona, pois não há dúvida de que todas as disciplinas, todas as situações devam incluir a ética como princípio. Mas também não é de todo incoerente que a divisão de conteúdos entre as disciplinas acadêmicas conduza a certo relaxamento quando está instituído que em uma delas a questão será especialmente abordada. O segundo comentário procura exemplificar possível resultado que a aplicação de tal ênfase poderia gerar numa cadeira de Projeto, concluindo ser também responsabilidade de todos os professores, e não apenas da instituição universitária, a função de multiplicar tal conduta e fomentar essa consciência.

5.4.6 Autoquestionamento profissional

Pode-se dizer que todo o debate teve como efeito a condução dos presentes a um autoquestionamento, o que, em parte, foi ensejado pela única pergunta dirigida pela anfitriã aos professores:

> — Vocês estão aqui como professores de design, como formadores de opinião, como consumidores e pesquisadores. Diante de tudo o que foi exposto, como vocês se colocam? Em outras palavras, o que desejo conhecer é o impacto dessa informação sobre vocês, que são professores de design que, possivelmente como eu, há cerca de dois anos, receberiam a proposta de projeto de uma mamadeira de braços abertos.

Em um primeiro momento, os professores identificaram que o fato de o design poder estabelecer fronteiras com as mais diversas áreas de conhecimento (como com a área médica, a área financeira ou de engenharia etc.) muitas vezes conduz a uma aproximação não suficientemente aprofundada desses conhecimentos. Porém, como o resultado final sairá das mãos do designer, é reconhecida a sua responsabilidade pelo sucesso ou pelas falhas e imprecisões que o produto vier a apresentar.

> — Os designers estão ficando muito... a gente diz que é uma profissão interdisciplinar mas sai projetando sem consultar pelo menos as pessoas que deveriam estar envolvidas naquele projeto. Profissionais da área de saúde estão dizendo que lamber que nem gatinho é mais saudável e importante do que a mamadeira. Então, eu acho que temos que enfiar a viola no saco e ouvir mais.
>
> — Eu acho que a gente tem que entender o processo para poder projetar. Só confiar no técnico não basta.
>
> — Não é um conhecimento que a gente domina, mas, como qualquer outro objeto, estamos sempre tentando dominar conhecimentos alheios (eu trabalho muito com engenheiros e a cada dia aprendo coisas novas que não aprendi na escola, embora não me coubesse mesmo aprender). Acho que isso é inevitável.
>
> — O designer, como você falou, vai ter que assumir essa responsabilidade. Você faz uma coisa de uma gravidade... É uma coisa mais ontológica, de perceber na base da profissão essa responsabilidade, que aí não é só o design, mas a soci-

edade como um todo e o mercado no sentido de que, olha, produzir uma cadeira tem consequências muito grandes.

Houve também certo incômodo dos presentes quanto à sofisticação formal das mamadeiras atuais — que traduz evolução, progresso, desenvolvimento tecnológico, mas incorre nos mesmos graves erros de modelos anteriores, que eram muito mais simples. Um engodo promovido também pelo trabalho dos designers.

— Durante décadas as pessoas usaram isso (mamadeiras simples, de vidro) e, a rigor, elas traziam os mesmos problemas que essas de hoje, cheias de tecnologia, que certamente custam muito caro.

— Você olha pra isso aqui [...] e fica impressionado: o progresso está aqui!, como bem foi colocado na apresentação. Alteração técnica não é a mesma coisa que evolução.

Finalizando a análise da categoria sobre o autoquestionamento profissional, cabe sublinhar que foi mencionada a histórica tendência de o design se hibridizar com o marketing, fenômeno que se intensifica com as correntezas atuais de mercado:

— Então eu perguntei a ele (um aluno): você quer ser designer ou marqueteiro? Porque era para apresentar a questão da responsabilidade sócio ambiental num site de indústria, e o cara veio com um discurso totalmente de marketing. Mas esse discurso está impregnado aqui dentro!

— Está impregnado no design, não apenas aqui dentro (da PUC).

No caso do design, o autoquestionamento profissional — sob diversos ângulos — é uma tônica obrigatória, pois nossa atividade está ontologicamente comprometida com a geração de produtos para o consumo, produzidos por métodos industriais, com vida útil determinada. A reflexão neste momento analisada enfoca principalmente o problema na seara da formação de profissionais, ou seja, na base de tudo.

5.4.7 Visualização das funções do design mediante a problemática

O vislumbre de vias de ação para uma participação ativa do design na mudança do quadro atual da alimentação de bebês identificou a necessidade de alterar, por meio do fornecimento de informação, a ideia equivocada que a sociedade tem da questão.

— A questão é, primeiro, voltar a esclarecer [...] que amamentar não é deselegante, que é uma prática saudável, que não existe leite fraco, todo um trabalho de cultura, ligado à Comunicação Visual, para a orientação voltar a ser uma ação valorizada socialmente. Parecido com o que fizeram com o cigarro, que antigamente era charmosíssimo e agora é o fim do mundo. É fazer o contrário com a amamentação: amamentação é tudo de bom.

— Grandes campanhas estimulando essas mulheres a amamentar, o que é a mama, dizer nas escolas, porque não se sabe o que é a mama.

— É uma questão de informação, de fazer todo um movimento de esclarecimento.

— Bacana você amamentar porque reduz as chances de câncer... Tanto pra mulher, quanto pra criança, quanto pra economia... Pro emocional, o estabelecimento de um vínculo etc. Isso tudo deve ser o contraponto a certas seduções que existem. [...] (Ocasiões como esta de hoje) são importantes, porque com todo esse embasamento, com toda essa pesquisa, com a nossa formação profissional, podemos ser um meio muito eficaz pra mostrar essas coisas. [...] podendo atuar no aspecto dessas informações terem a melhor difusão, não fazendo: ah, isso aqui é uma coisa horrível, e tal, fogueira nas mamadeiras..., mas mostrar outros lados que são importantes. E até mesmo ver essa questão do chamado copinho, que não se tem muita clareza como usa, onde usa, e deve ser complicado, vai derramar... Os benefícios...

— Eu acho que é um trabalho grande de comunicação, de difusão da informação e de projeto pra lidar com este problema. Como já dito aqui, se há problema, há solução. Eu achei estimulante estar aqui.

— (As campanhas) estão sendo feitas, não sei se você tem dados de retorno, eu já vi, do mesmo jeito que vejo crianças já com senso ecológico, as campanhas de amamentação estão muito fortes e devem dar resultado. Eu sou otimista com relação a esse resultado.

Houve concordância quando a anfitriã disse: "A verdade é que a sociedade inteira precisa ser alfabetizada com relação a esse assunto", assim como em relação a tantos outros assuntos, tarefa vinculada ao trabalho do designer gráfico. Incomoda constatar, entretanto, que problemáticas como a tratada na campanha *Madrinhas da amamentação* implementam mudanças positivas — realizando o objetivo de informar a sociedade — mas atingem quase exclusivamente as camadas da população que frequentam as instituições públicas de saúde.

Estas campanhas demonstram que há um ponto por onde começar. Mas como realizar isso? Qual empresa financiará a disseminação de informações que desencorajam o consumo de produtos consagrados? Qual empresa ou instituição pública irá se arriscar a "furar" uma cultura fundada e sustentada por corporações que estão nos primeiros lugares nos *rankings* mundiais de importância econômica e empatia com o público?

Mais uma vez uma saída pode estar na universidade, nos cursos de design, nas mãos dos professores e dos alunos. A exemplo da universidade britânica, que promoveu concurso de cartazes pró-amamentação em 2008, citada no capítulo 4, o espaço universitário é local de reflexão e experimentação, isento de ligações comerciais, comprometido com a geração de conhecimento e com pesquisa, dotado de credibilidade junto à sociedade. Parece, assim, ser mister o envolvimento dos cursos de design na geração de uma produção comprometida com demandas emergenciais como a aqui tratada, para além do preparo concentrado do aluno em simulações do mercado de trabalho.

Além da função do design de auxiliar a transformação do quadro atual de luta em prol da amamentação por intermédio da informação, nas reuniões

foi constatado um espaço potencial para a criação e o lançamento de muitos produtos industriais que referendem as novas diretrizes de alimentação de bebês, como potes de armazenamento para o leite ordenhado, copinhos, sistemas de transporte para leite doado, condições de conforto físico para a mãe que amamenta, vestuário, utensílios para o treinamento de gestantes, dentre muitos outros aparatos da ação de alimentar bebês, merecedores de investigação e de projeto.

6
Por uma avaliação periódica da produção industrial

A tese aqui defendida é a necessidade de serem adotados princípios e métodos que viabilizem a avaliação periódica da produção industrial. Essa é nossa contribuição para que o consumo possa se dar a partir de posturas racionais, conforme exigem as novas diretrizes sociais e ambientais.

Sem dúvida, esse é um alvo ainda distante. Para alcançá-lo será necessária uma grande determinação social, fortes mudanças empresariais e estatais. O alvo envolve uma alteração tão radical de conduta que se poderá até indagar se atingi-lo pertence à ordem da possibilidade. Entretanto, se para além dos inegáveis esforços e mudanças que já vêm sendo realizados, e se a base do problema sob a responsabilidade dos designers for ajustada, tudo indica que ocorrerão transformações importantes.

Sigamos um raciocínio. Os produtos industriais estão associados a conjuntos de áreas profissionais. Um instrumento cirúrgico, por exemplo, está associado à medicina, à enfermagem, à química, à engenharia de materiais, ao design etc. É coerente que iniciativas de concepção, produção e possível reavaliação de produtos relacionados a essas áreas contem com a participação de seus profissionais.

Diante de tudo o que foi aqui exposto sobre as mamadeiras, é preciso ressaltar que mais do que a ideia de co-autoria, acompanhamento ou avaliação, é indispensável haver claros valores regendo a formação e a atuação dos profissionais de todas as áreas relacionadas aos produtos.

A adesão dos designers a correntezas de mercado e de consumo que concedem *status* de eficiência ao produto tende a atuar como motor de propulsão do processo de permanência da mamadeira como meio "seguro" de alimentar bebês. Se, ao contrário, sinalizassem a existência dos problemas, estariam contribuindo para que as consequências do uso da mamadeira fossem freadas ou desaceleradas.

Áreas da saúde vêm capitaneando os esforços pró-amamentação e trabalhando com as redes montadas pela sociedade civil para monitorar os códigos de controle de comercialização de produtos — como o leite em pó e as mamadeiras —, além de realizar intenso esforço de treinamento profissional para a implantação das diretrizes da OMS nas práticas médicas. Apesar disso, enfrentam diversas resistências e obstáculos internos e externos à área, e com eles defrontam-se numa tal dinâmica de ação que merece a denominação (mais coloquial) de *luta*. O *componente político* da expressão é assumido pela classe e por

todos os envolvidos na questão, pois se trata de um combate a uma cultura instalada na sociedade e a correntezas empresariais muito poderosas, que apenas podem ser enfrentadas com transformações de comportamento promovidas e respaldadas por medidas governamentais. O *componente ideológico* da expressão tem o sentido de defesa dos direitos humanos, sendo também assumido pelos militantes da causa e por membros da sociedade que absorveram as condutas de apoio à amamentação.

Enquanto isso, a área profissional responsável por configurar as mamadeiras parece estar praticamente alheia ao problema, dedicando-se a modernizar o produto.

Como alterar tal quadro? Como fazer com que os profissionais do design se inteirem da questão e aceitem o desafio de conceber produtos coerentes com o paradigma científico alcançado sobre a administração de alimentos a bebês? E, para além das mamadeiras, como incluir na conduta estrutural desses profissionais a postura projetual de sempre refletir sobre a validade e adequação de produtos em geral?

O exame da situação sinaliza a necessidade de se dar um passo preliminar, mesmo que seus resultados não consigam alterar o quadro na velocidade e intensidade necessárias. **A saída é a inserção da prática acadêmica de reavaliação de produtos industriais como passo metodológico na formação de profissionais de design. Assumir, por conduta, o hábito de desconstruir o produto com a finalidade de checar seu nível de adequação às condutas preconizadas aos produtos, seu potencial de aprimoramento ou sinais de exigência de re-concepção.**

Esses pontos serão aqui defendidos partindo-se do âmbito geral das práticas de consumo em direção ao âmbito específico do ensino de design.

6.1
A avaliação periódica da produção industrial como valor para a edificação de uma cultura sensata de consumo

Não há como abrir mão do conforto que os produtos nos proporcionam, dos valores que adicionam ao nosso cotidiano, do prazer que temos ao adquiri-los, incluindo-os em nossas vidas. Enfim, não deixaremos de comprar, e a indústria e o comércio continuarão a estruturar nosso sistema econômico.

Quando compramos, não costumamos pensar que aqueles são elementos de um intrincado jogo que envolve injustiças sociais, influências econômicas, interesses políticos, consequências ambientais. O produto é novo, é puro, é zero quilômetro. Ele é uma chave que nos permite participar dos progressos alcançados no mundo, sua aquisição é um sinal de desenvolvimento individual; sua posse, um símbolo do alcance de patamares de liberdade.

Mas quando o produto nos traz problemas, revelando-se perigoso, de difícil compreensão e manuseio, ou, ainda, frágil, muitas vezes nos voltamos contra ele com indignação, afinal sua origem industrial e sua publicidade nos

prometiam eficiência, além de modernidade. Assim, às vezes percebemos que o uso de um produto pode nos trazer consequências negativas.

Às vezes não percebemos isso. No caso específico aqui tratado, os perigos e males provocados pela mamadeira são invisíveis. Muitos pediatras a recomendam, as bonecas a trazem como acessório, todos a utilizam corriqueiramente. As empresas têm tradição e fazem pesquisas de ponta para aperfeiçoá-la. O produto nos proporciona sossego, descanso, momentos de liberdade.

Figura 150. O princípio elementar do problema.

Entretanto, esses argumentos podem ser derrubados por poucas palavras: **As mamadeiras são compostas de várias partes, conectadas por roscas. Para diluir o leite em pó é necessário misturá-lo com água. Feita a solução, depois de duas horas em temperatura ambiente as bactérias começam a se reproduzir, encontrando ali ambiente adequado. A esterilização constante do produto mata as bactérias, mas sabe-se que muitas pessoas não dispõem desse recurso, nem dispõem de água de qualidade.**

O que era invisível torna-se tão claro e elementar que chega a provocar constrangimento, especialmente nos designers. Como não havíamos pensado nisso antes? Como não fomos capazes de olhar criticamente para o produto e sintetizar conhecimentos simples que já dominávamos: a complexidade das peças dificultando a higienização, a existência de bactérias e o problema mundial de acesso a água?

Ao constatar que há mais de 35 anos uma luta mundial é respaldada por estudos científicos — encabeçada por entidades como a OMS, a Unicef e muitas outras organizações civis que promovem mobilização internacional e conquistam tomadas de medidas estatais— vem tentando alertar as pessoas sobre o problema, ao constrangimento dos designers é acrescida a consciência quanto ao nosso nível de embotamento como consumidores.

O mundo entra numa fase em que as consequências provocadas pela escalada do progresso tornaram-se evidentes, as desigualdades são abertamente divulgadas por intermédio dos índices de desenvolvimento político, econômico e humano e foi conquistada a noção de quão relativa é a ideia de liberdade[200].

Talvez mais eloquentes que as guerras, o terrorismo ou as desigualdades sejam as mudanças climáticas que, sem qualquer discriminação, atingem a todos com furacões, chuvas torrenciais, derretimento dos pólos, desertificação, incêndios, terremotos e demais desastres ambientais. A gravidade do problema não foi suficiente para integrar as estratégias e medidas estatais de combate aos efeitos do aquecimento global esperadas como fruto da Conferência do Clima promovida pelo ONU em Copenhagen em dezembro de 2009. Um documento sem valor legal ou metas de redução de emissões foi gerado após extensas e conturbadas negociações entre os 193 países participantes, mas nem todos eles o assinaram. Considerado *fraco* pelas delegações que o redigiram, na opinião de Ban Ki-Moon, Secretário Geral da ONU, o documento representa, entretanto, um começo essencial. Mas os objetivos voluntários de corte de CO2 dos países signatá-

[200] A relatividade do conceito liberdade foi recentemente ilustrada pelo anúncio de envio de novas tropas ao Afeganistão e ao Iraque pelo presidente Barack Obama, na cerimônia em que ele recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

rios somarão apenas 20% de redução global até 2050, o que está abaixo da recomendação oficial do IPCC, que é de 25%. A campanha do Greenpeace, lançada na abertura da conferência, traduz, portanto, a preocupação que persiste[201].

Figura 151. Campanha do Greenpeace para a reunião de Copenhage, 2009.

É preciso edificar uma conduta sensata de consumo paralelamente às indispensáveis medidas estatais. Tal conduta não é uma medida a ser tomada pelos governos, mas fruto de uma consciência a ser adquirida pelos consumidores. Se a sociedade não transformar seus valores, sempre haverá mercado para quaisquer produtos.

Figura 152. Embalagem de implantes de silicone para a boneca Barbie.

A Mattel lançou em 2009 implantes de silicone para a boneca Barbie, mencionando, na embalagem, que eles são "iguais aos da mamãe" (*just like Mom's*). O brinquedo é recomendado para crianças a partir dos quatro anos de idade[202].

Enquanto isso, em 2009, a Nestlé lançou uma plataforma promocional no Rio de Janeiro, evidenciando três pilares: nutrição, saúde e bem-estar. A campanha "Rio Faz Bem Nestlé" constou de quatro eventos dirigidos à cidade

[201] Um acordo mínimo. Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, Infoglobo SA, p. 50, 20 de dezembro de 2009.

202 O acontecimento seria cômico se não fosse trágico. Disponível em www.aleitamento.com. Acesso em dezembro de 2009.

que, depois do Estado de São Paulo, segundo a empresa, é "sua principal praça pelo alto consumo de seus produtos":

> O primeiro é o Nescau Energy Street Festival (20 a 22 de novembro), na praia de Copacabana, com presença de Bob Burnquist, estrela do skate mundial, e a patinadora *in-line* Fabíola Silva, também um nome famoso globalmente. Com essa ação, a companhia mira os jovens.
>
> O segundo é o seminário Nestlé Brasil Global, na segunda-feira 23, com o ex-secretário geral da ONU Kofi Annan. O palco desse encontro tem como tema "Criação de valor compartilhado". A palestra será para 400 convidados, entre eles lideranças empresariais, e ocorrerá no Copacabana Palace.
>
> No dia 29 de novembro é a vez da primeira parada da Disney na América do Sul. Chamado "Momentos mágicos", o desfile trará a marca Ninho e percorrerá quatro quilômetros da praia de Copacabana, com figuras clássicas como Zé Carioca e Mickey e personagens como os das produções A Bela e a Fera, Toy Story e O Rei Leão.
>
> O quarto evento será o Chocolates Nestlé Match Cup, torneio de vela que terá Torben Grael entre competidores internacionais. Será realizado entre 4 e 6 de dezembro, na Baía de Guanabara.
>
> Além disso, a plataforma Rio Faz Bem envolve ações pulverizadas. Uma delas é a circulação de ecotáxis, ideia desenvolvida pela Tudo. De quinta-feira a domingo, os veículos — mix de bicicleta com riquixá — circulam gratuitamente pelas orlas de Leblon, Ipanema e Copacabana. [...]. As peças falam da cultura e dos valores do Rio e convidam as pessoas a abraçar a cidade.[203]

Figura 153. A atriz Luana Piovani prestigiou a iniciativa da Nestlé, assim como o skatista Bob Burnquist, a patinadora Fabíola Silva, o velejador Torben Grael e o ex-secretário geral da ONU, Kofi Annan.

Produtos e fatos como os exemplificados, se considerados isoladamente, tendem a passar despercebidos por pessoas que já se acostumaram a esperar da Barbie qualquer tipo de acessório vinculado à moda, e também já se habituaram a conviver com o patrocínio de empresas privadas em eventos culturais, esportivos, profissionais, dentre muitos outros. Somados, entretanto, esses dados configuram duas atualidades singelas dentre as inúmeras estratégias silen-

[203] Material promocional disponível em www.nestle.com.br/site/Novidades/AconteceNaNestle. Acesso em dezembro de 2009.

ciosas que implantam e firmam, subliminarmente, valores que contrariam o que foi descoberto pela ciência há mais de 35 anos: a superioridade do leite materno sobre quaisquer outros alimentos alternativos para bebês e os perigos das fórmulas lácteas a eles dirigidas.

Com os seios de silicone da Barbie, as meninas absorvem para suas brincadeiras, desde muito cedo, a ideia de que os seios são primordialmente um predicado sensual da mulher; e o investimento em atrações ambientalmente corretas, como o eco-taxi, encobre a inadequação de vários produtos da empresa sob a fachada "politico-ambientalmente correta". Além disso, a parceria da Nestlé com personalidades públicas importantes referenda a segurança de seus produtos.

O último número de 2009 da *Revista Veja* "lançou" 2010 como "o ano zero da economia sustentável". Em suas páginas, a retrospectiva habitual foi intercalada por anúncios de muitas empresas, que pautaram seus discursos nas medidas de sua adesão às causas ambientais e sociais. Mas até que ponto isso é verdade? Não há dúvida de que uma nova mentalidade surgirá aos poucos no setor industrial, mas ela apenas será efetiva se a sociedade não "embarcar" acriticamente no que lha bradam discursos promocionais como o da Nestlé.

Em 2010 os esforços do Ministério da Saúde em prol da criação de bancos de leite humano e o consequente apoio à amamentação se direcionarão às regiões Norte e Nordeste. Lá se faz possível uma ação vertical do Estado. O mesmo não acontece na região Sudeste, simultaneamente detentora das menores taxas de aleitamento (o que foi constatado na pesquisa realizada em 1999 e confirmado na de 2008) e do maior mercado consumidor para os leites artificiais. Sede das indústrias em questão, o Sudeste parece constituir o ponto nevrálgico do problema brasileiro: a presença das empresas e seu franco crescimento são importantes para a economia nacional e, além de constituir uma "praça de alto consumo" para os produtos industriais, a região tende a ditar o comportamento às demais, por meio da geração de produtos culturais de alta disseminação.

O lado positivo da história é que, no Sudeste, o governo tem incentivado o crescimento de pólos de conhecimento e criação de tecnologia pró-aleitamento, como os bancos de leite humano. Tais pólos ganham força e autonomia para combater a cultura hegemônica da alimentação artificial, incrementando vetores que concedem certo equilíbrio à equação.

> O Centro de Referência Nacional para Bancos de Leite Humano, com sede no Instituto Fernandes Figueira (IFF), unidade materno-infantil da Fiocruz, foi premiado pela Organização Mundial da Saúde e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento como uma das iniciativas que mais contribuíram para o desenvolvimento humano no Hemisfério Sul, fornecendo soluções

práticas que poderão ser repetidas, expandidas ou adaptadas por outros países.[204]

A campanha de incentivo à amamentação, a NBCAL, o aumento de quatro para seis meses de licença maternidade, a lei que regulamenta a existência de espaços para mães amamentarem em empresas e muitas outras medidas estatais vêm igualmente ganhando destaque nos meios de comunicação. Mas essa situação é também intrincada, pois enquanto há um aumento da presença do assunto em telejornais e novelas, por exemplo (o que denota sinais de adesão à causa), a Nestlé é uma das empresas com espaço de merchandising na novela *Viver a vida*, atração nobre da TV Globo.

Percebe-se que o recurso empregado nas mensagens pró-aleitamento tem sido o de enfatizar a importância da amamentação sem desmerecer ou atacar as indústrias de leite em pó ou mamadeiras, a não ser pela exibição em rodapés (ou carimbos obrigatórios nos produtos) de recomendações expressas tais como: "O Ministério da Saúde adverte: a criança que mama no peito não necessita de mamadeira, bico ou chupeta. O uso de mamadeira, bico ou chupeta prejudica a amamentação e seu uso prolongado prejudica a dentição e a fala da criança".

Por isso chama atenção a estratégia discursiva empregada em *spot* publicitário espanhol divulgado na Internet em 2009. Cenas cotidianas, famílias jovens e imagens despretensiosas são acompanhadas pelas indagações das personagens ao observador[205]:

— Se te disserem que encontraram uma nova fórmula que aumenta as defesas de teu bebê, darias a ele?

— Se te disserem que podemos ter alimento grátis para os seis primeiros meses de teu bebê, acreditarias?

— Se te disserem que uma empresa patenteou uma embalagem que mantém o alimento fresco por 24 horas, conservando todas as suas propriedades, o comprarias?

— Essa fórmula existe.

— Esse alimento existe.

— Essa empresa existe.

— O leite materno é o melhor alimento para o seu bebê. Adapta-se a todas as suas necessidades, aumentando o seu sistema imunológico. Além disso, é grátis.

— Nada como mamãe.

— Nada como mamar.

---

[204] Segunda Exposição Global de Desenvolvimento Sul-Sul, conjuntamente com o 6º Dia Anual das Nações Unidas para a Cooperação Sul-Sul, no período de 14 a 17 de dezembro, em Washington, D.C. Comunicação Interna da Fundação Oswaldo Cruz, no. 817, de 23/12/2009.

[205] Spot de promoção da amamentação, iniciativa das organizações "Criar com el corazón", "El parto es nuestro", "via Láctea" "Amamantar Astúrias" e "Mamilactância". "Nada como mamã, nada como mamar". Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=R-qX4EwocbI. Acesso em dezembro de 2009.

O discurso empregado pela iniciativa, nascida de um grupo anônimo de mães, aborda o problema de forma original, utilizando argumentos que correspondem ao repertório contemporâneo decorrente do sistema econômico e realidade ambiental em que vivemos. A mensagem passa informações importantes sobre o aleitamento e alerta para o fato de que ele é dotado, com muito mais eficiência, daqueles atributos que costumamos esperar dos produtos industrializados[206].

O fato é que depende da sociedade civil, em grande medida, a iniciativa de se proteger das incursões da indústria e de suas estratégias de comunicação, tanto no que se refere à produção de mensagens, produtos, redes e eventos quanto à criação de parâmetros críticos e sensatos de consumo.

Atualmente dispomos, no Brasil, de instituições como o Programa de Orientação e Proteção ao Consumidor – Procon, vinculado aos governos estaduais e a PRO TESTE[207], da Associação Brasileira de Defesa do Consumidor, uma entidade civil, apartidária e independente de governo e empresas, sustentada pelos associados, que

> Ajuda o consumidor a fortalecer seu poder de compra e a conhecer seus direitos com os testes comparativos e outros artigos publicados em suas revistas; orienta o associado sobre os direitos do consumidor em seu serviço de orientação; intermedeia, se preciso, as pendências que o associado tem com fornecedores que se recusam a atendê-lo; e encaminha a empresas e governos as reivindicações e propostas pertinentes.[208]

Na edição de outubro da revista da associação (apenas disponível para assinantes e em parte pela Internet), as mamadeiras foram analisadas em um teste comparativo. O título da matéria e detalhes de seu conteúdo refletem a plena consciência em relação aos problemas provocados pelo produto e o zelo em informar corretamente o consumidor:

TESTE

Se inevitável, escolha a melhor

Mães que recorrem à mamadeira devem comprar a menos prejudicial possível.

Figura 154. Matéria da Revista PRO-TESTE, 2009.

[206] Não foram encontradas informações sobre o nível de disseminação alcançado pela mensagem na Espanha ou na Europa. Imagina-se que o apoio estatal concedido à produção do Bebé Glutón possa ter se estendido a outras iniciativas como forma de enfrentamento à cultura da alimentação artificial, após a recente constatação de que houve retrocesso da União Européia na manutenção das regras do Código Internacional de Substitutos do Leite, relatado pela IBFAN.

[207] O destaque é dado à PRO TESTE porque se percebe que organizações da sociedade civil transitam com muito mais liberdade para tratar de assuntos "espinhosos" como é o caso da mamadeira.

[208] Site da Associação PRO TESTE. Disponível em http://www.proteste.org.br/quem-somos-s446971.htm. Acesso em dezembro de 2009.

> A PRO TESTE está sempre alinhada com as recomendações da Organização Mundial de Saúde. Nós sabemos e incentivamos que, para garantir o máximo de saúde ao bebê, o aleitamento materno deve ser exclusivo até os seis meses de vida. [...] Sabemos e incentivamos também que a ingestão de novos líquidos na primeira infância deve ser feita pelo uso de copos, e não de mamadeiras. Porém, entendemos que há situações em que as mães e avós só podem alimentar os bebês usando a mamadeira. [...] Sendo assim, testamos as mamadeiras mais representativas do mercado [...] para verificar se são seguras para o uso dos bebês.[209]

Foram analisados dez modelos sob os quesitos rotulagem, avaliação do bico, segurança química da garrafa e dos bicos e resistência à queda[210]. Ao final do artigo, o texto conclui: "Os benefícios da amamentação são inquestionáveis. Mas, se mesmo sabendo dos riscos que as mamadeiras trazem ao desenvolvimento das crianças você precisar de uma para emergências [...]".

A postura assumida pela revista é compatível com o nível de conhecimento científico alcançado sobre o problema, o que não é um fato corriqueiro. Muitos discursos de instituições, empresas e profissionais recomendam o uso da mamadeira, contribuindo para que o paradoxo entre o conhecimento científico e a produção industrial seja encoberto, prolongado e incrementado. Como a produção de mamadeiras prossegue em seu curso normal, o hábito de uso do produto obedece ao mesmo fluxo. E como as mamadeiras continuam a ser projetadas, a sortida oferta de modelos referenda a adequação do produto à ação de alimentar bebês.

Para que uma cultura sensata de consumo seja edificada, as áreas profissionais diretamente ligadas aos lançamentos da indústria não podem permanecer alheias ao conhecimento científico alcançado sobre esses objetos ou às evidências de problemas por eles ocasionados sobre os consumidores. No caso das mamadeiras, o design é, sem dúvida, uma das mais encravadas raízes do problema. Sem alterar essa raiz, poucas ou mais remotas ainda serão as chances de modificar este pavoroso quadro.

6.2
A avaliação periódica da produção industrial como princípio ético e estágio metodológico no ensino de design

Todo o esforço empreendido nesta pesquisa teve por objetivo reunir argumentos que demonstrassem o quão imperiosa é a necessidade de corrigir a despreocupada ou involuntária negligência dos designers com relação aos frutos de seu trabalho. O fato de sermos também consumidores e, assim, estarmos, como membros da sociedade, abertos às influências da cultura industrial e de

---

[209] Revista PRO TESTE, nº. 85, p. 26-28. Outubro de 2009.

[210] Dentre os modelos analisados, apenas um correspondia ao grupo de mamadeiras selecionado por esta pesquisa, a Dr. Brown's. Ela obteve o conceito "regular" na análise realizada por técnicos da PRO TESTE.

consumo, não pode constituir para nós um álibi. É indispensável que nossas responsabilidades sejam assumidas. Não somos artífices da forma, não desfrutamos de qualquer isenção sobre os efeitos de nosso trabalho pelo fato de a atividade se dedicar a configurar objetos a partir de demandas de outrem[211].

Em todo o mundo, apenas alguns designers projetam mamadeiras. Mas uma imensa quantidade de designers desconhece os problemas provocados pelo produto. Como esta pesquisadora, muitos professores de design aceitariam de bom grado uma eventual proposta de projeto de mamadeira vinda de um aluno. Decerto o levantamento de dados seria realizado e grandes seriam as chances de o lado nefasto do objeto vir à tona. O problema reside em que não são aceitáveis, para o caso, "as grandes chances". O problema reside em que um designer não pode desconhecer os problemas provocados pelo produto ou ignorá-los a fim de não desperdiçar uma oportunidade de trabalho. Um professor precisa estar preparado não só para esclarecer o aluno sobre a questão, mas também para conduzi-lo à busca de uma solução mais sensata para alimentar bebês de forma alternativa.

Não sabemos tudo, não temos o controle de todos os objetos que existem, de tudo o que podem causar. Por isso necessitamos de um método de trabalho que nos forneça condições de conhecer, efetivamente, a demanda de projeto, de um método-licença para "duvidar de tudo quanto depressa demais se nos apresente como definitivo"[212].

Não se pode cometer, é claro, a injustiça de acusar o design de falta de postura de pesquisa. Ao contrário, o que mais fortemente caracteriza a atividade é justo a investigação da demanda para diagnóstico do entorno projetual. Mas o caso das mamadeiras prova que, mesmo assim, designers as vêm projetando e que nosso nível de imersão na cultura do consumo tem nos cegado com relação ao produto. E, muito possivelmente, com relação a muitos outros produtos.

Esta pesquisa se dedicou, no capítulo 3, a tentar mapear os momentos da história da atividade em que crises éticas ocorreram e provocaram debate e mudanças de postura. Temos no presente trabalho um eloquente sinal da crise ética contemporânea.

Em dezembro de 2009 a revista de design online *Foroalfa* propôs a seus assinantes (em sua maioria de países de língua espanhola) um debate sobre ética profissional:

> Existe uma ética do design? É certo que os designers aceitem trabalhos cujos fins são socialmente nocivos? É hora de formular uma série de critérios que regulem a ética profissional de design? Hoje em dia há designers que trabalham para todo o tipo de clientes e para todo o tipo de finalidade. São projetados robôs que atuam com mais precisão que qualquer cirurgião humano, mas também se projetam armas para a guerra. São projetadas mansões luxuosas e vivendas populares, se projeta para o consumo supérfluo e são projetados obje-

[211] Basta lembrarmos do caso emblemático de Leni Riefensthal, que clamou por sua inocência em relação ao envolvimento com o nazismo.

[212] Frase de Umberto Eco, gravada na memória desta pesquisadora desde os tempos da graduação, como um aforismo.

> tos ecologicamente sustentáveis. Quase tudo o que vemos e usamos, quase tudo o que se fabrica, constrói ou imprime, todo o bem e o mal de nosso entorno material foi projetado. Há designers que não trabalham para as tabacarias mas aceitam encargos do Estado. Qual é o limite? Há quem sustente que o design não poderia se envolver em casos contrários aos valores humanos fundamentais, e quem sustente que é impossível traçar uma linha ética que separe os trabalhos aceitáveis dos que não o são. Existe uma ética que os designers deveriam respeitar? Quais seriam as características de um trabalho eticamente inaceitável?[213]

Muitos leitores se manifestaram e a diversidade de suas opiniões constitui amostra do quanto continuamos desprovidos de um norte com relação ao assunto. Jesús Perez, de Valencia, aponta que não está estabelecido um "deve ser" nesta profissão. Alejandro Arrojo, de Pilar se coloca:

> [...] trabalhar para o estado e projetar armas é não ter ética?... Etiquetas e embalagens de bebidas massivas que atentam contra a saúde, atrativos designs que representam empresas que desinformam a sociedade, veículos que contaminam... Deveríamos todos abandonar a profissão [...] Não sejamos mais papistas que o papa. Eu sou apenas um designer gráfico.[214]

Juan Lopez, de La Paz, diz que o design vem sendo uma ferramenta de comunicação utilizada para um só objetivo, o de criar necessidades inexistentes para gerar demanda e contribuir para a enferma sociedade de consumo: "somos cúmplices desta enfermidade e precisamos assumir esse cargo. E não deixá-lo ao arbítrio de decisões pessoais para encobrir que nos vendemos ao melhor comprador". Jesus Gaytan cita frase de Norberto Chaves: "o designer não tem princípios, tem os princípios de seu cliente", e que "somos parte de um processo, não devemos dar maior importância à nossa profissão do que ela realmente tem". Jose Andrade, de Azogues, defende que a ética é inerente à pessoa, e não tanto ao designer. Sua bagagem de vida o faz poder decidir o quão ético ou não é um projeto, por mais tentador e rentável que ele se mostre. Entretanto, ao final, complementa: "Ainda que em muitos casos um grande projeto com alto poder econômico não nos faça pensar duas vezes". Analía Antenucci, de Buenos Aires, indaga: "Interessa-nos uma sociedade mercantilista, que coisifica as pessoas e fetichiza os objetos? Este é o paradigma atual e não podemos escapar dele. Mas nos cabe uma postura crítica e a defesa de uma forma de trabalho sobre a outra".

Não se pretende que esses depoimentos traduzam *a situação mundial do design quanto à ética*. Aliás, essa seria uma pesquisa muito adequada e bem-vinda no presente momento. Mas os depoimentos são muito expressivos da situação que encontramos em rodas profissionais ou em salas de aula. Quando a discussão dobre a ética não é evitada, costuma gerar clara divisão de opiniões.

O manifesto *First Things First* já havia alertado sobre o fenômeno de hibridização entre o marketing e o design e os graves riscos envolvidos. Pois bem,

---

[213] Existe una ética del diseño? Debate proposto pela revista online Foroalfa, disponível em http://foroalfa.org. Acesso em dezembro de 2009.

[214] Este e todos os demais depoimentos sobre ética citados estão no debate promovido pela *Foroalfa*.

com o caso das mamadeiras estamos diante da concretização de um desses riscos: um milhão e 300 mil crianças morrem anualmente em todo o mundo porque estão sendo alimentadas por leite em pó por intermédio da mamadeira[215].

Vale neste momento repetir as palavras de Ken Garland, principal mentor daquele manifesto:

> 'Responsabilidade' é se unir com os capitães de indústria, de modo a tomar medidas apropriadas e fazer com que os acionistas [que sustentam a empresa] permitam que isso aconteça; 'Irresponsabilidade' significa silenciar perante o público qualquer coisa que você não aprove acerca do 'modo que as coisas são'.

Não há como voltar atrás para apagar os erros cometidos, mas há como não prosseguir silenciando informações que podemos ajudar a revelar fatos hoje entendidos como "o modo como são as coisas". Deter um conhecimento mais aprofundado sobre o que motivou a concepção de um produto e investigar sem reservas as consequências por ele provocadas sobre os usuários pode se tornar um fator de valorização de nossa atividade, inclusive perante os "capitães de indústria", a quem poderemos oferecer propostas inovadoras e financeiramente promissoras, concebidas para reconciliar a produção industrial com os níveis alcançados de conhecimento científico.

Digamos, porém, que o mercado não esteja — neste momento — receptivo a tal proposta, pois acatá-la envolveria uma mudança radical de rumos, com perda de maquinários, alteração de contratos com fornecedores, queda de lucros etc. Nesse caso vale resgatar a teoria de Schumpeter, a de que a chegada de inovações tecnológicas altera o fluxo regular da economia concedendo-lhe dinâmica fundamental ao desenvolvimento econômico. O autor delegava ao empresário e sua atitude inovadora o papel motor do desenvolvimento. Os consumidores, conduzidos a desejar novos produtos, tendem a relegar versões antigas desses objetos, gerando o fenômeno da "destruição criadora". As inovações são replicadas por outros empresários com pequenas diferenças e isso gera aumento de empregos, de oportunidades e de poder aquisitivo, ativando a economia. Schumpeter apontava que quando tais inovações são incorporadas pelos hábitos de consumo ocorre uma diminuição nos investimentos, e esta provoca queda nas taxas de crescimento da economia, acarretando períodos de recessão.

Não estaríamos, pois, em um momento de recessão no que tange à produção de mamadeiras, em que esteja valendo a pena investir na criação de novas formas para alimentar bebês alternativamente e também na criação de outros produtos que apoiem a amamentação?[216]

Mesmo que nada disso seja possível no momento ou num futuro próximo, temos a universidade como recurso. Design é um curso de nível superior. A formação de designers se dá por intermédio do seu acompanhamento acadêmico por diferentes professores durante quatro ou cinco anos de estudos. Esse período é suficiente para que trabalhar a estrutura profissional do estudante. A

[215] Paradoxalmente, quando se fala em produtos não éticos são citadas armas e cigarros, nunca mamadeiras.

[216] No mínimo o termo "destruição criativa" cai como uma luva para o caso.

universidade é um território para o pensamento livre. Não há contratos empresariais que restrinjam os rumos das pesquisas lá desenvolvidas. Espera-se da universidade a prática permanente do pensamento crítico, a geração de conhecimento, esforço e resultados de pesquisa que atendam às necessidades da sociedade, acrescentando-lhe conhecimento e proporcionando-lhe aumento de qualidade de vida, alertando-a sobre questões que desconhecia e mostrando as diretrizes para a construção de novos rumos.

Por tudo isso, a inclusão da reavaliação da produção industrial como princípio ético e estágio metodológico no ensino de design é recomendada. Como consequência, um dos pilares que mantém a mamadeira e tantos outros produtos em pedestais equivocados poderá ser desestabilizado — essa medida cabe aos designers empreender, e a ninguém mais.

A reunião com os professores, analisada no capítulo anterior, demonstrou a necessidade de desenvolver pesquisas que analisem quais ações humanas são determinantes para a concepção de produtos. Essa estratégia já faz parte do método de trabalho de alguns docentes e vem sendo praticada experimentalmente em alguns projetos; além disso, ela constitui objeto de pesquisa de Jorge Frascara em seus estudos sobre revisão de uso, citados no artigo para a MX Design Conference[217].

Defende-se aqui a reavaliação de produtos como estratégia metodológica incorporada, um *princípio* de projeto de design a ser seguido. Com isso, o amplo questionamento sobre a validade e adequação dos produtos industriais se transformaria no modo de se fazer design, incrementando o pensamento crítico e abrindo possibilidade para a geração de produtos inovadores comprometidos com o conhecimento científico alcançado até o momento.

Desconstruir, desfazer, desmontar, desconfiar, desestabilizar, descobrir, desacolher, desafeiçoar, desafiar, despertar, desapropriar, desautorizar, descompor, desdobrar, desenvolver. Espera-se que o desdesign da mamadeira aqui empreendido tenha a força de recomendar aos designers uma frequência assídua às páginas do dicionário onde se encontram essas palavras que tanto inspiram a inventividade e a responsabilidade por aquilo que se cria.

O que é uma mamadeira? Para que serve? Desde quando existe? Por quais motivos ela surgiu? Qual ação humana ela se propõe a auxiliar, complementar, substituir? Que configurações ela assumiu no decorrer dos tempos? Para quais alimentos o objeto serve como meio de administração? O que são esses alimentos e como agem sobre o bebê? Ao lado de quais outros objetos destinados ao mesmo propósito a mamadeira convive? Como isso se dá em diferentes países, diferentes extratos sociais, diferentes estágios de desenvolvimento? O produto demonstra eficiência? Em quais medidas? Que naturezas de risco o produto pode oferecer a seus usuários? Que naturezas de conforto ele pode oferecer a seus usuários? Quais indústrias produzem o objeto? Desde quando? Como são as estratégias de venda desse produto? Ele está submetido a regras de con-

[217] O artigo "Baby Botlle: the impact of an unsuspicious product", escrito em parceria com Vera Damazio e apresentado na conferência do México cita o artigo de Frascara e está anexo a esta tese.

trole? Quais? Desde quando? O que pensam as pessoas sobre esse produto? O que pensam sobre ele os profissionais vinculados aos saberes técnicos envolvidos na mamadeira? Quais os modelos de mamadeiras disponíveis no mercado? Quais trabalhos de pesquisa já foram desenvolvidos sobre o tema?

É bem verdade que esta lista (uma fração das questões levantadas por esta pesquisa de doutorado) exige longo tempo para ser respondida. Mas se for pedido a uma turma de 25 alunos que cada um deles pesquise um dos pontos, teremos um muito considerável levantamento sobre o produto, um material rico e afeito a ser analisado por todos. Mesmo em um projeto individual, se o aluno for conduzido a trilhar por tais indagações acerca de um objeto — como obedecendo a um *checklist* — terá acesso aos inúmeros problemas provocados pelo produto no decorrer de sua existência, ao invés de partir do princípio de que ele é um produto inquestionável.

Outro ponto estrutural: precisamos admitir que a "versatilidade" de nosso trabalho, ou melhor, a imensa capacidade do design de estabelecer contato com outras áreas do saber (proporcionada pelo sortimento de projetos que realizamos) exige que dessas mesmas áreas nos aproximemos em maior profundidade. Muitas vezes, as disciplinas de Economia, Antropologia, Ética, Filosofia, Sociologia e Psicologia são ministradas aos alunos de design sem abordar, em profundidade e extensão, aquilo que de mais essencial seria para a formação dos futuros profissionais. Pensadas originalmente como saberes estruturais para a atividade, muitas vezes a presença dessas disciplinas nos cursos adquire uma função secundária, com conteúdos que tendem a ser vistos separados entre si, dotados de menor expressão. Como ser designer desconhecendo os fundamentos políticos e econômicos que geraram, incrementaram e mantêm a cultura industrial?

A formação recebida pelos alunos no ensino médio precisa ser reforçada e canalizada para o entendimento do lócus do design neste cenário. Como manter-se alheio às estratégias empresariais que propiciam hoje o incremento da profissão? Não bastam as aulas que apresentam o *branding* como um veio para a ampliação do poder de penetração social dos produtos e o aumento das oportunidades profissionais. Há que ser abordado seu subterrâneo, a fim de que não sejam formados designers *inocentes*, mas profissionais informados e capacitados à crítica.

Somos parte da sociedade. Precisamos reconhecer que a responsabilidade integral pelo acesso da sociedade a produtos que prejudicam a integridade humana e a sustentabilidade ambiental não pode continuar pesando exclusivamente sobre os ombros dos Estados, dos órgãos de controle, das próprias indústrias e setores de comercialização de produtos ou dos meios de comunicação. Qualquer profissional que conceba produtos participa da rede que os edifica e dissemina no seio da sociedade, e não se pode permanecer acriticamente isento de responsabilização pelos efeitos de seu trabalho.

No caso das mamadeiras, nossa tarefa deve concentrar-se em auxiliar o trabalho de resgate da prática da amamentação e no projeto de meios mais ade-

quados para alimentar bebês nas ocasiões em que o aleitamento não for possível. Pois, como afirma Paola Antonelli, o desafio que sempre se apresenta à profissão é o de contribuir para tornar as mudanças viáveis, compreensíveis e acessíveis às pessoas, provendo proteção e segurança sem sacrificar a necessidade de inovação e invenção.

Diante das questões levantadas nesta pesquisa, percebe-se uma gama de desdobramentos possíveis, capazes de consolidar o conhecimento adquirido.

O primeiro deles, já iniciado, é disseminar a informação em fóruns variados, como congressos nacionais e internacionais, salas de aula, debates em instituições de ensino de design com os corpos docente e discente.

Outro desdobramento resulta daí: incentivar professores e profissionais a se dedicarem ao projeto do produto que virá a substituir a mamadeira para as ocasiões em que não for possível o aleitamento.

Projetos de outros produtos, que apóiem a amamentação, também poderão ser desenvolvidos.

No que diz respeito à comunicação, e aproveitando o que se pensa hoje do design (uma atividade geradora de produtos de consumo para a elite), gerar produtos e materiais que busquem atualizar também a elite (e não apenas o público que recorre aos hospitais públicos) sobre os males das mamadeiras e dos leites artificiais.

Uma aproximação do design com entidades como a IBFAN, a Rede de Bancos de Leite Humano e a WABA poderá gerar ações muito proveitosas para a questão.

Acerca da necessidade de mudança na metodologia de ensino, a reavaliação periódica da produção industrial pode constituir um instrumental valioso para abrir o debate sobre a ética no campo do design, dando-lhe contornos palpáveis e não apenas teóricos, e transformar a universidade em um observatório crítico de produtos e em usina de inovação para a indústria.

Tais iniciativas poderão resultar em propostas consistentes a serem apresentadas para os cursos de design.

O trabalho foi apenas iniciado.

Ele é um projeto de design que, ao contrário de tantos outros projetos, não tem *glamour* algum. O brilho das coisas que mentem não importa. Interessa a tessitura de como as coisas na verdade são.

Agradecimentos

Esta pesquisa não poderia ter sido realizada sem que fossem percorridas trilhas desconhecidas. Fui me amparando no revezamento de mãos de amigos, autores, professores, profissionais e notícias que encontrava pelo caminho, assim como um passageiro se desloca no interior de um ônibus veloz, contra o sentido do movimento, segurando nas alças dos bancos.

Inicio os agradecimentos citando **Selene Afonso**, que lá no comecinho disso tudo me apresentou às pessoas do Banco de Leite e seguiu intermediando novos encontros e me incentivando muito, sempre. Uma nova grande amizade.

Quando me encontrei com **João Aprígio** no IFF, eu nem desconfiava que a pesquisa fosse tender pra esse lado, mas de cara entendi que aquele lugar era "o lugar" e que as pessoas dali me interessariam muito. João, em meio aos seus muitos compromissos, conseguiu me oferecer uma atenção sempre tranquila e amiga, me incluindo calorosamente em seu grupo assim que me decidi por aderir a esta "questão de estado".

Nada teria acontecido, entretanto, se **Franz Novak**, em seu laboratório, não tivesse me contado sobre os males causados pela mamadeira, me emprestado seus livros, me explicado com toda a paciência como manipular um leite para entregar à pediatra da UTI neonatal (que aguardava na porta para levá-lo a um bebê prematuro internado). No IFF me deram chance de chegar pertinho da rotina de vários setores. Essas duas figuras, João e Franz, formam uma dupla real de super-heróis e tenho muito orgulho de conhecê-los.

Mas como João tantas vezes reforça, super-heróis não existem. Um mundaréu de gente se dedica todos os dias a fazer aquilo tudo acontecer. Posso citar algumas dessas pessoas. **Nina Savoldi**, colega de turma no curso que fiz lá, me proporcionou a entrada na UTI neonatal e papos importantes durante os almoços nos dias de evento. **Elisabeth Crivaro** me demonstrou que é plenamente possível alimentar um prematuro utilizando o copinho. **Sandra Pereira** tirou minhas dúvidas, solucionou meu acesso às informações. Enfim, essa gente toda do IFF não merece apenas agradecimento, mas crédito na tese.

Participando de muitas dessas reuniões e visitas estavam dois ex-alunos. **Mariana Ribeiro**, a menina do cabelo azul, que um dia, ao final de minha aula, afirmou que montaria o posto de recolhimento de potes para doação de leite humano na PUC e acabou envolvida na história antes de mim, desenvolvendo seu projeto de fim de curso sobre o tema (às vezes os aliados têm cabelo azul). **Bebel e Tetusa Noguchi**, donas da loja Pilotis, adotaram carinhosamente a caixa para doação de potes, que a comunidade PUC vem mantendo sempre recheada de doações há mais de dois anos. Ex-aluno e aliado também vem sendo **Fernando Carvalho**. Era dele o projeto de colchão para incubadora que

motivou meu pedido a Selene de uma conversa no IFF, raiz de tudo. Com Fernando discuti cada passo do trabalho nos cafés semestrais que tomávamos, pois ele fazia mestrado nos Estados Unidos e só aparecia nas férias. Fora o contato por Internet. Seus projetos, sua postura profissional, seu talento para o design e o comprometimento com os acenos da realidade me fizeram apelidá-lo de "designer do século XXI".

É preciso retornar um pouco no tempo pra falar de **Myrian Santos**. Por duas vezes tivemos nossa parceria orientadora/orientanda frustrada na pós-graduação em Ciências Sociais da UERJ. Mas seguimos em frente de outro jeito e ela co-orientou esta pesquisa. Gosto de lidar com pessoas que me fazem críticas importantes, e Myrian fez muitas delas no decorrer desses quatro anos. Sem sua interferência, o trabalho não teria alcançado a vivacidade que adquiriu. Ouvi o que ela disse, entrei num disco voador e segui viagem, pra muito longe e pra bem perto, torcendo pra conseguir trazer o leitor comigo nessa montanha russa. Foi mesmo um privilégio ter sido desafiada com tanta amizade.

Então, as coincidências. Myrian conhecia Mônica, que namorava João. Cheguei a **Mônica Herz** porque ela era integrante da linha de pesquisa que eu havia localizado durante mais uma tentativa de ingresso no doutorado, dessa vez em Relações Internacionais. Ela me revelou ser amiga de Myrian desde o doutorado na Inglaterra, e me proporcionou assistir como ouvinte a matéria que ministrava na graduação, momento em que deparei com o estudo dos Direitos Humanos. **João Struchiner**, seu namorado, havia sido um grande companheiro em praticamente todas as atividades realizadas nos anos de ESDI. Havíamos perdido o contato, desde então, que agora foi recuperado na intensidade que nossa amizade sempre mereceu. Além do incentivo, João cuidou da impressão dos volumes desta pesquisa. É de responsabilidade de Mônica o fato de eu ter dado a guinada inicial para o tema que desenvolvi, pois ela esteve na exposição do MOMA de 2005, "Safe: Design takes on risk" e, a partir daquele catálogo, que **Jack Silber** providenciou pra mim em Nova Iorque, tudo começou a acontecer.

Foi Myrian também que me apresentou a **Maria Inês Couto de Oliveira**. Marquei uma conversa em sua casa e lá nos perdemos em meio a extenso material sobre as campanhas nacionais e internacionais que brotavam dos armários e gavetas. A partir dessas informações pude realizar meu primeiro artigo sobre o tema e seguir em frente de posse de alguma bagagem. Um dia após nosso encontro eu vesti a camiseta de campanha pró-amamentação e fui andar na Lagoa, sinal de adesão à causa. Muito me alegra sua presença em minha banca: cabe-me agora abrir as minhas gavetas para retribuir tanta gentileza.

O artigo foi escrito e entregue a **Rafael Cardoso**, como trabalho de disciplina. A ele agradeço pela pressão para que eu definisse o recorte de minha tese no momento adequado e pelo conteúdo tratado em suas aulas de História do Design no Brasil. Aquelas aulas, somadas às de **Cláudio Lamas**, assistidas como ouvinte na graduação, lado a lado com meus alunos, me forneceram, enfim, um conhecimento de História do Design que eu não possuía. Cláudio me deu

dicas de leitura essenciais sobre o movimento dos consumidores e sobre muitos outros detalhes que eu ignorava.

A **Sônia Martini** e **Anne Krause**, membros da IBFAN gaúcha, agradeço pelo tão frutífero almoço que tivemos em Porto Alegre. Assim que der, seguirei seus conselhos de fazer o curso de monitora da NBCAL. **Celina Valderez** e **Rosana de Divitiis**, da IBFAN, me proporcionaram este contato.

Não conheci o Dr. Marcus Renato, mas acessei incontáveis vezes seu site, **Aleitamento.com**, através do qual me mantive atualizada sobre os acontecimentos da área.

A **José Maria Gomez** eu devo a chance de chegar perto de algum conhecimento sobre Política, Economia e Direito. Sempre tive um grande interesse por esses temas e ele me conduziu ao entendimento de algumas coisas importantíssimas e à certeza de que um designer não pode prescindir de tais noções em sua formação. Eu me senti o máximo participando daquela turma. **Daniel Aragão** estava lá, e desde o ISA-ABRI (congresso de Relações Internacionais do qual participei, instigada por Mônica), quando foi o debatedor do painel sobre Responsabilidade Social — do qual eu participava como palestrante —, se tornou um colaborador e tanto. Criticou sem dó o meu trabalho lá, na hora, recomendou um artigo importantíssimo sobre o Global Compact e a Nestlé, e me noticiou o Bebé Glutón, num apoio valioso.

Aos poucos meu escaninho foi sendo povoado por contribuições de colegas. Por vezes eu nem identificava seus nomes, como no caso de **Eliane Correa**, que me deu cópia de importante artigo sobre o boicote à Nestlé. Agradeci a muitas "Elianes" antes de descobrir a real autoria daquela contribuição.

Cláudia Mont'alvão, além de "povoar" meu escaninho, tornou-se uma multiplicadora das informações que lhe contei, transmitindo-as a pessoas conhecidas ou quando quer que haja chance, como em conversas de salas de espera de consultórios médicos. Cláudia foi quem me revelou que eu poderia fazer no design aquilo que eu tanto buscava realizar fora do design: uma tese de design não apenas sobre o design. Sem essa informação, eu não teria chegado aqui.

Aos **professores presentes à reunião**, cujos nomes devem ser preservados por princípio de pesquisa, obrigada pelo tempo, pela dedicação, pela valiosa participação que tiveram em meu trabalho. Realizei ali o que penso deva ser uma prática constante de trabalho no ambiente universitário e fico feliz pelo fato de uma notícia tão perturbadora ter gerado reflexões tão importantes.

A **Luiz Antônio**, meu orientador, agradeço pela acolhida e por ter se envolvido com meu trabalho de maneira tão especial. Mereci seu apoio incondicional em todas as etapas. De vez em quando ele me mandava procurar por outras pessoas, e eu a princípio nem entendia por quê. Outras vezes chegava a redigir pequenos ótimos trechos no material que lhe entregava pra ler. Leitura minuciosa. Alertas importantes. Abraços constantes coroando meus feitos num fornecimento permanente de incentivo, mesmo que por vezes em forma de carinhosas broncas, mas broncas.

Ele me mandou conversar com **Menga Lüdke**, do Departamento de Educação da PUC, logo depois da qualificação. Uma hora. Foi esse o tempo que levou pra ela me mostrar a coisa do jeito que ela deveria ser vista: "Cristine, provar que o seio materno é melhor do que a mamadeira não é tese. Sua tese está aqui, na necessidade de reavaliação da produção industrial, que você tanto comenta". Uma frase que valeu ouro.

Newton Gamba Junior participou da qualificação, de outros momentos da pesquisa e é membro da banca final. Como foi bom ter um designer que já cursou Medicina para avaliar meu trabalho!

Eu pensei que todo o texto da tese seria recheado por citações de **Jorge Frascara**. Pouquíssimas foram as referências ao seu trabalho, de modo que corrijo aqui a lacuna. A leitura de seu livro *Diseño Gráfico para la gente*, anos atrás, me encorajou a perseguir as questões que tratei aqui. Tê-lo conhecido pessoalmente, por obra de uma estripulia de Vera Damazio (que me incluiu em um almoço com ele), me permitiu começar a conversar sobre as mamadeiras com meu autor dileto de design, o que se estendeu em correspondências eletrônicas. Leia-se, portanto, seu nome impresso em tinta branca nas notas de rodapé de todas as páginas da tese.

A **Vera Damazio** eu agradeço essa estripulia com Frascara, agradeço por ter se engajado no assunto e escrito comigo o artigo para o México, por ter ido comigo, apresentado comigo, tudo comigo. E também por ter me apresentado a Myrian. Eu e Vera temos uma longa e intensa amizade que brindamos a toda hora, pois somos ambas "osso duro de roer" e até nos estranha tanta permanência. Temos que brindar. Com esse "osso" temos trabalhado "duro" e realizado coisas importantes.

Às **assistências do ISA-ABRI** e **MX Design Conference**, seus olhos estupefatos diante do que eu lhes disse, as palavras e os abraços de adesão que eu depois recebi, eu devo o "gás" para prosseguir até aqui e prosseguir muito mais além do aqui. E aos queridos amigos que fiz naquele congresso tão acolhedor, gente do México, Bolívia, Colômbia, Peru, Guatemala, Brasil, Botswana, Polônia, França, Suíça, Estados Unidos, fica reforçada a sensação de que esta viagem, para mim, soou como uma grande recompensa.

Pude apresentar meu trabalho e conversar com todos lá graças às aulas de **Robson Rodrigues**. Ele me encorajou a *hacer la ponência en español* ao invés do inglês que eu tanto suo pra falar. Daí uma mágica familiaridade me ajudou a literalmente descobrir a América Latina.

Quem me deu a idéia de fazer algumas aulas de espanhol e me apresentou a Robson foi **Vera Bernardes**. De chefa a ídolo do design gráfico, a grande amiga. Dicas, dicas e mais dicas. Em pleno verãozão de 2010, com a ajuda de **Pedro Palmier** ela ajustou o projeto gráfico "capenga" que eu havia realizado para este volume, concedendo a ele seu singular toque de Midas. Vera me encanta...

Quando trabalhei com ela, anos atrás, era sócia de **Washington Lessa**, que havia sido o orientador de meu trabalho final na ESDI. Realizo um sonho por

tê-lo em minha banca, pois, nesse tempo todo, a admiração e o companheirismo entre nós só cresceram, apesar de pouco nos encontrarmos.

Rita Couto foi minha orientadora no mestrado, numa aliança tão inesquecível quanto as imagens telejornalísticas que eram o objeto da dissertação. Assim terei todos os meus "guias" anteriores e atuais reunidos: Washington, Rita, Luiz Antônio e Myrian. Rita me convenceu a não desistir de fazer a reunião com os professores. Obrigada pela confiança e por todo o carinho.

Agradeço a **Suzana Silva**, minha irmã, por ter cuidado de nossos pais com tanto esmero quando eu tive que me afastar da participação nessa tarefa crucial. O que me alivia é o fato de eu ter largado sempre tudo o que estava fazendo para ouvi-la, tentando ajudar como era possível na resolução dos problemas que surgiram nestes últimos tempos. Além disso, ela foi revisora do trabalho. Mais do que revisar, deu ao texto um *upgrade* impressionante. Ana, valeu mesmo!

A **Leda Nogueira** e **Carlos Nunes**, meus pais, todo o meu amor. Ele me deu o interesse por tudo-ao-mesmo-tempo-agora, e ela a capacidade de analisar cada detalhe com calma. Espero estar mais presente em suas vidas a partir da defesa.

Helton Jeveaux, meu marido, foi o patrocinador da tese. Tive que dar bem menos aulas e recusar oportunidades de trabalho para poder gerar a pesquisa e ele deu conta do rojão. Citando Chico Buarque, ele foi me iluminando, não iluminando um atalho sequer, pois sempre vai me guiando pro caminho que eu quiser.

Ele e **Adélia Jeveaux** inventaram de pegar um bebê cachorro bem quando eu não poderia me dispersar nem por sonho. É claro que me dispersei. Minha filha traduziu todos os textos relativos à tese e aos artigos produzidos para o inglês e, ao treinar minha fala para este idioma, recomendou que eu apresentasse o trabalho do México em espanhol! Ela me incentivou de maneira difusa e abrangente, quase que pelo olhar. Quando bebê, não aceitou a mamadeira, vomitou o leite em pó e me fez sair desatinada do centro da cidade, diariamente, pra amamentá-la. Parece que já sabia de tudo!

A **Luiza Kramer**, querida ex-aluna, eu agradeço pela longa parceria e por ter contado sobre meu trabalho a sua mãe, **Sônia**. É muito bom a gente "achar" as pessoas que já estavam ao nosso lado.

Karl Erick providenciou a compra das mamadeiras dinamarquesas. Fernando Carvalho, a compra das norte-americanas. Mônica Herz procurou a inglesa, mas não achou. Nem Rodrigo Villas Boas a encontrou. Ficou faltando, assim, a inglesa na minha coleção de "Baby killers".

A **Rodrigo Villas Boas**, muito obrigada por comprar o "Bebé Gluton" e entregá-lo a Marina. Ex-aluno amado, ele foi meu "correspondente em Barcelona" durante toda a pesquisa.

A **Marina**, minha sobrinha, eu devo o translado do "Bebé Gluton" da Espanha para o Brasil. No e-mail ela me perguntava: "Tia, não vou ter que amamentar

a boneca durante o voo, né?". Ao que respondi: "Se ela estiver dormindo, Marina, nem vai precisar".

Agradeço aos funcionários da pós-graduação, **Romário Cesar Silva** e **Felipe Borges**, pela presteza nas providências necessárias à marcação e realização da defesa, e a **Cid Antunes** e **Giuliano da Fonseca**, que confeccionaram o fundo infinito para a exibição das mamadeiras com o esmero que caracteriza os frutos de nossa profissão.

A **Marise Maio** eu dedico postumamente a tese. Este trabalho é fruto do verbo que todos temos que conjugar por muitas vezes na vida: coragem. Mais do que a coragem de realizar a pesquisa, é com a coragem de enfrentar a vida sem sua doce e eloquente presença que honrarei nossa amizade. Obrigada por segurar em minha mão quando os aviões decolam e quando pousam: de um tempo pra cá eu tenho sentido medo nessas horas.

Anexo

Mamadeira: o impacto de um produto insuspeito

Cristine Nogueira . PUC-Rio . Rio de Janeiro – Brasil . cristinenogueira13@gmail.com
Vera Damazio . PUC-Rio . Rio de Janeiro – Brasil . vdamazio@puc-rio.br

Abstract . Este artigo apresenta resultados de investigação que vem sendo realizada sobre a mamadeira as conseqüências de seu uso como mediadora da ação de alimentar bebês. Seu principal objetivo é promover uma reflexão sobre os problemas gerados por práticas sociais culturais moldadas pelo uso de produtos inapropriados, apontando alguns caminhos e iniciativas que buscam solucionar a questão.

Keywords mamadeira – cultura industrial - ética profissional – responsabilidade social – design sustentável

Introdução

O uso continuado de alguns produtos consagrados pela cultura industrial vem provocando graves impactos para seus usuários e para o meio ambiente. Um objeto em especial chama a atenção: a mamadeira. *Widely and intensely used as means to feed babies*, a mamadeira divide com o leite em pó a responsabilidade por parcela expressiva dos índices de desmame precoce, morbidade e mortalidade infantil em todo o mundo.

O consenso científico sobre os riscos e inadequação da prática de administração de leite industrializado a crianças, e as medidas já tomadas para conter seus efeitos desastrosos, apontam para a urgência de uma revisão do uso da mamadeira. Indicam a urgência, ainda, de se envidar esforços para o resgate da prática da amamentação e desenvolvimento de utensílios apropriados para a vital tarefa de alimentar bebês.

O designer é um dos principais profissionais para a concretização de tais iniciativas, pois, como alerta Jorge Frascara, "design is not concerned with objects, but with the impact that those objects have on people" (Frascara, 2002: p. 39).

Notas sobre a história da alimentação de lactentes

Registros arqueológicos indicam que a mamadeira faz parte de nossa cultura material desde a era pré-cristã e ilustram that breastfeeding is not purely a natural biological process, but a culturized activity (Dettwyler, 1995) that has been modified by a wide variety of beliefs and replaced by other feeding practices.

O século XVI foi uma fase crucial para a disseminação da mentalidade européia -que considerava o ato de amamentar "indigno para uma dama"[218]- para outros continentes e culturas. A noção de "civilidade" da era das Gran-

[218] No caso do Brasil, a amamentação dos filhos dos colonizadores coube à princípio às índias cunhãs, depois substituídas pelas escravas africanas, a quem era imposto o desmame dos próprios filhos em favor do aleitamento de crianças brancas (Almeida, 1999: p.30).

des Navegações contrastava com o "primitivismo" das terras recém descobertas, fazendo com que soasse incoerente portar-se como um mamífero.

Nos anos 1880, a mamadeira "Mummies Darling" produzida em larga escala, contribuiria para conformação dos índices de mortalidade infantil da Inglaterra Vitoriana, época em que apenas duas dentre dez crianças conseguiam viver até os dois anos de idade.

A mamadeira vitoriana e a primeira mamadeira norte-americana, patenteada por Charles M. Windship em 1841. A tampa da garrafa dos dois modelos é atravessada por canudo muito estreito e praticamente impossível de limpar.

O processo de industrialização revolucionou então a economia, as relações sociais e a alimentação de lactentes. Em 1867 iniciou-se a produção de farinha láctea na Suiça. Em 1873, 50.000 caixas de alimentos de leite da Nestlé foram vendidas na Europa, Estados Unidos, Argentina, México e Índias Neerlandesas. Muitas outras companhias foram criadas, vendendo mais e mais alimentos alternativos ao leite materno. No século XIX, a mamadeira se tornou um dos símbolos de modernidade, sendo prescrita pela classe médica como solução para qualquer dificuldade em relação ao aleitamento.

Em 1974, os danos da prática de alimentação artificial mediada pela mamadeira entraram em cena de maneira estridente com a publicação do livro "The baby killer"[219]:

> Bebês do Terceiro Mundo estão morrendo porque suas mães os alimentam no estilo ocidental, com leites infantis em mamadeira. Muitos dos que não morrem, entram num círculo vicioso de má nutrição e doença. O remédio está à disposição de todos, exceto para uma pequena minoria de mães que não pode amamentar. Isso porque o leite materno é aceito por todos como o melhor alimento para qualquer bebê com menos de 6 meses (...). A indústria de alimentos infantis é acusada de promover seus produtos em comunidades que não podem usá-los adequadamente, de usar propaganda, vendedoras em uniformes de enfermeiras, de distribuir amostras e donativos para persuadir as mães a abandonarem a amamentação. (Müller, 1995: p.15-16).

A partir de então, a mamadeira começou a revelar sua face mais obscura. Do vasto elenco de problemas desvelados pelo relatório, constavam a falta de condições sanitárias para o processo de higienização de mamadeiras; a dificuldade de acesso à água de qualidade para a hidratação do leite em pó; a falta de recursos para a aquisição de novas latas de leite além das doadas. Como conseqüência, diarréia, desnutrição e morte.

[219] *War on Want*, uma de muitas entidades caritativas que trabalhavam em prol do suprimento de alimentos e outros produtos a países do Terceiro Mundo, decidiu questionar os efeitos de seu próprio trabalho junto a essas populações.

A partir de 1979 o reconhecimento, por parte da *OMS* e da *UNICEF*, da superioridade do leite humano, dos benefícios da amamentação para a saúde da mulher e da criança e do perigo das propagandas indutoras da alimentação artificial, gerou um conjunto de importantes ações de proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno, como a *Declaração de Innocenti*. Fruto de encontro "*Breastfeeding in the 1990s: A Global Initiative*", o documento de alcance internacional determinou, entre outras medidas, que todos os países deveriam desenvolver políticas nacionais de aleitamento materno.

Mas à revelia de tantos esforços, a cultura da alimentação artificial e do uso da mamadeira persiste. Em vários países, a amamentação em público é frequentemente coibida[220]. Para muitas mulheres, a amamentação traz a perda de liberdade, enquanto a mamadeira, sua independência. Tantas outras têm medo dos seios caírem e diminuírem com a amamentação. Meio a crenças e falta de informação, as indústrias de substitutos do leite materno prosseguem modernizando e vendendo seus produtos, apesar das notícias alarmantes periódicas, como a de contaminação de leite em pó por melamina na China, em 2008.

Impactos provocados pelo uso da mamadeira

Formais . É comum nas mamadeiras a presença de roscas para conexão das peças. Outro elemento formal verificado em modelos que se propõem a eliminar bolhas de ar (e cólicas) é um tubo acoplado à tampa que percorre todo o corpo da mamadeira. Estes, entre outros aspectos formais, exigem rigorosos processos de limpeza que, quando não cumpridos, favorecem o surgimento de colônias de bactérias.

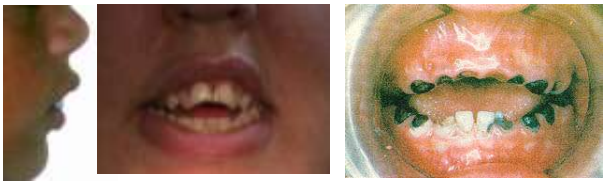
Químicos. O composto orgânico BPA (bisphenol A) presente na produção de mamadeiras, quando lavado com detergentes ou colocado em contato com líquidos aquecidos, pode liberar o polímero BPA além do limite de segurança. Diversos efeitos em animais de laboratório como câncer de próstata e de mama, puberdade feminina precoce, diabetes e obesidade foram correlacionados à exposição ao BPA, fato que levou o Canadá a proibir seu uso na confecção de mamadeiras[221].

Fisiológicos. A amamentação permite que a sucção -primeiro reflexo neurológico do bebê- se desenvolva adequadamente, preparando a criança para a mastigação, a erupção dos dentes, um crescimento facial harmonioso e a boa articulação dos fonemas. Ao ser amamentada, a criança trabalha toda a musculatura da face e respira pelo nariz. Sua língua desenvolve movimentos que estimulam a vazão do leite da mama e a continuidade dessa produção. O bico do seio se acomoda à fisiologia da boca do bebê, e o leite verte de acordo com o que ele demanda. Todo o processo se altera, porém, quando entra em cena a mamadei-

[220] Como ilustram os casos de mães que foram proibidas de amamentar seus bebês nos salões da *Starbuks*, na loja *Victoria Secret* e a bordo de um avião da *Delta Airlines* (www.aleitamento.org.br; www.usatoday.com).

[221] www.uff.br/Sbqrio/novidade/bisfenol520policarbonato520mamadeira.html

ra. Com ela, o esforço muscular é menor. A mamadeira goteja, imprimindo aceleração à demanda natural do bebê e alterando a coordenação entre sugar e respirar. Com isso, alterações respiratórias tendem a surgir[222], como infecções, desvio de septo nasal e respiração bucal. A mamadeira pode prejudicar também a erupção dos dentes, a oxigenação do cérebro e a formação da arcada dentária (Cordeiro, 2002: p.68-69).



Da esquerda para direita: perfil e frente de pacientes respiradores bucais e efeito dos açúcares presentes nas fórmulas de leite artificial sobre a arcada de um bebê (cáries precoces) .

Retóricos . É importante ressaltar que produto algum se compara ao aleitamento materno em termos fisiológicos, ao contrário do que faz crer o discurso em prol da alimentação artificial.

Ecológicos. O aleitamento materno envolve um dos poucos produtos "produzidos e liberados para consumo sem nenhuma poluição, embalagem desnecessária ou desperdício" (Radford, 1992: p. 204). É, ainda, um valioso recurso renovável.

> A idéia de substituir leite materno por artificial pode ser comparada a de sugerir que substituam os rins por aparelhos de diálise. Ambos, aparelhos de diálise e leites artificiais podem salvar vidas, mas usá-los no lugar dos órgãos originais do corpo humano é desperdício de recursos (Radford, 1992: p. 204).

O aleitamento materno dispensa transporte, armazenagem e material de propaganda. Visto o fato de que a maioria das mulheres não menstrua enquanto amamenta, dispensa, ainda, o consumo de um grande volume de absorventes higiênicos que, além de envolverem materiais em sua constituição, são lançados no esgoto demorando a se desintegrar.

Estatísticos Em 2008, a OMS admitiu que a tabela de crescimento de crianças que distribuía estava superestimada, pois as curvas utilizadas, de 1977, haviam tomado como referência bebês alimentados com leite artificial. Foi verificado, contudo, que crianças alimentadas ao seio ganham menos peso e altura a partir do terceiro mês e as curvas da tabela de crescimento corrigidas. A partir dessa informação, não é difícil concluir que pais e pediatras se preocuparam com o desenvolvimento de muitos bebês amamentados, já que estavam aquém do peso "padrão", recorrendo muitas vezes ao recurso da complementação da alimentação por leites artificiais em mamadeira.

Alternativa à mamadeira

Breastfeeding is not an instinctive behaviour, but a socially learned process that does not come naturally and may be painful and uncomfortable sometimes. Por essa e outras razões, meios alternativos para alimentar bebês vêm

[222] Estudos demonstram que o desenvolvimento da face humana depende em apenas 40% da bagagem genética, ficando 60% a cargo da forma com que irão ocorrer no indivíduo sua sucção, deglutição, mastigação e respiração.

sendo pesquisados. O copinho tem demonstrado ser um método promissor. Ele permite que a sucção se dê com pausas para respiração, valendo destacar que mesmo bebês prematuros demonstram aptidão para se alimentar por seu intermédio. Seu uso é relativamente recente e restrito a hospitais e a poucas famílias. Apesar de estar presente no mercado, este ainda é um produto carente de esforços de projeto para que alcance nível adequado de eficiência.

Reflexões para uma revisão de uso da mamadeira

Defendendo a necessidade de revisar o uso inconseqüente de produtos, Frascara explica que para muitas pessoas "uso" é o mesmo que "posse", e "posse" é o mesmo que "poder": poder de fazer, de se divertir e de sentir conforto com coisas. Ele acrescenta que as pessoas acabam se acostumando com as coisas, aceitando-as como são e acreditando ter o direito, e não o privilégio, de usá-las. Por isso, sob o ponto de vista das pessoas, uma revisão do uso que resulte em uma redução do uso será temida como uma possível redução de liberdade e poder e será repelida. Já sob o ponto de vista da indústria, uma revisão do uso que resulte em uma redução do uso será temida como uma possível redução dos negócios, e será, igualmente, hostilizada. Uma revisão do uso rejeitada pelas pessoas e pela indústria não terá apoio dos governos (em grande extensão, pressionados pelos interesses dos eleitores e indústrias). A tarefa do design é, portanto, construir argumentos para uma revisão de uso que seja vista pelas pessoas como um meio de ter mais conforto, lazer e liberdade, pelos empresários como uma possibilidade de aumento dos lucros e pelos políticos como um apoio para mantê-los no poder.

O autor acrescenta que o importante para as pessoas não é o uso de um dado produto, mas os valores a eles associados. Assim sendo, o desafio é pensar em uma revisão de uso que não seja percebida como uma renúncia a esses valores, mas que resulte em uma redução ou substituição de uso associada a valores igualmente importantes.

Frascara atenta que a publicidade vem atribuindo de forma bastante eficiente um "poder mágico" aos objetos. Tomando o carro como exemplo, o autor nos ajuda a ver a dimensão simbólica não apenas dos produtos, mas também das ações que esses promovem. Ele ensina que "ações funcionais" como "dirigir" (ou, em nosso caso específico, "alimentar bebês por meio da mamadeira") revelam uma estética e acabam carregadas de um sentido de belo, de feio, de desejável. Estendendo essa idéia a ações não necessariamente intermediadas por produtos, podemos afirmar que "breastfeeding", tal como "dirigir um carro", em nossa cultura, é um "ato estético" (Frascara, 1995). Neste sentido, qualquer revisão de uso inclui a "tarefa cultural" de modificar a estética das ações envolvidas, como bem ilustra a transformação do ato de fumar de símbolo de glamour para símbolo de autodestruição e comportamento anti-sociável.

Frascara esclarece, por fim, que uma revisão de uso tem que ser primeiramente *compreendida*, depois *adotada* e finalmente "*acted on"* e deve afetar o conhecimento, as atitudes e o comportamento das pessoas para vingar. Para tanto, precisa contar, também, com medidas como legislação, controle, imposição e penalidades.

Considerações Finais

Diante do exposto, acreditamos ser impossível pensar em tarefa mais vital e urgente do que uma revisão ampla e irrestrita do uso da mamadeira. Para tanto, acreditamos na força que a infância ganhou na modernidade e na sua ascensão como um dos valores mais caros da sociedade. Neste sentido, inspiradas nas questões que resumem os ensinamentos de Frascara, terminamos nos indagando:

Que alterações podem ser feitas na função simbólica associada ao uso da mamadeira de modo a tornar o uso de copinhos e breastfeeding ações desejáveis? Como promover a parceria do governo, das pessoas e da indústria na tarefa de revisar o uso da mamadeira? Quais ações específicas vão promover e materializar a revisão de uso da mamadeira, e estabelecer novos paradigmas culturais?

Assim como o autor, temos esperança que o debate sobre as questões aqui expostas, nos aponte caminhos não somente para a revisão de uso da mamadeira, mas para ações planejadas pelos designers para proteger e fortalecer nossas crianças.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, João Aprígio Guerra de. 1999. *Amamentação, um híbrido natureza-cultura*, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz 1999

CORDEIRO, Mírian Torres. 2002. Manejo da amamentação – posição e pega adequadas: um bom início para o sucesso. In REGO, José Dias (Org). *Aleitamento Materno: um guia para pais e familiares*, São Paulo: Editora Atheneu

FRASCARA, Jorge. Design and the Social Sciences: making connections -London; New York: Taylor & Francis/Contemporary Trends Institute, 2002

_____. 1995

MÜLLER, Mike.1995. *O matador de bebês*, Recife: IMIP

RADFORD, Andrew. 1992. *O impacto ecológico da alimentação por mamadeira*, Breastfeeding Review 2(5): 204-208 – May

Referências bibliográficas

ALENCAR, S. M. S. M. de. Proteção Legal ao Aleitamento Materno. In: REGO, J. D. (Org.) **Aleitamento Materno**: um guia para pais e familiares. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

ALMEIDA, J. A. G. de. **Amamentação, um híbrido natureza-cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ALMANAQUE ABRIL MUNDO. São Paulo: Editora Abril, 2002.

ANTONELLI, P. **Safe**: Design takes on risk. New York: The Museum of Modern Art, 2006.

ARAÚJO, L. D. S. de. **Querer/poder amamentar**: uma questão de representação? Londrina: Editora da UEL, 1997.

ARAUJO, M. de F. M. de; MARANHÃO, A. G. K. Iniciativas do governo em prol do aleitamento materno. In: REGO, J. D. (Org.) **Aleitamento Materno**: um guia para pais e familiares. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.

BERLIN, I. Dois conceitos de liberdade. In: **Estudos sobre a humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, M. L. M.; MACHADO, M. T. **Amamentação**: um resgate histórico. In: Cadernos ESP. Escola de Saúde Pública do Ceará – V.1 – N. 1 – Julho-dezembro de 2005.

CADERNOS DE ATENÇÃO BÁSICA. **Saúde da criança**: nutrição infantil. Brasília-DF: Editora Ministério da Saúde, 2009.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

CLIFFORD, J. **Routes, travel and translation in the late twentieth century**. London: Harvard University Press, 1997.

CORDEIRO, M. T. Manejo da amamentação – Posição e pega adequadas: um bom início para o sucesso. In: REGO, J. D. (Org.) **Aleitamento materno**: um guia para pais e familiares. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

CRANMER, J.; ZAPATERRA, Y. **Conscientious objectives**: designing for na ethical message. Mies, Switzerland: Roto Vision AS, 2003.

DENIS, R. C. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2000.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: por uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DROSTE, M. **Bauhaus 1919-1933**. Madrid: Taschen, 2006.

DUPAS, G. **O mito do progresso**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FERNÀNDEZ, S.; BONSIEPE, G. (Coordinación) **Historia del diseño em América Latina y el Caribe**. São Paulo: Editora Blücher, 2008.

FORTY, A. **Objeto do desejo, design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FOSTER, H. **Design and crime**. New York: Verso, 2003.

FRASCARA, J. **Diseño gráfico para la gente**. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2000.

GARLAND, K. Responsible to Whom, I'd Like to Know (p. 188-190). In: HELLER, S.; VIENNE, V. **Citizen designer**. New York: Allworth Press, 2007.

GIDDENS, A. **A terceira via e seus críticos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

GOLDEMBERG, P. Consumo e reprodução social: o desmame precoce na perspectiva do marketing do leite em pó num país subdesenvolvido. In: **Repensando a desnutrição como questão social**. São Paulo: Cortez Editora/UNICAMP, 1989.

GROPIUS, W. **Bauhaus**: novarquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1972.

HERZ, M.; HOFFMANN, A. **Organizações internacionais**. São Paulo: Editora Campus, 2004.

HESKETT, J. **Desenho Industrial**. Rio de janeiro: José Olímpio Editora, 1997.

HOBSBAWM, E. J. **Era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. E. J. **Era das revoluções**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977.

HOLLIS, R. **Design Gráfico** – Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KLEIN, N. **Sem Logo**: a tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis**. São Paulo: Edusp, 2005.

MARCONDES, D. **Textos básicos de ética, de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MAU, B. **Massive change**. New York: Phaidon Press Inc., 2005.

MICHELLI, M. A lição cubista. In: **As vanguardas artísticas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 174.

MULLER, M. **O matador de bebês**. Recife: IMIP, 1995.

PACKARD, V. **A nova técnica de convencer**. São Paulo: IBRASA, 1959.

PAPANEK, V. **Diseñar para el mundo real**. Madrid: Herman Blume Ediciones, 1973.

REGO, J. D. (Org.) **Aleitamento materno**: um guia para pais e familiares. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

PRO TESTE. São Paulo: Associação Brasileira do Consumidor, nº. 85, p. 26-28. Outubro de 2009.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

_____. **Respeito**: a formação do caráter em um mundo desigual. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

SILVA, M. V. da; PEIXOTO, D. R. G. **A saúde pública no Rio de Dom João**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2008.

SIQUEIRA, S. R.; TOMA, T. S. As Semanas Mundiais de Aleitamento Materno. In: REGO, J. D. (Org.) **Aleitamento materno**: um guia para pais e familiares. São Paulo: Editora Atheneu, 2002.

SITUAÇÃO MUNDIAL DA INFÂNCIA 2008 – Sobrevivência Infantil, UNICEF, Brasília, 2008.

SOUZA, L. M. B. M. e ALMEIDA, J. A. G. **História da alimentação do lactente no Brasil**. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

SOUZA, P. L. P. de. **ESDI**: biografia de uma ideia. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

WALZER, M. El liberalismo y el arte de la separacion: la justicia em las instituiciones. In: **Guerra, política y moral**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2001.

WOLLNER, A. **Design Visual, 50 anos**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

Anotações de aula

Seminário "A vertente neoliberal ou a utopia conservadora da sociedade de mercado", apresentado por Daniel de Aragão e Pedro Tarrisse. Disciplina Teoria Política Contemporânea. PUC-Rio, 2006.

Seminário Norberto Bobbio: "Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política". Disciplina Teoria Política Contemporânea. PUC-Rio. 2006.

Seminário "Movimentos altermundialistas e o Fórum Social Mundial", apresentado por Ana Cristina Frias, Diana Aguiar e Rayne Ferretti e debatido pela turma e pelo professor José Maria Gomez. Disciplina Teoria Política Contemporânea. PUC-Rio. 2006.

Artigos e reportagens em jornais e revistas

BRASIL, R. Boneca que mama no peito. **Época**. São Paulo: Ed. Globo, 13 de agosto de 2009.

CASEMIRO, Luciana. Selos que não garantem qualidade. **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo SA, 26 de março de 2008.

KAPAZ, Emerson em entrevista a Fernando Mendonça. **Revista FAE Business** nº. 9. Curitiba: FAE Centro Universitário, setembro de 2004.

LEITE, João de Souza. Which things first? **Revista Arcos**, v. III. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000/2001.

LOPES, A. D. Bebês, o novo manual de instruções. **Veja**. São Paulo: Ed. Abril SA, 14 de outubro de 2009.

MAGALHÃES-RUETHER, Graça (correspondente em Berlim). Moderna aos 90. **O Globo**. Segundo Caderno. Rio de Janeiro: Infoglobo SA, 14 de abril de 2009.

MANU, Alexander (Org.) **Revista da aldeia humana**. Florianópolis: SENAI/LBDI, 1995.

MARGOLIN, Victor. O design e a situação mundial. **Revista Arcos**, volume 1, número único. Rio de Janeiro: Contra Capa, outubro de 1998.

NUSSBAUM, Bruce. Revista Business Week. Celebrate commercial success. **Innovation Fall, 2005** – Yearbook of Industrial Design Excellence.

SAMPAIO, Nadja; CASEMIRO, Luciana. Lei brasileira é exemplo de modernidade. **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo SA, 10 de setembro de 2008.

SEN, Amartya. Em defesa do sistema. **Exame CEO**. São Paulo: Editora Abril SA, abril 2009.

TREVISAN, D. Leite derramado. **Pais & Filhos**. São Paulo: Editora Globo SA, agosto de 2009.

Libertadas 34 crianças escravas em Nova Délhi. **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo SA, 25 de outubro de 2008.

Cadeirinha reduz o risco de morte de crianças em acidentes de automóvel. Caderno Carro etc. **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo SA, 31 de maio de 2006.

Caderno Razão Social. Atitudes que dão certo. **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo SA, 3 de setembro de 2007.

Cajazeira, Razão Social. **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo SA, 16 de junho de 2009.

Camila Pitanga e outras famosas fazem relatos emocionantes sobre a amamentação. **Quem**. São Paulo: Editora Globo SA, outubro de 2008.

Em defesa do sistema. **Exame CEO**. São Paulo: Editora Abril SA, abril 2009.

EUA sob ameaça de água e fogo. **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo SA, 17 de junho de 2009.

Ministério da Justiça obriga Volkswagen a fazer recall do Fox. **Estado de São Paulo.** São Paulo, 3 de abril de 2008.

Peça publicitária em **A Cigarra**. Rio de Janeiro: Editora O Cruzeiro S.A., 1933.

Peça publicitária da Nestlé da década de 1940 publicada na **Revista Brasileira de Medicina**. São Paulo: Moreira J. R. Editora, 1948.

Propaganda para criança tem hora. **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo SA, 26 de agosto de 2009.

Segunda Exposição Global de Desenvolvimento Sul-Sul, conjuntamente com o 6º Dia Anual das Nações Unidas para a Cooperação Sul-Sul, no período de 14 a 17 de dezembro, em Washington, D.C. **Comunicação Interna da Fundação Oswaldo Cruz**, n. 817, de 23/12/2009.

Selos que não garantem qualidade. **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo S/A, 26 de março de 2008.

Trânsito faz tantos mortos quanto guerra no Iraque, **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo S/A, 7 de outubro de 2007.

Um acordo mínimo. **O Globo**. Rio de Janeiro: Infoglobo SA, 20 de dezembro de 2009.

Artigos assinados em sites

BADAN, Ramola Talwar. Estado indiano proíbe venda e uso de sacos plásticos. Site da **Associação Internacional de Conservação do Solo e da Água.** Disponível em www.waswc.soil.gd.cn. Em 25 de agosto de 2005.

BALL, Hugo. Manifesto Dadá. **Fundação Velocipedica**. Disponível em http://fundacaovelocipedica.wordpress.com/.../dada-texto-de-hugo-ball/. Em 4 de julho de 2009.

BRAGA, Osmar Rufino. O ideal de progresso e desenvolvimento em Comte: o sonho que virou pesadelo. Parte 5. **Shvoong, resumos e revisões curtas**. Disponível em pt.shvoong.com/.../1778443-ideal-progresso-desenvolvimento-em-comte/. Em 4 de março de 2008.

CORREA, João de Campos. América Latina e a proteção dos direitos do consumidor. **JUS2.UOL.** Disponível em http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=1621. Em novembro de 1994.

COSTA, M. G. Gás Freón. In: Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas – **SBRT**. Disponível em http://www.sbrt.ibict.br.

DIAS, M. L. O neoliberalismo é intervencionista? In: **JUSNAVIGANDI**, T. Ano 3, número 31, 1999. Disponível em: http://jus2.uol.com.br.

EPIFANIO, Rosângela de A. IQ-UFF. Canadá proíbe o uso de policarbonato na confecção de mamadeiras a partir de 2009. Disponível em www.uff.br/Sbqrio/novidade/bisfenol520policarbonato520mamadeira.html. Em 28 de outubro de 2008.

FILHO, V. Wünsch; MONCAM, J. E. Amianto no Brasil: conflitos científicos e econômicos. **Revista da Associação Médica Brasileira**, vol 47, no. 3. São Paulo. Disponível em www.scielo.br. Em jul-set 2001.

GROPIUS, W. Manifesto da Bauhaus, 1919. Disponível em www.bravus.net/manifesto-bauhaus. Em abril de 2009.

DECLARAÇÃO DE INNOCENTI. Disponível em www.unicef.org/brazil/innocenti.htm. Em 1981.

JUSTE, M. Aleitamento materno previne obesidade em crianças. **G1.Globo.com.** Disponível em g1.globo.com/Noticias/Ciência. Em 11 de outubro de 2008.

MACHADO, João Luis Almeida. As condições de trabalho na Revolução Industrial, depoimentos reunidos. Disponíveis em www.planetaeducacao.com.br.

MAIA, José Benedito de Zarzuela. Desenvolvimento econômico (verbete) **Dicionário de Direitos Humanos.** Disponível em www.esmpu.gov.br/.../tiki-index.php?... Em 31 de julho de 2006.

MARINETTI, F. T. Manifesto Futurista. Paris. **Le Fígaro**, 1909. Disponível em http://www.code4557687196.bio.br.arquivos/manifesto futurista1909.pdf.

MARQUES, Hugo. Governo troca mistura nutricional consagrada há décadas por produtos industrializados. **Yahoo.groups**. Disponível em br.dir.groups.yahoo.com/group/escolademisterios.../80. Em 20 de outubro de 2007.

MARX, Karl. Discurso inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores, 1864. **La Bataile Socialiste.** Disponível em http://bataillesocialiste.wordpress.com/.

MORAES, Anamaria de. Quando a primeira sociedade de ergonomia faz 50 anos, a IEA chega aos 40, a Associação Brasileira de Ergonomia debuta com 16. **PUC-RIO**. Disponível em wwwusers.rdc.puc-rio.br/leui.

MUSSA TAVARES, Luis A. A nutrição do recém-nascido prematuro. **Aleitamento.com.** Disponível em http://www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id=x&id_artigo=537&id_subcategoria=5. Em 28 de junho de 2004.

NOGUEIRA, Diogo Pupo; SOUZA, José Maria Pacheco de; COLACIOPPO, Sérgio; GOMES, Jorge da Rocha; BRANDÃO, Joselito Bomfim; SOUZA, Marlene Lopes Assis de. Acúmulo de policloretos de bifenila na população do Grande São Paulo, Brasil. **Saúde Pública**. vol.21 no. 4. São Paulo. Disponível em www.scielo.br/pdf/rsp/v21n4/01.pdf. Em agosto de 1987.

PASTORE, J. Especialista defende ampliação da licença maternidade. Licença maternidade de 180 dias. **Aleitamento.com.** Disponível em www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id=x&id_artigo=1517&id_subcategoria=12. Em 16 de junho de 2007.

RADFORD, A. O impacto ecológico da alimentação por mamadeira. **Breastfeeding Review** 2(5): 204-208 – May, 1992. Disponível em www.ibfan.org.br/documentos/mes/doc4_97.pdf .

RATTNER, Henrique. O fim do Socialismo? **Espaço Acadêmico**, ano II, n. 12, 2002. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br>. Em maio de 2002.

RICHTER, Judith. Brabeck-Letmathe, P. Our Responsability: UN Gobal Compact. In: RICHTER, 2003, p. 26. Building on Quicksand: The Global Compact, democratic governance and Nestlé - IBFAN-GIFA – October 2003. Disponível em www.ibfan.org/art/538-2.pdf.

SANTOS, Jair Lício Ferreira; WESTPHAL, Marcia Faria. Práticas emergentes de um novo paradigma de saúde: o papel da universidade. **Scielo**. São Paulo, 1999. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103...script... Em abril de 1999.

SILVA, Luciana da Silva. Liberalismo político e cidadania no Brasil. **Revista Par'a'iwa**. João Pessoa, n. 4, 2003. Disponível em http://www.cchla.ufpb.br.

TRIGUEIRO, André. Relatório do IPCC: "uma bomba de efeito moral". **Instituto Humanitas Unisinos**. Disponível em www.ihu.unisinos.br. Em 3 de fevereiro de 2007.

TYAGI, Sandeep. Um chinês (ensaio sobre Shi Jinsong). Artistas. Disponível em http://www.digartigo.com/Sobre-Shi-Jinsong-Um-chin%C3%AAs-Artistas_356013/. Em 14 de agosto de 2009.

VARGAS, Michele. Mamadeira sem Bisphenol-A. **G1.Globo.com.** Disponível em http://g1.globo.com/noticias/ciencia/0,,MUL470149-5603,00.html. Em 7 de abril de 2009.

Artigos não assinados em sites

Amamentação. **OPAS.** Disponível em www.opas.org.br. Em junho de 2003. e www.who.int/nut/db_bfd.htm.

Amamentação e Puritanismo nos EUA. **CBC.** Disponível em www.cbc.ca. Em 19 de maio de 2007.

A ordem dos peitos altera o produto. **Pais & Filhos**. Disponível em www.revistapaisefilhos.com.br. Em janeiro de 2010.

Atualidades em amamentação, nº. 40-41. **IBFAN**. Disponível em www.ibfan.org.br/documentos/aa/aa40_41. Em agosto de 2006.

Aumenta pressão para que Bush assine tratado antiminas. France Press em Washington. **Folha Online**. Disponível em www.folha.com.br. Em março de 2001.

Boletim ICDC Focus de maio de 2009. **IBFAN**. Disponível em www.ibfan.org.br.

Boneca lactente chega às lojas com polêmica na Espanha. **G1.Globo.com** Disponível em http://g1.globo.com/Noticias/.../0,,MUL1341659-5602,00.html. Em 15 de outubro de 2009.

Certificação de Produtos ou Serviços. Áreas de atuação. **ABNT**. Disponível em www.abnt.org.br/m3.asp?cod_pagina=1012.

Children's Hospital of Philadelphia. University of Pennsylvania. Obesidade: amamentação nos primeiros dias tem efeito protetor. **Aleitamento.com**. Disponível em www.aleitamento.com. Em 18 de maio de 2005.

Crise econômica fará mundo ter mais de 1 bilhão de desnutridos em 2009, diz ONU. **G1.Globo.com.** Disponível em http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/. Em 19 de junho de 2009.

Cronologia da campanha. **IBFAN**. Disponível em www.ibfan.org. Em 08 de novembro de 2007.

Enciclopédia Itaú de Artes Visuais. **Itaú cultural.** Disponível em www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=4986&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=8)

Encontrados mais 25 contêineres com lixo no Porto de Santos e material já chega a 670 toneladas. **Agência Brasil**. Disponível em www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/07/17/.../view. Em 17 de julho de 2009.

Enterobacter Sakazakii, a bactéria dos leites em pó. **Aleitamento.com**. Disponível em www.aleitamento.com. Em 11 de abril de 2002.

Entrevista de Jorge Frascara à Infodesign – Revista Brasileira de Design da Informação 1 – 1 [2004], 65-67. **SBDI.** Disponível em www.sbdi.org.br.

Existe una ética del diseño? Debate. **Foroalfa**. Disponível em http://foroalfa.org. Em novembro de 2009.

First things first 2000/Primeiro, o mais importante 2000. **Agitprop**. Disponível em tradução Gilberto Paim em www.agitprop.vitruvius.com.br.

Fórmula Fix 1989. **Youtube**. Disponível em www.youtube.com/watch?v=YQU43TdLYrE.

Informativo da Organização Pan-Americana de Saúde – **OPAS/OMS**. Brasil. Disponível em www.portalangop.co.ao/.../Hoje-Dia-Mundial-Combate-Obesidade,f69ee6f5-4b1f-4c87-a55d-d6d2c4c4e8d5.html. Em 13 de novembro de 2000.

Lula sanciona lei que torna airbag obrigatório. **Globo.com**. Disponível em www.oglobo.globo.com. Em 19 de março de 2009.

Mães participam de 'maratona' de amamentação pelo mundo. **G1.Globo.com**. Disponível em http://g1.globo.com/Notícias/Mundo. Em 11 de novembro de 2008.

Manifesto construtivista. **Fórum Camelot**. Disponível em www.forumcamelot.com. Em 5 de setembro de 2005.

Manifesto De Stijl. Disponível em ca-ad.arch.ethz.ch/teaching/.../Theo_manifesto.htm.

Más de 6.200 bebés intoxicados. **BBC.** Disponível em http://newsvote.bbc.co.uk. Em 18 de setembro de 2008.

Material promocional. **Nestlé.com**. Disponível em www.nestle.com.br/site/Novidades/AconteceNaNestle. Em 19 de novembro de 2009.

Mostra londrina exibe cartazes pró-amamentação. **BBC.** Disponível em www.bbc.co.uk. Em 5 de maio de 2008.

Nestle recalls South Africa infant formula. **Reuters**. Disponível em www.reuters.com. Em 12 de março de 2008.

II Pesquisa de Prevalência do Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e DF **Bvms.saude**. Disponível em bvsms.saude.gov.br/.../pesquisa_prevalencia_aleitamento_materno.pdf. Em 2009.

Plastic Baby Bottles are safe: convenient, tested, trusted. **Babybottle**. Disponível em www.babybottle.org. Em 2007.

Poluente "contamina" leite materno em São Paulo. Transcrição de artigo publicado na Folha online referente a estudo realizado na Universidade Estadual de Campinas. **Aleitamento.com**. Disponível em www.aleitamento.com. Em 29 de abril de 2009.

Projeto súditos do leite. **Criançarepensar**. Disponível em www.criancarepensar.org.br.

Razões médicas aceitáveis para prescrição de complemento, do Hospital Municipal Maternidade-Escola de Vila Nova. Disponível em www.who.int/child_adolescent_health/documents/WHO_FCH_CAH_09.01/en/index.html

Release distribuído pela Nestlé à imprensa. **Nestlé.com**. Disponível em www.nestle.com.br. Em dezembro de 2009.

Spot de promoção da amamentação, iniciativa das organizações "Criar com el corazón", "El parto es nuestro", "via Láctea" "Amamantar Astúrias" e "Mamilactância". "Nada como mamã, nada como mamar". **Youtube**. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=R-qX4EwocbI. Em novembro de 2009.

The history of baby feeding. **Babybottle Museum**. Disponível em www.babybottle-museum.co.uk. Em 28 de julho de 2007.

The not so friendly bottle. **Babybottle Museum**. Disponível em www.babybottle-museum.co.uk/murder.htm. Em 28 de julho de 2007.

Sites consultados, por data de acesso

abril/2009

http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb20.

http://bataillesocialiste.wordpress.com

http://jus2.uol.com.br

www.waba.org.my

www.agitprop.vitruvius.com.br

www.world-nuclear.org

www.gdesign.co.nz/designhist_60pop.html

www.aleitamento.com

www.world-nuclear.org

www.amigasdopeito.org.br

www.icsid.org

www.folha.com.br

www.recallmattel.com.br

maio/ 2009

www.mambaby.com

www.umix.com.br

www.core77.com/bullits/2007/08/Whipsaw-Adiri-Natural-Nurser.asp

junho/ 2009

br.groups.yahoo.com/group/iguai/message/7183

www.sbdi.org.br

www.profuse.it/cd/cd_datas_other/Introduction_to_universal_design_portuguese.pdf

www.brasilescola.noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI2072927-EI8278,00.html

www.iso.org

www.florestavivaamazonas.org.br

julho/ 2009

www.recallmattel.com.br

www.onemillioncampaign.org

agosto/ 2009

www.aleitamento.org.br

www.usatoday.com

www.estadao.com.br/economia/not_eco400240,0.htm

www.design21sdn.com

www.designfortheworld.org

www.uff.br/.../bisfenol%20policarbonato%20mamadeira.html

www.secondnature.com.br
www.gerber.com.br
www.chicco.pt
www.gdesign.co.nz/designhist_60pop.html

setembro/ 2009

www.massivechange.com
www.handi-craft.com/about-us/dr-brown-story.htm
www.lindam.com/lindam/bottle.html
www.portalms.com.br/...aleitamento-materno.../959556646.html
www.atribuna.com.br
www.pnud.org.br
www.tommeetippee.co.uk
www.wiki.aleitamento.com
www.objetivosdomilenio.org.br. Site oficial dos Objetivos do Milênio

outubro/ 2009

www.memória.cnpq.br e www.cosmo.com.br
www.core77.com.bullitts/206/08/Herbst-LaZar-Bell-First-Years.asp
www.tuvie.com/iiamo-self-heating-baby-bottle-by-karim-rashid/
www.promillus.com.br
www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id=x&id...id
http://pequelia.es
www.poracaso.com
www.cinematerna.org.br

novembro/ 2009

www.aleitamento.com
www.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u320141.shtml
www.agenciabrasil.gov.br
http://bvsms.saude.gov.br/

dezembro/ 2009

http://www.proteste.org.br/quem-somos-s446971.htm.